UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A DOCUMENTAÇÃO DA FÉ: FLUXOS, APROPRIAÇÕES E ENQUADRAMENTOS DE OBJETOS VOTIVOS NO SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA

Bianca Gonçalves de Souza

MARÍLIA/SP
2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A DOCUMENTAÇÃO DA FÉ: FLUXOS, APROPRIAÇÕES E ENQUADRAMENTOS DE OBJETOS VOTIVOS NO SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA

Bianca Gonçalves de Souza

Tese apresentada à banca de defesa como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação, na linha "Produção e Organização do Conhecimento, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Ismael Murguia.

MARÍLIA/SP
2012

Bianca Gonçalves de Souza. **Documentação de fé**: fluxos, apropriações e enquadramentos de objetos votivos no Santuário Nacional de Aparecida.

Data da defesa: 4 de maio de 2012.

_____

Prof. Dr. Eduardo Ismael Murguia Marañon – orientador e presidente - UNESP

_____

Profª Drª Vânia Carneiro de Carvalho – Museu Paulista - USP

_____

Profª Draª Maria Lúcia Loureiro - MAST

_____

Prof. Dr. José Augusto Chaves Guimarães - UNESP

_____

Prof. Dr. Antonio Mendes da Costa Braga - UNESP

Local da apresentação: Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp – campus de Marília
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Para Eduardo Murguia.

Para Renato, por me fazer ter mais fé na vida.

Para todos os devotos, devotas e para
Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Dai-nos a bênção
Ó, Mãe querida,
Nossa Senhora Aparecida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual Paulista, à Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília e, em especial, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação por acreditarem nesse projeto. A CAPES, pela bolsa concedida e pelo financiamento do estágio fora do país, no programa de bolsa-sanduíche, que tanto enriqueceu minha formação. Ao meu orientador, Eduardo, pelas lições e ensinamentos e por acreditar nessa tese. Aos professores do PPGCI, em especial, José Augusto, Telma, Carlos, Oswaldo, João Batista, Silvana, e todos os demais docentes que colaboraram para a consecução desse trabalho. Aos funcionários da biblioteca e da secretaria da pós-graduação, Sirlêi, Carol Luvizotto, Paulo, Denise, Aline e todos os outros que ali são nossos anjos, quebrando galhos para os alunos e aguentando nossas reclamações diárias, obrigada.

Aos colegas da pós-graduação, especialmente: Maira, Marta, Ciro, queridos parceiros; Derlei, Natália, Tiago, Suellen; amigos de longa data, Laís e família, Izaura, Salim, Maristela Colombo, Eron Arantes, Patrícia Casadei, Bruna Meneses. Ao Renato, obrigada pelo carinho e apoio fundamental no final da tese; à revisora dessa tese e amiga virtual, Juliana, muito obrigada mesmo! E ao amigo Edson Castilho: sem seu convite para o livro, eu jamais teria despertado para esse universo de pesquisa; aos colegas de trabalho do DSA e aos meus alunos, sou grata pela paciência, companheirismo e trocas. A minha família, especialmente, minha mãe Cristina, pelas leituras e pela grande ajuda sempre para eu cumprir essas etapas; meu irmão Álvaro, minha cunhada Juliana, vó Raquel, Zalinha e tia Nilva, obrigada pela força e paciência.

A todos os funcionários do Santuário Nacional de Aparecida, especialmente, Michel Oliveira, que desde o começo me apoiou tanto nas pesquisas; aos padres Elsio Tosta, Darci Nicioli, Rodrigo Arnoso, Julio Brustoloni, Maciel Pinheiro, professora Zilda Ribeiro, aos funcionários do museu e da sala das promessas, em especial, o Geraldo, tão simpático no atendimento com os visitantes. A todos e todas que colaboraram com a pesquisa, contando suas histórias e narrativas de fé, sem os quais, essa tese não existiria.

A todos os colegas e professores da Universidade de Leicester/Inglaterra, em especial, professoras Sandra Dudley, Viv Golding e Susan Pearce. Ao Davie e Amy, companheiros de casa, Pat Schettino, Serena, Mariana, Julia, Gudrun, Jenny e Jenny Walklate, Mark, Jaime. À amiga Alice Semedo, pela atenção e carinho comigo! Às professoras Vania Carvalho, Maria Lúcia Loureiro, o professor José Mauro, por acompanharem esse trabalho desde a qualificação. Agradeço ao Antonio Braga por participar da minha banca de defesa.

Aos colegas de trabalho do Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp, pela força e apoio, e aos meus caros alunos, pelos altos papos sobre o Santuário, religião e coisas afins.

A todos que colaboraram direta ou indiretamente para que essa tese acontecesse, desde o início, muito obrigada. Agradeço a Nossa Senhora Aparecida, mais uma vez, muito obrigada, Mãe. Agradeço a Deus, porque terminei essa etapa importante da minha vida e por me amar.

RESUMO

O objetivo dessa tese é compreender a constituição de uma documentação de fé, a qual se localiza no Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, no vale do rio Paraíba paulista. Dentro de uma sala dedicada aos ex-votos (objetos deixados como representação de uma graça recebida), eles se tornam documentos de fé, testemunhando e apresentando-se como provas de milagres recebidos pelos devotos de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Na primeira parte há a apresentação da instituição religiosa, o Santuário Nacional, acompanhada pelas descrições de seu espaço e abrangências. O espaço atribui valor documental ao objeto. No primeiro capítulo é feita uma análise de relatos fundadores e a formação dos lugares consagrados; o mesmo capítulo traz um estudo da hagiografia da imagem de Maria pescada em 1717, retomando pela construção das Basílicas Velha e Nova e mencionando as romarias tradicionais desde as primeiras devoções do século XVIII. Também são mencionados outros espaços sagrados e o turismo religioso, fortemente presente na realidade dessa região do vale do rio Paraíba. No segundo capítulo, são trazidos relatos de padres redendoristas, que tratam dos cuidados da devoção: tais religiosos, especialmente desde o final do século XIX, com a chegada da ordem redentorista à região, estiveram diretamente envolvidos com a construção e caracterização desse santuário mariano. No final do capítulo encontra-se uma reflexão sobre o papel das mídias e da comunicação na formação de um projeto religioso e nacional, o qual corroborou a manutenção de uma identidade com essa devoção católica.

Na segunda parte da pesquisa, será desenvolvida a discussão sobre o documento de fé, o objeto votivo. Um primeiro capítulo e desenvolvida a metodologia da pesquisa, a qual baseou-se em uma pesquisa de cunho etnográfico, observando como o objeto chega, adentra e para onde se dirige após sua entrada na sala das promessas. Além disso, faz-se necessário discutir o que seja a biografia do objeto, pois é em sua constituição que o objeto constrói seu valor documental inicial. Três momentos fundamentais definem o caráter biográfico do objeto no interior do Santuário: o antes, o durante, isto é, o estar na sala das promessas, e o depois, quando deixa esse espaço sagrado para seguir novos rumos.

O segundo capítulo tratará da fase anterior (biografia do objeto) e da entrada na sala das promessas (ancoramento de objetos). Todos os ex-votos entram pela sala das promessas e dela necessariamente sairão em um determinado momento. No entanto, uma pequena porção, selecionada e organizada em uma coleção de ex-votos, permanece ancorada na sala, até certo momento quando um cada item a abandona também, mas enquanto tal, são documentos de fé, organizados em uma coleção, produzindo enunciado e inferências.

O terceiro capítulo revelará as trajetórias possíveis quando o objeto votivo abandona a sala das promessas. O depois constitui uma renegociação de valores da mercadoria e quatro direções são possíveis: a reinserção no circuito mercadológico; pecúnio; supressão ou descarte; e musealização.

Nas considerações finais refletir-se-á sobre os caracteres sociais da religião, retomando elementos tratados ao longo da tese e que reforçam a formação da documentação de fé abarcada pela sala das promessas do Santuário Nacional de Aparecida.

Palavras-chave: objeto votivo; biografia do objeto; documento de fé; documentação; Santuário Nacional de Aparecida.

ABSTRACT

The thesis objective is to comprehend the constitution of the documentation of faith, which is localized in the National Sanctuary of Nossa Senhora da Conceição Aparecida, in the Paraíba river valley. Within a room dedicated to votive offerings (objects which are leaved as representation or proof of the received grace or miracle), they become documents of faith, testifying and presenting as proofs of received miracles by Nossa Senhora da Conceição Aparecida's believers.

In the first part, there is the presentation of the religious institution, the National Sanctuary, accompanied by the space and reach descriptions. The space attributes documental value to the object. In the first chapter is done a analysis of founders stories and the formation of consecrated places; the same chapter brings a hagiography's study of the image of Mary, which was fished in 1717, taking up again the edification of the Old and the New basilicas and mentioning the assemblage of believers (romarias in Portuguese), which are traditional since the first devotions during the 19th Century. It is mentioned other sacred spaces and the religious tourism, which is strongly developed in this river Paraíba's valley. In a second chapter, there are stories of priests belonged to Saint Afonso Maria de Ligório's order (which founded in 1732, what shed light to the devotion's care: these religious men, especially since the final of 19th Century, which they arrived in this Brazilian region, they were directly evolved with the edification and the characterization of this Marian sanctuary. In the end of this chapter it is possible to reflect about the participation of the media and the communication, in the formation of the religious and national project, which reinforces the maintenance of an identity related to this specific Catholic devotion.

In the second part, there will be developed a discussion about the document of faith, the votive offering. In the first chapter is developed the research's methodology, which is based in a ethnographic research, observing how the object arrives, comes in, and which paths it assumes after its crosses the entrance of the room of promises. It is mandatory to consider what the biography of the object is, because in its constitution, the object constructs its documental value. Three fundamental moments define the biographical character of the object in the Sanctuary's interior: the "before", the "during", which is the fact that the object is in the room of the promises, and the "after", when the votive offering abandons this space to trace new paths.

The second chapter will treat the first phase (object's biography), and the entrance in the room of the promises (where the object is anchored). All of the votive offerings arrive to the room of the promises and there, necessarily, they will leave in a certain moment of their biographies. Nonetheless, a small portion, selected and organized in a votive offering's collection, is kept anchored in the place, until determined moment when each specific item leaves this room, but so far, they are documents of faith, organized in a collection, producing inferences and utterances.

The third chapter will reveal the possible trajectories when the votive object abandons the room of the promises. The moment, "after", constitutes a renegotiation of commodity's values and four directions are possible: the return to the commodity's circulation; pecunious; delete or discard; and the musealisation.

In the final conclusions, there is a reflection about the religion' social characters, rethinking elements treated during the thesis, and which reinforce the documentation of faith formation embraced by the room of the promises situated in the National Sanctuary of Aparecida.

Key words: votive offering; biography of object; document of faith; documentation; National Sanctuary of Aparecida (Brazil).

LISTA DE ABREVIATURAS

AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAR – Centro de Apoio ao Romeiro

CDM – Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional de Aparecida

CI – Ciência da Informação

CR – Congregação da Ressurreição, sigla indicativa dos padres Ressurrecionistas

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado

C.Ss.R – sigla para a Congregação do Santíssimo Redentor, identificadora de padres pertencentes à ordem redentorista

ECT – Empresa de Correios e Telégrafos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MASP – Museu de Arte de São Paulo

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

ONU – Organização das Nações Unidas

PP – sigla indicativa da ordem dos Passionistas

PPGCI – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

RCC – Renovação Carismática Católica

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SDB – Salesianos de Dom Bosco, sigla indicativa da ordem dos padres Salesianos

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SNA - Santuário Nacional de Aparecida

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

PARTE I – INSTITUIÇÃO RELIGIOSA 10

CAPÍTULO 1 – O SANTUÁRIO: OS RELATOS FUNDADORES E OS LUGARES CONSAGRADOS 11

1.1 Hagiografia da Aparecida e os primeiros relatos 11

1.2 A Basílica Velha e a chegada dos padres redentoristas 22

1.3 A Basílica Nova e sua composição espacial 24

1.4 Outros espaços circundantes 34

1.5 As romarias: sua organização e adequação 39

1.6 Turismo e religião: o circuito do vale do rio Paraíba 46

CAPÍTULO 2 – OS CUIDADOS DA DEVOÇÃO E A ORDEM REDENTORISTA NO SNA 54

2.1 A sala das promessas vista pelos organizadores 57

2.2 Mídias, comunicação e um projeto nacional 87

2ª PARTE – O DOCUMENTO DE FÉ 100

CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA: ABORDAGEM E MÉTODO 101

1.1– Universo da pesquisa 104

1.2 A abordagem metodológica 115

1.3 A abordagem técnica 129

CAPÍTULO 2 – PARA CHEGAR (ANTES) E ESTAR (DURANTE) NA SALA DAS PROMESSAS: BIOGRAFIA E ANCORAMENTO DE OBJETOS 136

2.1 O antes: biografia do objeto 149

2.2 O durante: o ex-voto como documento 162

CAPÍTULO 3 – O DEIXAR (DEPOIS) A SALA DAS PROMESSAS: RENEGOCIAÇÃO DE VALORES 174

3.1 Reinserção do objeto 174

3.2 A supressão e o descarte dos ex-votos 212

3.3 O pecúnio 232

3.4 A musealização 237
CONSIDERAÇÕES FINAIS 243
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 248
ANEXOS 259

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Detalhe da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Fonte Museu do SNA/Michel Oliveira. 15

Figura 2 Fachada da Basílica Velha. Dez. 2010. 23

Figura 3 Frontispício da Basílica Nova. Fonte: SNA/Michel Oliveira. 26

Figura 4 Mapa do piso térreo do Santuário. Fonte: Bassetti, 2004, p. 41. 28

Figura 5 Entrada da torre Brasília. Set. 2007. 29

Figura 6 Vista do Mirante, para o lado do CAR. Dez. 2009. 29

Figura 7 Passarela, com vista para o SNA e a Torre Brasília. Dez. 2010. 30

Figura 8 Panorama do CAR, ao redor da praça de alimentação, decorada como motivos natalinos. Dez. 2010. 31

Figura 9 Sala das promessas. Fev. 2008. 32

Figura 10 Subsolo do SNA. Fonte: Bassetti, 2004, p. 43. 33

Figura 11 Cadeiras de rodas, no estacionamento superior, para deslocamento de pessoas com deficiência e/ou doentes. Dez. 2010. 35

Figura 12 Vista do Porto de Itaguaçu para o SNA. Dez. 2009. 35

Figura 13 Vista do altar, no fundo, rio Paraíba. Dez. 2009. 36

Figura 14 Lateral da Basílica Nova e Torre Brasília. Dez. 2010. 38

Figura 15 Homem de Ramelândia/PR, que trouxe as 1000 orações escritas. Dez. 2010. 45

Figura 16 Mulher de Ramelândia, com a casinha prometida à N. Sra. Aparecida. Dez. 2010. 45

Figura 17 Prédio administrativo da Fundação João Paulo II, Canção Nova. Fev. 2008. 48

Figura 18 Rádio Canção Nova e, ao fundo, DAVI - Depto de Audiovisual. Fev. 2008. 49

Figura 19 Casa de frei Galvão em Guaratinguetá. Set. 2007. 50

Figura 20 Detalhe da estátua de frei Galvão, que traz suas relíquias de osso e tecido das vestes. Set. 2007. 51

Figura 21 Vista da entrada da sala das promessas. Fotógrafo: Guilherme Gomes. 54

Figura 22 Saída da sala das promessas. Fotógrafo: Guilherme Gomes. 55

Figura 23 Bombas de coleta e incineração de objetos contaminados, pérfuro-cortantes, material cirúrgico, restos humanos. SNA, dez. 2009. 68

Figura 24 Imagem de Nossa Senhora Aparecida posta na sala pelo Padre Maciel. SNA, fev. 2008. ... 69

Figura 25 Barco localizado logo abaixo da estátua de N. Sra. Aparecida, localizada na sala das promessas. SNA, dez. 2009. 70

Figura 26 Jogo de chá em porcelana, mencionado pelo padre Rodrigo Arnoso. SNA, dez. 2010. 75

Figura 27 Veste da paquita Juliana Barone e atrás a roupa do ator Norton Nascimento, interpretando o escravo liberto pela santa na telenovela "A Padroeira". SNA, dez. 2010. 76

Figura 28 Automóvel do colecionador, doado ao Santuário e rifado. SNA, dez. 2010. 78

Figura 29 Geodos de ametista e as cruzes tratadas pelo padre Rodrigo. SNA, dez. 2010. 79

Figura 30 Maço de dinheiro, serviu de anteparo para uma bala. SNA, dez. 2010. 83

Figura 31 Nicho de ofertas localizado abaixo da réplica da Aparecida, Basílica Velha. Associação do brasão nacional à imagem da padroeira do Brasil. Dez. 2010. 89

Figura 32 Imagem do portal A12.com/quemsomos. Acesso em 9 fev. 2012. 91

Figura 33 Propaganda do portal A12.com no caminho às lojas e restaurantes. Dez. 2010. 91

Figura 34 Placa comemorativa da coroação de Nossa Senhora Aparecida, praça da Basílica Velha. Dez. 2010. 94

Figura 35 Placa em agradecimento pela construção da passarela. Dez. 2010. 96

Figura 36 Interior da Basílica Nova. Dez. 2010. 98

Figura 37 SNA com decoração natalina. Fonte SNA/ Michel Oliveira. 99

Figura 38 Sistema de chegada, permanência e transição dos ex-votos na sala das promessas. 101

Figura 39 Vista do rio Paraíba e da cidade, de cima da torre da Basílica Nova. As faixas em azul são os toldos da feira livre. SNA, dez. 2010. 109

Figura 40 Gôndola nova. Ao fundo, à esquerda, há uma gôndola antiga. SNA, jul. 2011 114

Figura 41 Quadro de dicotomias que marcam o pensamento ocidental. 130

Figura 42 Quiosque anunciando o preço de venda de latas de cerveja. SNA, jul. 2011. 138

Figura 43 Latas de refrigerante, suco e cerveja à venda em lanchonete do CAR. SNA, jul. 2011. 139

Figura 44 Fachada da loja do McDonald's na praça de alimentação. SNA, jul. 2011. 140

Figura 45 Fachada da lanchonete Bob's na praça de alimentação. SNA, jul. 2011. 140

Figura 46 Vista de uma das quatro alas de lojas que compõem o CAR. SNA, dez. 2010. 142

Figura 47 Quiosque informativo de viagens de cruzeiros temáticos, voltados para o público devoto de Nossa Senhora. SNA, dez. 2010. 145

Figura 48 As cédulas de papel dessa fotografia têm biografia. Serviram como anteparo que salvou a vida de uma pessoa, alvejada por um tiro. O dinheiro que estava no bolso, por motivação da tentativa de assalto, tornou-se, aos olhos do devoto, ex-voto e por isso, foi doado ao SNA. Dez. 2010..... 152

Figura 49 Peregrinos vindos de Minas Gerais a pé. SNA, dez. 2010..... 153

Figura 50 Mãe e filha entregando joelheiras após caminharem de joelhos. SNA, dez. 2010. 154

Figura 51 Mulheres deixando camiseta de criança como ex-voto. SNA, dez. 2010. 157

Figura 52 Mulher entregando roupas de seu bebê. SNA, dez. 2010. 158

Figura 53 Mãe, acompanhada da filha, deixando o raio X da menina como ex-voto. SNA, dez. 2010. 159

Figura 54 Conteúdo plástico com o xarope feito à base de mel. SNA, dez. 2010. 159

Figura 55 Fitinha dada como ex-voto pelo devoto chileno. SNA, dez. 2010..... 160

Figura 56 Chileno cortando a fitinha. Fonte: Revista Unesp Ciência. Fotógrafo: Guilherme Gomes. SNA, dez. 2010. 161

Figura 57 Detalhe do teto da sala das promessas. Fotógrafo: Guilherme Gomes. SNA, dez. 2010. .. 163

Figura 58 Fotografia dada por uma senhora, fazendo a intenção para a filha e filho. SNA, dez. 2010. 165

Figura 59 Mulher entregando foto do irmão. SNA, dez. 2010..... 166

Figura 60 Mulher entregando a fotografia da neta que namora um presidiário. SNA, 2010. 167

Figura 61 Mulher entregando foto da família da filha. SNA, dez. 2010. 167

Figura 62 Mulher segurando a fotografia do namorado alcoólatra. SNA, dez. 2010..... 168

Figura 63 Homem com fotografia dele, de sua esposa e sua mãe. SNA, dez. 2010. 169

Figura 64 Mulher com foto da sogra de sua tia, em uma cadeira de rodas. SNA, dez. 2010..... 170

Figura 65 Fotografia de uma menina vestida de Nossa Senhora Aparecida. SNA, dez. 2010..... 171

Figura 66 Fotografias deixadas na sala das promessas. SNA, dez. 2010. 172

Figura 67 Altar central da Basílica Nova; ao fundo a passarela de acesso para passar em frente da imagem, indicada pela seta branca. Fonte: Erasmo Ballot, disponível no portal www.a12.com..... 175

Figura 68 Sala das promessas. Fonte: Revista Unesp Ciência. Fotógrafo: Guilherme Gomes. 178

Figura 69 Homem segurando garganta feita em cera. SNA, dez. 2010. 179

Figura 70 Artefatos de cera pendurados na sala das promessas. SNA, dez. 2010. 181

Figura 71 Objetos de cera à venda no SNA: é possível identificar nas etiquetas das prateleiras (de cima para baixo) cabeças de adultos e de crianças, úteros, seios, casinhas de cera e coxas. Fonte: Revista Unesp Ciência. Fotógrafo: Guilherme Gomes. Dez.2010. 182

Figura 72 Gôndolas com objetos de cera, à venda em loja no interior do SNA. Dez. 2010. 183

Figura 73 Caixotes contendo objetos que cera, retirados da sala das promessas. Essa rampa dá acesso à sala. SNA, dez. 2009. 183

Figura 74 Mulher doando cabeça de cera, a pedido da mãe, e flores. SNA, dez. 2010. 184

Figura 75 Mulher entregando perna de cera, confeccionada fora do Santuário. SNA, dez. 2010..... 185

Figura 76 Pés de cera que a mulher deixou na sala em agradecimento ao restabelecimento do filho. SNA, dez. 2010. 186

Figura 77 Capela das velas. SNA, dez. 2010. 187

Figura 78 Capela das velas. SNA, dez. 2010. 188

Figura 79 Casinha feita em madeira. SNA, dez. 2010. 189

Figura 80 Casal que deixou uma miniatura de casa como ex-voto. SNA, dez. 2010..... 190

Figura 81 Mulher e filho trazendo miniatura do avião da companhia aérea Gol. SNA, dez. 2010..... 191

Figura 82 Carrinho de brinquedo dado como ex-voto. SNA, dez. 2010. 192

Figura 83 Vestidos de noiva à venda no bazar do SNA. Dez. 2010. Fotógrafo: Guilherme Gomes. . 194

Figura 84 Vestimenta com agradecimento escrito à caneta. Dez. 2010. Fotógrafo: Guilherme Gomes. 195

Figura 85 Sapatinho de bebê, acompanhado da foto da criança, vestindo-o, no dia de seu batizado. SNA, dez. 2010. 195

Figura 86 Par de sandálias doados aos SNA. Dez. 2010. 196

Figura 87 Banca com roupas íntimas à venda. SNA, dez. 2010. 197

Figura 88 Vestido de noiva dado como ex-voto. SNA, dez. 2010. 198

Figura 89 Grinalda dada como ex-voto. SNA, dez. 2010. 199

Figura 90 Roupas acompanhadas de carta. SNA, dez. 2010. 199

Figura 91 Criança vestida de anjo com a mãe ao lado. SNA, dez. 2010. 200

Figura 92 Criança vestida de anjo. SNA, dez. 2010..... 201

Figura 93 Mulher entregando capacete. SNA, dez. 2010. 202

Figura 94 Homem entregando cópia da carteira de habilitação e o livreto da auto-escola. SNA, dez. 2010. 202

Figura 95 Mulher entregando cópias da carteira de habilitação e de resultados de concursos públicos. SNA, dez. 2010. 203

Figura 96 Homem entregando troféu de rodeio. SNA, dez. 2010. 203

Figura 97 Mulher entregando sanfona. SNA, dez. 2010. 205

Figura 98 Faixa alusiva ao tricampeonato do Fluminense, em 2010. SNA, dez. 2010. 205

Figura 99 Farda de cadete da AMAN. SNA, dez. 2010. 206

Figura 100 Mulher segurando CD e DVD de seu genro. SNA, dez. 2010. 207

Figura 101 Homem entregando cópia de seu trabalho de conclusão de curso de graduação. SNA, dez. 2010. 208

Figura 102 Par de muletas retiradas por uma mulher na sala das promessas. SNA, dez. 2010. 209

Figura 103 Objetos ortopédicos e muletas expostos nas sala das promessas. SNA, fev. 2008. 212

Figura 104 Espaço preparado para receber roupas de acidentes. SNA, dez. 2009. 213

Figura 105 Recipiente para lixo hospitalar e restos humanos. SNA, dez. 2009. 214

Figura 106 Painel de reprodução de mensagens de texto, enviadas via telefones celular. SNA, dez. 2010. 215

Figura 107 Flores deixadas como ex-votos. SNA, dez. 2010. 215

Figura 108 Mulher segurando seu buquê de casamento. SNA, dez. 2010. 216

Figura 109 Homem deixando partes do osso perfurado por um tiro que o alvejara. SNA, dez. 2010. 217

Figura 110 Senhor, acompanhado da família, traz como ex-voto pinos utilizados em cirurgia ortopédica. SNA, dez. 2010. 217

Figura 111 Pai segurando braço do filho. no cotovelo, vê-se a cicatriz da cirurgia ortopédica. SNA, dez. 2010. 218

Figura 112 Mulher e esposo segurando trança de fios de cabelo dela. SNA, dez. 2010. 219

Figura 113 Mulher cortando o cabelo de outra, dentro da sala das promessas. SNA, dez. 2010. 219

Figura 114 Mulher com a mecha de seu próprio cabelo, cortado e dado como ex-voto. SNA, dez. 2010. 220

Figura 115 Gesso, dado por uma avó, pela cura de sua neta. SNA, dez. 2010. 221

Figura 116 Umbigo dado como ex-voto. SNA, dez. 2010. 221

Figura 117 Mulher entregando botas ortopédicas que a filha calçou. SNA, dez. 2010. 222

Figura 118 Recipiente contendo pedras de vesícula. SNA, dez. 2010. 222

Figura 119 Homem deixando estátua quebrada no balcão da sala das promessas. SNA, dez. 2010... 223

Figura 120 Estátua de N. Sra. Aparecida quebrada. SNA, dez. 2010. 224

Figura 121 Imagem de N. Sra Aparecida envolta em um terço. SNA, dez. 2010. 225

Figura 122 Rosário quebrado. SNA, dez. 2010. 225

Figura 123 Camiseta com pedido escrito, mãe pede por um filho que é alcoólatra. SNA, dez. 2010. 228

Figura 124 Recipiente de vidro contendo conhaque. SNA, dez. 2010. 229

Figura 125 Homem entregando maço de cigarros. SNA, dez. 2010. 230

Figura 126 Lata de cerveja e maço de cigarros. SNA, dez. 2010. 231

Figura 127 Garrafa de aguardente. SNA, dez. 2010. 232

Figura 128 Nedi Pinheiro Braga no momento da entrega da bicicleta. SNA, dez. 2010. 233

Figura 129 Anel de ouro dado como ex-voto. SNA, dez. 2010. 235

Figura 130 Carro dado como ex-voto em exposição no SNA. Dez. 2010. 236

Figura 131 Camiseta da seleção brasileira assinada pelo jogador de futebol Ronaldo Nazário. SNA, fev. 2008. 237

Figura 132 Camisetas de times de futebol com assinaturas de jogadores. SNA, fev. 2008. 238

Figura 133 Uniforme de soldado brasileiro participante de missão de paz da ONU. SNA, dez. 2010. Fotógrafo: Guilherme Gomes. 238

Figura 134 Exemplar do livro de Marcelo Rezende. SNA, dez. 2010. 239

Figura 135 Carta, terço e bottom utilizados por Marcos Pontes, astronauta brasileiro, quando em viagem para a Estação Espacial Internacional, em 2006. SNA, dez. 2010. 240

Figura 136 Objetos organizados na nova estante, montada em 2011. Panelas de pressão, facas e capacetes usados em acidentes. SNA, jul, 2011. 241

INTRODUÇÃO

Os estudos epistemológicos da Ciência da Informação, num primeiro momento, se direcionaram na procura da criação de um objeto que atendesse à construção de um *corpus* científico capaz de responder às atividades de um novo tipo de profissional que começa a agir a partir da mudança no cenário da pesquisa científica do século XX. Esse novo profissional, na busca de sua diferenciação com um profissional preocupado com livros e bibliotecas, propunha um objeto mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais identificável: a informação. Todavia, a informação era um conceito apropriado de outras áreas e analisada, muitas vezes, pelas suas características de mensurável e quantificável. Decorrente dessa visão, a informação seria agora considerada também como um ente imaterial, capaz de ser registrado em qualquer suporte, sob qualquer formato.

Na década de 2000, assistimos a uma mudança desse modelo paradigmático. Talvez, o passo fundamental foi dado por Michael Buckland (1991). O autor propunha que a informação devia ser entendida como conhecimento, processo e coisa. Essa última característica evidencia a necessidade da ampliação do conceito, deslocando o foco de atenção de um ente imaterial para uma coisa material.

Tal proposta abriu novas possibilidades de discussão como, por exemplo, a de Bernd Frohmann (2009), que consegue articular a definição de informação como coisa, iniciando uma discussão sobre o documento. Retomando o texto de Michael Buckland (1991), esse último autor revisita o que é o documento e, dessa forma, demonstra-nos que tão importante quanto essas definições e delimitações de conceitos encontra-se o contexto de produção desse documento, o procedimento que o gera, dados que não podem ser negligenciados.

Para tal, se fez também necessário uma volta ao passado, revisitando a antiga escola de documentação francesa[1] que tinha sido negligenciada pela nova Ciência da Informação de cunho norte-americano. Para Suzanne Briet (1951) o exemplo de o que é documento é a possibilidade de esse objeto evidenciar a informação. As citações clássicas do antílope como documento são esclarecedoras: na selva, esse animal não é documento, mas em um zoológico, ele pode vir a ser.

Dessa forma, o presente trabalho, se insere dentro de uma corrente de pensamento da Ciência da Informação que pretende contribuir para o debate que leve a uma possível

[1] Em especial os autores Paul Otlet (1937) e Suzanne Briet (1951).

consolidação daquilo que denominamos - talvez de forma apressada - de **teoria do documento**. A tese de Rodrigo Rabello (2009) é elucidativa quando sintetiza a noção de como a Historiografia, a Diplomática e a Ciência da Informação têm sobre documento.

Primeiramente, o autor destaca que a dimensão histórica e positivista do documento foi importante na compreensão do mesmo como prova do passado e para a construção do discurso historiográfico, por exemplo. Em uma segunda consideração, o documento se faz importante para a Diplomática, ou seja, o campo de estudo que se preocupa com a forma, produção e reprodução do documento. Quais elementos o documento deveria obedecer e trazer consigo, era uma das questões a ser respondida pela Diplomática, a fim de trazer veracidade e consistência ao documento.

Por fim, o documento em face da Ciência da Informação implica em uma valoração socialmente atribuída, capaz de compor um sistema de informação. "Destarte, em termos ontológicos, ser 'informação-como-coisa' para a CI é circunstancial, pois dependerá da *pertinência social das coisas* e da *significância das evidências*" (RABELLO, 2009, p. 247). A função de socialização do conhecimento registrado adquire importância e traz novos e amplos debates acerca do documento.

Ulpiano Bezerra de Meneses (1998, p. 91) propõe que o objeto museológico possui qualidades intrínsecas, como peso, medida, matéria-prima, formato, dimensões, etc, que nos falam de sua própria materialidade, enquanto que outras significações como uso, significados e apropriações podem ser extraídas unicamente através da inferência. É justamente no "deslocamento dos sentidos das relações sociais", que o fetichismo se forma, "criando-se a ilusão de sua autonomia e naturalidade". Existem então atributos que são historicamente trazidos e agregados aos objetos pelas sociedades e grupos sociais, por meio da produção, circulação e consumo. Não se busca, portanto, o sentido do objeto nele mesmo; seu sentido está na inferência, nos discursos e nas narrativas sobre o mesmo.

A professora Heloísa Beloto (2002), fazendo uma interligação entre o documento de arquivo e sociedade, propõe que eles são testemunhos inequívocos da vida das pessoas e das instituições. Nesse sentido, os documentos de arquivo são capazes de demonstrar como decorreram as relações sociais. Por isso, os arquivos devem estar a serviço da sociedade, no entender da autora; são interdependentes, arquivos e sociedade.

Portanto, o olhar da Ciência da Informação desde o documento se faz premente para a consolidação dela própria no sentido de incorporar novas abordagens sobre objetos até agora

pouco considerados. Ainda, se levarmos em consideração áreas próximas como a Museologia e a Arquivologia, cada uma - desde sua perspectiva - desenvolveu reflexões sobre o que seria o objeto museológico e o documento de arquivo, respectivamente.

Giulio Argan (1994), respaldado pela filosofia kantiana das atribuições de valor, propõe que a arte não é uma qualidade própria de determinados objetos, mas antes uma atribuição de um valor estético que lhe é conferido por agentes e instituições em certos momentos e em determinados lugares. Seguidamente, nos apropriamos dessa idéia de Argan para afirmar, tentativamente, que ser documento então poderia ser também a atribuição de um valor para determinados objetos, que se tornam documentos, sejam ou não criados para tal fim.

Etimologicamente a palavra documento vem do verbo latino que significa ensinar, passando a ter outras acepções, ao longo do tempo, relacionadas com o ensino como lição, aviso, advertência, modelo, exemplo. Somente depois, passa a incorporar um sentido probatório com significados como indício, sinal, indicação, amostra. Assim nos deparamos com um sentido que por um lado induz pelo ensino, e por outro lado, se deduz pela prova. Ainda, ensino e prova de algo que poderíamos chamar de **verdade**.

A procura da verdade foi principal preocupação da Filosofia iniciada pelos gregos, que a considerava o fim último. A verdade, para eles, deveria ser o motivo pelo qual nos indagamos e indagamos o mundo, ao mesmo tempo em que deveria ser também o final dessa averiguação. Essa visão carregava uma noção de verdade como um bem extrínseco que deveria ser alcançado, no caso de Sócrates (Fédon), pelo questionamento contínuo, pela via da interrogação (Maiêutica).

Enquanto que para Michel Foucault (2005), somos forçados a dizer a verdade porque o poder precisa dela para funcionar. Dessa forma, somos também condenados a confessar a verdade e a encontrá-la. O poder não para de inquirir e registrar, motivo pelo qual se institucionaliza a busca da verdade. Os agenciamentos - para que isso aconteça - se associam e se eliminam. Existiram épocas nas quais a verdade foi enunciada pelo Direito, pela História, e atualmente pela Ciência.

Portanto, se a verdade é tal enquanto a sua institucionalização, não devemos esquecer que as instituições são formadas por lugares, por agentes e discursos. Discursos que, alem de sua enunciação procurem também sua permanência no registro. Embora nossa proposta seja

inicial, propomos que o documento seja considerado um dispositivo pelo qual a verdade seja agenciada institucionalmente.

Uma pesquisa iniciada no ano de 2006 fez com que nos dirigíssemos ao vale do Paraíba. O motivo era estudar o fenômeno religioso de frei Galvão e o processo histórico de formação do que é chamado de santidade (SOUZA, 2009). Nessa ocasião surgiu a oportunidade de conhecer e entrar em contato com o SNA. Se bem que, num primeiro momento, minha formação em Antropologia fortaleceu meu interesse pelo fenômeno religioso e, com o início do meu doutorado em Ciência da Informação, minhas indagações se viram ampliadas, levando-me na direção da área de Museologia. Especificamente para os estudos de cultura material, passei seis meses no Departamento de Estudos sobre Museus da Universidade de Leicester (UK) estudando o tema. Nesse período, intensificaram as leituras acerca de colecionismo e museus, principalmente.

Percebi então, principalmente que a Arqueologia e a Antropologia ampliavam a discussão para outros lugares em que os estudos de cultura material não se restringiam unicamente ao museu. Num primeiro momento minha atenção se focalizou no museu do Santuário, mas fui percebendo que dentro dele existia outro lugar que não sabia como definir: a sala das promessas.

Assim, conseguimos fazer o primeiro recorte da pesquisa, identificando um lugar de interesse. Esse lugar tinha uma peculiaridade fascinante: ele era lugar abrigo de objetos vertiginosamente diversos na sua aparência, beleza, (in) utilidade, ou (dis) funcionalidade. Aparentemente diversos e ao mesmo tempo únicos: únicos enquanto a resignificação ou revalorização que sofriam quando entravam na sala das promessas, esses objetos eram ex-votos, múltiplos em qualidade, forma e tipo.

Para Marc Augé (2010) o não-lugar é um lugar de trânsito. A sala das promessas se nos mostrou como sendo um não-lugar, ou seja, espaço de trânsito e de mudanças de valores, no qual o valor documento é atribuído ao objeto votivo, mas que após essa passagem, outros caminhos serão definidos. A sala é transitória; certamente, o objeto a deixará, mais cedo ou mais tarde.

Descobrimos também que os ex-votos não eram objetos produzidos para tal fim, como antigamente, as tábuas nas quais as narrações dos milagres eram detalhadas através de imagens; nem os corações de prata, nem as representações de cera, por exemplo, também não exauriam o local. O que apreendemos foi que, surpreendentemente, qualquer objeto poderia

vir a ser ex-voto. No entanto, apareceu a pergunta que haveria de tornar-se a guia da investigação, qual era a relação entre o lugar e os objetos?

Embora na sala das promessas exista essa relação intrínseca e indissociável entre os romeiros e os ex-votos, num primeiro momento pensamos que a busca da resposta deveria enveredar-se para ênfase nos sujeitos, seus anseios e, em última instância, suas motivações para levar qualquer objeto como testemunho da fidelidade ou a representação da retribuição da graça alcançada por Nossa Senhora. No entanto, na medida em que a pesquisa avançava, percebemos que tal busca deveria realçar o objeto. Descobrimos então que, conforme Igor Kopytoff (2006), dentro de um regime de mercadoria, os objetos podiam ter uma história social e uma biografia.

O autor mencionado explicita em seu trabalho que o regime da mercadoria está presente em várias culturas e implica no reconhecimento de um valor de uso do objeto que é trocável, cambiável entre os sujeitos. Todavia, enquanto que o mercado homogeneíza a mercadoria, a cultura a discrimina e diferencia. As sociedades complexas conseguem colocar ao lado do valor de troca do objeto uma série de outros valores atribuídos pelos indivíduos. A individualização do objeto atribui-lhe biografia. Daí o autor entender que não há mercadoria perfeita, pois ao passo que o mercado a iguala, a cultura, em contrapartida, atribui-lhe valores múltiplos e singulariza os objetos.

Na tentativa de traçar a biografia dos objetos que chegavam à sala das promessas, surgiu outra constatação, que eles tinham um valor antes (entrada), um durante (permanência) e um depois (saída). Ainda, evidenciou-se que tanto no antes como no depois, os objetos inúmeros, diversos e diferentes eram revestidos de todas as matérias, formas, utilidades e funcionalidades. Enquanto que no durante, esses objetos perdiam sua utilidade e sua funcionalidade. Aliás, despossuídos de todas as atribuições pelas quais foram criados, e de todos os valores que puderam alcançar, eles adquiriam unicamente um estatuto de testemunha.

Respaldada pela pergunta inicial sobre a relação entre a sala das promessas e os ex-votos, pela qual conseguiria traçar a biografia desses objetos, e chegando a uma primeira tentativa de resposta pela qual se evidenciava que essa era uma relação estabelecida pelo seu testemunho, o que eles testemunhavam?

Dessa forma o presente trabalho se propõe a enunciar que qualquer objeto, quando arriba na sala das promessas assim o faz porque existe uma intencionalidade primeira de

adesão ou agradecimento, mas quando entra nesse espaço, agora sim como ex-voto, ele se torna documento. Isto é, o ex-voto ensina, exemplifica, avisa, adverte. Mas, de que forma ele indica, sinaliza, mostra a verdade?

Nessa linha de raciocínio, se, como mencionava Michel Foucault (2005) hoje existe um imperativo de verdade enunciado e sustentado pela ciência, que verdade é essa que se aloja no ex-voto enquanto documento?

Desse modo, nos encontramos perante um fenômeno que deveria ser observado da forma mais apurada possível. Motivo pelo qual consideramos que uma aproximação descritiva não era uma imposição, mas uma exigência do próprio objeto. Mas a descrição não é um simples falar o objeto, a descrição é um método que dependendo da área na qual se utilize, ela adquire regras especificas de aplicação. No caso, conforme explicaremos no devido tempo e lugar, usamos o método descritivo etnográfico.

Adiantamos que, a descrição etnográfica da qual nos servimos, não pretende ser objetiva tal como propunha o positivismo do século XIX, mas ela é usada para permitir o rastreamento dos objetos, seus agenciamentos, suas associações, suas finalidades. No caso, o aparentemente simples mostrar-se-ia o cerne das biografias, Assim como ninguém nasce para alguma finalidade, assim como a existência do sujeito não é predeterminada, senão que se faz dentro da historia. A biografia, portanto, somente mostra; deve ser unicamente descrita, as vidas não se explicam. Pretendíamos, portanto, que essas considerações, se aplicassem aos objetos. Mas, assim como descrevemos as biografias dos objetos, complementarmente, pretendemos explicar um recorte dentro dessa biografia: momento no qual o objeto se torna ex-voto, isto é, as associações que fazem dele um documento de fé.

Ainda no que tange à metodologia, descrevemos nosso universo da pesquisa, conforme mostramos no item correspondente e as técnicas de pesquisa utilizadas: a duração da pesquisa, os momentos relevantes que foram direcionando a compreensão e definição da pesquisa, a elaboração do material a ser utilizado na coleta de dados, as entrevistas com os padres e profissionais do SNA.

Vale-se aqui da etnografia como método de observação de uma realidade, enquanto perspectiva para a compreensão da totalidade da realidade observada e, conjuntamente, ela é técnica de trabalho de campo, de coleta e elaboração de descrições da realidade. No reforço dessa observação participante, fotografias foram selecionadas para melhor exemplificar e expor o panorama observado in lócus. Bem como as entrevistas e fontes secundárias, como

artigos de jornais e revistas de circulação, contribuíram para melhor interpretar o espaço e todo o material coletado.

Em seguida, as leituras feitas ao longo do doutoramento foram imprescindíveis para análise do objeto de estudo. E percebeu-se que, apesar de um esforço para a compreensão das questões acerca da memória e do colecionismo, essas categorias de análise não dariam conta de explicar a realidade observada. Em princípio, a memória está presente na sala das promessas e no próprio SNA, mas ela não responde a todas as questões da sala, especialmente quando se observada a rápida transitoriedade dos objetos dentro desse espaço. Também o colecionismo se faz analisável dentro do local selecionado. Todavia, não é possível reduzir a sala das promessas a uma grande coleção de coleções, ou mesmo entendê-la como museu ou arquivo. Ela transcendia todas essas esferas de análise, rompendo com as mesmas pelos movimentos que eram traçados pelos ex-votos.

Em outro polo de análise, a dádiva se mostrou presente e praticável em várias relações observadas. Também ela não totalizava a explicação da sala das promessas. As relações de dar, receber e retribuir, ainda que enredadas em significados e ações, não davam respostas sobre as indagações acerca do lugar. Especialmente quando observados os objetos que rapidamente entravam e saíam da sala, e mesmo aqueles que acabavam por se tornar pecúnio, como as joias e dinheiro doado, não entravam na categoria da dádiva, assim como os descartes não entravam na categoria de objeto museológico.

Ao longo de todo o doutoramento, tentou-se trabalhar com várias dessas categorias que, entendeu-se ao final, auxiliam na compreensão e interpretação da sala e dos ex-votos, mas nenhuma delas cabia perfeitamente naquele espaço. Como explicar, então, essa transitoriedade, própria da sala? Em especial, a partir dessa percepção, é que a tese adquiriu os rumos que se seguirão.

Com a finalidade de responder nossas perguntas, optamos por dividir a pesquisa em duas partes. A parte primeira trata do espaço, sem o qual o objeto não se valida como documento. É uma análise da instituição religiosa, passando por uma explicação geográfica do espaço, expondo a composição do mesmo, as origens das duas basílicas, uma que abrigou por dois séculos a estátua da Aparecida, e a segunda, a Basílica Nova, planejada e pensada em grandes dimensões para atender aos romeiros.

Desde a disposição dos espaços, até a atual configuração dessa região geográfica, conhecida como vale do rio Paraíba (região que liga São Paulo ao Rio de Janeiro), essa parte

retrata o turismo religioso no local, a formação das romarias desde os primeiros movimentos de devoção à imagem, ainda no século XIX, e finaliza-se o mesmo com a introdução dos meios de comunicação e a mídia, como elementos importantíssimos – mormente no século XX – para a divulgação e expansão do conhecimento do Santuário pelo Brasil. Ainda, vale ressaltar nesse item que o SNA fez e faz parte de um projeto nacional ligado a esferas do poder público e, ideologicamente, é utilizado como representação da fé de milhões de brasileiros.

Em um segundo capítulo da primeira parte, no entanto, vale ressaltar que o espaço é também feito e construído por atores, religiosos e profissionais que ali vivem e trabalham. Desde o século XVIII, a Igreja Católica participou do culto à Nossa Senhora Aparecida. No entanto, foi a partir do século XIX e especialmente no século XX, com o trabalho desenvolvido pelos religiosos da ordem redendorista, que o SNA assumiu o formato e as disposições atuais.

Em princípio, o capítulo retrata a chegada dos redendoristas à região. As dificuldades encontradas e a fixação da ordem na direção do SNA. Depois, dirigentes, padres, religiosos e trabalhadores do SNA seriam responsáveis pela manutenção do espaço, então tornou-se inevitável conhecê-los e perceber a relação que constroem com o SNA e como o veem. Três padres redendoristas (padres Júlio Brustoloni, Maciel Pinheiro e Rodrigo Arnoso) foram os que mais se fizeram presentes nessa pesquisa. A professora Zilda Ribeiro – professora local e que durante décadas estudou e escreveu livros sobre N. Sra. Aparecida e o lugar de sua aparição – foi uma entrevista bastante importante. Tendo posto o que é o espaço responsável pela atribuição de valor do ex-voto, coube então, fechar tal parte com uma introdução da sala das promessas e acerca do ex-voto.

Na segunda parte da tese, três capítulos buscam esclarecer-nos o que é o ex-voto, como ele transita e como constrói suas biografias.

Um primeiro capítulo repara no "antes", isto é, o que trouxe o objeto até a sala das promessas. Não apenas ali, mas antes, enquanto mercadoria e bem de uso das pessoas, os objetos existiam e houve motivações que o trouxeram para esse espaço. É nesse capítulo que exemplos de narrativas trazem à tona esses motivos e auxiliam na compreensão desse momento anterior à chegada à sala em questão.

Em um segundo capítulo, o "durante" como foco da análise. A sala, como já mencionamos, não é um lugar de permanências. Ela implica em transitoriedade. Ali, nada

permanece ou, se assim se encontra, acabará abandonando a sala em algum momento de sua trajetória social. A sala apenas serve para ancoramento temporário de alguns poucos objetos. Poucos porque são um número pequeno se comparado aos objetos que por ali passam diariamente. Dessa forma, o que se ancora nas prateleiras, gôndolas e paredes da sala têm uma motivação, que é fortalecer uma narrativa catequética, uma memória, informando sobre Maria.

O terceiro capítulo dessa segunda parte fecha o trâmite dos objetos e trata do depois. Há quatro possibilidades para os objetos seguirem: descarte e destruição; reinserção e renegociação de seus valores em outros espaços; pecúnio; e musealização. São quatro trajetórias, em uma delas, todos os objetos passarão em um dado momento de suas biografias. Encerra-se o tempo na sala, esse lugar de passagem – às vezes mais breve, às vezes, mais longo – para que se sigam novos caminhos.

Encerrando, a tese, seguem-se considerações finais, nas quais são feitos apontamentos pontuais que ajudam na compreensão de algo maior, ou seja, promovem uma avaliação da religião, como sendo social e eminentemente humana e, como tal, atende necessidades concretas dos seres humanos. Os anexos[2] e referências bibliográficas findam a tese.

[2] Na versão para a banca, optou-se por não colocar todas as entrevistas na íntegra. Como o volume seria grande, reitera-se que no volume final, aquele a ser impresso e depositado na biblioteca da FFC, seguirão todas as entrevistas anexadas.

PARTE I – INSTITUIÇÃO RELIGIOSA

CAPÍTULO 1 – O SANTUÁRIO: OS RELATOS FUNDADORES E OS LUGARES CONSAGRADOS

1.1 Hagiografia da Aparecida e os primeiros relatos

A vida dos santos, narrada com fins didáticos e devocionais – que se inicia com o Cristianismo – é um gênero da história denominado hagiografia. Além disso, hagiografia implica também em designar este ramo do conhecimento, como o conjunto de textos que tratam de santos com objetivos religiosos (SILVA, s.d). Compreende, em suma, a interpretação da trajetória de vida de um santo ou santa, fenômenos ligados à história e memória dessas pessoas, ou mesmo poderia incidir na identificação das memórias relativas à manifestações de santos, como poderia ser entendida a história de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: nesse caso, não se trata da história de Maria, mas sim da memória em torno de uma imagem em terracota da mãe de Jesus Cristo, entendida como manifestação mariana.

Trata-se de um gênero de narrativas sem críticas, cuja característica é se antepor à verdade. Ao tratarmos da hagiografia como gênero narrativo neste trabalho, temos o cuidado de não considerarmos as crônicas aqui tratadas como estatuto de verdade. Ao contrário, compreendemo-las como sendo exemplos desse tipo de literatura sobre a vida dos santos. São bastante comuns e funcionavam também como um veículo de compreensão e para comunicar ao católico a história de vida de um santo ou santa. Especialmente durante a Idade Media, a hagiografia foi utilizada para

> ...propagar os feitos de um determinado santo, atraindo, assim, ofertas e doações para os Templos e Mosteiros que os tinham como patronos; produzir textos para o uso litúrgico, tanto nas missas como nos ofícios monásticos; para leitura privada ou como textos de escola; instruir e edificar os cristãos na fé; divulgar os ensinamentos oficiais da Igreja, etc (SILVA, s.d, p. 1).

Em estudos recentes, como o coordenado por Andréia Silva (2009) é possível tomar contato com algumas dessas produções,cujo cerne era consolidar a memória de santos locais, bem como uma maneira de reforçar a autoridade de mosteiros e bispados. São Boaventura[3], franciscano do século XIII, produziu, dentre outras obras, *Itinerário da alma para Deus* (1257), em que toma como modelo de vida o próprio São Francisco de Assis. Este exemplo de retórica, em que a narração da história do santo é contada a partir de um ponto de vista

[3] Vide textos de Perin (2011) e Perin e Oliveira (2010), os quais tratam das obras escolhidas de São Boaventura.

religioso, ainda hoje é utilizado pelos eclesiásticos quando se quer conhecer a vida de Francisco de Assis. No caso específico de Nossa Senhora Aparecida, o gênero hagiográfico se apresenta como:

> Pequena e singela, a Imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida mede 36 cm de altura, sem o pedestal, e 2,550 quilos de peso. É de terracota. Como foi comprovado por peritos, era originalmente policromada: tez branca do rosto e das mãos, com manto azul escuro e forro vermelho granada. Estas eram as cores oficiais, conforme determinação de Dom João IV, do ano de 1646, com as quais se deviam ornar as imagens do título da Imaculada Conceição. O Dr. Pedro de Oliveira Ribeiro Neto e os peritos [...] concluem, por vestígios encontrados na própria Imagem, que ela era originariamente policromada nas cores oficiais azul e vermelho grená. Concluem ainda que, pelo fato de ficar por muitos anos submersa no lodo das águas, e posteriormente exposta ao lume e à fumaça dos candeeiros, velas e tochas, quando ainda se encontrava em oratório particular [...], a Imagem de Nossa Senhora Aparecida adquiriu a cor que hoje conserva: castanho brilhante.
> ...O pedestal de prata for mandado colocar pelo pároco de Guaratinguetá, Cônego Benedito Teixeira da Silva Pinto, em 1857. Manto e coroa da Imagem já constam de um inventário da Capela do ano de 1750 (BRUSTOLONI, 2004, P. 18-19).

Eis a estátua de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Ao longo de quase três séculos, a imagem foi descrita com detalhes constatados por peritos que analisaram, restauraram e tocaram a imagem. Nossa Senhora da Conceição - nomeada de "Aparecida", pelo fato de ter aparecido como fruto de uma pesca, no século XVIII -, é a maior devoção mariana e a mais popular no Brasil. Paradoxalmente ao pequeno porte da imagem, construiu-se ao seu redor um imenso complexo que a abriga o atualmente conhecido Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, localizado no vale do rio Paraíba, próximo dos municípios de Guaratinguetá e Pindamonhangaba (SP).

Para melhor conhecer o fenômeno religioso em torno da estátua, é mister detalhar as origens da devoção a Nossa Senhora Aparecida. Isto é, a produção do discurso devocionário inicia-se coma própria descrição física. A primeira delas foi feita nos anos de 1960 pelo pesquisador Pedro de Oliveira Ribeiro Neto, conhecedor da arte imaginária brasileira do período seiscentista.

> "A imagem encontrada pelos pescadores junto ao Porto de Itaguaçu, e que hoje se venera na Basílica Nacional, é de barro cinza claro, como constatei, barro que se vê claramente em recente esfoladora no cabelo". O barro paulista depois de cozido se torna cinza claro, às vezes rosado. É diferente do barro utilizado na Bahia e outras regiões; o da imagem é da região de São Paulo (RIBEIRO NETO apud BRUSTOLONI, 2004, p. 20-21).

O autor dá relevo ao assunto e prossegue em seu texto mencionando outros pesquisadores e estudiosos que relataram suas conclusões acerca da pequena estátua pescada.

> À mesma conclusão chegaram os acima citados artistas do MASP, e com mais possibilidade de acerto, pois puderam estudar o material por ocasião da restauração da Imagem, em 1978. Eles afirmam no relatório do trabalho de restauro, apresentado ao Sr. Arcebispo de Aparecida naquele ano: "Constatamos pelos fragmentos da Imagem em terracota, que ela é da primeira metade do século XVII de artista seguramente paulista, tanto pela cor como pela qualidade do barro empregado e, também, pela própria feitura da escultura" (BRUSTOLONI, 2004, p. 21).

Tais estudos levaram a uma aproximação sobre a origem regional da estátua. Conforme estes relatos e outros que se seguem, o Estado de São Paulo é a região onde foi originalmente modelada.

> Como a imagem não traz o nome do escultor nem a data, o jeito foi apelar para o estilo da mesma. Os estudiosos são unânimes em afirmar que, pelas suas características de estilo, a imagem é obra de Frei Agostinho de Jesus, discípulo do mestre santeiro e monge beneditino, Frei Agostinho da Piedade. Provavelmente foi esculpida pelo ano de 1650, no mosteiro beneditino de Santana de Parnaíba, SP (BRUSTOLONI, 2004, p. 21-22).

Frei Agostinho de Jesus nasceu no Rio de Janeiro por volta de 1600. Ordenou-se sacerdote na Europa e viveu boa parte de sua vida na Bahia, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em 1661. Diversamente de seu mestre (frei Agostinho da Piedade), frei Agostinho de Jesus não assinava as obras que fazia: estas, no entanto, tinham traços peculiares que o identificavam – como nos aponta o pesquisador Pedro de Oliveira Ribeiro Neto. O autor menciona alguns elementos próprios desse frei escultor, que o levam a crer que a estátua teria sido obra dele (BRUSTOLONI, 2004). Curioso registro traz Thereza Maia (2007, p. 133) quanto à origem e às lendas que envolvem a procedência regional da estatueta:

> A origem da imagem continua uma incógnita. Consta ser originária de Jacareí, cuja padroeira é Nossa Senhora da Conceição. Teria sido colocada no rio por escravos para acalmar uma grande serpente ou minhocão que ali vivia, afundando barcos e fazendo grandes estragos nas ribanceiras.
> Eduardo Etzel,..., apresentou outras versões, como a de uma velha que colocou no rio a imagem em uma cabaça, também para afastar o monstro, e a de um escravo que teria feito a santa suportar os maus tratos que sofria, sendo obrigado a jogar a imagem no rio, quando foi descoberta sua devoção.

Atualmente, essa imagem se encontra no interior da Basílica Nova, protegida em um retábulo blindado por vidro à prova de bala e de danos, sempre vigiada por seguranças e fora do alcance dos visitantes. A estatueta da santa permanece encerrada nesse nicho dourado e prata que se tornou necessário para a proteção da mesma, tendo em vista que tal imagem já

sofreu um atentado, em 1978, quando um homem jovem a agarrou, ainda na Basílica Velha, e a arremessou ao chão.

O atentado aconteceu logo após uma celebração eucarística. Assistiram à missa poucas pessoas, duas irmãs de São Carlos e o sacristão, irmão Clemente. No instante do dano, as irmãs que presenciaram o fato recolheram as centenas de cacos. A Nossa Senhora Aparecida precisaria de restauração. Porém, diante do impasse de decidir qual seria a melhor opção[4], os diretores do SNA resolveram consultar a opinião do Museu do Vaticano.

Com o auxílio e indicação vindos do Museu do Vaticano, dirigido nesse tempo pelo brasileiro professor Deoclésio Redig, a direção do Santuário soube que o MASP poderia auxiliar nesse trabalho. O diretor do MASP era então Pietro Maria Bardi, que indicou a restauradora Maria Helena Chartuni para tal incumbência. Durante 33 dias de sigiloso trabalho, Maria Helena reuniu 165 fragmentos e os reconstituiu. No retorno da imagem ao vale do Paraíba houve grande manifestação de fé: por onde o caminhão dos bombeiros passava, no trajeto de São Paulo a Aparecida, as pessoas aclamavam (BASSETTI, 2004).

Atualmente a estátua de Nossa Senhora da Conceição Aparecida traz as seguintes características: ancorada em um suporte, ela tem cabelos longos, veste um manto azul e uma coroa de ouro na cabeça, esta fruto de um concurso ocorrido em 2004, no qual vários profissionais fizeram réplicas para concorrer ao novo modelo que ornamentaria a imagem)[5].

[4] Conforme Brustoloni (2004) informa, vários restauradores e museus se ofereceram para realização da tarefa de restauro e reconstituição da imagem danificada.

[5] Há uma primeira coroa, também feita em ouro, doada pela princesa Isabel, em 1884. Ela pediu à santa que pudesse engravidar. Quando conseguiu o feito, doou a pequena coroa para ornamentar a imagem. Essa, porém, só passou a compor o todo em 1904, quando houve uma celebração para a coroação oficial da imagem da Aparecida.



Figura 1 Detalhe da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Fonte Museu do SNA/Michel Oliveira.

Feito o percurso sobre a materialidade da imagem, é possível mostrar a maneira como é narrada a aparição. Tais narrativas são consideradas como sendo relatos hagiográficos.Como já dito anteriormente, a Aparecida foi localizada por acaso, como resultado de uma pescaria, no início do século XVIII.

> Era setembro de 1717. Tomada posse o novo Governador da Capitania de Minas Gerais e São Paulo, Dom Pedro de Almeida Portugal, nomeado pelo rei de Portugal. Viajando de São Paulo para Minas Gerais, decidiu ficar em Guaratinguetá, à espera de suas bagagens, que tinham sido despachadas do Rio de Janeiro. Para homenageá-lo, a Câmara Municipal lhe ofereceu um banquete, "devendo ser rico em frutas, caças e peixes". Da pequena comunidade ribeirinha, três pescadores foram chamados, para fornecer os peixes necessários ao jantar: João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Martins. A época era imprópria para pescar, mas o trabalho precisava ser feito. Durante toda noite, até o amanhecer, os pescadores desceram e subiram o rio, lançando suas redes, sem conseguir o suficiente para o pedido. Quase entregue ao cansaço, num último esforço João Alves recolheu suas rede, e nela, uma imagem de barro sem a cabeça. Parecia imagem de santo. Outro arremesso, e desta vez foi a cabeça da imagem que subiu do fundo do rio enroscada nas malhas da rede. As duas peças encaixaram-se com perfeição. O pescador envolveu os pedaços de barro em um pano e colocou-os no fundo da pequena canoa. Mostrou seu achado a Felipe e Domingos que, juntos, resolveram tentar pescar mais um pouco, impulsionados por uma nova energia. Lançando novamente as redes, por verdadeiro milagre, elas vinham sempre cheias. Foram tantos os peixes que as canoas ficam pesadas, quase afundando no rio.
> Em casa, identificaram a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, feita em terracota (argila modelada e cozida). As duas partes, cabeça e tronco, unidas com cera de abelha, foram colocadas, com sublime

> respeito, em um oratório rústico feito em madeira (BASSETTI, 2004, p. 11-13).

De outras maneiras semelhantes a essa, sempre remetendo à pescaria de Felipe, João e Domingos, é contada em livros[6] a história de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, objeto que é o centro e a origem da construção do que hoje é o maior santuário mariano do mundo. É uma narrativa que remete ao surgimento da estatueta; variando alguns elementos e floreios em torno dessa pescaria, construíram-se histórias que contam como a santa emergiu das águas. Uma imagem escura, singela, o surgimento das águas, tudo isso ajuda a compor, em certo sentido, **um mito de origem** da estátua de Aparecida.

Sem entrar numa discussão exaustiva, apresenta-se uma breve análise dos estudos sobre mitologia. Para Lévi-Strauss (1996, p. 242) os mitos têm um caráter linguístico intrínseco, ou seja, sem a linguagem e a fala, o mito não se justifica nem existe.

> A substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na *história* que é relatada. O mito é linguagem; mas uma linguagem que tem lugar em um nível muito elevado, e onde o sentido chega, se é lícito dizer, a *decolar* do fundamento lingüístico sobre o qual começou rolando.

Para Lévi-Strauss (1996), os mitos são compostos por partes - os mitemas. Estes, independentes de sua produção e origens, sempre fazem parte do todo que remonta todo. Os mitos têm caráter coletivo, mas também se deve levar em conta como estes são vividos por cada membro de um grupo social. Os mitos são elaborações racionais que fazem os homens, nesse sentido, refletirem sobre códigos e sobre seus próprios dilemas sociais.

Além disso, para Mircea Eliade (2002, p. 22) o mito não apenas explica como se constituem a *História* de seres sobrenaturais; essa *História* é tida como verdadeira e sagrada, pois remete à "'criação', contando como algo veio à existência". O mito é reconhecido também pela possibilidade que oferece às pessoas de conhecerem as origens das coisas, bem como uma maneira de vivenciar o sagrado.

Em *O sagrado e o profano*, Mircea Eliade (2001) reforça a discussão sobre a religião, indo além da discussão do mito, estendendo-a para uma discussão sobre o que é o sagrado e o que é o profano na concepção da cultura. Para Eliade, qualquer religião tem a necessidade de materializar o mundo sagrado: nesse sentido, estátuas, objetos, lugares sagrados são componentes necessários que aproximam as pessoas do mundo do sagrado.

[6] Alguns desses títulos são mencionados na bibliografia dessa tese, tais como Azevedo (2001), Brustoloni (2004), Megale (2007), Ribeiro (2004;2007).

Há dois registros escritos, mencionados por Brustoloni (2004), que noticiaram o encontro da imagem: um deles é o livro do Tombo da paróquia de Santo Antonio de Guaratinguetá, e o outro são as Ânuas[7] da província brasileira dos padres jesuítas. Ambas mencionam o encontro e o surgimento de um vilarejo nas proximidades do porto de Itaguaçu, local onde os pescadores acharam a imagem. Esses registros são relevantes também pelo fato de apontar para a formação de um lugar sagrado.

Segundo Eliade (2001), um dos elementos importantes para compor uma religião é a existência de lugar(es) sagrado(s). O porto de Itaguaçu, sem dúvida, foi o primeiro a ser identificado e associado a um lugar dotado desse valor, pelo fato de ali ter emergido a estatueta. Outros lugares, no entanto, foram sendo associados, todos eles compondo ao longo do tempo uma área sagrada.São espaços nos quais se pode tomar contato com o mundo do sagrado e, assim, estarem mais próximos da criação e do deus cristão e seus santos.

Atualmente, pode-se dizer que o centro desse espaço sagrado é a Basílica Nova, onde está a imagem da Aparecida. Porém, não é só a basílica que limita o espaço do santuário: ele é muito maior, abrangendo outras estruturas e lugares que materializam tal lócus.

O Santuário Nacional de Aparecida (SNA) localiza-se no vale do rio Paraíba, no município de Aparecida/SP. Cidade pequena, Aparecida tem sua origem e destaque no Brasil associados à história da estatueta. O município vê boa parte de sua arrecadação e das oportunidades de trabalho oferecidas pelo SNA. Para Flores e Penelas (2009, p. 60),

> ..., el santuario representa la territorialidad de lo sagrado, la necesidad de que los fieles cuenten con un sitio material y concreto para el encuentro. Así, está íntimamente vinculado con las prácticas que se desarrollan a modo de ritual, en la medida en que pensamos al espacio como "el producto de lo que la sociedad crea y recrea, con una entidad física definida, pero también como una representación social y un proyecto […] y tiene una doble dimensión: es a la vez material y representación mental (simbólica)[8]".

O Santuário, nesse sentido, implica em uma forma concreta de tomar contato com o sagrado. Sugere também uma representação social de algo etéreo e em um projeto de dimensões material e simbólica. No que tange ao simbolismo, então, dentro de uma

[7] Trata-se de um tipo de crônica, breve e concisa. Nesse caso em especial, foram as ânuas produzidas pelos padres jesuítas, aludindo à pesca milagrosa da imagem de Aparecida (BRUSTOLONI, 2004, p. 46-47).

[8] O santuário representa a territorialidade do sagrado, a necessidade de que os fiéis contem com um lugar material e concreto para o encontro. Assim está intimamente vinculado com as práticas que se desenvolvem como se fosse ritual, na medida em que pensamos o espaço como "o produto do que a sociedade cria e recria, com uma entidade física definida, porém também como uma representação social e um projeto [...] e tem uma dupla dimensão: é por vez material e representação mental (simbólica)" (Tradução livre).

perspectiva católica, pautada pela interpretação litúrgica do espaço, o santuário é analisado como a morada do Deus que ali habita.

> Todo Santuario es memoria (de la manifestación de Dios a través de un acontecimiento que se guarda en el recuerdo como hecho sagrado); es profecía (que expresa el mensaje de salvación que Dios ofrece a quienes se acercan a este lugar de encuentro con Espíritu abierto y docil, creyente y esperanzado) ; es presencia (porque en el santuario Dios obra la salvación a través de las acciones sagradas que en él tienen lugar, y de la penitencia y oración de los fieles)[9] (MUÑOZ, 2000, p. 7).

Apesar da visão teológico-cristã alinhada a essa citação, ela reforça um dado relevante: o santuário, mais que um lugar sagrado, é um espaço celebrativo, preocupado em preservar e manter dinâmica a memória de alguém ou algum fato. A celebração, para a liturgia cristã-católica, está atrelada ao ato de relembrar, rememorar um acontecimento, um fato ou uma pessoa. Assim como Arnold van Gennep (1960) nos coloca, os ritos podem servir para celebrar constantemente uma memória que não se quer esquecer, para comemorar sempre que necessário um acontecimento que é parte de uma memória social

Por exemplo, a celebração da eucaristia, em todas as missas, é uma maneira de rememorar a memória do Cristo ressuscitado. Um santuário é também uma forma de celebrar e de dar uma dimensão de perpetuação da memória, no caso, de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Nesse sentido, o SNA é um memorial, porque pretende preservar (por meio das dores, dos pedidos e das graças, pelas experiências vividas pelas pessoas) a memória da Aparecida. Não raro encontramos uma ampla bibliografia em que os memoriais são analisados como espaços dedicados à memória de eventos, tais como memoriais de guerra, de atrocidades ou catástrofes[10].

Há um elemento em comum entre os trabalhos sobre memoriais: a memorialização, um exercício constante de celebração, memorização e manutenção de um fato, evento ou pessoas, a fim de tornar ativa na memória social de um grupo ou coletividade um dado que não se pretende esquecer. O processo de memorialização ajuda a constituir o chamado lugar

[9] Todo santuário é memória (da manifestação de Deus através de um acontecimento que se guarda na recordação como fato sagrado); é profecia (que expressa a mensagem de salvação que Deus oferece àqueles que se aproximam deste lugar de encontro, com Espírito aberto e dócil, crente e esperançoso); é presença (porque no santuário Deus faz a salvação através das ações sagradas que nele têm lugar, e da penitência e oração dos fiéis) (Tradução livre).

[10] Williams (2007), Templer e Radford (2007/08), Thaler (2008).

de memória (NORA, 1993), responsáveis por lembrar aquilo que a memória social não dá conta de recordar.

A cidade nem sempre foi conhecida como Aparecida. Antes da pescaria da imagem da Aparecida, no século XVIII, o vale que ali se localiza era local escolhido por índios que viviam na região para enterrarem seus mortos. "A confirmação dessa escolha está nas muitas igaçabas encontradas [...]. Essas igaçabas eram utilizadas como urnas mortuárias pelas tribos dos índios Puris e Guaianases" (RIBEIRO, 2007, p. 14). A atual denominação se deu em virtude do aparecimento da pequena estátua de Nossa Senhora da Conceição, que ficou acrescida do adjetivo Aparecida, o qual acabou por ser o nome do município.

Torna-se um dado curioso o fato de o lugar dos mortos vir a ser, depois, o lugar onde a imagem de N. Sra. Aparecida veio a ser pescada. Conforme Mircea Eliade (2001), a religião constitui-se da delimitação de lugares sagrados. Esse local da pescaria de 1717 já era, então, sagrado no sentido de ser um espaço inviolável por se tratar de um cemitério. A inviolabilidade não ter a ver com invasão, mas com o respeito aos significados atribuídos ao espaço. Era um lugar sagrado e reforça-se a sacralidade do mesmo com o encontro da imagem nas proximidades.

Durante um período de tempo, o povo nomeou a região da padroeira como Aparecida. Algum tempo depois, passaram a chamar de Capela de Aparecida, ou apenas Capela. Em 1887, no entanto, inaugurou-se a estrada de ferro nestas redondezas: romeiros, que antes vinham caminhando, a cavalo, em carros-de-boi, podiam agora também viajar de trem. Embarcavam na Estação Norte, em São Paulo/capital. E diziam que o destino era Aparecida da Estação Norte.

> Com o tempo, por um processo lingüístico coletivo, chamado braquilogia, eliminaram a palavra Estação e fizeram a concordância, restando Aparecida do Norte, cantada em prosa e verso. Mas nossa querida Aparecida, com um só P, é Aparecida sem Norte, embora sempre norteada pela presença da Santa Imagem (RIBEIRO, 2007, p. 15).

Após a pescaria de 1717, a estatueta trazida à superfície d'água por João Alves teria ficado com esse ou com o pescador Felipe, não havendo na literatura, nem entre os relatos colhidos depois por padres, nenhum registro que confirme qual deles cuidou da estatueta (RIBEIRO, 2007). No entanto, o que se sabe é que após os três homens localizarem a imagem, anos depois, essa estátua ficaria em poder de Atanásio Pedroso, filho de Felipe. Desse momento em diante, já se tinha uma fama crescente da santa, a qual é inclusive mencionada em documentos do período. Conforme Júlio Brustoloni (2004) explica, em cerca

de 20 anos a devoção à Aparecida já se espalhara pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, alcançando até o Centro-Oeste e o Sul brasileiros. No ano de 1750, os missionários jesuítas afirmavam que peregrinos iam até o Santuário recém fundando: pessoas vindas de lugares longuínquos do país.

> Em 1754, entretanto, aparece pela primeira vez num processo de casamento da cidade de Curitiba, que de lá vinham pessoas em peregrinação até o Santuário. É portanto a notícia escrita mais antiga que temos (BRUSTOLONI, 2004, p. 53).

Além disso, acresça-se como elemento que corroborou a fama de santidade da estatueta o fato de a região ter sido rica de trânsito de tropeiros que por ali passavam, conheciam a história e ajudavam a difundirem sua fama de Nossa Senhora Aparecida milagrosa. O vale do rio Paraíba era lugar de passagem de tropeiros que vinham do sul do Brasil em direção à capital, Rio de Janeiro. Nesse ínterim, é possível imaginar o quanto era variada a população que circulava nessa região.

Os milagres associados à imagem reforçaram sua notoriedade. Para além do caso já relatado da pesca miraculosa, outros merecem destaque. A narrativa de Atanásio Pedroso, filho do pescador Felipe, o qual teria construído um humilde altar para colocar a Aparecida. De acordo com este relato, o povo na região acostumou-se a visitar a casa de Atanásio, onde ocorriam as rezas do terço. Certo dia, sem explicação, as velas que ornamentavam o altar teriam se apagado e isso causou alvoroço, pois não havia vento, visto tratar-se de uma noite calma. Uma mulher que estava presente levantou-se e dirigiu-se para as velas. Sua intenção era reacendê-las, mas antes mesmo que pudesse fazer isso, estas se acenderam sem nenhuma explicação. Os presentes ficaram assustados. De pronto, o povo se sobressaltou e diante do ocorrido, gritavam "milagre, milagre!" (BRUSTOLONI, 2004, p. 59).

Com base nos Autos de Ereção e Bênção da Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, o pesquisador Brustoloni reproduz outro relato sobre o milagre que se tornou bastante popular por volta de 1856, o do escravo liberto Zacarias:

> *"Um escravo fugitivo, que estava sendo conduzido de volta à fazenda pelo seu patrão, ao passar pela Capela pediu para fazer oração diante da Imagem. Enquanto o escravo estava em oração, caiu repentinamente a corrente intacto o colar que pendia de seu pescoço. A corrente se encontra até hoje, pendente na parede do mesmo Santuário, como testemunho e lembrança de que Maria Santíssima tem suprema autoridade para desatar as prisões dos criminosos pecadores arrependidos. Aquele senhor, tocado pelo milagre, ofereceu a Nossa Senhora o preço dele e o levou para casa como uma pessoa livre, a fim de amar e estimar aquele seu escravo como*

> *pessoas protegida pela soberana Mãe de Deus"* (BRUSTOLONI, 2004, p.61).

Outra narrativa sobre o mesmo fato é a do cavaleiro que, descrente quanto aos poderes milagrosos da imagem de Aparecida, resolveu desafiar a igreja que a abrigava (então, a basílica velha era o lugar de abrigo da estátua). Conforme a lendária passagem, esse senhor, queria entrar na igreja, montado a cavalo. Dirigiu-se a galope para frente da escadaria e quando tentou subir as escadarias, o cavalo havia empacado. Sem êxito, o cavaleiro o chicoteava e o incitava a entrar, mas o animal continuava estanque, sem sair do lugar. O cavaleiro apeia do animal, tentava verificar-lhe a pata, que estava presa na pedra do degrau da escadaria. Contrito do gesto que praticaria, se arrependeu, ajoelhando-se e pedindo perdão a Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Sozinho e arrependido, adentrou a capela, seguido por curiosos (RIBEIRO, 2007).

Esses dois relatos lendários reforçaram a fama de santidade da estátua da Aparecida. Tal notoriedade é um elemento importante que é levado em conta pelas entidades ligadas à Igreja Católica quando consideram a possibilidade da formação de um santuário, por exemplo, bem como é um dos aspectos avaliados para atribuir o título de beato ou santo para alguém[11]. No caso da Aparecida, porém, certamente essa memória realimentada, com o passar dos anos, fez com que a santa fosse cada vez mais popular, conhecida pelas pessoas, o que a fez célebre pelos milagres e curas que os devotos lhe atribuíam.

Atualmente, outros autores trazem narrativas de milagres atribuídos a Nossa Senhora Aparecida. O texto de Fred Jorge (1954) relata uma passagem de dois amigos, em uma noite qualquer de alguma pequena cidade interiorana, resolvem discutir sobre a devoção mariana, um que crê e que defende seu ponto de vista e outro que desacreditava.

Nesta noite, o descrente sonhou com uma tia e um primo que eram seus vizinhos. O primo encontrava-se, no sonho, muito doente, acamado, e a tia desesperada. Acontece que no mesmo evento, passava em frente a casa da tia uma procissão, trazendo em um andor uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Ela pede à procissão que entre em sua casa. O descrente, junto dos visitantes, desacredita a imagem, a qual acaba por curar o primo adoentado. O descrente, então, fica atônito, quando vê no sonho a imagem descer do andor,

[11] A fama de santidade, conforme explica Souza (2009), é elemento imprescindível dentro de um processo de beatificação. No caso de frei Galvão, o primeiro santo oficialmente reconhecido pelo Vaticano como santo, em 2007, a postuladora do processo, junto à Congregação da Causa dos Santos, no Vaticano, foi em busca dessa fama, retomando narrativas, documentos, memórias, escritos, tudo que houvesse menção e registro de possíveis milagres atribuídos ao santo desde o seu tempo (séculos XVIII e XIX).

vir em sua direção, e dizer-lhe que se utilizara desse milagre para fazê-lo crer que ela era santa. Este sonho é responsável pela sua conversão.

Outros tantos relatos de milagres surgiram com o passar dos anos. O próprio autor acima mencionado, Jorge (1954), compila alguns desses fatos lendários que vão se acumulando; no entanto, os dois mais conhecidos são, pois, o da pedra com a marca da ferradura, mantida e localiza-se hoje no museu da Torre da basílica, bem como o milagre do escravo e da corrente, uma corrente – semelhante a original - pode ser encontrada no mesmo espaço museológico.

O culto oficial de Nossa Senhora da Conceição Aparecida se inicia em 1904, ano da coroação da estatueta. O Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde, bem como o Núncio Apostólico Dom Júlio Tonti, dirigiram-se a Roma, a fim de solicitar a permissão para a coroação da santa. O Cabido de Pedro no Vaticano, contudo, deu a solicitada licença para a coroação (AZEVEDO, 2001). Munidos de documentos, em 2 de fevereiro de 1904, esses representantes foram à Roma, acompanhados de dois padres. O reitor do SNA, padre Gebardo Wigermann, recebeu o documento assinado, que autorizava a coroação da estatueta.

Em 8 de setembro de 1904, por fim, diante de um episcopado composto por 14 bispos, bem como de uma multidão de 15 mil pessoas, "a maior concentração religiosa do povo acontecida no Brasil após a proclamação da República", a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi coroada (AZEVEDO, 2001, p. 85). Em princípio o dia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida era comemorado em 8 de setembro, data que faz menção à coroação de 1904.

1.2 A Basílica Velha e a chegada dos padres redentoristas

No século XVIII, Padre Vilela, então residente na cidade de Aparecida, recebeu a incumbência de construir uma igreja dedicada a Nossa Senhora Aparecida. Em 1744, por doação de uma viúva que residia na região, o padre recebeu o terreno para a construção da capela no morro dos Coqueiros.

A igreja - construída por escravos - hoje é conhecida como Basílica Velha e localiza-se em uma região alta do município, o que privilegiava a vista naquele tempo: "É encantadora a vista que se desfruta do alto da colina. Descortina-se região alegre, coberta de mata pouco elevada; o rio Paraíba ali descreve elegantes sinuosidades, e o horizonte é emoldurado pela

alta cordilheira da Mantiqueira", narrava Saint Hilaire em 1822 (BRUSTOLONI, 2004, p. 158). A igreja foi entregue em julho de 1745, e no dia 26 desse mês houve procissão que traria a santa do porto de Itaguaçu para sua nova morada.



Figura 2 Fachada da Basílica Velha. Dez. 2010.

No entanto, a igreja passou, ao longo de mais de um século, por reformas e acréscimos em sua estrutura. Juntamente com as melhorias na igreja, cresceu ao seu redor um município, bem como incrementava, ano a ano, o número de visitantes e peregrinos à região da Capela, como era então conhecida a vila ao redor da Basílica Velha. No presente momento, a igreja de 1845 passa por novas reformas e restaurações, para a preservação de seu patrimônio, projeto coordenado pelo CONDEPHAAT.

Para administrar, ainda nesse período inicial do culto à Maria na região, houve várias ordenações, pessoas e clérigos que cuidaram das finanças e do funcionamento tanto da Basílica Velha, como mesmo de seus arredores e de atividades no município (BRUSTOLONI, 2004; RIBEIRO, 2007).

No entanto, após uma busca difícil para encontrar religiosos que assumissem o trabalho naquela região, os missionários alemães redentoristas (ordem religiosa criada por Santo Afonso Maria de Ligório, italiano, nascido no século XVIII), a convite de Dom Joaquim Arcoverde, acataram o convite, chegando à região em 1894, liderados pelo padre Gebardo Wiggermann (BURSTOLONI, 2004). Os redentoristas têm "por vocação e carisma pregar a palavra convertedora do evangelho aos mais pobres e destituídos dos socorros espirituais" (BRUSTOLONI, 2004, p. 291).

"Os missionários, vestidos de batina preta, colarinho branco e rosário à cintura, foram logo chamados carinhosamente, pelos romeiros, de 'Missionários da Capela'" (RIBEIRO, 2007, p. 55). Chegando à Aparecida, esse primeiro grupo era formado pelos "sacerdotes Lourenço Gahr, como superior, e José Wendl, como vigário substituto do Cura e Reitor do Santuário, Pe. Claro Monteiro" (BRUSTOLONI, 2004, p. 281), bem como outros irmãos que os acompanhavam. Suas incumbências eram de recitar o terço diariamente, às 18 horas, missas para os romeiros, e atendimento a doentes e batizados. Juntamente com Dom José Gaspar, então bispo, os missionários redentoristas perceberam que a Capela do século XVIII já estava pequena para a recepção dos romeiros.

Mister repassar cuidadosamente a relação construída com os redentoristas na região. Formam a ordem que não somente ajudou a alicerçar o SNA, como formam estes padres um grupo de pessoas que estabeleceu relações e conexões necessárias para configurar o Santuário de Aparecida dentro do contexto católico brasileiro. Por essa relevância, então, o tema dos padres redendoristas será retomado nessa parte da tese ainda, cabendo aqui apenas uma introdução e a discussão com maior profundidade que se seguirá. Vale mencionar então que, com eles, começaram os cuidados mais atentos e direcionados da Basílica Velha e a ideia de construir um Santuário maior, com dimensões e espaço suficientes para abraçar o crescente público que se dirigia até a Aparecida.

1.3 A Basílica Nova e sua composição espacial

Rapidamente houve a intenção de ampliar a áreas nas redondezas da Basílica Velha, o que gerou resistência da população (RIBEIRO, 2007). Isso porque, ainda no século XIX, a pequena basílica já era insuficiente para abraçar o culto à imagem da Aparecida. Em seguida ao falecimento de Dom Gaspar, quem assumiu a Arquidiocese de São Paulo foi Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, que ficou conhecido como grande incentivador e entusiasta da construção do novo espaço para a estatueta da Aparecida. Dom Carlos Motta entrou em contato com o arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto, pediu que este elaborasse a planta do santuário. No entanto, somente em 1946 é que a construção realmente se iniciou. Segue uma breve cronologia que sintetiza os momentos que marcaram etapas na construção dessa nova basílica e complexo ao seu redor:

> **1946** – Bênção da Pedra Fundamental, presidida pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira. É erguido um Cruzeiro no local. No dia seguinte, o Cardeal Motta celebra missa diante desse Cruzeiro.

1951 – O projeto, elaborado por Dr. Calixto, é apresentado à imprensa, em entrevista coletiva, dada pelo Senhor Cardeal.
1955 – Após dez anos de trabalhos de infra-estrutura, começam, efetivamente, os trabalhos de construção do templo.
1959 – A nave norte começa a ser usada, nos finais de semana e feriado, pelos romeiros.
1960 – Montagem da primeira peça metálica da Torre. A estrutura foi doada pelo Presidente da República Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.
1964 – Posse de Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta como Arcebispo de Aparecida.
1967 – 250 anos do Encontro da Imagem. Chega a Aparecida a Rosa de Ouro, presente do Papa Paulo VI a Nossa Senhora Aparecida.
1970 – Conclusão da cúpula central do Santuário. Rescisão do contrato com a firma Irmãos Maiutti, responsável pela construção. Padre Noé Sotilo, redendorista, assume os trabalhos. Escreve, com a vida, uma das páginas mais bonitas da construção.
1972 – Morre, em Aparecida, o arquiteto do Santuário, Dr. Benedito Calixto.
1974 – Término da nave sul e utilização dela na Festa da Padroeira. As naves leste e oeste foram concluídas anos mais tarde e deram à construção o formato de uma cruz grega.
1980 – O Para João Paulo II vem para sagrar o novo templo, ainda inacabado.
1982 – Nossa Senhora Aparecida é conduzida pelas ruas de Aparecida, em carreata. Depois vem para ficar, definitivamente, em seu novo Santuário.
Hoje – O Santuário Nacional ainda está em fase de acabamento. Faltam pisos, vitrais, revestimentos (RIBEIRO, 2007, P. 43-44).

A tabela abaixo ilustra as dimensões que a Basílica Nova tem; são números vultosos que nos ajudam a perceber melhor o espaço em questão:

Tabela 1 Dimensões principais do SNA. Fonte: Santuário, s.d., p. 14-15.

Extensão	173 metros
Largura	168 metros
Naves	40 metros
Retábulo do Trono	40 metros
Cúpula central	70 metros
Torre	100 metros
Área Coberta	18.000m²
Área Construída	23.300m²
Tijolos	25 milhões
Piso em granito	

Telhado	257.000 telhas azuis
Volume de concreto	40.000m³
Capacidade da Basílica	43.000 pessoas
Estacionamento	272.000 m²
Estacionamento para carros	6.000 vagas
Estacionamento para ônibus	4.000 vagas

Em 1930, o Papa Pio XI proclamou Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil (BASSETTI, 2004). Desde então, sua celebração acontece no dia 12 de outubro, considerado feriado nacional - por meio de decreto presidencial de 1980, assinado pelo então presidente João Batista Figueiredo (presidente de 1979 a 1985). A data, contudo, não é relativa propriamente à história e à trajetória da estátua. Nossa Senhora da Conceição, no calendário litúrgico, é celebrada no dia 8 de dezembro. O dia 12 de outubro teria sido escolhido pela CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - para fazer menção ao dia da descoberta da América (SANTUÁRIO, s.d., p. 2).



Figura 3 Frontispício da Basílica Nova. Fonte: SNA/Michel Oliveira.

O complexo que envolve a Basílica Nova, apresentada na fotografia acima, não se limita somente a essa construção: em frente da imensa igreja, é possível visualizar parte de um dos estacionamentos (com nomes de apóstolos de Jesus Cristo), bem como aparece o início do caminho coberto por toldos na cor marrom que leva ao Centro de Apoio ao Romeiro (CAR). A área total do complexo, construída, conforme consta do encarte entregue à imprensa é de 18 mil metros quadrados (SANTUÁRIO, s.d.). Essa dimensão tende a crescer, pois ainda agora o SNA amplia sua estrutura, que está em fase de edificação e finalização de um grande espaço para recepção de romeiros, atrás da praça de alimentação do CAR (vide Anexo 2).

A chamada Basílica Nova é uma estrutura que abriga não somente a igreja, mas outras dependências: banheiros, salas, espaços de convivência, etc. No piso térreo, há quatro naves que compõem a igreja. Entre a nave da imagem e o salão da igreja, fica o nicho da imagem, onde está posta a estátua do século XVIII. Desse ponto, em sentido horário, ficam a sacristia, a Capela do Santíssimo, a Torre, onde se localizam o museu, salas administrativas do SNA e o mirante, a Capela das velas, e a Capela de São José. A figura 4 ilustra o mapa do piso térreo.



Figura 4 Mapa do piso térreo do Santuário. Fonte: Bassetti, 2004, p. 41.

Outro elemento importante que compõe o cenário em torno da Basílica Nova é a passarela que liga essa basílica à velha, construída no século XIX. Também a Torre Brasília é destaque nesse panorama, a qual abriga o museu Nossa Senhora Aparecida, o mirante e o CDM (Centro de Documentação e Memória).

Tabela 2 Passarela e Torre Brasília. Fonte: Santuário, s.d., p. 15.

Passarela	**Torre Brasília**
Comprimento: 392,20m	18 andares
Altura: varia de 18,46m a 35,52m	Altura: 109m. 669m em relação ao nível do mar.

Largura: 5,8m	400 sacas de cimento na base.
Grade metálica de proteção: 2,6m de altura	Abriga o Museu N. Sra. Aparecida.
Sustentação: 11 pilares	Abriga o CDM e o Mirante.
Construída em 1972, pelo presidente da República Gal. Emílio Garrastazu Medici.	Toda metálica, doada pelo então presidente da República Juscelino Kubitschek



Figura 5 Entrada da torre Brasília. Set. 2007.


Figura 6 Vista do Mirante, para o lado do CAR. Dez. 2009.



Figura 7 Passarela, com vista para o SNA e a Torre Brasília. Dez. 2010.

O anexo 1 desse trabalho apresenta um mapa da região na qual se insere o SNA. Nele é possível ver o todo do complexo do Santuário, e ter uma dimensão mais completa desse espaço. No mapa, por exemplo, é possível ver o CAR, que é somente mencionado nessas ilustrações. Ele é uma extensão do espaço do SNA, cuja função é o atendimento aos romeiros. O Centro de Apoio ao Romeiro (CAR) apresenta as seguintes características:

Tabela 3 Centro de Apoio ao Romeiro em números. Fonte: Santuário, s.d., p. 10.

Inaugurado em 1998, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso
22 lojas na praça de alimentação
330 lojas de comércio varejista nas quatro asas
36 quiosques de bombonière, lanchonetes e lojinhas
1 fraldário
12 blocos de sanitários com 250 sanitários
44 bebedouros
Aquário
Parque de diversões
Terminais bancários
Ponto de encontro



Figura 8 Panorama do CAR, ao redor da praça de alimentação, decorada como motivos natalinos. Dez. 2010.

O subsolo (figura 10) acomoda outra estrutura onde se localizam a sala das promessas e o setor de confissões. A sala das promessas faz parte do Santuário desde o seu início. Em 1745, esta ficava ao lado da sacristia, quando o padre Vilela ainda cuidava do espaço. Somente em 1886, esta foi transportada para a Basílica Velha. Desde essa época, era praxe os devotos trazerem seus ex-votos, objetos-símbolo de graças e milagres alcançados pelos fiéis.

Todavia, com o passar das décadas, o número de ex-votos aumentou. No século XVIII objetos votivos eram deixados dentro da igreja, na fachada, na entrada, isto é, onde o fiel achasse por bem, depositava seu objeto. A primeira grande arrumação do espaço se deu em 1958, quando uma sala para os ex-votos foi colocada no Hotel Recreio, próximo da Basílica Velha. Já em 1966, foi construído o primeiro andar da torre da Basílica Nova e, em 1974, por fim, a sala das promessas foi transferida ao subsolo da torre. No início do século XXI, em 2003, após reforma e nova organização adquiriu o formato atual (SANTUÁRIO, s.d.).



Figura 9 Sala das promessas. Fev. 2008.



Figura 10 Subsolo do SNA. Fonte: Bassetti, 2004, p. 43.

Tabela 4 Sala das Promessas. Fonte: Santuário, s.d., p. 15.

Sala das promessas
1300 m²
10 funcionários na sala
Média mensal de nº de ex-votos – 18.500
Nº aproximado de fotografias que ornamentam a sala: 70 mil

1.4 Outros espaços circundantes

Ainda no que tange às redondezas do SNA, há outros pontos de visitação e turísticos que foram pensados para compor o local. São eles o Morro do Presépio, o Morro do Cruzeiro e o Porto de Itaguaçu.

O Morro do Presépio fica ao lado do CAR, possui um heliporto e um presépio de grande extensão, com representações de figuras bíblicas ligadas ao momento do nascimento de Jesus. Conforme explica o manual do Santuário (s.d., p. 8):

> Os Missionários Redentoristas que trabalham do Santuário Nacional inauguraram em dezembro de 2006 o Morro do Presépio. [...].
> O centro de todo o ambiente é a gruta de Belém, de onde brotam as cascatas, com suas águas rolando até o poço dos três pescadores, que têm nas mãos a imagem da Senhora Aparecida.[...].
> O Missionário Redentorista [Pe. Ronoaldo Pelaquin] salienta que as esculturas, feitas em cimento, são obras do escultor Alexandre de Moraes. [...].
> As cascatas e a arte final em pedras foram realizadas pela companhia Art Stones, da cidade de Caldas Novas, de Goiás.
> Na área de 7.345 metros quadrados do Morro do Presépio será possível observar um campo de pastores com suas ovelhas, a trilha dos Reis Magos, os anjos do anúncio do nascimento de Jesus, e uma grande estrela suspensa sobre raios de mais de dez metros de altura.
> Todo o ambiente do "Morro do Presépio" é constituído por muitas pedras e uma vegetação que lembra Israel, por muitos ângulos curiosos, escadas e bancos; além do "Poço dos Pescadores" onde se encontra a canoa com os três pescadores, rodeada por estátuas figurando os romeiros atuais.

O conjunto das obras do Morro do Presépio fora edificado com uma infra-estrutura para recepção das pessoas portadoras de necessidades especiais, como os cadeirantes. Rampas de acesso e piso próprios foram utilizados na composição. As pessoas que não podem, entretanto, fazer o percurso de visitação andando ou que tenham algum motivo de doença, gravidez, idosos – que dificulte a locomoção – o SNA, disponibiliza no estacionamento superior cadeiras de rodas que podem ser emprestadas durante o dia de visita.

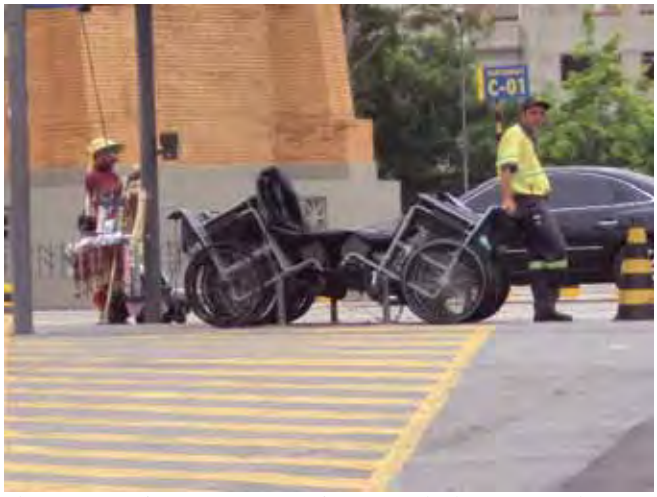


Figura 11 Cadeiras de rodas, no estacionamento superior, para deslocamento de pessoas com deficiência e/ou doentes. Dez. 2010.

O Morro do Cruzeiro tem o objetivo de representar o calvário de Jesus Cristo e sua via Crucis. Em abril de 2000, o local foi reestruturado para atender aos visitantes e sendo solenemente reinaugurado por Dom Aloísio Lorscheider. Conta com as 14 estações da via Sacra, elaboradas em bronze por artista plástico Adélio Sarro. O morro possui 680m de altitude, uma cruz que mede 23m e 25 toneladas de peso (SANTUÁRIO, s.d.).

Por fim, o porto de Itaguaçu é o local aproximado de onde se teria pescado a estátua de Aparecida. Itaguaçu significa “pedra grande” em tupi guarani; hoje o espaço pertence à Arquidiocese. Totalmente reestruturado em 1997, é atualmente ponto de atração de visitantes.


Figura 12 Vista do Porto de Itaguaçu para o SNA. Dez. 2009.

Segue uma breve descrição do espaço construído no porto de Itaguaçu:

> O pórtico de entrada é em forma de arco e o Cruzeiro, símbolo do Cristianismo, mantido, ganhou design moderno. O monumento "Três Pescadores", escultura do renomado artista Chico Santeiro, esculpida em 1970, foi preservado. A singeleza da capela, obtida por inteligente recurso de uma parede de vidro atrás do altar, permite compor um ambiente ecológico-religioso adequado à interiorização e à oração, onde grupos e romarias se reúnem para louvar a Nossa Senhora Aparecida no local onde a imagem emergiu das águas.
> Completam a estrutura de recepção turística: iluminação, sanitários, água potável, local para se acender velas e segurança 24 horas (SANTUÁRIO, s.d., p. 9).



Figura 13 Vista do altar, no fundo, rio Paraíba. Dez. 2009.

Outros dois atrativos ainda compõem o circuito de visitação no SNA. No CAR há um parque de diversões, o Big Center Park, o qual possui 12 atrações. Na asa oeste do CAR, por fim, fica o Aquário, composto de tanques de águas salgada e doce, um tanque que reproduz o milagre do achado da imagem de Nossa Senhora Aparecida, bem como uma piscina com tubarões. Nesse espaço, são realizados projetos de educação ambiental em parceria com escolas da região do vale do rio Paraíba (SANTUÁRIO, s.d.).

Além desses espaços, outro está em fase de início das obras, denominado de a Cidade do Romeiro. Foi pensada como uma infra-estrutura para recepcionar os bispos que se reúnem, desde 2011, em Aparecida, e não mais em Itaici, município de Indaiatuba/SP, onde tradicionalmente eram realizadas as Assembleias Nacionais dos Bispos do Brasil.

A Cidade do Romeiro é fruto da expansão da região. Ano a ano, aumenta significativamente no número de visitantes e peregrinos na cidade. De 2007 a 2010, o

movimento de peregrinos saltou de 8 milhões para mais de 10 milhões[12]. Em entrevista com o próprio diretor do SNA, padre Darci Nicioli[13], desde que a TV Aparecida entrou em operação, o número de romeiros vem crescendo e com ele torna-se necessário oferecer uma infra-estrutura que abrace tais visitantes e turistas. Segundo o projeto, a Cidade do Romeiro contará com hotéis, centro de convenções, capela, com mais de 100 mil m.² será uma área verde, com praças e área comercial (SANTUÁRIO, s.d.).

Outrossim, essa área tem a pretensão de atender uma demanda que deverá ser crescente com os eventos esportivos que ocorrerão, respectivamente, em 2014 (Copa do Mundo de Futebol), bem como 2016 (Olimpíadas da cidade do Rio de Janeiro). Tanto que o projeto de construção do trem de alta velocidade, para ligar as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, contaria com uma parada em Aparecida, justamente pelo potencial de exploração turístico-religioso do município e redondezas. Essa informação, inclusive, foi dada pelo próprio diretor do SNA que, nas vésperas da citada entrevista, havia se reunido com a equipe da construção da linha férrea, para confirmar detalhes da estação que poderá ser edificada no município.

Grandiosidade, aparência, expressão de uma sociedade, são alguns dos elementos que são identificados no espetáculo e que fazem parte do contexto em questão. O SNA emprega, assim como o espetáculo, o tempo a seu favor, utilizando-o de uma maneira que favoreça a manutenção dessa memória.

Além de vivenciar o espaço como algo espetacular, há a grandiosidade que é própria da Basílica Nova: tudo é muito grande, muito alto e espaçoso, fazendo do lugar algo enorme perto da pequenez em dimensões da imagem de 39 cm pescada no rio Paraíba em 1717. Oposição que leva a refletir sobre como é a relação entre a miniatura e o gigantesco. Para Stewart (2007, p. 71):

> Our most fundamental relation to the gigantic is articulated in our relation to landscape, our immediate and lived relation to nature as it "surrounds" us. Our position here is the antithesis of our position in relation to by it, enclosed within its shadow. Whereas we know the miniature as a spatial whole or as temporal parts, we know the gigantic only partially. We move through the landscape; it does not move through us. This relation to the landscape is expressed most often through an abstract projection of the body upon the natural world. Consequently, both the miniature and the gigantic

[12] Esses números foram acompanhados anualmente conforme dados apresentados no portal a12.com ou no extinto portal santuarionacional.com.
[13] Entrevista, sem gravação, feita em 18 dez. 2010, no SNA, Aparecida/SP.

> may be described through metaphors of containment – the miniature as contained, the gigantic as container[14].



Figura 14 Lateral da Basílica Nova e Torre Brasília. Dez. 2010.

O SNA, por fim, compreende essa relação do indivíduo com o gigantesco, com uma arquitetura e uma estrutura pensadas para simbolizarem uma infinitude, uma imensidão que é o receptáculo da estátua de Aparecida. A oposição da pequena imagem com a gigante construção que a circunda caracterizam essa metáfora de conteúdo que Stewart remete na citação. Ela complementa sua análise, citando Guy Debord (apud STEWART, 2007, p. 84):

> The origin of the spectacle is the loss of the unity of the world, and the gigantic expansion of the modern spectacle expresses the totality of this loss: the abstraction of all specific labor and the general abstraction of the entirety of production are perfectly translated in the spectacle, whose *mode of being*

[14] Nossa relação mais fundamental para com o gigantesco é articulada em nossa relação com a paisagem, nossa relação imediata e vivida para com o natural como se ele envolvesse-nos. Nossa posição aqui é a antítese de nossa posição em relação para com ele, fechada sob sua sombra. Ao passo que nós conhecemos a miniatura como um todo espacial ou como partes temporais, nós conhecemos o gigantesco somente parcialmente. Nós nos movemos através da paisagem; ela não se move através de nós. Esta relação para com a paisagem é expressa mais frequentemente através de uma projeção abstrata do corpo sobre o mundo natural. Consequentemente, ambos a miniatura e o gigantesco podem ser descritos através de metáforas de conteúdo – a miniatura como contida, o gigantesco como contêiner (Tradução livre).

> *concrete* is precisely abstraction. In the spectacle, one part of the world *represents itself* before the world and is superior to it. The spectacle is nothing more than the common language of this separation. What ties the spectators together is no more than an irreversible relation at the very center which maintains their isolation. The spectacle reunites the separate, but reunites it as *separate*[15].

O espetáculo, por fim, envolve esse cenário que reflete sobre o todo que compõe o SNA. O gigantesco e a espetacularização do lugar representam o mundo e veem o mundo ali representado. Também merecem destaque nesse sentido os números dos visitantes, a quantidade de pessoas que se aglomeram nesse santuário mariano em dias de festas e finais de semana. Envolvendo a estatueta da Aparecida há um espaço de grandes proporções, ocupado por romarias e festas também imensas, ou seja, as dimensões que caracterizam o SNA são amplas, trazendo à tona a reflexão sobre a vivência em um lugar próprio de uma sociedade do espetáculo.

1.5 As romarias: sua organização e adequação

A primeira edição do livro da professora Zilda Ribeiro (2007) foi publicada em 1998. Naquele ano, a autora mencionava um público de romeiros ao SNA de dois milhões. Conta a autora que os romeiros chegavam de ônibus, carro, trem, motocicleta, independente de classe e condição social, tendo ali, no SNA, marcado presença papas, príncipes e princesas, assim como o mais simples dos cidadãos. Sendo pela primeira vez que visitam, ou mesmo para aqueles que ali já estiveram outras vezes, a professora se refere ao fato de ficarem os visitantes perplexos em face do tamanho do Santuário, bem como ficavam extasiados com a beleza do lugar.

> A fé que traz o romeiro a Aparecida leva-o a comportamentos dignos de pincéis famosos, câmaras e versos imortais. Olhos que buscam, vasculham ou que se fecham para ler as mensagens secretas que trazem na alma. Lábios que balbuciam ave-marias, atropeladas pela pressa das muitas intenções. Mãos que seguram as contas do rosário, a vela, o retrato, as flores, o chapéu. Joelhos que se dobram e se arrastam, em altitude de total despojamento. Pés cansados pela procura de suas certezas. Coração nas mãos em forma de oferenda. Na alma, um profundo senso do sagrado. O chão que pisam, a

[15] A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a gigantesca expansão do espetáculo moderno expressa a totalidade desta perda: a abstração de todo trabalho específico e a abstração geral da totalidade da produção são perfeitamente traduzidos no espetáculo, cujo modo de ser concreto é precisamente abstração. No espetáculo, uma parte do mundo representa ele mesmo o mundo e é superior a ele. O espetáculo é nada mais que uma linguagem comum desta separação. O que liga os espectadores é nada mais que uma relação irreversível sobre o centro a qual mantêm o isolamento deles. O espetáculo reconcilia o separado, mais reconcilia esse em separado (Tradução livre).

> porta que transpõem, as pessoas que aqui residem, tudo tem para eles significado transcendente (RIBEIRO, 2007, p. 86).

O ano de 2010 encerrou a contagem de romeiros no dia 26 de dezembro, atingindo o número recorde de 10.264.354 visitantes. Também em 2010, superou a marca anterior de público em um único dia: 245.023 em 14 de novembro, contra os 231 mil contabilizados em 20 de outubro de 2002[16]. Para o primeiro mês de 2011 a previsão de visitantes girava em torno de 316 mil[17]; 2011 encerrou com um público de 10.885.578 visitantes[18].

Os registros de pessoas que acorriam à Aparecida datam desde o século XIX. Em 1822, o viajante francês Auguste Saint-Hilaire registrou as romarias em seus escritos (AZEVEDO, 2001). Ainda no mesmo período, Von Martius e Spix, viajantes e naturalistas alemães, relataram que "as romarias... significaram a expansão do culto, que rompeu os limites da Província de São Paulo" (AZEVEDO, 2001, p. 94). Até membros da família real brasileira, como a princesa Isabel e seu esposo, o conde d'Eu, peregrinaram à Aparecida em 1868 e ela, novamente, em 1904, quando foi até ao local doar a coroa de ouro para Nossa Senhora Aparecida.

> No dia 8 de dezembro, consagrado a Nossa Senhora, os Príncipes [Isabel e conde d'Eu] madrugariam para, em cavalgada, chegarem às seis horas na Capela de Aparecida. Após a missa, a Princesa ofereceu à Virgem um rico manto com brilhantes e, conta a tradição, fez nesse momento uma promessa pedindo para ser mãe, pois o trono ainda não tinha herdeiros.
> Em 1884, a Princesa Isabel voltou, de trem, para agradecer a graça do nascimento dos filhos D. Pedro e D. Luiz.[...].
> Ainda em agradecimento doou à Santa a coroa de ouro que seria usada pela Virgem Aparecida em sua solene Coroação no ano de 1904... (MAIA, 2007, p. 134).

Desde o final da década de 1960, os números de visitantes do SNA são contabilizados na casa dos milhões. Esses números foram crescendo e variam também dependendo da época

[16] Dados apresentados mensalmente no sítio do SNA. Disponível em http://www.a12.com/noticias/noticia.asp?ntc=santuario_nacional_encerra_o_ano_de_2010_com_movimento_de_mais_de_10_milhoes_de_visitantes .html, acesso em 17 jan. 2011.

[17] Final de semana de 15 e 16 janeiro: expectativa de 120mil; 22 e 23 janeiro: expectativa de 108 mil; 29 e 30 de janeiro: expectativa de 90 mil. Disponível em http://www.a12.com/santuario/servicos/servicos.asp?srv=srv_estimativa_de_movimento.html, acesso em 17 jan 2011.

[18] Conforme consta do sítio eletrônico http://www.a12.com/santuario/servicos/servicos.asp?srv=srv_estimativa_de_movimento.html, acesso em 8 fev. 2012.

do ano. No início das peregrinações, quando ainda a estátua da Aparecida ficava resguardada na Basílica Velha, o número de visitantes era bem menor[19].

Vários fatores, portanto, fizeram o incremento dessas romarias, especialmente o avanço dos meios de transporte, bem como o desenvolvimento da rodovia principal que leva ao município, a rodovia BR 116, conhecida como Dutra.

Tabela 5 Localização de Aparecida e distâncias. Santuário, s.d., p. 16.

Distâncias entre a cidade de Aparecida e outras localidades:
Aparecida – São Paulo: 160 km
Aparecida – Campos do Jordão: 92 km
Aparecida – Cachoeira Paulista (Canção Nova): 50 km
Aparecida – Rio de Janeiro: 250 km

Ao longo desses anos, os meios de transporte foram mudando: de carros-de-boi para automóveis e caminhões, trens, os quais durante décadas foram o principal meio de transporte para chegar até Aparecida. Brustoloni (2004) explica que o trem para Aparecida reinou soberano como meio de transporte até, mais ou menos, a década de 1920. Nesse tempo, ele conta que, nas primeiras décadas do século XX, a Central do Brasil, na capital Rio de Janeiro, fornecia várias opções de horários que passassem ou parassem em Aparecida.

Todavia, já na década de 1930 tanto a Central como o número de vagões se mostravam insuficientes para dar conta da demanda crescente. Em 31 de maio de 1931, ônibus começaram então a entrar em circulação. Quando Nossa Senhora Aparecida foi proclamada padroeira do Brasil, um dos ônibus a deslocou até o Rio de Janeiro.

Ainda nos anos de 1920, os primeiros automóveis começaram a rodar. A primeira romaria de automóveis ao SNA foi mencionada pelo padre Brustoloni. Segundo o religioso, esta se deu em 20 de novembro de 1923, vinda de Jundiaí/SP.

> Após a inauguração, em 1927, da Estrada de Rodagem Washington Luís, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, e as cidades do Vale entre si. É daquele ano, a formação da primeira companhia de auto-ônibus com a linha regular entre Taubaté e Aparecida, chamada Empresa de Auto-ônibus de Nossa Senhora Aparecida.[...].

[19] No ano de 1968 o número de visitantes foi de 903.050; em 1969, o número subiu para 1.009.995. Em 1979 foram 3.041.000 visitantes; em 1989, 4.875.100; em 1997, 6.201.000 (BRUSTOLONI, 2004, P. 377-378). Em 2009, o total chegou a 9.554.485 em o ano de 2010 fechou com um total superior a 10 milhões (SANTUÁRIO, s.d.).

> Um ano depois, em novembro de 1935, nascia a Empresa de Ônibus Pássaro Marrom, que ainda hoje é a líder no transporte de peregrinos para Aparecida (BRUSTOLONI, 2004, p. 90).

Hoje há outra grande empresa de viação, a Cometa, que concorre com a Pássaro Marrom no trajeto São Paulo-Aparecida. Atualmente o SNA tem vagas para 2 mil ônibus e 3 mil carros[20]. Mas muitos desses são de outras regiões e estados brasileiros e pertencem a outras empresas de viação que não as mencionadas acima, as quais são lembradas principalmente por ligarem Aparecida à capital paulista.

Como vimos Brustoloni (2004) menciona as grandes romarias que ocorreram na virada do século XIX para o século XX. De acordo com o autor, foi a partir desse período que se começou a programação de romarias, ou seja, as pessoas comunicavam anteriormente suas visitas ao SNA. Ainda hoje as pessoas avisam antecipadamente a chegada de uma romaria e há um setor no Santuário responsável somente pela recepção de romeiros, atendendo inclusive aos motoristas que conduzem, às vezes por dias seguidos, os ônibus que trazem esses peregrinos.

Em 1900, o Papa Leão XIII proclamou o ano da redenção, celebrando o Jubileu da Redenção. Este fato motivou o episcopado brasileiro a incentivar peregrinações para locais santos e santuários no país. Houve uma grande romaria vinda de São Paulo, "a 8 de setembro de 1900, com cerca de 1.500 peregrinos" (BRUSTOLONI, 2004, p. 300). Outra romaria registrada pelo autor é a que veio da capital brasileira na época, o Rio de Janeiro.

> ...um missionário revestido de roquete e estola recebia as romarias na estação local, ou então em frente à igreja de São Benedito, acompanhando-os até o Santuário e animando-os com ânticos e preces. Após a recepção, anunciavam-se os horários de missas e confissões, refeições, descanso e bênção dos devocionários. Antes da partida havia reza com bênção do Santíssimo, precedida de procissão ao redor da igreja e da praça. Os padres alemães foram incansáveis em promover esses atos. [...].
> A grande romaria da capital paulista retornaria ao Santuário em 1904, para a festa da Coroação da Imagem, e, sem interrupção, continuaria até o ano de 1950, quando cessaram por diversas razões. O dia 8 de setembro, festa do Patrocínio de Maria, foi sempre o grande dia das romarias ao Santuário. Esse teria sido o dia mais indicado para se fazer a festa da Padroeira e não em outubro, festa que já era tradicional desde a solenidade da coroação em 1904 (BRUSTOLONI, 2004, p. 302-303).

Houve, portanto, uma alteração no período das grandes romarias ao longo do século XX, de 8 de setembro, dia do Patrocínio, para o 12 de outubro, dia da padroeira nacional. Isso

[20] Disponível em http://www.a12.com/santuario/servicos/servicos.asp?srv=srv_estacionamento.html, acesso em 20 jan. 2011.

alterou o calendário das romarias, que atualmente se concentram fortemente nos meses de outubro, bem com em maio, mês de Maria para o calendário católico.

Maia (2007, p. 133) traz uma descrição de romarias que saíam da região do vale do rio Paraíba, especialmente de Guaratinguetá, no início do século XX:

> A família de Nhô João Jerônimo visitava, pelo menos duas vezes ao ano, a Capela de Nossa Senhora Aparecida. Esta romaria era aguardada como uma festa. As mulheres e crianças iam de *trolley* alugado, os homens a cavalo, transportes depois substituídos no século vinte pelos bondes, hoje desativados. Naquele tempo, a saída era – escreve Hercília Rangel de Camargo:
>
> > -*"com o raiar do sol, pois a missa era às 7 horas. O bom mesmo, para as crianças, era a merenda: frango assado com farofa, coxinhas de frango, envolvidas em papel de seda repicado, bolo em fatias, balas caseiras. O refresco ia em garrafas, tudo dentro de uma grande cesta, coberta com toalha xadrez"*.
>
> Era saboreado no pátio, à frente da Capela, em redor da toalha. Depois, o tentador passeio pelo comércio que já começava a se desenvolver. Como lembranças, medalhas e novidades, sempre coisas muito simples, mas inesquecíveis para as crianças. Inesquecível, entretanto, foi a grande festa da Coroação de Nossa Senhora, em 1904, quando Guaratinguetá inteira se fez presente no então bairro da Capela.

A autora traz um relato, reproduzido por Hercília Rangel de Camargo, mulher de origem nobre e de posses em Guaratinguetá. Hercília, bem como a própria autora do livro, Thereza Maia, são descendentes de irmãos e irmãs do primeiro santo brasileiro, frei Galvão[21]. Muitas vezes, as histórias de frei Galvão se cruzaram com as histórias da Aparecida, até porque Aparecida e Guaratinguetá são localidades muito próximas. Como já mencionado, até 1904, Aparecida ainda era um bairro de Guaratinguetá.

Atualmente, as romarias ocorrem diariamente e são acompanhadas por um grupo de pessoas que as recepcionam desde a chegada. Há uma secretaria de pastoral específica para receber os coordenadores e dar-lhes as dicas e orientações devidas. Alguns dos serviços que a secretaria promove são: cadastramento do coordenador e registro da romaria; anúncio da romaria, durante a missa; agendamento de romarias tradicionais; marcação de missas comunitárias; emissão de certificado do caminho da fé (para registrar as romarias que vão, a pé, até o SNA); recebimento de doações e agendamento de casamentos e outros eventos[22].

[21] Antonio Galvão de França (1739-1822) foi canonizado em 11 de maio de 2007, pelo papa Bento XVI, em evento no campo de Marte, na capital paulista.

[22] Informações sobre as romarias e como os coordenadores das mesmas devem proceder ficam disponibilizadas no sítio http://www.a12.com/santuario/pastoral/coordenadores_info.asp, acessado em 20 jan. 2011.

As romarias também possuem suas peculiaridades: as pessoas fazem camisetas, identificando seus grupos. É comum encontrar romeiros com as mesmas camisetas: nelas, geralmente, são identificados o local de origem ou uma paróquia a qual pertençam.

Tais viagens podem ser feitas de diversas formas: a grande maioria é composta de grupos que vêm à Aparecida de ônibus, fretados ou não. No entanto, há grupos que se organizam para fazer o trajeto, todo ou em parte, a pé, bem como há alguns grupos, ao longo do ano, que visitam o Santuário a cavalo (as chamadas cavalgadas), de motocicletas, romarias de caminhoneiros. Entretanto, há que se lembrar que as mais corriqueiras são as romarias organizadas por cidades e paróquias, vindas de veículos (ônibus e automóveis).

Também dependendo da celebração católica pode aumentar o número de romarias específicas: por exemplo, próximo da festa de são Cristóvão, no mês de julho, aumenta o número de romeiros que vêm de caminhões e automóveis, pois o santo em questão é reconhecido pelo culto católico como protetor dos condutores e motoristas. Algumas datas comemorativas do calendário católico são consideradas pela direção do SNA, pois é sabido que o movimento de romarias tende a se intensificar, devido à motivação dada por uma festa católica (celebrações de Nossa Senhora, celebrações de santos populares são algumas datas que intensificam o fluxo de romarias e visitantes).

No dia 15 de dezembro de 2010 houve uma romaria de Ramelândia/PR: os romeiros vestiam camisetas que identificam o grupo. Nesse dia, entrevistei alguns desses romeiros, que me relataram as graças que vieram agradecer/pedir à santa. Alguns desses trechos são reproduzidos a seguir e nos mostra outro viés da devoção e do fervor dos romeiros, o lado subjetivo e pessoal:

Mulher, Ramelândia/PR, 69 anos.

Pra Nossa Senhora Aparecida abençoar meu genro, que ele tem um sítio lá, e trabalham demais, ele e a família, tão quase se matando de tanto trabalhar, mas tão vencendo a batalha na graça de Deus, né...

B: Esse é o genro da senhora?

É, ele e a família dele, e aí tá meu neto, que fez a primeira comunhão, ó o padre aí.

Homem, Ramelândia/PR, 68 anos

A fé de uma filha, e uma nora e um neto e uma neta minha que sofreram um "pobrema" sério, sabe, e a ajuda de Deus, conseguiram melhorar, e mandaram essas orações pra mim entregar aqui, né.

B.: Nossa, isso tudo é oração?

É...fizeram 1000.

B.: 1000?

É...e mandaram entregar, eu vou entregar, é lá de perto de Foz do Iguaçu, dá 18 horas de ônibus.

O menino tinha leucemia...e a menina tinha ...comprida, e não se alimentava, e oração, e ajuda do padre, e hoje tá uma mocinha...Ela pediu pra levar, eu levo de bom gosto, né?[23]



Figura 15 Homem de Ramelândia/PR, que trouxe as 1000 orações escritas. Dez. 2010.

Mulher, Ramelândia/PR, 67 anos.

Era minha vontade construir uma casa, minha mesmo própria, e não tinha como...e aí eu ganhei, foi Nossa Senhora que me deu. Aí eu tinha vontade de vim aqui na Aparecida e não tinha como, aí eu tinha ganhado dinheiro pra "mor" de vim, aí, a gente ia mudar, meu marido pegou e comprou a casa com o dinheiro da Aparecida, aí eu fiquei nervosa...Ele disse, "não Maria, tu ganha outra", quando foi com 15 dias eu ganhei outra passagem, e ele pegou e vendeu minha casa. Aí eu falei, se Nossa Senhora me desse outra casa, eu trazia uma casinha pra Nossa Senhora, risos...



Figura 16 Mulher de Ramelândia, com a casinha prometida à N. Sra. Aparecida. Dez. 2010.

As romarias são planejadas antes de seu início: são preparadas pelos organizadores, seja pelos adereços que trazem consigo, como camisetas e bandeiras, ou pelos suportes que necessitam, como foi o caso dos peregrinos acima citados. Foi necessário pensar em pouso, alimentação, quem carregasse as bagagens. Participar de uma romaria, especialmente como essa, feita a pé, implica em preparativos, em planejamento. O objetivo delas é o mesmo:

[23] Entrevistas realizadas no dia 15 de dezembro de 2010. Sala das promessas, SNA.

chegar à Aparecida. Mas para que lá cheguem, os romeiros enfrentam romarias, de todos os jeitos possíveis, e nela reconhecem uma superação, um exercício de fé e de dedicação a Nossa Senhora Aparecida.

1.6 Turismo e religião: o circuito do vale do rio Paraíba

São centenas de peregrinações e romarias ao SNA, ano a ano; porém, muitas delas visitam não apenas a Basílica Nova e o município de Aparecida, mas a região que circunda tal cidade e que é conhecida como um circuito turístico religioso, pois muito próximas estão duas outras cidades ligadas ao Catolicismo: Guaratinguetá/SP, onde nasceu o primeiro santo brasileiro reconhecido pelo Vaticano, frei Galvão, e Cachoeira Paulista/SP, município que abriga uma emissora de televisão e uma comunidade religiosa, a Canção Nova.

A ideia de um circuito turístico na região já vem sendo estudado e realçado desde, ao menos, 2007. Na tese que versa sobre o processo histórico de canonização de frei Galvão, Souza (2009) sublinha esse dado em sua pesquisa, demonstrando como o circuito religioso é representativo hoje para essas cidades e suas economias, por exemplo[24]. Tal informação foi mencionada em revista publicada na região, pelas três secretarias de turismo municipais. Em parceria com o SEBRAE, bem como com o governo estadual e federal, houve incentivo financeiro e investimento para promover o turismo local. Em entrevista com dom Raymundo Damasceno Assis, arcebispo de Aparecida, esse comentou que:

> A arquidiocese teve a iniciativa de animar e estimular este roteiro turístico religioso, porque o romeiro vem a Aparecida, onde atrai o maior número de pessoas. Também vão à Canção Nova que ficou conhecida pela rádio e televisão no Brasil todo. Agora, surgiu um novo fato, a canonização de Frei Galvão. [...]. Com essas possibilidades o turista tende a ficar mais aqui em nossa região. Essa iniciativa partiu de uma parceria da arquidiocese com o SEBRAE e com o Santuário e, hoje tem envolvimento das Prefeituras, somando tudo isso nesse circuito que está se consolidando. (CIDADES DA FÉ, 2007, p. 22).

[24] Em fevereiro de 2008, quando realizei a segunda visita a Guaratinguetá, visitei também Cachoeira Paulista, município que abriga a comunidade Canção Nova, [...]. Na visita, foi possível conversar com funcionários da administração do projeto. Em conversa informal – uma vez que dependeria de autorização para dar entrevista –, um funcionário do departamento de marketing e publicidade comentou que o circuito religioso não era uma mera sugestão; ia além: era um pólo de interesse para investimentos tanto para o governo estadual quanto para o federal. Mencionou a visita da então ministra do turismo, Marta Suplicy, à região.
A ideia, segundo ele, era implementar melhor estrutura, placas indicativas na rodovia Dutra, a fim de fomentar o turismo naquela região. Muito provavelmente, como o funcionário salientou, isso se deve também pelo evento da visita de Bento XVI ao Vale, pois, só em 2007, a Basílica de Aparecida recebeu um público superior a oito milhões de peregrinos (SOUZA, 2009, p.266).

A Comunidade Canção Nova, de Cachoeira Paulista/SP, é compreendida pela Fundação João Paulo II. Essa fundação contém emissora de televisão, rádio, internet, produtos de evangelização, eventos, educação e projetos de saúde, atendimento social. Como ramos secundários, mantêm ainda uma gráfica, estúdio de gravação, editora, padaria e atividades agrícolas e pecuárias, contando com o trabalho de mais de 2000 colaboradores diretos (FUNDAÇÃO JOÃO PAULO II, s.d.).

Ainda nos anos de 1970, surgiu a Associação Canção Nova, com o padre Jonas Abib. Desde então, o padre esteve à frente dessa proposta católica, cujo intuito era a evangelização, fortemente embasada no Movimento da Renovação Carismática, dentro da Igreja Católica (ABIB, 2006). No sítio eletrônico da Canção Nova (2008), consta que desde 1976, com Dom Afonso de Miranda, surgiram as bases evangelizadores da Canção Nova. Padre Jonas Abib, então com 37 anos, recebeu a tarefa de dar início a essa empreitada. A proposta, em suma, versava sobre levar a Boa Nova para milhões de pessoas, por meio dos meios de comunicação. Nos anos de 1976 e 1977, o padre Jonas oferecera encontros denominados "catecumenatos", isto é, cursos de catequese para jovens. No entanto, como outras pessoas, vendo o caráter da evangelização, se sentiram também motivados a participar.

> Dessa forma, acontecia ao pé da letra o que dizia o documento apresentado por Dom Antônio Afonso de Miranda ao padre Jonas: "(…) Tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentaram a necessidade de a Ele se entregar" (EN, n. 44).
> Passado um tempo, padre Jonas sentiu a necessidade de lançar um desafio à juventude: iniciar um "Catecumenato" interno, no qual os jovens deixariam a família, a casa e os estudos para se entregarem ao Espírito Santo. Os jovens de Queluz foram os primeiros a ser chamados e doze deles aceitaram a missão. No dia 2 de fevereiro de 1978, dava-se inicio à Comunidade Canção Nova com o seu primeiro compromisso[25].

Sendo assim, desde o princípio a missão da Canção Nova previa a formação de um sistema de comunicação para a evangelização, bem como a formação da comunidade, para a qual as pessoas, abrindo mão de suas vidas, bem como de tudo que possuíam, passavam a viver no interior de uma comunidade, localizada espacialmente no município de Cachoeira Paulista.

A chácara de Santa Cruz foi adquirida em 1979 e regularizada em 1987 e conta com uma área de 372mil m², na qual se localiza o centro de evangelização Dom João Hipólito de

[25] Disponível em http://comunidade.cancaonova.com/como-nascemos/, acesso em 31 jan. 2011.

Moraes (para 70 mil pessoas); o Rincão do Meu Senhor (para 4 mil pessoas); e o Auditório São Paulo (para 700 pessoas). Além disso, o espaço abriga capelas, posto médico, escola, restaurante, padaria, postos bancários, lojas de artigos religiosos, pousada, área de camping e, no entorno, prédios administrativos e obras sociais. Anualmente, costuma promover 18 acampamentos e recebe um público de, em média, 550 mil pessoas[26].

Merece ressaltar ainda o papel que a Canção Nova ocupa atualmente nos meios de comunicação. É uma emissora de televisão com programação própria, cuja veiculação tem duração de 24 horas por dia. Para além da emissora, há revista, rádios AM e FM, portal, Web TV, e telefonia móvel. Comercializa livros (mais de 1270 títulos), CD e DVD (445 títulos).



Figura 17 Prédio administrativo da Fundação João Paulo II, Canção Nova. Fev. 2008.

Outro importante veículo de comunicação é a Rádio Canção Nova, que está no ar desde 1980. Abrangendo boa parte do território nacional, ela também pode ser captada em outros países latino-americanos, como Paraguai, México, Honduras, El Salvador, Guatemala e Nicarágua.

A emissora de televisão entrou no ar em 1989 e, atualmente, alcança uma audiência de 55 milhões de espectadores. No Brasil o sinal da emissora é retransmitido por 86 operadores de TVs a cabo. Já no exterior, a retransmissão é via satélite para América Latina, Estados Unidos, Europa, incluindo parte do Oriente Médio, Norte da África e Canadá. Os fieis

[26] Disponível em http://comunidade.cancaonova.com/nossa-sede/, acesso em 31 jan. 2011.

também podem acompanhar a programação pelo portal eletrônico (CANÇÃO NOVA, 2008)[27].



Figura 18 Rádio Canção Nova e, ao fundo, DAVI - Depto de Audiovisual. Fev. 2008.

Em Guaratinguetá fica a casa de frei Galvão: é a residência onde em 1739 nasceu o primeiro santo brasileiro canonizado pelo Vaticano. Após um longo processo de beatificação, que ainda remonta ao século XIX, a irmã Célia Cadorin, habilidosa e experiente postuladora de causas de santos e beatos, conseguiu fazer desse homem um beato (a beatificação se deu em 25/10/1998) e, em 2007, santo, após já ter feito santa, antes, a madre Paulina, fundadora da ordem à qual a postuladora Célia pertence (SOUZA, 2009).

A casa é modesta, de dois pisos, sendo que somente o térreo é aberto à visitação. A proprietária, dona Thereza Maia, é descendente de irmãos de frei Galvão, que há pelo menos duas décadas organiza a casa e o fluxo de visitação ao local. Não há estrutura, sequer espaço para o recebimento de centenas de milhares de pessoas como os outros dois locais. Aos poucos, desde a década de 1980, Thereza Maia reconstruiu a casa em estilo colonial do século XVIII, redecorou, contratou funcionários, preparou uma estrutura ao redor para melhor receber os visitantes.

[27] Disponível em http://comunidade.cancaonova.com/meios-de-comunicacao/, acesso em 31 jan. 2011.

> A casa é um espaço totalmente erigido e pensado para receber os devotos do frei. Foi pensado por dona Thereza e sua família para ser um local que expusesse brevemente a história do frei. Para a pessoa que cuida da casa, essa faz parte da sua história; mas para a História, há que se ter em mente que quando alguém reorganiza essa casa, lança mão de estratégias para criar a ideia de que, visitando a mesma, as pessoas se sentirão em contato com o frei ou com seu modo de viver naquele espaço. O que se cria, por conseguinte, é uma ilusão da realidade e essa alimenta um imaginário sobre a vida do frei que a casa e os objetos não são capazes de reproduzir na íntegra (SOUZA, 2009, p. 240).

Ilusão e imaginário que não se limitam à cidade de Guaratinguetá. Frei Galvão foi o construtor do mosteiro da Luz, em São Paulo no século XIX, local onde jazem seus restos mortais. São dois, portanto, os locais de visitação ligados à memória de frei Galvão; todavia cada um desses locais mantém uma relação peculiar com o santo: em Guaratinguetá, ele é um santo doméstico, particular, quase que uma devoção familiar, pois o espaço e tudo que a ele se liga, bem como boa parte das narrativas que são recontadas no local, são articuladas e reproduzidas por dona Thereza e sua família, enquanto que no mosteiro da Luz se enaltece mais o lado religioso e construtor do frei de Guaratinguetá.



Figura 19 Casa de frei Galvão em Guaratinguetá. Set. 2007.

A casa funciona em parte como museu: ali estão expostos relíquias do santo, objetos por ele utilizados, bem como paramentos usados pelos papa que o beatificaram e canonizaram. Em um espaço muito pequeno, as pessoas rapidamente tomam contato com a memória historicizada do santo de devoção. Assim como em Aparecida, contudo, Guaratinguetá vê a casa de frei Galvão, aos poucos, se tornar lugar de romarias, assemelhando-se a um santuário dedicado a Antonio Galvão de França. Já há uma sala das promessas, lojas, pequenos comércios ao redor, uma estrutura muito semelhante a do SNA,

porém em proporções reduzidas, vêm sendo criada e mantida especialmente por dona Thereza.



Figura 20 Detalhe da estátua de frei Galvão, que traz suas relíquias de osso e tecido das vestes. Set. 2007.

Também merece destaque o fato de a casa se prestar a ser um monumento à figura do frei guaratinguetense. “Ao assumir a incumbência de cuidar e reedificar a casa, dona Thereza o fez porque essa era uma forma também de não deixar morrer a figura do tio santo, nem para ela e sua família” (SOUZA, 2009, P. 244).

Jacques Le Goff (1996) diz que o monumento tem como característica a intencionalidade de perpetuar uma lembrança de um fato, de um acontecimento. E que a produção de um monumento envolve relações de poder, porque envolve disputa sobre qual versão do passado é perpetuada e preservada. Quando o autor faz essa colocação, refere-se ao fato de que falar de monumentos implica em falar de memórias em disputa. Ou seja, quando as pessoas projetam suas memórias, elas o fazem pelo apagamento de outras memórias e versões da história.

A casa, enfim, assume vários papéis: de monumento e de documento (assim como são esses termos analisados por Le Goff [1996]), de museu[28] e de patrimônio (patrimônio especialmente detalhado por Françoise Choay [2001] na tese de Souza [2009]) e, dentro de cada uma dessas perspectivas, é possível apreender a multiplicidade de significados que se desdobram quando esses locais históricos e de memória são estudados com maior profundidade. Trata-se de uma propriedade particular; diversamente dos outros dois pontos de visitação valeparaibanos, sua peculiaridade reside justamente no fato de ser um espaço sagrado e de exercício também de uma religiosidade doméstica, como explica Luiz Mott (2007): vê-se uma apropriação do santo frei Galvão como alguém que não é só um santo para o Catolicismo brasileiro, mas é um membro da família Galvão de França. Dona Thereza Maia, em entrevistas[29] à imprensa trata o frei por tio, tio santo. Assim como ela, seu esposo - também descendente do santo e seus filhos - o tratam por tio. A denominação *tio* atribuída ao frei, faz deles ainda mais próximos, íntimos da figura ali devocionada.

Finalmente, tem-se que a região na qual se localiza o SNA é rica em possibilidades de visitação para o turista/romeiro católico. Além disso, tem-se que a região é famosa pela proximidade ao litoral, não distando muito desse, pelas fazendas coloniais que se distribuem pelo vale, bem como pelos atrativos turístico-ecológicos, originários das serras do Mar e da Mantiqueira que ajudam a compor o cenário regional (MAIA, 2005).

Outrossim, com o advento do mundo moderno houve o consumo de massas, observado especialmente a partir do século XIX. Isto não isentou o turismo de ser apreendido e tratado como indústria, cujo produto de venda é a viagem e o lugar turístico. Iniciado no século XIX, na França, o turismo apropria-se de todo espaço e território que é possível de exploração com foco para o lazer, recreação, descanso, recolhimento. Por esse prisma, uma praia, um hotel-fazenda, uma antiga indústria, inclusive, podem se tornar atrativos turísticos. Intencionalmente, um local de trabalho, desgastado pelo tempo e pela fuligem de suas máquinas, torna-se depois de acumulado o tempo e as trajetórias de vida e narrativas ali vivenciadas, um espaço de lazer e de visitação. A fábrica pode ser feia, mas é como se tivesse por trás de suas paredes, toda uma carga histórica e de memória que faz dela um documento-monumento perante uma sociedade (URRY, 1996).

[28] Vários autores são utilizados na tese de Souza (2009) para refletir sobre museu: Pearce (1993, 1998, 2005(a) e (b); Meneses (1994, 1998); Suano (1986), dentre outros.
[29] Várias delas reproduzidas por Souza (2009).

Isso não é diferente do que acontece com o Santuário Nacional de Aparecida e com as duas outras cidades do circuito religioso do vale do rio Paraíba. Conforme entende Emerson Silveira (2004), o fenômeno conhecido como turismo religioso é recente e assim denominado por turismólogos desde os anos de 1960. Implicaria em um tipo de turismo no qual o sagrado migraria, como estrutura de percepção para o cotidiano, isto é, para atividades festivas, para o consumo, lazer, enfim, ele deixa de ser limitado à contemplação para ser adotado como mercadoria de consumo pela indústria turística.

O circuito religioso católico vale-paraibano é um espaço de comércio turístico e, como tal, acaba por abranger outras estruturas que vão além do espaço sagrado. Compreende rede hoteleira, restaurantes, transportes, comércio, toda uma gama de empresas e instituições que contribuem para a formação e manutenção desses espaços de visitação. Não é o foco desse trabalho, contudo, discutir o caráter turístico e mercadológico que abrange o circuito em questão. Entretanto, é mister mencionar essa característica, pois isso revela que o SNA não pode ser percebido fora do contexto no qual está inserido geográfica e economicamente. O espaço é parte de um todo maior, que promove circulação de turistas e de riquezas na região. Esse território religioso é geograficamente marcado, congrega uma crença religiosa é um espaço no qual a comunidade católica, em especial, tem mais do que uma vivência de fé, mas uma oportunidade de vivenciar sua fé em um espaço tido como sagrado, bem como aproveitar desse tempo para exercitar seu lazer.

CAPÍTULO 2 – OS CUIDADOS DA DEVOÇÃO E A ORDEM REDENTORISTA NO SNA

Esse capítulo trará na sequência uma reflexão sobre a sala das promessas. Esse espaço fica no subsolo da planta da Basílica Nova. Não consta no sítio A12.com as dimensões da sala. Todavia, ele é grande, bem espaçada e totalmente decorada por ex-votos. Sua entrada principal tem um primeiro segmento, no qual se veem prioritariamente os uniformes e roupas de trabalho, objetos de cera, bandeiras, fitas, brinquedos. Mais à direita, as cruzes e então já se vê o amplo átrio principal.

Nesse átrio, as colunas de sustentação da sala são todas envoltas por gôndolas. Elas trazem ex-votos coletados ao longo dos anos e organizados por temáticas: instrumentos musicais e de trabalho, porcelanas e peças de família, objetos que remetem a grupos de imigrantes para o Brasil. O átrio é bastante espaçado, mas atualmente tem sido pequeno para o número de visitantes, especialmente aos finais de semana. Recoberta por fotografias, o teto é todo configurado com as fotografias deixadas na sala, organizadas por temas: crianças, carros, cachorros, famílias, mulheres, casas, etc, tentando seguir um mesmo ponto em comum para organizá-las.



Figura 21 Vista da entrada da sala das promessas. Fotógrafo: Guilherme Gomes.

Também as paredes possuem fotografias, bem como instrumentos musicais, obras de arte e peças de artesanato feitas por devotos. A sala é bem iluminada, seu piso é de granito e

seu ponto central é o balcão de recebimento dos ex-votos. O balcão tem, mais ou menos, 5 metros de comprimento. Os funcionários atendem das 8h às 16h45m, todos os dias. Recebem os objetos votivos, os colocam em duas pequenas estantes que ficam nas laterais e em prateleiras localizadas atrás do balcão. Duas portas dividem esse espaço de outra pequena sala, não vista pelo público, que fica atrás do balcão. Retirados desse espaço visível, os ex-votos são levados para uma parte reservada, onde acontece a seleção. Caixas grandes abrigam os objetos e serão redirecionadas conforme o tipo de objeto que contêm.

Retornando à sala, seguindo para outra saída, ela tem réplicas de cenas referentes á Nossa Senhora Aparecida: uma reconstituição da pesca de 1717, com pinturas nas paredes e com um barco com bonecos, imitando os pescadores. Geralmente, as pessoas fotografam e se deixam fotografar próximas dessa representação.



Figura 22 Saída da sala das promessas. Fotógrafo: Guilherme Gomes.

Feita a descrição, compreende-se que a sala das promessas implica em um espaço produtor de informação. Bernd Frohmann (2004) nos auxilia na compreensão de um esvaziamento da ideia de informação: muitas vezes o que se tem é uma preocupação muito mais conceitual e se esquece de que há um contexto de produção da informação e esse, juntamente com a cultura, fazem a informação ser o que é.

Para tal análise, no entanto, o autor reflete acerca do campo científico, explicando que práticas científicas são uma gama de elementos necessários para a produção de estabilidade nos resultados do laboratório experimental, os quais são incorporados e interligados com diferentes regras, interesses, atores, instituições. Cultura científica é composta por pedaços e peças, ou de micropráticas científicas, ou do vigor de associações que incluem macro-estruturas sociais. Busca compreender como tais discursos científicos são construídos e que, melhor que interpretar e intervir no mundo, tais discursos se preocupam em organizá-lo e representá-lo. Isso se dá especialmente por meio da escrita científica.

Há o que Frohmann (2004) denomina ser uma narratividade de práticas científicas. Essa precisa de palavras e vocabulário próprio, ou seja, o conhecimento científico precisa ser reduzido a uma palavra que o dê significância. Além disso, a coerência do trabalho científico se dá pelo paradigma, ou seja, os resultados são relevantes e estabelecem conexões com outros através de relações lógicas para com a teoria. Precisa-se também de normas e valores que conduzam o trabalho científico.

A estabilidade é um fim para a ciência, para além da necessidade da busca da verdade. Essa, inclusive, torna-se desnecessária ao passo que o fim da ciência não é dar respostas cabais de problemas ontológicos, mas sim definir momentaneamente as práticas que direcionam e balizam um exercício científico. Como explica Lídia Freitas (2009), Frohmann destaca o papel dos documentalistas, quando reconhece neles a função de estabilizadores.

O exercício de busca da informação em documentos gerados de narrativas científicas, é a busca de compreender uma classificação do mundo, não o próprio mundo. Ler um artigo científico não é compreender totalmente os resultados de um experimento em laboratório, mas sim é uma maneira de apreender como tal experimento foi observado e quais resultados são ali expostos e desenvolvidos.

Tendo feita essa introdução ao autor, pode-se complementar a reflexão utilizando a análise de Michael Buckland (1991; 1997). O documento como coisa estabiliza essa informação, tornando-a acessível e parte de uma narrativa discursiva.

O que se pretende com esse exercício reflexivo é compreender, primordialmente, a sala das promessas como sendo esse espaço produtor de informação, apesar de não o ser em seu formato: não é arquivo nem museu e nem biblioteca, mas produz e classifica, organiza. Os documentos nela inseridos servirão para promover um entendimento desse espaço como sendo um contexto de fundamental importância para a reflexão sobre o ex-voto. Será pelo

espaço, pelo contexto da produção da narrativa discursiva, que o documento se caracterizará no interior dessa sala. Quem define o que será ex-voto é o doador; quem define o caráter documental do mesmo é a sala das promessas.

2.1 A sala das promessas vista pelos organizadores

Como mencionado anteriormente[30], os padres redendoristas chegaram à região do vale do rio Paraíba no final do século XIX. A congregação redentorista, no entanto, foi criada por santo Afonso de Ligório, no século XVIII, em Nápoles (Itália).

Conta a tradição católica que santo Afonso de Ligório nascera em 1696, em Nápoles, descendente de uma rica família. Tornou-se pregador e missionário ainda jovem e, em 1732, deu início à Congregação do Santíssimo Redentor (C.Ss.R). Anos depois, vai ao papa pedir aprovação de sua congregação, a qual obteve. Atualmente, a ordem dos redendoristas conta com mais de seis mil redentoristas no mundo todo[31].

No Brasil, conforme esclarece o portal A12.com, os redentoristas já celebraram o primeiro centenário de suas missões no país. O primeiro grupo veio da Holanda e se fixou primeiramente em Juiz de Fora/MG, no ano de 1894. Outro grupo, vindo da Alemanha, Baviera, fixara-se em Aparecida, em 28 de outubro do mesmo ano. Outros grupos vieram, dos Estados Unidos e, já no século XX, se fixaram nos estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, Amazonas. Irlandeses vieram para Tocantins e Ceará, belgas para Sergipe, canadenses e poloneses para a Bahia[32]. Atualmente, há em torno de quinhentos homens, padres, diáconos e leigos, ligados à ordem no Brasil.

Conforme esclarece Donell Kirchner C.Ss.R.[33],

> O redentorista é aquele que é chamado a contemplar e a ser capturado pelo grande ato de amor de Cristo na cruz, para seguir o Redentor, que serve como nosso modelo, o qual nos obriga a sair em busca de todos os pecadores e pessoas sem os efeitos da redenção em abundância. Assim deve ser nossas vidas como missionários.

No trecho acima citado, o padre Kirchner interpreta qual é a missão do redentorista atualmente. Para isso, discerne o que é entendido como o mistério de Cristo e a missão de

[30] No item 1.2 do capítulo 1, parte 1.

[31] Mais detalhes podem ser encontrados no portal A12.com. Disponível em http://www.a12.com/redentoristas/conheca/a_proposta_de_santo_afonso.asp, acesso em 5 jan. 2012.

[32] Disponível em http://www.a12.com/redentoristas/conheca/missionarios_redentoristas_no_brasil.asp, acesso em 12 jan. 2012.

[33] Artigo escrito pelo padre Donell Kirchner C.Ss. R e que se encontra disponível em http://www.a12.com/redentoristas/conheca/algumas_reflexoes_sobre_o_que_significa_ser_redentorista_hoje.asp , acesso em 5 jan. 2012.

Cristo. Para o padre a missão do redentorista é servir à missão Cristiana, entendimento que o padre coloca como sendo minoritário na interpretação da base teológica da ordem. E prosseguindo, ele menciona trabalhos de outro padre redendorista, S. Raponi C.Ss.R, do qual retira o entendimento do que seja a missão: o trabalho missionário é a raiz profunda que sustenta a vida missionária do redendorista, missão de evangelizar os pobres: "Para ser um bom e fiel redentorista, deve-se ser um místico ativo, um contemplativo em ação, um apóstolo fervoroso, um asceta dinâmico, que está no mundo mais não é dele"[34], conclui o religioso.

As constituições e estatutos que definem as atividades, a missão e as diretrizes dos redendoristas estão compilados em um documento disponibilizado no portal A12.com, no item relativo à ordem dos redentoristas[35]. Documento com mais de quatrocentas páginas, traz as diretrizes sobre a obra missionária dos redendoristas. Inicialmente, resume a missão em cinco capítulos, os quais:

> Levados pelo espírito apostólico, imbuídos do zelo do Fundador, fiéis à tradição cultivada pelos predecessores e atentos aos sinais dos tempos, todos os Redentoristas, como colaboradores, companheiros e ministros de Jesus Cristo na grande obra da Redenção,
> — enviados para anunciar aos pobres a Palavra da salvação (Capítulo I),
> — constituem uma comunidade apostólica (Capítulo II),
> — consagrada de modo especial ao Senhor (Capítulo III),
> — com a devida formação (Capítulo IV),
> — e alicerçada em convenientes formas de governo (Capítulo V) (CONGREGATIO, 2004, p. 2).

No artigo 32 de Congregatio (2004, p. 12), explica o papel e a relação do redendorista com outra pessoa importante no Catolicismo, Maria.

> **32.** Tomem a Bem-aventurada Virgem como modelo e ajuda, Ela que, caminhando na fé e abraçando de todo o coração a vontade salvífica de Deus, como serva do Senhor, dedicou-se totalmente à pessoa e à obra de seu Filho, serviu e continua a servir ao mistério da redenção, socorrendo perpetuamente o povo de Deus em Cristo. Honrem-na, pois, como Mãe, com piedade e amor filial.
> Promovam com generosidade o culto, principalmente o litúrgico, à Bem-aventurada Virgem Maria e celebrem com especial fervor suas festas.
> De acordo com a tradição alfonsiana, todos os confrades diariamente honrarão a Bem-aventurada Virgem. A todos recomenda-se a recitação do santo rosário, para que com gratidão recordem e imitem os mistérios de Cristo, dos quais Maria participou.

[34] Disponível em http://www.a12.com/redentoristas/conheca/algumas_reflexoes_sobre_o_que_significa_ser_redentorista_hoje.asp, acesso em 5 jan. 2012.

[35] Arquivo disponível em http://www.a12.com/redentoristas/media/arq/constituicoes_e_estatutos_cssr.pdf, acesso em 5 jan. 2012.

Esse artigo relativo à missão dos redentoristas torna expressa a devoção à figura mariana, bem como não impede, ao contrário, motiva, a devoção à mesma, a celebração de suas festas e torná-la exemplo a ser seguido. O Santuário de Aparecida é gerido pela ordem desde o final do século XIX. No entanto, antes mesmo de serem chamados para a obra, um tesoureiro do SNA, José Maria de Oliveira Cezar, foi contratado por Dom Lino para sanar as finanças do santuário.

Em 1891, Dom Lino solicitou ao papa Leão XIII que intercedesse junto ao Superior Geral dos passionistas (PP)[36], para que esses assumissem o Santuário. Conforme explica Brustoloni (2004), o Superior dos passionistas negou o convite, por não se tratar de uma atividade que respondesse ao espírito da Congregação. Além dos passionistas, os padres salesianos (SDB)[37] – que já residiam em Lorena, município próximo a Aparecida – foram convidados também, bem como os padres ressurrecionistas (CR)[38].

No ano de 1893, Dom Lino enviou Dom Joaquim Arcoverde ao Vaticano, com a tarefa de encontrar missionários que assumissem o Santuário de Aparecida. Júlio Brustoloni (2004) explica que se tratava de uma tarefa difícil de executar. Segundo ele, todas as ordens religiosas que Dom Joaquim batera à porta, negaram o convite. Incentivado por Dom Eduardo Duarte da Silva, então bispo de Goiás, solicitou aos missionários redentoristas do Estado da Baviera que atendessem ao apelo. Fez pedido ao Superior Provincial dos redentoristas na Baviera, Padre Antônio Schöpf, aconselhando-o a inserir o Santuário de Aparecida na missão que seria fundada em Goiás. Pedido negado, primeiramente, em outra tentativa, Dom Joaquim, acompanhado do padre Gebardo Wiggermann, conseguiram formar a primeira missão de redentoristas em Aparecida.

A primeira equipe chegou ao Brasil, pelo Rio de Janeiro, em 20 de outubro de 1894. Dirigiram-se para São Paulo, capital, de onde foram enviados para o Santuário. Ainda segundo Brustoloni (2004), a primeira equipe já vinha dotada de alguma experiência em

[36] Congregação da Paixão de Jesus Cristo, os passionistas formam a ordem fundada por São Paulo da Cruz, originariamente chamado Francisco Danei Massari, nascido em 1694, na Itália. Mais informação disponível no sítio http://www.passionistas.org.br/principal/default.aspx?section=250, acesso em 5 jan. 2012.

[37] Congregação Pia Sociedade de São Francisco de Sales, comumente conhecida como Salesianos de Dom Bosco, nascido na Itália e fundador da ordem no século XIX, que utilizou o nome de São Francisco de Sales para identificação dos salesianos. Também foi fundador da congregação Filhas de Maria Auxiliadora – FMA – para meninas. Mais informação disponível no sítio eletrônico http://salesianosdobrasil.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=169&Itemid=182, acesso em 5 jan. 2012.

[38] Congregação da Ressurreição, fundada na França por Bogdan Janski, Pedro Semenenko e Jerônimo Kajsiewicz, na quarta-feira de cinzas de 1836. Mais informação disponível no sítio eletrônico http://www.resurrectionist.net/Portuguese/RF/history.cfm, acesso em 5 jan. 2012.

santuários marianos. Em correspondências analisadas, o autor encontrou menção ao Santuário de Nossa Senhora de Altötting, na Alemanha que, segundo ele, era o maior santuário mariano alemão.

Como mencionamos anteriormente, a primeira comunidade redentorista de Aparecida formou-se ainda no ano de 1894, "pelos sacerdotes Lourenço Gahr, como superior, e José Wendl, como vigário substituto do Cura e Reitor do Santuário, Pe. Claro Monteiro; e ainda os irmãos leigos: Simão Veicht, Estanislau Schrafl e Rafael Messner" (BRUSTOLONI, 2004, p. 281). No entanto, esclarece o autor, que o pedido para assumirem a paróquia e o santuário só ocorreu em janeiro de 1895, pedido esse provisório, até que se assinassem documentos formais entre a Diocese de São Paulo e a Congregação do Santíssimo Redentor (BRUSTOLONI, 2004).

Observa-se que o SNA realmente começa a tomar as proporções de santuário, com reitoria e direção próprias, a partir da chegada dos redendoristas na região. Júlio Brustoloni (2004), mais uma vez, expõe que durante o período colonial e imperial, a igreja era questão de Estado, o que fazia dos santuários populares no Brasil algo muito diversificado. Para se ter uma ideia de quão incipiente era a experiência administrativa do clero nas paróquias, o autor traz o dado sobre a Diocese de São Paulo que, em 1894, era imensa, abrangendo todo o Estado de São Paulo e o sul de Minas Gerais, com uma área total de 242 mil quilômetros quadrados no estado paulista, mas 60 mil no estado mineiro (BRUSTOLONI, 2004).

Essa realidade da pouca presença do clero na vida cotidiana dos que viviam na colônia (em especial durante o Brasil-colônia e Brasil-império) é tratada pelo historiador Luis Mott (2007), que nos traz importantes elementos sobre o tema. Segundo Mott, entre os séculos XVI ao XIX, devido à ausência de padres e vigários e mesmo pelas distâncias grandes que separavam a vida de uma população eminentemente rural dos centros urbanos, houve no Brasil um prática muito mais intimista com a religiosidade católica do que uma vivência comunitária. Brustoloni (2004, p. 287) enumera que a diocese contava com "o minguado número de 413 sacerdotes, sendo 328 seculares e 85 religiosos. Grande parte das paróquias estava vaga".

Tais colocações são importantes para melhor compreender porque o autor se preocupa em retratar a dificuldade inicial dos redentoristas em Aparecida. Faz menção a documentos e cartas eclesiais ou mesmo cartas pessoais, escritas pelos missionários, que falavam sobre, entre outros temas, a ignorância e a falta de educação formal entre os romeiros, a devoção

popular, o despreparo dessas pessoas no trato com as coisas da fé. Era necessário, em suma, organizar o lugar e o espaço e dando a formalidade e a ritualidade próprias de um santuário cristão-católico. A primeira tarefa, então, para iniciar a organização pastoral foi o atendimento diário às confissões.

O autor faz também alusão à preocupação dos redendoristas em catequizar crianças. Brustoloni (2004) revela que a catequese acontecia todos os domingos, em 1895 e tornou-se uma das principais tarefas dos primeiros missionários para que fosse possível formar uma comunidade de cristãos católicos e de batizados e catequizados, participantes ativos do rito eucarístico. Tais dados revelavam, conforme o autor aponta, uma preocupação dos primeiros missionários com a pastoral e a evangelização do grupo de fieis e devotos.

Conta ainda que os redendoristas mantiveram algumas celebrações que já eram tradição do Santuário, além de terem introduzido a festividade da semana santa em 1895. Também, para a manutenção da vida religiosa na paróquia, contavam com o auxílio de associações religiosas, dentre elas a da Sagrada Família e a Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus (BRUSTOLONI, 2004). Tais associações eram formadas por leigos e praticantes da religião católica, especialmente no município de Aparecida. Ainda hoje há o Apostolado da Oração, que fora fundado em 1902, e que até então se faz presente, voluntariamente, dentro do SNA.

As dificuldades do início da instauração da pastoral em Aparecida, portanto, refletem em parte uma realidade que era mais ampla; todavia, no contexto em questão, tornara-se importante, provavelmente, pelo fluxo de visitantes, o que fazia brotar a necessidade de um controle e de uma organização do espaço, das pastorais e das atividades de acolhida dos visitantes algo relevante na pauta dos primeiros missionários. O número de peregrinos, conforme Brustoloni (2004), na virada do século XIX para o século XX era de cento e trinta mil visitantes no ano. Por fim, como já mencionado, o baixo nível de educação formal, certamente, foi um fator que chocava ou, ao menos, afligia a tais missionários. O padre Lourenço Gahr escrevera em 1895 para Roma, relatando esse fato: “A ignorância do povo é enorme: pessoas de 17, 20 e 30 anos não têm instrução alguma: são católicos só de batismo. Não há ensino religioso nas escolas. Os vigários não dão catecismo na igreja. Os pais nada sabem” (BRUSTOLONI, 2004, P. 287).

Outros padres do período ainda reclamavam quanto a essa questão. Fica evidente uma preocupação necessária, na visão desses missionários, que era a de administrarem uma

educação ao indivíduo para fazer dele um católico verdadeiro. Questões sobre confissão e comunhão eram queixas constantes para os padres, simplesmente porque essas pessoas que freqüentavam o SNA não possuíam base catequética e, assim, freqüentarem, dentro dos moldes que eram aceitos pelos redendoristas, o local sagrado. A educação era outra queixa desses missionários, provavelmente no que se refere ao analfabetismo do período, o que revelava ausência de estrutura para acompanhar leituras, cânticos e as liturgias durante festividades e celebrações eucarísticas.

O padre Lourenço Gahr, em 1897, descrevera a realidade como a via:

> Antes de nossa chegada (*em 1894*) não havia culto organizado, não havia missa diariamente; então de confissões nem se fale! Então agradecemos a Deus que já no primeiro ano – 1895 – quando só dois missionários trabalhavam com os peregrinos, o número de comunhões subiu para 2 mil. No ano seguinte, 1896, quando mais um padre veio auxiliar nas pregações e no atendimento das confissões durante a quaresma, as confissões alcançaram o número de 7 mil (Apud BRUSTOLONI, 2004, p. 289-290).

A catequese, desde então, adquire um papel eminente no trabalho evangelizador dos redendoristas em Aparecida. Diante dessa realidade precária com a qual se depararam – no sentido de uma ausência de formação evangélica e doutrinária dos leigos e romeiros – tornava-se premente, no entender dos missionários, um trabalho de educação religiosa.

Novamente padre Lourenço Gahr faz um relato sobre o tema relativo à catequese: "Procuramos atrair as crianças com santinhos e medalhas. Adquirimos 400 catecismos para os mais pobres. Ah! realmente estão aqui as almas mais abandonadas para as quais certamente Santo Afonso fundou nossa Congregação" (BRUSTOLONI, 2004, p. 293). A catequese, somada ao trabalho missionário dos redentoristas, tornavam-se um viés para a formação de um rebanho de seguidores e peregrinos, formados e instruídos conforme os ditames da Igreja Católica.

Em 1901 houve a primeira missão dos redentoristas em Aparecida. Uma anterior, em 1748, feita por jesuítas, mantinha uma distância enorme quanto ao trabalho feito já no início do século XX. O propósito era celebrar missas, pregar, fazer sermões, catequizar o povo aparecidense. Padres pregadores vieram ao município para a missão, que ocorreu entre os dias 28 de junho a 10 de julho de 1901 (BRUSTOLONI, 2004). Nesse ano, o cronista padre Gahr explicava a abrangência da missão, em um município que, na época, contava com menos de dois mil habitantes:

> O mais lindo fruto de Deus foi a missão que pregamos no Santuário, de 28 de junho a 10 de julho. Era destinada só para a paróquia, por isso não

> fizemos propaganda para os romeiros. Apesar disso, a freqüência foi grande. Considerando-se a situação do Brasil, pode-se dizer que a Missão foi obra da graça de Deus do começo ao fim; não houve nada que atrapalhasse, Houve cerca de 1500 confissões; os chamados 'turcos' não participaram, são pouco religiosos. Os resultados da missão foram evidentes; o povo ficou-nos muito mais favorável, freqüentando mais as missas aos domingos e os sacramentos. Pessoas que nunca haviam se confessado, procuraram o confessionário durante a missão (BRUSTOLONI, 2004, p. 306).

Novamente a missão se repetiu em 1902, ano no qual, pela primeira vez, os padres carregaram uma réplica de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e a entronizaram em um altar. Isso teria acontecido durante as Sagradas Missões de Redentoristas em São Paulo, na cidade de Queluz, também localizada no vale do rio Paraíba. O autor destaca o fato não tanto pela devoção à Maria, mas, sim, por aquilo que ele entende ter sido um fascínio e uma forte atração que a imagem despertara no povo. Foi dessa data, conforme aponta padre Júlio Brustoloni (2004) que se estreitaram as relações com a imagem de N. Sra. Aparecida.

> Creio ser importante ressaltar aqui a conexão 'Missão/Santuário' e 'Santuário/Missão', pelas conseqüências que teve e tem no crescimento da devoção e do próprio Santuário, e pelos frutos espirituais obtidos na missão. Desde o início, os redentoristas alemães perceberam que eram bem aceitos, e seu trabalho pastoral mais frutuoso, por causa da presença da Imagem de Nossa Senhora, ou melhor, do valioso patrocínio da Mãe de Deus. Mas a recíproca também é verdadeira: o Santuário obteve mais sucesso e ficou mais conhecido e visitado por causa das Santas Missões (BRUSTOLONI, 2004, p. 312).

Em suma, o que se tem é um trabalho de catequese por parte dos primeiros missionários e que redundou em um processo de propagação e de expansão da imagem do Santuário, de N. Sra Aparecida e do município em questão. Somado a esse exercício inicial missionário dos padres redentoristas, de controlar e formar cristãos católicos, em especial, no estado paulista, soma-se também o advento da Rádio Aparecida e do jornal do Santuário e outras missões evangelizadoras que se sucederam, atividades que contribuíram para a popularização da devoção mariana, para a popularização do SNA e para a formação de um projeto nacional.

2.1.1 O sentido popular: Padre Júlio Brustoloni

O padre Julio Brustoloni é missionário redentorista e desde os anos de 1970 se dedica à história do Santuário. Além de conhecer a realidade da congregação a qual pertence, traz consigo o discurso e a prática de evangelização que a ordem lhe impõe. Por isso, em seu livro – que é um dos mais completos quanto à memória do SNA – ele não poupa elementos da fé e

da missão evangélica do redentorista, quando fala da memória do lugar. Ele pode ser entendido como um padre, como um representante da igreja no contexto, mas também como um articulador da história e da memória do SNA e de Nossa Senhora Aparecida.

Padre Júlio Brustoloni, dessa maneira, ajuda a reproduzir a memória de Maria e sua fama de santidade, que é o que sustenta a relação com os fieis e devotos. Ademais, devemos ter em mente que o padre em questão é um sujeito dotado de uma função ativa e intencional, que fala como representante da Igreja Católica no que tange à Nossa Senhora Aparecida. Ele tanto é oficial como oficioso. Suas colocações devem ser consideradas com cuidado, no sentido de que ele é um agente diretamente envolvido com a construção da representação do Santuário. Ainda, ele – como religioso – narra a história de Nossa Senhora Aparecida dentro de uma visão profundamente cristã. A visão dele é oficial, porque aponta para a formação de um discurso que remete as origens milagrosas do surgimento da imagem.

O padre Júlio Brustoloni trabalha no Santuário desde 1953. Foi diretor da sala das promessas e foi prefeito de igreja por treze anos. Atualmente reside em Aparecida e se dedica apenas a atividade das confissões.

Em minha visita ao Santuário em 2010, tive uma breve conversa com o padre Júlio que, naquele dia, estava atendendo na sala das confissões. Pelo grande volume de pessoas que visitavam o SNA, tivemos nossa conversa no confessionário, uma vez que o sacerdote precisava atender os confessores. Ao explicar-me sua trajetória, Padre Júlio destacou seu maior interesse: escrever as memórias relativas ao universo no qual está inserido. Rapidamente, ele comentou o que pensava a respeito da sala das promessas:

Pe. Júlio: *Aqui no Santuário, antes de vir para cá, quando tava lá no Itaguaçu, na capelinha, quando passou para cá eles chamavam quarto dos votos. E hoje mudaram ainda mais porque ficou capela das promessas.*

A corrente do escravo...agora a outra, que é mais intensa, que é a da pedra que o cavalo pisou, aquilo pra mim é lenda. Aquilo é de 1835, o padre Francisco Vasconcellos, escreveu a cena do escravo que ficou livre, ele descreve a cena do escravo que saiu livre.

Então temos aí, né, a expressão da religiosidade popular. Quer dizer, é um gesto de gratidão. Existem diversas maneiras de representar, o retrato, as peças de cera...até um tempo, 1854, Dom Joaquim, ele pediu que retirasse os objetos que não eram bons, porque eram umas coisas esquisitas que colocavam.

Mas é isso, é um lugar onde as pessoas visitam, né?

O que precisava ter aqui, como tem na França, em Lourdes, um escritório de médicos, para verificar o que foi um milagre. É preciso comprovar, mas nós não temos aqui como fazer isso.

Então temos que deixar claro é o sentido eminentemente popular, ou seja, eu trago o objeto como gratidão, como lembrança daquilo que recebi.

Brevemente, o padre retoma a trajetória da sala das promessas, até chegar ao seu formato atual, no subsolo da Basílica Nova. Trata o milagre do cavaleiro, como é conhecido e que fora mencionado no capítulo anterior, como sendo uma lenda relativa à Nossa Senhora Aparecida. Apesar de haver uma pedra com a marca da ferradura exposta no museu, o padre Júlio entende que essa e outras narrativas poderiam ser mais bem entendidas como lendas do que como fatos que realmente aconteceram. Por fim, trata a sala das promessas como sendo um local eminentemente de devoção popular, atribuindo a ela um valor simbólico relativo à gratidão dos devotos.

É mister destacar nessa fala do padre Júlio Brustoloni sua preocupação em identificar e em enquadrar a sala das promessas como um espaço de "expressão da religiosidade popular", tendo um sentido eminentemente popular. Há uma dicotomia marcada em sua fala, que é o que seja a religiosidade popular em contraposição a uma religiosidade tradicional e pautada pela doutrina da Igreja Católica. Não é diversa, entretanto, essa postura com relação ao que já diziam os primeiro missionários redentoristas em Aparecida: eles também tinham uma especial atenção para o fato de diferenciar a prática religiosa, tornando-a mais rigorosa, menos popular. O padre Júlio Brustoloni não trata da questão catequética da mesma maneira que os primeiros missionários, mas o fundo da colocação é o mesmo, qual seja, de marcar uma prática propriamente católica, oficial, versus uma manifestação de religiosidade considerada e entendida como popular, pois desqualificada em face das entidades eclesiais.

A ideia de popular se ligaria, assim, ao que incomoda estruturas sociais tidas por setores e segmentos sociais como o hegemônico, o culto, o educado, o instruído. Néstor Canclini (2006) entende que esse conceito assume diversos entendimentos. Dentre eles, o popular pode ser compreendido como o excluído, aquilo que é desprovido do caráter de patrimônio cultural. Também enfatiza o caráter de um papel metodológico de sobrevivência. Entendendo que há restos e fragmentos de uma estrutura social que se apaga e desaparece, o popular seria uma justificativa lógica em uma análise dexcontextualizada.

O padre Júlio Brustoloni não se utiliza de nenhum desses adjetivos para desqualificar a sala; porém, quando a trata como um espaço descontextualizado do restante do SNA, coloca-a como sendo um lugar de contraposição ao que é tradicional dentro do Catolicismo e dentro da visão de religiosidade dos redentoristas e a dele próprio. Não é à toa a menção que faz ao corpo de médicos, que ele diz existir no Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, na França, para referendar os milagres.

Para Néstor Canclini (2006), o popular não se concentra nos objetos, não tem patrimônio; resume-se às condições econômicas de produção e consumo. Já para o padre Júlio Brustoloni, os objetos são manifestação de devoção, não são testemunhos dessa. Apesar de as duas interpretações se distanciarem no que se refere ao conceito de popular, estas se aproximam muito quando o tema é o milagre. Para padre Júlio Brustoloni, a veracidade de um milagre está distante da sala das promessas: implica em processos e laudos médicos que comprovariam que uma cura ou milagre realmente não tem explicação natural e humana. Dessa maneira, os objetos da sala das promessas funcionam à maneira concebida por Canclini como "dramatizações dinâmicas da experiência coletiva" (CANCLINI, 2006, p. 219).

Salutar, nesse tocante, é uma preocupação em marcar, então, qual é a finalidade da sala das promessas e de seus objetos. O padre entrevistado menciona a alteração do nome da sala: de quarto dos votos para uma denominação mais atual, capela das promessas. A ideia de capela, provavelmente, é utilizada no sentido de trazer um caráter de sacralidade para o espaço: mais que um espaço de visitação, trata-se de um lugar de oração. Como ensina Mircea Eliade (2001), a atribuição do caráter de sagrado a um lugar reorganiza-o dentro de um caos do mundo profano. Em outras palavras, o espaço sagrado trabalha com o irromper do sagrado na medida em que quer destacar esse contexto do meio cósmico envolvente, tornando-o qualitativamente diferente.

A palavra capela implica em templo secundário, igreja pequena, destinada ao atendimento de grupos e público específicos, ou então nas partes que compõem uma igreja, sendo elas dotadas de altar[39]. Por esse viés, a sala das promessas não se assemelha propriamente a uma capela: não possui altar, tampouco traz consigo características de uma pequena igreja. Isso conduz a análise do sentido de que o uso do termo capela, nesse caso, é para trazer mesmo um caráter de sacralidade ao local, numa tentativa de aproximá-lo do rito tradicional da Igreja Católica, marcando uma diferença entre esse rito e o popular.

A modificação do nome da sala das promessas para capela das promessas também é de grande destaque. Ao longo de toda essa tese, manteve-se a denominação antiga, sala, pois não foi possível acompanhar as transformações pelas quais a sala vem passando e relatá-las nesse texto. Além do que, tendo em vista que, ao que parecia, as transformações seriam de

[39] Conforme informação do dicionário Michaelis online, disponível em http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=capela, bem como informação também observada no sítio http://pt.wikipedia.org/wiki/Capela, ambos acessados em 9 jan. 2012.

proporções consideráveis, a ponto de modificar a característica do espaço, e como toda a pesquisa foi feita em cima dos moldes que eram mantidos até 2010, especialmente, optou-se pela não inclusão da reflexão sobre essa mudança que está em processo desde 2011.

No entanto, é destaque na fala desses dirigentes atuais o que identificam como um resgate do caráter místico da sala.

2.1.2 A mística da sala: Padre Maciel Pinheiro

O padre Maciel Pinheiro foi entrevistado no dia 17 de dezembro de 2011, no SNA. Ele soube por alguém que eu efetuava pesquisa na sala das promessas e interessou-se em saber mais. Eu não o conhecia, tampouco tinha ideia de que fora diretor da sala em 2006 e 2007. Ele veio à sala, no final da tarde desse dia. Era dia de pouca visitação. Em nossa conversa, o religiosos expôs a visão que tem da sala e como foi sua atuação frente a mesma.

Padre Maciel: *Eu coordenava a sala, eram mais ou menos, seis ou sete funcionários.*

A sala não estava tão organizada como ela está hoje. Ela passou por um remanejamento. Quando eu cheguei, já estava mais organizada, mas nós tínhamos uma dificuldade quanto ao encaminhamento dos ex-votos. Quando ele [devoto] vem trazer o ex-voto dele, tem que saber para onde vai. E foram definidas algumas coisas...e nesse diálogo que a gente tinha com o devoto, tinha que deixar claro para ele que nós temos objetos que estão expostos, alguns que nunca sairão da decoração da sala. E temos outros que ficam por um tempo, e depois são substituídos, como as fotos. E outros ex-votos vão para incineração, por exemplo.

Temos objetos aqui que, depois de uma triagem, vão para o museu. E isso, desde o começo, é falado para o devoto. E é preciso também respeitar a intenção do devoto. Por exemplo, tem objeto que o devoto que quer que seja revertido em ajuda aos pobres, isso tem que ser atendido. Então, tinha que assumir algumas linhas para deixar isso muito claro para o devoto.

Em 2010, o padre Maciel Pinheiro completava cinco anos de trabalhos no SNA. Destaca sua preocupação com o destino que é dado aos objetos e revela como esse fator, durante sua gestão na sala, fora um dos pontos importantes para o seu bom funcionamento. O padre Maciel Pinheiro aponta algumas linhas de encaminhamento, como ele denomina, para os objetos votivos. Demonstra também uma preocupação em deixar claro, para o visitante da sala, que o objeto que ali deixa, muitas vezes, é destruído, pois há situações em que os objetos e/ou instrumentos são perigosos à própria saúde dos funcionários do local.

Padre Maciel: *Eu me lembro que nós recebemos aqui uma enfermeira do vale, ela trouxe, tinha um grave problema de saúde, ela trouxe pedra de vesícula, colocou de forma artística em um quadro, e trouxe para o Santuário, quadro esse que depois foi incinerado. Depois tivemos que fazer isso...*

Cinzas, por exemplo, isso tem recebido cada vez mais...e nós começamos a receber muito e aí as pessoas viam e nós não podíamos deixar muito tempo aqui dentro, né, senão todo mundo quer trazer dos parentes...então nós deixávamos uma semana e depois mandávamos incinerar.

Assim como esses exemplos, outros foram presenciados durante a pesquisa e que demonstram o tratamento que a sala dispensa aos objetos. Quando o padre fala da incineração, refere-se especificamente aos objetos que são deixados dentro das bombas de incineração[40], estrategicamente colocadas à parte na sala das promessas. Como já dito anteriormente, os objetos tidos como perigosos/contagiosos, que possam de alguma maneira representar algum risco para a saúde dos visitantes e dos funcionários, são descartados. E esse procedimento é informado ao visitante, que fica ciente de que seu objeto será inutilizado, não permanecendo dentro do espaço do SNA ou dos limites da sala das promessas por mais de um dia, que é o tempo de coleta das bombas.



Figura 23 Bombas de coleta e incineração de objetos contaminados, pérfuro-cortantes, material cirúrgico, restos humanos. SNA, dez. 2009.

Padre Maciel: *Isso não é uma sala, é uma capela das promessas. E todos os pedidos, bilhetes, etc. Nós temos uma missa, toda semana, que esses pedidos são a intenção. E depois serão incinerados. E nós temos a bomba de incineração, e tem objeto que não pode ficar aqui; ele é posto na bomba e dali ele vai para incineração.*

O objeto vai para incineração e a intenção do devoto é que é celebrada na missa. Quando eu estava aqui, então, começou a ter essa organização e para deixar isso claro para ele, amarrar isso no imaginário

[40] São grandes recipientes, feitos de um plástico muito grosso, e encaixados no espaço a eles destinados na sala das promessas. São cedidos pela BASF, indústria local, que é a responsável pela incineração do material descartado nas bombas.

religioso, que era nossa preocupação. Tivemos alguns diálogos com teólogos, psicóloga do Santuário, e fizemos um pouco esse trabalho para tentar ajudar aqui no atendimento da sala.

A questão premente, dentro da interpretação do padre Maciel Pinheiro, tange à explicação a ser dada ao devoto sobre o destino do seu ex-voto. O visitante traz um objeto consigo e quer deixá-lo na sala. Uma coisa, então, é ali deixá-lo, outra é a permanência do objeto no espaço. Sob a direção do entrevistado, portanto, veio à tona a questão acerca do esclarecimento da política do SNA para o visitante, sobretudo no que se refere a destinação dos objetos que intencionava devotar à Nossa Senhora Aparecida. Outrossim, padre Maciel Pinheiro também revela uma questão de retomar o espaço da sala como sendo uma capela, lugar de oração portanto. Adiante ele retoma a mudança do nome, mas já apontando um entendimento do espaço que o assemelha a uma extensão de um território sagrado, diferenciado do caos profano que os objetos possam lhe atribuir.

Padre Maciel: *E também o que nós fizemos, foi colocar uma imagem da Nossa Senhora dentro da capela. O devoto colocava seus ex-votos dentro da canoa ali, porque ele quer colocar nos pés de Nossa Senhora, por exemplo. Então, o que nós fizemos? Colocamos a Nossa Senhora ali, para ele colocar ali, mesmo, nos pés de Nossa Senhora. A capela virá, novamente, a contemplar um pouco isso de novo.*

Eu cheguei já tinha sido feita essa reforma atual. O que eu fiz foi colocar mais uma ordem nessas questões, por exemplo, um rapaz de 18 anos mandaram uma imagem imensa de Nossa Senhora, e ele morreu em um acidente, e a família mandou a imagem para a gente...A relação mesmo com a Nossa Senhora, sabe, o pessoal colocava foto, e uma preocupação também com os funcionários, né, por isso as bombas, agulhas, etc, algumas coisas para triagem.



Figura 24 Imagem de Nossa Senhora Aparecida posta na sala pelo Padre Maciel. SNA, fev. 2008.



Figura 25 Barco localizado logo abaixo da estátua de N. Sra. Aparecida, localizada na sala das promessas. SNA, dez. 2009.

O padre Maciel Pinheiro utiliza-se da palavra triagem, que remete a uma ideia de classificação e seleção. No caso dos objetos votivos do Santuário Nacional de Aparecida isso é recente. Ao que parece, tal preocupação adveio da construção da Basílica Nova e com a nova contextualização da sala. Além disso, o que se percebe é que a triagem varia em conformidade com o objeto que se lhes põe o devoto: ou seja, caso apareça algo diferente, diverso, tem que ser pensado que direção dar ao ex-voto, triando ele dentro dos caminhos já conhecidos ou, se necessário for, pensar em um novo trajeto.

Atualmente, o número de pessoas que são cremadas em vez de enterradas aumentou e com esse aumento o número de recebimentos de urnas com cinzas pelo SNA também. Esse objeto não permanece na sala, como explica o padre. É incinerado novamente e enterrado juntamente com todo lixo hospitalar, restos humanos, próteses e instrumentos cirúrgicos, cordões umbilicais, bilhetes e pedidos feitos na sala das promessas.

Como ressalta o entrevistado, há linhas de encaminhamento que foram adotadas, mas há ocorrências em que o impasse quanto ao destino do objeto é inevitável. Foi o caso dessa réplica de Nossa Senhora Aparecida recebida pelo padre durante sua direção. Provavelmente, a imagem foi retirada da sala, porque o próprio objeto tornara-se foco da devoção. Isso acontecia com outra estátua de Nossa Senhora Aparecida, dada ao SNA no final de 2010. Comumente, as pessoas paravam em frente da estátua, reverenciavam-na, deixavam bilhetes, fotografias e pedidos aos pés dessa estátua que é, ela mesma, um ex-voto. No caso para o padre Maciel Pinheiro, a estátua recebida distorcera o foco dentro da sala; era para ser um ex-voto, mas tornara-se um atrativo e um lugar de tomar contato com a devoção à Maria.

Daí a necessidade de alterar algumas configurações que eram dadas à sala. Como já mencionado anteriormente, a sala iria, sabidamente, passar por grandes mudanças a partir de 2011. Todavia, o trabalho não tinha previsão de ser finalizado ao longo da minha pesquisa, o que fez com que esse dado constasse mais como informação do que como referência para análise. Vejamos como entrevistado define a necessidade dessa mudança já em curso no final de 2010:

Padre Maciel: *Aqui, o espaço da sala, essa sala demanda muita atenção, de não tirar a característica...Pode se sofisticar a sala, mas precisa de cuidado. Porque isso pode descaracterizar que se está numa capela, parecendo que se está em uma loja. O padre Darci [diretor do SNA em 2010], ele tomou muito esse cuidado, porque essa reforma [atual] retirou um pouco da mística, entende? Então a ideia é devolver à sala esse caráter místico.*

Tá vendo aquela placa lá? Aqui também é um espaço de oração. E aqui vai passar por uma outra disposição....vai mudar.

Utilizar algo mais sóbrio, para resgatar essa mística que te falo. Então a preocupação de devolver mais essa mística, cultivar esse espaço como um espaço de silêncio.

A proposta de transformação da sala me foi contada pelo então diretor da sala, em 2010, o padre Rodrigo Arnoso. O projeto era de conhecimento dos funcionários e do clero, e, ao que parece, demandava uma mudança na proposta e na mística do espaço. Quando o padre Maciel Pinheiro trata da ideia de mística, dizendo que essa necessita de ser retomada dentro da sala, enfoca primeiramente acerca do caráter sacro do espaço. Como explica Mircea Eliade (2001, p. 37) consagrar um espaço implica em reorganizá-lo, habitá-lo. E todas essas ações pressupõem uma escolha existencial, isto é, escolha por um "Universo que se está pronto para assumir, 'criando-o'". Nesse caso, o espaço será uma réplica terrena do Universo exemplar criado e concebido por divindades.

Em segundo lugar, com a retomada dessa mística, trazendo à sala um caráter de capela, e não de loja, como salienta o padre, veio a preocupação em diferenciá-la do comércio. Como dito anteriormente por Canclini (2006), o popular, por vezes, é associado ao consumo e à produção de bens e mercadorias. A sala, de alguma maneira, remete muito mais a um espaço de visitação e de mercado, do que a uma capela. Apesar de ali ter sido inserida a réplica da estátua da Aparecida, o barco situado embaixo da imagem, foi estrategicamente deixado ali para aproximar o devoto do contato íntimo com ela. A sala das promessas, caracterizada pelas gôndolas de exposição, objetos pendurados na parede e carregada de

milhares de fotografias, assemelhava-se a um grande magazine, muito mais do que era a intenção que ela fosse, um lugar de oração.

Por vezes, a linha que separa a sala das promessas da ideia de um bazar é tão tênue que os próprios visitantes se confundem quanto à mesma. Não foi difícil ver alguém chegar ao balcão de entrega de ex-votos e perguntar ao atendente se os objetos estavam à venda.

A loja ou galeria é fruto do processo de produção capitalista e industrial da mercadoria. Necessário se tornou, em especial com maior ênfase no século XIX, expor a mercadoria para que pudesse ser consumida. As galerias são enfeitadas e organizadas de maneira que possam ser admiradas pelos passantes (BENJAMIN, 1996). A loja é um espaço que se pode admirar os objetos que estão à venda. Com a modernidade, explica Walter Benjamin (1996), ao citar as grandes exposições universais na Europa do século XIX, inaugura-se uma fantamasgoria, a qual os homens se entregam por distração.

A sala das promessas, quando pensada pelos seus próprios dirigentes, como sendo assemelhada ao comércio, a uma loja, revela uma interpretação de que comércio é desprovido do caráter de sacralidade, é profano, e como tal, a sala das promessas não pode remeter a um espaço profano de comércio e consumo; daí sua reestruturação proposta pelos padres, acatada pelo então diretor do SNA, padre Darci Nicioli e posta em prática pelo diretor da sala, o padre Rodrigo Arnoso.

Essa diferenciação entre mercado e espaço sagrado é recorrente dentro do SNA e merece reflexão especial, pelo fato de abarcar elementos que são relevantes para entender o que seja esse espaço e para caracterizá-lo em face de outras dimensões do mesmo Santuário, bem como para verificar porque ela assume, segundo a visão dos responsáveis e padres, uma semelhança com o espaço de consumo. Ao final desse item, por fim, far-se-á essa discussão de maneira mais detalhada, que é mais bem complementada pela entrevista feita com o padre Rodrigo Arnoso, responsável pela sala das promessas em 2010, ano em que iniciou o processo de mudança da mesma.

2.1.3 Reformulação da sala: Padre Rodrigo Arnoso

2010. O padre Rodrigo Arnoso completava cinco anos no SNA. Suas funções: dirigente da sala e prefeito de igreja. Como responsável pela pastoral que se liga a sala, era, ainda em 2011, o responsável pelo seu funcionamento. Em uma entrevista ocorrida na sala em questão, o padre fez um mapeamento do local. De gôndola em gôndola, caracterizou o local

como um espaço temático, onde cada objeto e cada conjunto de coisas é posto. Começa tratando das transformações da sala, desde sua origem, ainda na Basílica Velha:

Padre Rodrigo: *Aqui [o uso de sala para guardar ex-votos], é muito antigo. A primeira sala era ao lado da Basílica Velha; aqui, ela foi para a torre no início. E depois foi repaginada, para dar a ela um ar decorativo. Aqui, fizemos ela um ambiente claro, as pessoas que visitam não devem se deparar com tristeza, e sim alegria. Pode ver que ela é clara, aberta, ventilada, é um espaço de luz.*

No formato de hoje, ela tem uns 6, 7 anos. A sala das promessas é um grande museu também, e ele é organizado a partir de ex-votos. Na verdade, nós passamos por um projeto de reformulação das próprias vitrines, para ficar mais claro. A nossa ideia é que o peregrino possa circundar cada coluna, com segurança.

Ao explicar como a sala assumiu um caráter mais arejado e aberto, seu objetivo é contrapor a algum lugar que pudesse remeter à tristeza e às dores daquelas pessoas que se fazem representar ali pelos ex-votos. Realmente, não se vê grandes comoções dentro do ambiente, como ocorre, por exemplo, diante da imagem. A sala é clara, bem iluminada. E no que tange às mudanças que ocorreriam em breve, o padre destacou um importante objetivo: era tornar as estantes ainda mais iluminadas. Na sequência, padre Rodrigo foi de estante em estante, mencionando detalhes e dando explicações sobre a trajetória dos objetos que são recebidos.

Padre Rodrigo: *Aquilo que tem valor museológico, de museu, a gente manda para o museu, o que tem valor histórico. Por exemplo, esse jogo de porcelana, não é uma porcelana qualquer, é histórico, e custou muito caro. E depois, com o tempo, nós tiramos isso e catalogamos e mandamos para o museu.*

Exemplo, roupas. Se ela está em bom estado, a gente doa, e depende da intenção da pessoa também, por exemplo, ele diz, "quero que isso seja doado para o asilo". Ou então, elas vão para o bazar, que é aqui do lado. Toda a verba do bazar é totalmente revertida para as obras sociais do Santuário.

Os objetos em cera são reciclados. Às vezes, por exemplo, temos as casinhas, elas vão para o bazar também e os de cera, se estiverem inteiros, voltam, mas não para a loja, para o bazar. É que o bazar e a loja são a mesma coisa.

Mas a gente tem o cuidado de deixar o ex-voto um tempo na sala, as flores, etc. E às vezes o devoto acha que vai ficar aqui pra sempre, mas não pode. E aquilo que é dentadura, material cirúrgico, gazes, as pessoas, elas mesmas depositam, colocam nas bombas e vai para incineração. A vigilância sanitária não permite que a gente mantenha essas coisas aqui.

Nesse ponto, padre Rodrigo Arnoso começou a desenhar as trajetórias determinadas para algumas categorias de objetos. Como já dito, o número de ex-votos é grande e necessita de um critério de recepção, catalogação quando é o caso, redirecionando os mesmos. De início, ele comentou que tudo que tem valor museológico e artístico acaba indo para o museu.

O museu do SNA é dirigido por Michel Oliveira, responsável não apenas pela coleção exposta, mas por milhares de outros objetos que compõem o acervo não exposto do museu. O museu ocupa um andar da torre Brasília; o acervo ocupava dois andares em 2010. Quando alguma coisa de valor, como disse o padre Rodrigo, é detectada pelos funcionários, ele e o Michel Oliveira são chamados a comparecer à sala e observarem algum objeto em especial. Dependendo da avaliação deles, o objeto pode ser retirado do contexto da sala, do bazar e do lixo e ser parte integrante de um acervo não exposto, mantido pelo SNA.

A seleção dos objetos é feita, em primeira instância, dentro da sala das promessas mesmo. No fundo do balcão de recepção dos objetos, há uma parte fechada e somente acessada pelos funcionários da sala. Nesse espaço fechado, existe uma primeira seleção dos objetos. As diretrizes, normas e princípios que são passados aos funcionários não são tratados em nenhuma das entrevistas, nem mesmo tivemos acesso a eles. O discurso de qualquer funcionário e dirigente do espaço do Santuário é de que há a maioria dos objetos que são cotidianos e corriqueiros e esses já possuem destinação determinada. No entanto, um objeto avaliado como artístico, histórico ou de valor museológico deve ser apreciado pelas pessoas responsáveis, ou seja, o padre responsável da sala, na época o padre Rodrigo Arnoso, e o Michel Oliveira do museu.

Há que se levar em conta o que o padre Rodrigo Arnoso entende como sendo objeto dotado de valor artístico, histórico ou museológico. A autora Susan Hazan (2001) se propõe a pensar qual é o encantamento que está por trás do mundo tecnológico. Ao dialogar com o texto clássico de Walter Benjamin (1996) sobre a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, no qual o filósofo se propõe a pensar sobre a obra de arte como dotada de uma aura, a autora conclui que o que se perde no processo do objeto que é produzido e reproduzido pela indústria cultural massificada é a aura de autoridade do objetos, embelezado pela pátina do tempo e pelas marcas do trabalho e uso humanos.

Para Benjamin (1996), a perda da aura significava a perda da originalidade, a transformação ou liberação do objeto de arte para o mundo ordinário. Atualmente, Susan Hazan (2001) questiona se é necessário um espaço de encantamento e do maravilhoso no qual permaneça essa aura mágica à qual Benjamin (1996) se referia, em especial, em um tempo de aceleração do processo tecnológico. Daí, talvez, a autora coloque o museu como um local de extraordinariedade dos objetos, isto é, local onde os objetos tenham possibilidades de exercer encantamento e maravilhar os espectadores.

Essa análise do objeto de arte dotado de uma aura mágica a qual Walter Benjamin (1996) tratava é o mesmo objeto que o padre Rodrigo Arnoso, de alguma forma, buscou identificar dentre esse mar de artefatos e coisas que diariamente se avolumam na sala. Alguns são dotados, na visão dele, de um valor diverso: essa aura mágica traz unicidade ao objeto em face do todo, destacando-o e dando a ele a possibilidade de ser retirado da acumulação desordenada de ex-votos para compor uma coleção institucionalizada.



Figura 26 Jogo de chá em porcelana, mencionado pelo padre Rodrigo Arnoso. SNA, dez. 2010.

Sobre as diretrizes que orientam o trabalho de seleção dos ex-votos recolhidos pela sala das promessas, o padre reflete:

Padre Rodrigo: *São mais de 5 mil fotos por mês. De tempos em tempos elas são trocadas. Aí vai trocando, chega a dar umas duas trocas no ano. A maioria dos ex-votos são fotos, objetos de cera, casinhas. Antes a gente tinha muito aparelhos ortopédicos, uniformes, diplomas também.*

Tem uma série de objetos que são dados por artistas, cantores. A própria imagem que o Renato Aragão deixou aqui...ele fez uma caminhada de 170km de São Paulo para cá, e aí ele deixou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, a que ele trouxe nas costas, e as pessoas vieram seguindo ele pela estrada.

O Norton Nascimento, ator, deixou a roupa da novela aqui [A Padroeira, exibida pela rede Globo nos anos 2000], e logo depois ele virou protestante, ele se converteu à igreja evangélica. Mas antes ele deixou aqui.

O Marcos Pontes, astronauta, podia levar dois objetos para o espaço: um é o bottom, com o nome dele, e mais um tercinho de Nossa Senhora Aparecida.

O Ayrton Senna. Foram feitas algumas réplicas do capacete que ele usava no dia do acidente em que ele morreu; então foi dado ao Santuário a réplica grande e aí nós pusemos essa pequena aqui e a outra, a gente guardou. E quem deu foi um empresário que ganhou uma dessas réplicas e trouxe para a gente. Eu acho que a

atitude do empresário foi alguma forma de gratidão, parece que ele tinha uma empresa e estava mal, e era alguma empresa ligada à Fórmula 1.

O Ronaldinho.Quando a seleção foi campeã do penta, ele entregou a bola. A Juliana Barone, paquita, deixou aqui sua primeira roupa.

Então aqui no Santuário, nós temos vários objetos ligados à profissão. A miss Brasil, Natália, entregou o vestido que ela usou no dia do miss Brasil para a gente. A miss desse ano[2010] também fez isso. A Natália pediu que a gente leiloasse o vestido e revertesse o dinheiro para o Santuário. Mas aí a gente foi ver com leiloeiros e não valia à pena leiloar, então vai ter uma galeria com esse tipo de vestido.

Esses objetos deixados ou relacionados às pessoas famosas e conhecidas do grande público serão explorados na segunda parte desse trabalho. Vale destacar, entretanto, que o vestido da miss Brasil, Natália Guimarães, foi doado por ela com a intenção de promover um leilão. O evento não ocorreu e o vestido comporá uma estante destinada as indumentárias de famosas; na reformulação da sala das promessas incluir-se-ão esses vestidos das famosas. Não é cogitada, todavia, a venda do vestido no bazar. Todas as roupas citadas pelo padre (vestidos de misses, a roupa da paquita, a vestimenta do ator Norton Nascimento durante as gravações da novela "A Padroeira") são objetos dotados de um valor artístico-histórico e, por isso, permanecem ancorados na sala das promessas.



Figura 27 Veste da paquita Juliana Barone e atrás a roupa do ator Norton Nascimento, interpretando o escravo liberto pela santa na telenovela "A Padroeira". SNA, dez. 2010.

Como é possível notar, inclusive na fala dos padres envolvidos na direção da sala das promessas, é que o espaço é muito mais caracterizado pelos fluxos que promove do que pelos objetos mantêm. Os objetos que são mantidos dentro de uma realidade social são importantes, pois:

> Aqui, como em outros lugares, existem coisas que se deve guardar, não dar. As coisas guardadas, objetos preciosos, talismãs, saberes, ritos, afirmam profundamente *identidades e a sua continuidade* através do tempo. Mais ainda, afirma a existência de *diferenças de identidade* entre os indivíduos, entre os grupos que compõem uma sociedade ou que queiram posicionar-se uns em relação aos outros no seio de um conjunto de sociedades vizinhas ligadas entre si por diversos tipos de trocas (GODELIER, 2000, p. 45).

No estudo desses objetos guardados, Maurice Godelier (2000) aponta como a cultura material revela as maneiras pelas quais a sociedade se organiza, quais identidades são reproduzidas e quais diferenças são importantes para identificar os pertencimentos e ligações entre os indivíduos e os grupos. Para muitas culturas não-ocidentais, os objetos guardados são substitutos dos homens e dos deuses: especialmente no estudo do que é guardado é que complexas teias de circulação dos objetos são descobertas, bem como os desvios e trajetos que motivam a retirada de um artefato do circuito das trocas e o posicionamento do mesmo em um novo status social.

Há essa categoria de objetos que são retirados do uso cotidiano, como as jóias, as relíquias e os ex-votos citados pelo padre Rodrigo Arnoso. Não são mais importantes pelo uso que representam para alguém, mas porque são agora relevantes para grupos inteiros, não pela sua utilidade, mas pela representação de uma ou mais memórias, lembranças, por representarem alguém ou um grupo e coletividade, ou por remeter a algum evento. Dependendo, por conseguinte, do ponto de vista e do princípio que norteia a classificação, os objetos podem ser reorganizados e reagrupados a fim de atender a uma proposta pensada por alguém ou um grupo social; é o caso dos ex-votos do Santuário. Padre Rodrigo Arnoso torna explícita a preocupação voltada para a seleção dos objetos que não devem ser destruídos, descartados ou revendidos: os que permanecem e que, portanto, tornar-se-ão, de alguma maneira documentos-objetos, validando e fortalecendo materialmente um discurso político-religioso.

Padre Rodrigo: *O carro, ele foi doado, ele foi montado, na verdade, ele é de fibra. Era de um colecionador e doou para o Santuário e agora a gente tá rifando e o dinheiro vai para a UTI da Santa Casa da cidade que nós ajudamos a manter. Ele é um devoto, fez o pedido e deu o carro para ser rifado.*

Uma vez também, nós recebemos um Peugeot; a moça acabou de tirar da concessionária e bateram. Destruíram o carro, e ela até corria risco de vida, e ela entregou o carro para o Santuário. O Santuário reformou o carro e usava no trabalho.



Figura 28 Automóvel do colecionador, doado ao Santuário e rifado. SNA, dez. 2010.

Nesse sentido, podem-se diferenciar os objetos conforme sua função perante o homem, assim como os divide Baudrillard (2006) em objetos funcionais e não-funcionais: trata-se do mesmo objeto, um veículo automotor. Todavia, um foi para a rifa de final de ano em 2010 e o outro foi reformado e utilizado pelo próprio Santuário, tornando-se parte do patrimônio desse espaço. A análise do citado autor sobre a segunda categoria de objetos - os objetos não-funcionais - demonstra que este se transmuta também em algo marginal, à parte de uma realidade. O objeto antigo é um objeto marginal; ele nos mostra como sobreviveu de um tempo anterior, como resto ou lembrança de outras épocas (BRAUDILLARD, 2006, p. 81). No caso do primeiro carro, dado como ex-voto, tratava-se de uma peça de colecionador. No entender da direção do SNA, não era para ser vendido, tampouco poderia ele permanecer – tendo em vista seu valor artístico e histórico – como ex-voto ou simplesmente ser utilizado como carro de passeio para funcionar no dia-dia do Santuário.

Nesse aspecto, o objeto antigo, portanto, é algo peculiar; não tem mais a mesma função de outrora. Por exemplo, uma escultura sacra, exposta em algum museu, pode ter servido para ornamentar um altar familiar ou alguma capela em séculos anteriores. Também pode ter sido tocada inúmeras vezes por pessoas que se benziam, ou mesmo poderia ter servido de referência para tantos homens e mulheres quando faziam suas orações. No museu, no entanto, essa peça passa a ser objeto puramente mitológico (BAUDRILLARD, 2006). A escultura deixa de exercer seu papel de santo de altar para agora “significar o tempo”.

Padre Rodrigo: *As pedras de ametista, então um senhor ele trabalha com a extração desse tipo de pedra e são de grande valor e isso para surgir leva muitos anos.*

Esse carro de boi tem mais de 80 anos, pertencia a uma família de Campos Gerais. A família esteve aqui no ano passado e o filho fez a promessa que se o pai melhorasse, viria com o pai em todo trajeto.O pai pedia a cura de um câncer, junto vieram com uma junta de bois. Ambos vieram até aqui trazer o carro de boi que era da família

Essa cruz com a inscrição em árabe foi trazia há muitos anos por um rapaz, existia uma tradição muito grande de as pessoas virem pela rodovia Dutra de trazerem a cruz nas costas. Isso ainda é comum na Semana Santa. Não sei se ele era árabe, mas deve ter descendência árabe. E ele trouxe duas cruzes. O mesmo homem trouxe duas cruzes, veja a foto!

Essa cruz aqui foi trazida pela comunidade lituana, no centenário da morte dos mártires pelos comunistas. Essa cruz, ficou na entrada do Santuário. Com a reformulação do espaço, tudo foi tirado. O que acontecia? As pessoas queriam trazer alguma coisa, então dizíamos: "ah pode por aqui, pode pôr essa placa ali".



Figura 29 Geodos de ametista e as cruzes tratadas pelo padre Rodrigo. SNA, dez. 2010.

Acima, o padre Rodrigo Arnoso explicou a origem dos geodos de ametista, oferecidos em 2010 como ex-voto, por um empresário extrator de pedras preciosas. Na sequência, citou o carro de boi de oitenta anos. Esse objeto como sugere Braudillard (2006) significa o tempo, traz consigo algo de mitológico, de antigo, que o mune de um status perante outros objetos que é diferenciado: não mais utilizado para a lida do trabalho rural, por exemplo, o carro de boi agora é retirado da realidade para decorar a sala das promessas. O mesmo valeria para as cruzes tratadas por ele. Além de trazerem consigo as trajetórias que percorreram – remetem ao fato de que algum peregrino a trouxe nas costas, geralmente – elas são variadas, e sugerem também uma celebração da paixão de Jesus Cristo.

Pomian (1985) utiliza-se do termo semióforo para compreender esse tipo de objeto. Segundo o autor:

> De um lado estão os semióforos, objectos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura. A actividade produtiva revela-se portanto orientada em dois sentidos diferentes: para o visível, por um lado; para o invisível, por outro; para a maximização da utilidade ou para a do significado. As duas orientações, embora possam coexistir em certos casos privilegiados, são todavia opostas na maior parte das vezes (POMIAN, 1985, p. 71).

A categoria de semióforos, antigos, marginais, retirados de circulação para representarem o tempo, constitui um tipo de objeto que compõe as coleções. Querem significar algo além do que representam concretamente. Ademais, traçam uma trajetória que revela um desvio de suas funções normais: como o exemplo acima, a escultura de santo é para ser reverenciada, devotada. Quando esta estatueta se torna objeto de museu ou um ex-voto na sala das promessas, por exemplo, adota uma nova função, expõe um desvio em sua função inicial, que era de servir como referencial para orações, como objeto de culto/adoração/devoção.

A análise acima ajuda a ilustrar a posição desses objetos que permanecem na sala das promessas: funcionam como elementos sobre os quais se ancoram identidades e um discurso próprio alinhavado em cada objeto que compõe o acervo da sala. Ou seja, têm-se de tudo um pouco na sala e - dessa maneira - várias identidades, nacionalidades, gostos, sexo, idades, categorias profissionais, gerações, etc. Essa diversidade se faz ali representar, pois compõem o conjunto de pessoas que acreditam e devocionam Nossa Senhora Aparecida.

Dessa forma, vale explicitar que isso significa uma amostragem da totalidade. O milagre é uma ruptura do espaço e do tempo histórico/cotidiano; ele é a intervenção divina em todos os atos e circunstância do ser humano, portanto os ex-votos (provas do milagre) representam, pela sua amostragem, o mundo como um todo.

Padre Rodrigo: *As gôndolas são temáticas. Bonecas, coisas de festa de peão, caubói, né. Tem bateria de carro ali, para que a loja de baterias tenha muitos clientes ! (risos)*

Então microfone, utilizado no rádio, câmera fotográfica...ali são imagens, aqui são mantos e terços confeccionados pelos romeiros.

A própria organização da sala, ela já quer ser uma catequese, cada objeto desses é a exteriorização da graça, e ela [Nossa Senhora Aparecida] é a intercessora, essa é a ideia principal da sala. E no balcão, a pessoa é sempre orientada. Nós temos esse tipo de orientação, é um milagre, não é fábula, não é fantástico. E a pessoa pode relatar isso também. A sala quer ser um espaço catequético.

Para a reformulação há um estudo junto com um arquiteto, de como ampliar esse espaço e não diminuir a circulação. E a coisa mais nova da sala é a internet. De longe, as pessoas mandam mensagens e elas vão aparecendo aqui na tela. O que vale é a intenção pra gente. Às vezes, a pessoa acha que só vai receber a graça se vier aqui. Não, uma vez que Deus deu a graça, Ele não vai tirar, o pessoal liga perguntando como faz, porque não pode vir pagar promessas. Mesmo longe, a pessoa quer mandar um agradecimento. Então, todos os dias, a missa das 16 horas é feita sobre as intenções deixadas no Santuário.

A própria sala quer ser um espaço para erguer a pessoa, pode ver, ela é clara, a pessoa entra e pensa: aqui eu começo uma vida diferente. A sala quer ter essa ideia, estou entrando nesse espaço, porque eu quero ser diferente. A peregrinação tem que ter esse sentido de purificação, para que eu volte desse caminho e eu seja outra pessoa.

Então, alguns autores vão criticar: "a promessa é uma barganha, entre o homem e Deus, dizendo que isso é religiosidade popular". E a religiosidade popular não é infantilismo, você pode utilizar da religiosidade popular para despertar na pessoa o senso crítico da religião. As pessoas tocam com o olhar Nossa Senhora, pois não podem tocá-la, a estátua que está na Basílica. Os ex-votos são uma extensão desse olhar também. A gente já trabalhou isso, inclusive, em uma das semanas de comemoração da festa da Padroeira, ou seja, muitos olhares são postos aqui, é tatear com os olhos.

Novamente, um retorno à questão da religiosidade popular e de como os objetos são, constantemente, vistos como ligados ao consumo, à produção, em detrimento de uma proposta etérea e imaterial que o discurso cristão-católico propõe. No entanto, diante de um universo tão vasto como o que a sala das promessas abraça, seria difícil o dirigente vê-la como algo prejudicial ou distorcido dentro do contexto em questão. Para que isso não ocorra, a sala, como o entrevistado coloca, foi pensada para ser um espaço de catequese, de relação táctil com a Nossa Senhora Aparecida.

Padre Rodrigo: *Eu sempre costumo dizer que a sala das promessas é um grande mosaico, assim como o Brasil é um grande mosaico, aqui é a exteriorização da graça.*

Na tentativa de não desmerecer a religiosidade popular, o entrevistado vê nessa manifestação de fé uma oportunidade de promover a crítica, isto é, de despertar nas pessoas um olhar crítico e catequético, de interpretação daquela realidade: ali, têm-se objetos que são a exteriorização da graça divina, como o padre interpreta. Stephen Pattison (2007) desenvolve uma análise acerca dessa relação táctil que o olhar proporciona: não posso tocar com os dedos, mas posso tocar uma realidade com o meu olhar. Em um tempo de exacerbação do sentido visual, e no caso da religião, esses objetos, essas imagens, o cenário da sala compõem um todo que possibilita uma relação mais intimista com Maria, tocando-a com os olhos, tateando-a por meio desses objetos.

Na sequência, entretanto, o padre Rodrigo Arnoso dá mais detalhes sobre aqueles objetos que não podem permanecer na sala, pelo risco à saúde dos funcionários e visitantes. São material cirúrgico, restos humanos, roupas ensangüentadas – vestidas pelas pessoas em momentos críticos – cordões umbilicais, pedras de rim, de vesícula, próteses de metal e aço, uma grande quantidade de objetos que, por trazerem em si algum perigo óbvio, são separados do todo, postos nas bombas de incineração, e retirados constantemente para serem incinerados por uma empresa sediada em Guaratinguetá.

Padre Rodrigo: *Tem gente que traz pedra, traz sangue, os nossos colaboradores ficam muito atento. Eles trazem seringas. E nós destruímos. A gente evita ter contato com isso, né. Elas jogam essas coisas aqui dentro...a pessoa colocou, aí vai aqui, vai puxar a bomba, por aqui, e ela vai direto para incineração, você já pega a tampa que tá embaixo. Vai para a BASF, e a BASF faz a incineração para a gente.*

Cinzas de corpos, então, a gente tem até uma certa ressalva, e isso é levado para a nossa fazenda e enterramos. É tem gente que faz isso, que jogam as cinzas aqui.

É, nós já tivemos esse caso. Nós temos um jovem que trabalha aqui na nossa TV. A mãe deixou ele,abandonou a criança na coluna, e hoje ele é cinegrafista da nossa TV. Um casal de ministros da eucaristia do Santuário pegou e criou. É porque isso tinha muito antigamente, né, as crianças deixadas nas rodas.

Ele termina sua fala contando a história de um garoto que foi deixado pela mãe no Santuário, quando bebê. Esse garoto, hoje profissional, trabalha na TV Aparecida. Não é possível saber qual a intenção da mãe ao fazer um gesto como esse. Todavia, podemos supor que o fato de uma mãe abandonar o próprio filho no SNA pudesse representar uma oportunidade de adoção, de acolhida como, de fato, aconteceu. O corpo humano, nos casos acima mencionados, é objetivado e transformado em ex-voto, seja nas cinzas, em objetos utilizados em hospitais e mesmo na própria figura da criança abandonada: tudo torna-se ex-voto, desde que sobre esse objeto seja depositado a intenção do doador de fazê-lo objeto votivo, prova de uma graça alcançada, de uma relação de fé, documentando a fé desse indivíduo que ali se faz representar pessoalmente por elementos muito próximos do seu corpo ou pelos restos do seu próprio corpo.



Figura 30 Maço de dinheiro, serviu de anteparo para uma bala. SNA, dez. 2010.

Padre Rodrigo: *Na época do desarmamento, o Santuário fez a campanha nas escolas da região para trocar armas de brinquedo por um livro. E as crianças fizeram desenhos e aí nós guardamos algumas delas. Hoje nós já não podemos mais receber armas, a polícia federal não permite. Há um mês [novembro de 2010] um senhor queria entregar, e a gente disse, o senhor leva na polícia federal, não podemos receber mais...*

A caixinha com dinheiro picado. A pessoa foi assaltada e estava com esse dinheiro dentro do bolso, e uma das balas pegou no dinheiro, o dinheiro amorteceu a bala e a bala não entrou na pessoa.

As cédulas de dinheiro não são mercadoria, nem parte do corpo humano; são um meio de troca de valores. Com o tiro, perderam essa característica e na visão do devoto que as doou, as cédulas se tornaram uma maneira de reconhecer a graça que recebera, isto é, ter sido salvo de um tiro, graças ao dinheiro que portava no bolso da camisa. Tão próximo e íntimo quanto um pedaço do corpo humano objetivado como ex-voto, o dinheiro aqui é a melhor representação do devoto, a prova mais contundente de sua sobrevivência, o documento que traz consigo a revelação de que o homem em questão sobreviveu e isso graças ao objeto doado. Na visão do doador, porém, essa relação foi além: como mencionado na carta que fez seguir com o maço de cédulas, pedira proteção a Nossa Senhora Aparecida. A associação que o indivíduo fez foi de que estaria vivo e salvo dessa fatalidade graças à intercessão da santa, que o atendera.

Por fim, o padre Rodrigo Arnoso finalizou a entrevista fazendo um mapeamento do Santuário. Para ele, os dados revelavam um crescimento nas visitações e na divulgação do SNA para o público dos meios de comunicação, o que corroborou no implemento do número de fieis:

Padre Rodrigo: *São 1200 funcionários diretos e mais uns 400 indiretos, e mais obras, esse é o complexo do Santuário. Nós temos as obras sociais, que empregam bastante, e também a TV. É, nós ganhamos o prêmio como uma das melhores instituições empresariais da região, nós temos um lado que é a organização desse espaço. Nós funcionamos como uma empresa, que tem a formação religiosa por trás e a sua função é a evangelização, nossa razão de ser, como Santuário, é a devoção à Nossa Senhora.*

Vem crescendo o número de visitantes. Muitos dizem que o Santuário cresceu por conta da vinda do papa [em 2007], mas acho que é quando ele [o Santuário Nacional] entra na mídia. Desde 1904, temos o jornal do Santuário. Depois em 1955, a inauguração da Rádio Aparecida, e em 2005, a TV Aparecida, e agora o lançamento do portal A12. E o Santuário torna-se mais conhecido. As pessoas também funcionam como divulgadoras do Santuário em suas cidades. Em 2007, deu sete milhões, em 2009, mais de nove milhões e esse ano fechamos na casa dos dez milhões. Isso foi uma das coisas analisadas para ter uma parada do trem-bala aqui em Aparecida. Porque recebemos muito gente, especialmente nos finais de semana.

Padre Rodrigo Arnoso trouxe detalhes dos números de visitantes e como isso teria influenciado para a maior divulgação do Santuário. Além disso, ele se refere ao fato de que os números vultosos teriam sido levados em conta para uma estratégica parada do trem-bala no SNA. Em 2010, quando visitei o Santuário, tive dificuldade em agendar um horário com o diretor do Santuário, o padre Darci Nicioli. Justamente nesse período, aconteciam reuniões pela região com o grupo responsável pela proposta da construção do trem e para discutir a viabilidade de uma estação em Aparecida.

Na visita de 2010, falei rapidamente com o diretor, sem, contudo, conseguir uma entrevista formal. Ele apenas mencionara que havia sido adquirida uma área ao lado do SNA, muito grande (100 mil metros quadrados), para a construção de um complexo, com hotéis, shopping, estacionamentos, e onde, provavelmente, seria a estação da parada do trem-bala. A área pertencia ao Santuário Nacional e nela seria construída a gare de Aparecida, para descida e subida de passageiros. Sobre o trem-bala, entretanto, não há dados para explorar aqui, tampouco para contribuir sobre a viabilidade ou não da estação. No entanto, o projeto de expansão do Santuário existe. Em onze de agosto de 2011, o portal UOL publicou uma importante reportagem sobre o tema, que reproduzimos na íntegra:

> O Santuário Nacional Nossa Senhora Aparecida, instituição ligada à Igreja Católica que administra a basílica da cidade de Aparecida (168 km da capital), no interior de São Paulo, vai receber R$

32,5 milhões de empréstimo do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) para a construção do hotel popular "Cidade dos Romeiros", que deverá ser inaugurado em setembro do ano que vem. O dinheiro virá do programa "BNDES ProCopa Turismo", linha de financiamento de R$ 1 bilhão com condições especiais de juros e pagamento para projetos hoteleiros a serem construídos para atender à demanda turística gerada pela Copa do Mundo de 2014.

O hotel, voltado para os visitantes do templo católico (o segundo maior do mundo), é um empreendimento voltado para as classes C e D, público em nada parecido com o tradicional turista da Copa.

De acordo com o administrador do Santuário Nacional, padre Luiz Cláudio Alves de Macedo, o empreendimento, que tem custo total de R$ 56,6 milhões, terá 330 quartos, sendo 18 para portadores de necessidades especiais, com duas camas em cada um, e 312 habitações com capacidade para três camas. Assim, ao todo, o hotel terá vaga para 972 viajantes, em quartos duplos e triplos.

O financiamento junto ao banco estatal está aprovado e a 1ª parcela será liberada ainda neste mês. Toda estrutura de concreto será finalizada em 30 dias, de acordo com padre Macedo. Estão em execução as alvenarias, instalações elétricas, hidráulicas e de ar condicionado. Atualmente a obra encontra-se com uma evolução física de 35%.

Questionado a respeito da conveniência de receber um financiamento em condições especiais que deveria ser voltado a empreendimentos turísticos ligados à Copa do Mundo, o padre afirma que "o programa de financiamento para a Copa 2014 foi posterior à entrada do processo do Santuário Nacional junto ao BNDES. O financiamento para o hotel foi aprovado na linha 'Programa de Incentivo ao Turismo', produto regular do banco".

A informação é confirmada pelo BNDES. O banco estatal, que divulgou o financiamento desde o momento em que fechou o negócio, em abril deste ano, afirma que transferiu o contrato de "sua linha de prateleira" para o ProCopa Turismo porque isso reduziria o custo para o cliente, que teria um projeto que se enquadra no que o BNDES entende ser um investimento que tem ligação com a Copa do Mundo.

Pelo entendimento da instituição estatal, a construção de um hotel entre as duas maiores cidades do país (Aparecida localiza-se às margens da Via Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro), próximo a um dos santuários religiosos mais conhecidos do mundo, pode muito bem ser utilizado por turistas nacionais ou estrangeiros que estejam em trânsito pela região.

O banco lembra, ainda, que a linha ProCopa Turismo prevê investimentos em cidades que sejam próximas às sedes da Copa, desde que haja potencial turístico na localidade, como seria o caso de Aparecida, e que ampliar o conhecimento e a infraestrutura de destinos turísticos variados do Brasil é um dos objetivos não só do BNDES, mas do governo brasileiro. Finalmente, o BNDES afirma que a linha ProCopa Turismo tem R$ 1 bilhão disponível para empréstimos, dos quais, até agora, apenas R$ 348 milhões estão contratados. Assim, o hotel da Igreja não estaria disputando verbas com outros empreendimentos com maior afinidade com a Copa do Mundo (Reportagem de Vinícius Segalla. In Portal UOL, 11 ago. 2011).

Segundo o jornalista, o financiamento captado pelo SNA no valor de R$ 32,5 milhões é oriundo de verbas destinadas à Copa de 2014. Aparecida é um município localizado no vale do rio Paraíba, entre São Paulo e Rio de Janeiro, e será cortada pela suposta linha do trem-bala que passará pela região. A linha do trem, entretanto, até onde é de conhecimento público, será para agilizar e favorecer o transporte entre essas duas grandes metrópoles brasileiras.Em uma primeira fase do projeto, Aparecida, apesar de bastante movimentada, não era o foco. Porém, ao menos no que revelam os planos citados na reportagem, o Santuário se beneficiará com dinheiro voltado para o evento esportivo, mesmo não sendo uma das cidades-sede de jogos.

Isso revela, portanto, uma relação existente entre o SNA e o governo federal e/ou estadual, para pensar o município como um pólo de atração turística e como pólo de comércio religioso. Tendo em vista a nota em questão, o ideal de fomentar o turismo da região continua existindo. E esse incentivo não é unicamente advindo da parte do SNA, mas também das esferas de poder público municipal, estadual e/ou federal, que se beneficiam - em razão de impostos e tributos arrecadados, com a implementação e expansão do projeto de turismo religioso que abrangem o município de Aparecida.

Finalmente, o padre Rodrigo Arnoso menciona uma história de participação de atores na celebração da festa da padroeira, que acontece sempre nos meses de outubro, com o ápice da celebração no dia 12. Geralmente, cantores e artistas são convidados para as celebrações do dia 12 de outubro. Em 2009, por exemplo, o ator Eriberto Leão, foi convidado para dar testemunho de sua fé em Nossa Senhora Aparecida:

Padre Rodrigo: *O ator, Eriberto Leão, que fez o filho do capeta, na novela Paraíso (2009), um dia, no programa da Angélica, Estrelas, deu uma entrevista e disse que era devoto de Nossa Senhora. A Angélica perguntou se ele era uma pessoa de fé e ele falou: "eu sou". E aí ele contou que falou para o porteiro do prédio dele que ia fazer o teste para a novela. E o rapaz disse: "olha, esse final de semana eu vou para o Santuário de Aparecida, e vou rezar nos pés dela para você passar no teste". E ele passou, de fato. Assim, o vigia veio [ao Santuário] no domingo e ele passou na segunda e foi aprovado. Aí, quando soubemos disso, ligamos para ele, pedindo que viesse no dia da padroeira, ano passado [2009], e fazer uma homenagem para Nossa Senhora. Esse ano [2010] foi a vez do Murilo Rosa, por causa do filme. Ele mesmo veio e falou.*

Como podemos notar, o testemunho de fé é valioso. Quando um artista manifesta sua devoção em Nossa Senhora Aparecida, traça uma relação de fé e crença, marcando com isso um discurso que valida a santidade de Maria e sua devoção. Tão real quanto os objetos, é ver alguém, pessoalmente, dar seu testemunho de fé em Nossa Senhora Aparecida; isso vale para a visita de Eriberto Leão e Murilo Rosa[41].

Tal qual o objeto da sala das promessas, tem-se uma fala convalidada pela presença da pessoa no Santuário, que repete ali a sua devoção na Aparecida. Elementos orais e materiais, testemunhos de fé e devoção, documentos da fé das pessoas. Trata-se de um complexo mundo de relações sociais, culturais e materiais que constituem o SNA e que, por meio da sala das promessas, reforça a documentação da fé dos devotos, com o ancoramento de objetos nesse

[41] Ambos são atores da Rede Globo, participantes de telenovelas e filmes. Eriberto Leão fizera uma personagem, a qual atribuiu o merecimento do papel à devoção à N. Sra. Aparecida; Murilo Rosa participara de um filme de 2010, "Aparecida – o milagre".

espaço, os quais cristalizam relações de fé, devoção e crença em Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

2.2 Mídias, comunicação e um projeto nacional

Desde o final do século XIX, no período de transição política do sistema monárquico para o republicano, propostas foram elaboradas, por dirigentes políticos e intelectuais, para começar a pensar e formular propostas para a composição dessa nova nação.

Ainda no período da República Velha (1889 a 1930) o projeto de construção da nação se utilizou de *propaganda*, como entende Raymundo Faoro (2008, p. 753). Para tanto o autor menciona que duas forças foram mobilizadas para esse propósito, "embora inconciliáveis no seu conteúdo espiritual: o catolicismo e o positivismo. Ambos serviam à ordem, apesar do último, no Brasil, ter ajudado a transformação republicana". Havia uma preocupação com a construção de uma ordem nacional, assim como na promoção do progresso da jovem nação de origem agrária que começava a se industrializar.

Também no segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954) houve a constituição de um projeto de nação. Para dar reforço ao "fator de unificação nacional e instrumento de progresso econômico e social, o conjunto de serviços de comunicação passou a ser considerado um setor fundamental do investimento público" (DRAIBE,1985, p.189). Vários são os elementos que constituem projetos estatais de construção de nacionalismos: pautados no controle dos setores econômico, político e social, o projeto nacional, durante os governos de Getúlio Vargas, representaram bons exemplos do uso dos meios de comunicação para a construção de um nacionalismo e para a manutenção da política praticada por Getúlio enquanto presidente.

Já com Juscelino Kubitschek (1955-1960) o projeto de nação tem como foco o crescimento econômico, com o plano "50 anos em 5", a mudança da capital federal para Brasília e o incentivo à entrada no país de empresas multinacionais, tais como as montadoras de veículos automotivos (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010). A partir desse período, iniciou-se uma transformação estrutural na sociedade brasileira, ampliando empregos - ligados a industria – em grandes centros urbanos, promovendo um êxodo do campo em direção a grandes metrópoles, como São Paulo. Além disso, com a mudança da capital para Brasília, há uma proposta de expansão e inserção maior na região Centro-Oeste. Esse fato atraiu milhares

de pessoas que trabalharam na construção da capital, bem como foram os moradores e cidadãos que transformaram a realidade dessa grande área central brasileira.

Durante o regime militar, que perdurou entre os anos de 1964 a 1985, os militares se pautaram especialmente na construção de um nacionalismo preocupado com a defesa do Estado nacional, seja para defendê-lo de ameaças externas (como o Socialismo), seja para a defesa interna, com o fortalecimento da doutrina de segurança nacional, trazendo prioridade para as forças armadas na defesa contra as ameaças internas de guerrilha. O slogan "Brasil: ame-o ou deixe-o", é o mote da identidade nacional projetada pelos militares no período do governo Médici – auge da repressão (1969-1974), conhecidos como anos de chumbo.

Reprimidos os grupos de guerrilha nesse período, poucas foram as entidades que conseguiam manifestar alguma insatisfação popular quanto à ditadura militar: a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB -, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC - e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Em especial essa última, na figura de alguns de seus bispos e arcebispos, representou uma tentativa de luta contra o projeto nacional arbitrariamente imposto pelos militares (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010).

Para a construção de um projeto nacional, vários são os elementos que entram na constituição daquilo que se pensa ser necessário para a criação de uma identidade nacional: educação, meios de comunicação, política, economia, cultura, esferas trabalhadas para enaltecimento de nacionalismos. Bandeira, hinos, programas de rádio e televisão com propagandas de enaltecimento de políticas públicas, são alguns exemplos ideológicos de caracteres trabalhados para reforçar e - ao mesmo tempo afastar – posturas aceitas ou não. Controle autoritário, por meio de instrumentos ideológicos, de grupos e setores da sociedade, com objetivo de incentivar uma identidade nacional.

Jesús Martín-Barbero (2006) faz uma crítica a essa ideia de construção de identidades nacionais, mostrando como são autoritariamente arranjadas e falhas na constituição de identidades nacionais, pois são projetos impostos e não pensados socialmente. O autor defende que para que um projeto nacional seja articulado é necessário que este reflita sobre os meios de comunicação e como esses devem ser manipulados para melhor atender aos anseios de um projeto de nação. Estados-nação - na visão de Martín-Barbero (2006) - são mistificados: são pensados como sendo a "alma" de um povo, deixando de ser analisável socialmente e "não trespassável pelas divisões e pelos conflitos, uma entidade abaixo ou acima do movimento do social" (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 39). É como se uma nação

fosse uma “comunidade orgânica”, oriunda da constituição apenas por laços biológicos, telúricos, naturais, sem historicidade, desprovida de conflitos sociais, imune a divisões internas.

Dentro dessa perspectiva de análise, torna-se claro que as mídias assumem papel preponderante na construção de um projeto nacional. O projeto do Santuário, somado ao desenvolvimento das mídias a ele ligadas é uma das faces desse projeto nacional, que se instaura pela via da religiosidade.

O SNA se utiliza dos meios de comunicação (rádio, televisão e portal eletrônico), seja para promover sua divulgação, seja para noticiar seu público e romeiros sobre seus eventos. O principal meio de comunicação é o portal eletrônico A12, que está no ar desde 2010 e reúne informações sobre o Santuário Nacional, a Editora Santuário, a Rádio e a TV Aparecida. O site conta hoje com mais de dois milhões de visualizações por mês (SANTUÁRIO, s.d., p. 20).



Figura 31 Nicho de ofertas localizado abaixo da réplica da Aparecida, Basílica Velha. Associação do brasão nacional à imagem da padroeira do Brasil. Dez. 2010.

Anteriormente, era o portal www.santuarionacional.com. O A12 veio em substituição, mais informativo e completo para o internauta. A partir dele, é possível saber o público esperado para um final de semana, obter informações sobre o município e o SNA, orar e acender velas virtuais, ouvir rádio, conhecer notícias sobre eventos litúrgicos e católicos que acontecem no SNA, fazer visitação virtual ao Santuário. Enfim, é possível tomar contato e

informar-se com maior profundidade sobre o mesmo. Os objetivos e missão do portal A12 encontram disponibilizados abaixo:

A12 - A mãe Aparecida mais perto de você

Quem Somos

Um novo Portal Católico que nasce sob a proteção da Mãe Aparecida, a fim de levar para mais perto dos devotos internautas, ações de evangelização realizadas pela Rede Aparecida, composta pelo Santuário Nacional, Rádio e TV Aparecida e Editora Santuário.

Nossa Missão

Promover uma cultura de respeito, diálogo e interação utilizando todas as novas ferramentas digitais, com o intuito de unificar todos os públicos, respeitando a riqueza de sua diversidade, especialmente católicos e devotos da Mãe Aparecida.

Favorecer a integração das instituições que compõem a Rede Aparecida levando ao mundo digital qualidade de conteúdo, testemunhos de fé e formação.

Nossa Visão

Estabelecer a plenitude de nossa missão, colaborando com nossa atividade missionária e evangelizadora tendo em todo este universo Nossa Senhora Aparecida, rainha e padroeira do Brasil, como elemento chave desta união. Ser referência em produção e difusão de conteúdo, levando ao usuário interatividade que ofereça qualidade e credibilidade nas informações[42].

[42] Disponível em http://www.a12.com/quemsomos.asp, acesso em 3 fev. 2011.



Figura 32 Imagem do portal A12.com/quemsomos. Acesso em 9 fev. 2012.



Figura 33 Propaganda do portal A12.com no caminho às lojas e restaurantes. Dez. 2010.

O trabalho informativo não é o único propósito do sítio. Há uma missão de evangelização e de tornar a padroeira mais conhecida, o que faz do A12 um portal

importantíssimo dentro de um projeto institucional de expansão do SNA e de popularização, bem como o sítio torna-se um espaço virtual de oração e recolhimento.

> **Revista de Aparecida** - Com uma tiragem de 618 mil exemplares, direcionada aos colaboradores da Campanha dos Devotos.
> **Revista Devotos Mirins** - Especialmente voltada ao público infantil// As duas publicações chegam aos lares de famílias até fora do Brasil//.
> **O Programa Com a Mãe Aparecida**, transmitido das 20h às 5h, via satélite, atinge uma média de 55 milhões de ouvintes, sendo que o sinal abrange 43 emissoras de rádio de todo o Brasil.
> **REDE APARECIDA DE COMUNICAÇÃO** – A Rádio Aparecida possui uma sólida e tradicional programação no ar desde 1951. Transmite em AM, OC, OT, FM e é geradora via satélite da Rede Católica de Rádio.
> Inaugurada em setembro de 2005, a TV Aparecida em canal aberto atinge 140 cidades, incluindo 11 capitais, em 16 Estados do Brasil.
> Seu sinal também é disponibilizado para antenas parabólicas, digitais e analógicas, via cabo, tv por assinatura e pela internet através do portal A12.com.
> Está disponível para o Estado de São Paulo também no canal 231 da Telefônica TV Digital e para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro no canal 166 da TVA.
> Com programação religiosa, cultural e educativa, foi concebida com o que há de mais moderno em equipamentos de geração, produção, pós-produção e transmissão.
> A REDE APARECIDA está entre as principais emissoras de televisão do Brasil, formando, informando e evangelizando seus telespectadores.
> Editora Santuário - A primeira Editora Católica do país, tem 110 anos de atividade. Mais de 850 títulos dentre os selos editoriais Editora Santuário e Idéias e Letras. Com seu moderno parque gráfico, distingue-se pela qualidade de seus serviços (SANTUÁRIO, s.d., p. 20).

Os meios de comunicação ajudam a reforçar e a tornar mais conhecida a figura de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, bem como, juntamente com o espaço do SNA, propõem um projeto nacional, de reconhecimento da mesma santa como padroeira do Brasil e do espaço do Santuário, em Aparecida, como o pólo de maior atração de católicos no Brasil. Todavia, o trabalho junto aos meios de comunicação não é recente.

Desde o século XIX já havia jornais que circulavam no vale do Paraíba e que foram importantes referenciais para que o Santuário produzisse seu próprio jornal. No ano de 1900, o padre Gebardo Wiggerman, missionário redentorista criou o jornal Santuário de Aparecida. Tempos depois, o mesmo padre criaria a Editora Santuário (BRUSTOLONI, 2004).

Conforme o autor trata, em 1935 aconteceu a primeira divulgação dos atos religiosos do SNA pela Rádio Difusora de São Paulo. Essa divulgação inaugurou os novos sinos da Basílica, em 29 de junho. A transmissão foi considerada como bem-sucedida. Então, a Rádio

Record transmitiu a festividade do dia 8 de setembro daquele ano, narrando o acontecimento, desde a madrugada, com a chegada dos comboios de peregrinos vindos de São Paulo.

Somente em 1954 o Santuário conseguiu licença e frequência para colocar a rádio Santuário no ar. Desde então, a rádio tornou-se importante instrumento de evangelização e de catequização do público católico em todo território nacional. Bem mais recente é a TV Aparecida, mídia que foi ao ar, pela primeira vez, em 2004. E sua grande expansão, contudo, se deu em 2010, quando houve um plano de levar a emissora para vários estados brasileiros. Juntamente com a rádio Aparecida, formou-se a Rede Aparecida de Comunicação, cujas propostas são:

> A REDE APARECIDA nasce para anunciar a boa notícia do Redentor: Nosso Deus é Bondade e misericórdia. Ele nos convoca a viver como irmãos e nos apresenta a Mãe Querida que nos acompanha e serve de exemplo.
> **Finalidade**
> Propor o modo de viver indicado pelo evangelho: com qualidade de vida, com cuidado por tudo o que é humano, com atenção para com outro, com a busca de mais educação e saúde, com amor à natureza e com a certeza do divino como realização final e completa.
> **Proposta**
> **1.** ACOLHER os irmãos com o mesmo carinho com que a mãe acolhe os filhos.
> **2.** MANIFESTAR o valor da vida, o prazer de ser gente, o de ter irmãos, o de construir a terra, os prazeres de aprender de ensinar, e o de procurar o Céu como desejo e ideal últimos.
> **3.** MOTIVAR o irmão a colocar-se plantado na terra, conhecedor do que o cerca com capacidade de discernir e criticar os fatos, tornando-se transformador da realidade.
> **4.** OFERECER mais conhecimentos, mais relacionamentos, mais capacidade para crescer como ser humano e como cristão.
> **5.** CELEBRAR A FÉ diariamente[43].

Muito semelhante às diretivas do portal eletrônico, a Rede Aparecida de Comunicação promove uma programação de evangelização e de formação católica. A referida rede televisiva, juntamente com os demais elementos que compõem o seguimento de comunicação do SNA, ajudam a reforçar um projeto nacional do Catolicismo.

Por projeto nacional, relacionado ao SNA e a Nossa Senhora Aparecida, toma-se uma proposta de reconhecimento da imagem como padroeira, ampliando seu foco de aceitação e de popularização, além de uma convalidação do espaço do Santuário como o espaço religioso por excelência, o mais popular e o mais referendado (pela Igreja Católica, pelos governos

[43] Disponível em http://www.a12.com/tv/institucional/default.asp, acesso em 3 fev. 2011.

estadual, federal, municipal, pelas mídias) para falar de fé católica, de Maria e de devoção à mesma no Brasil.

Tornar e reconhecer Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil é atribuir a essa devoção uma força, uma oficialidade, demonstrando que a santa é padroeira por vontade da população e pela memória que a embasa. Um ato foi marcante nesse percurso do reconhecimento como padroeira: em 16 de julho de 1930, o papa Pio XI declarou e proclamou a Aparecida "Padroeira da Nação Brasileira" (VITOR, 1985, p. 38).



Figura 34 Placa comemorativa da coroação de Nossa Senhora Aparecida, praça da Basílica Velha. Dez. 2010.

Outro fator preponderante que veio a reforçar a fama e a ideia de uma padroeira para o Brasil foi a coroação da Aparecida em 1904. Com a autorização do papa Pio X, este evento no qual participaram personalidades políticas e religiosas, foi seguido da coroação da imagem, com a coroa doada pela princesa Isabel. Após benzida a estátua, "é descoberta e aclamada pelo povo, enquanto a banda Aurora Aparecidense executa o Hino Nacional" (RIBERO, 2004, p. 41).

A solenidade, os elementos nacionais utilizados, como o hino, a atribuição do título de padroeira da nação a Nossa Senhora Aparecida corroboram a formação de uma identidade dita nacional, em tempos em que o Brasil justamente vinha dialogando e buscando definir o que era seu projeto nacional. Fruto de uma concepção romântica, a construção de um projeto de

nação traz um retorno às raízes indígenas e uma ânsia por descobrir os elementos que caracterizassem *o que é* o povo brasileiro.

Da mesma maneira, em 2004, comemorou-se no SNA o centenário da coroação da imagem de Aparecida. Houve um concurso para a confecção de uma nova coroa. O evento atraiu inscrições de 167 artistas. Além disso, houve o lançamento de selo comemorativo pela Empresa de Correios e Telégrafos – ECT - novenas mensais transmitidas pelo canal de televisão Rede Vida, exposições, romarias, procissões (RIBEIRO, 2004). Dia 12 de outubro, data da padroeira, reconhecida pelo governo federal, como feriado nacional, em 1980, pelo então presidente da República general Figueiredo[44], a cerimônia da coroação é celebrada e relembrada em seu centenário, a fim de reavivar e reforçar a importância de Nossa Senhora Aparecida para a nação brasileira.

Além disso, nacionalizar um santuário mariano implica, de certa forma, promulgar um espírito de reconhecimento da santa como sendo ela aceita e devocionada em todo país, sem distinções. Para melhor esclarecer, vale retomar brevemente a noção de nacional, nação e nacionalismo. Para Martín-Barbero (2006, p. 39-40), há uma mistificação em torno de uma ideia que ele denomina povo-Nação:

> Em segundo lugar, a ambiguidade da sua idéia de "cultura popular". Se os românticos resgatam a atividade do povo na cultura, no mesmo movimento em que esse fazer cultural é reconhecido, se produz seu seqüestro: a originalidade da cultura popular residiria essencialmente em sua autonomia, na ausência de contaminação e de comércio com a cultura oficial, hegemônica. E, ao negar a circulação cultural, o realmente negado é o processo histórico de formação do popular e o sentido social das diferenças culturais: a exclusão, a cumplicidade, a dominação e a impugnação.

[44] O governo militar de João Figueiredo representou o final do regime militar e a consolidação da abertura política. É marcado por atos nacionalistas, assim como pode ser compreendido a promulgação de lei que reconhecia o dia 12 de outubro como feriado de caráter nacional, isto é, reconhecendo na data um evento de associação com religiosidade da nação e não apenas de grupos de católicos.



Figura 35 Placa em agradecimento pela construção da passarela. Dez. 2010.

Dentro desse propósito, o SNA e a imagem de Aparecida foram, ao longo dos séculos e, em especial, no século XX, pensados, redesenhados para se assemelharem, cada vez mais, a essa relação orgânica com a sociedade brasileira, ou seja, como se o fato de Nossa Senhora da Conceição Aparecida ser reconhecida como padroeira do Brasil fosse consequência natural e necessária, ao mesmo tempo em que sua aceitação aparenta ser comum e unânime para todos. Quanto ao popular, o espaço e toda sua estrutura se propõem popular, como parte integrante de uma identidade nacional. Nesse sentido, identidade é sempre pensada como algo fechado, único, e da qual fazem parte elementos que são aceitos e compartilhados por uma grande maioria de um grupo ou sociedade.

Para Poutignat e Streiff-Fenart (1998 p. 45), nação, muitas vezes, é uma categoria confundida com a etnia. Para diferenciá-las, esclarecem que,

> A nação pressupõe, por sua vez, uma consciência subjetiva específica de povo. O engano comum a muitas pesquisas sobre a nação e o nacionalismo seria, então, segundo Connor, acreditar que a nação seja uma "realidade tangível" e de, assim, tê-la associada ao Estado.

E prosseguem:

> O nacionalismo como uma das elaborações ideológicas da "idéia de nação" é, desta forma, indiscutivelmente o promotor da etnicidade. [...]. Porque o

> nacionalismo é justamente um programa político e porque a etnicidade, seja ela o que for, não é por sua vez um conceito político e não tem conteúdo programático. Para Hobsbawm ela não faz parte da teoria política, mas da antropologia ou da sociologia. Certamente ela pode ser utilizada politicamente, mas a política de etnicidade não tem ligação necessária com o nacionalismo e pode ser completamente indiferente aos objetivos dos programas nacionalistas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 54).

As definições de nação e de nacionalismo estão sempre ligadas às ideias de projeto político e à organicidade. Pretendem soar naturais, ou seja, um projeto nacional de aceitação de Nossa Senhora Aparecida como naturalmente emanado de uma vontade popular. Tal olhar se pauta na criação de uma proposta, social e politicamente construída, um campo de disputas, na qual se constrói uma narrativa que retrata uma memória que é base sobre a qual se constrói esse projeto, e que é a estrutura também que solidifica uma identidade nacional comum. Essa identidade dita nacional, portanto, é o que conduz ao que se chama de cultura nacional, isto é, a um conjunto de práticas e representações que pretendem ser a configuração do que é um grupo/povo/sociedade, e como se ela sintetizasse tudo que é parte da formação de um ser humano dentro desse grupo.Como define Stuart Hall,

> ..., as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. [...]. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *idéia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu "poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade" [...].
>
> Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidade. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma "comunidade imaginada" (HALL, 2006, p. 48-51).

Nação como sistema de representação cultural e cultura nacional como discurso constituem um campo de disputas e embates de forças na construção de uma identidade nacional. Nessa luta de forças e discursos, constroem elementos que compõe o que se chama identidade nacional. Essa identidade, para o autor supracitado, é denominada como sendo imaginada. Isso porque não há como delimitar o que compõe a identidade ou as identidades de uma sociedade ocidental moderna. O que existe é um conjunto de elementos

constantemente construídos, trocados, atualizados, renovados, que se mantêm como identitários para parcelas de indivíduos, maiores ou menores, dentro de uma sociedade.

Há uma identidade em face do SNA e da imagem de Aparecida. Essa é partilhada e sentida (diferentemente) por cada visitante que chega ao espaço. Ali, no entanto, eles têm a sensação de estarem partilhando de um projeto nacional, de uma comunidade imaginada nacionalmente que comunga da mesma fé. O espaço dá subsídios para isso: todo o discurso, a memória, os lugares, os objetos ali presentes respaldam esse sentimento de pertença a um grupo que se identifica com N. Sra. Aparecida, com o Santuário, com a Igreja Católica e com tantas outras ramificações e representações que possam ser pensadas naquele lugar.

A idéia de produção de um projeto nacional, no qual o Santuário e toda sua estrutura são aceitos como o berço da devoção mariana no Brasil, não podem ser encarados, no entanto, com a síntese da fé em Maria. Ou seja, uma identidade cultural com o SNA e com a estátua da Aparecida é múltipla de possibilidades, variante, jamais unitária. "Nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro" (BHABHA, 2010, p. 65).



Figura 36 Interior da Basílica Nova. Dez. 2010.

Há um ato de enunciação cultural – há um lugar do enunciado – o qual é atravessado pela diferença na escrita da cultura. Cultura implica em negociação e tradução, como entende Homi Bhabha (2010). Há um lugar, um "entre-lugar", no qual é possível vislumbrar histórias nacionais, antinacionais, populares. Nessa análise que o autor faz do lugar da cultura, emerge a compreensão de que a identidade cultural, portanto, é multifacetada, fragmentada, reconstruída dentro de disputas e forças que são travadas por grupos dentro de uma mesma sociedade.

Em suma, o SNA e Nossa Senhora Aparecida são representações de uma cultura religiosa, a qual também é ela mesma múltipla quanto às identidades que reproduz: não há uma identidade definidora desses pilares, mas sim uma possibilidade de utilização dessas representações na construção de elementos que são popularmente conhecidos, percebidos e negociados entre as pessoas e instituições.



Figura 37 SNA com decoração natalina. Fonte SNA/ Michel Oliveira.

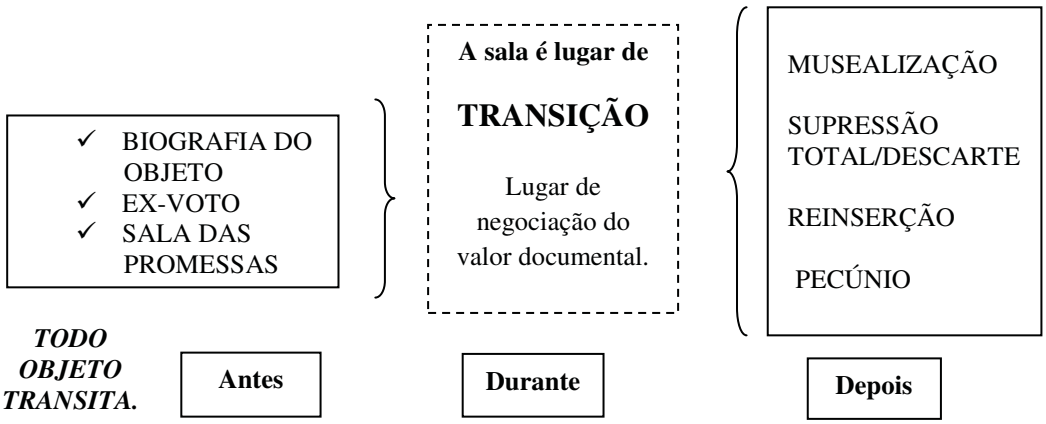
2ª PARTE – O DOCUMENTO DE FÉ

CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA: ABORDAGEM E MÉTODO

Essa parte do trabalho se dispões a elaborar a análise dos ex-votos do Santuário Nacional de Aparecida, que se encontram localizados na sala das promessas. Trata-se literalmente do universo de pesquisa: são incontáveis objetos que chegam diariamente, não sendo fácil organizá-los e, menos ainda, o foi quando se pensou em como abordá-los dentro dessa tese.

Fazia-se necessária uma ordem. E como toda classificação implica em certas arbitrariedades, houve por bem partir do princípio de se trabalhar com três momentos importantes: o antes da sala das promessas, o durante, e o depois. Como unir esses três pontos? A união se dava na transitoriedade da sala. A sala das promessas, então,aparecia como sendo um lugar de constante negociação de valores e, como tal, decidimos observar esses objetos no seu movimento.

Figura 38 Sistema de chegada, permanência e transição dos ex-votos na sala das promessas.



Foram utilizadas categorias para organizar os objetos analisados. Haveria uma imensa possibilidade de classificações; no entanto, era necessário ter claro, primeiramente, que todo objeto **transita** pela sala. Então há um momento de chegada à sala, o antes. Nesse item, pensamos em reforçar as narrativas daqueles objetos que traziam a biografia destacada na fala das pessoas. Em um primeiro momento dessa tese, pensou-se que a biografia seria capaz de encerrar a discussão desses objetos, formulada através das palavras e lembranças que seus

doadores contaram. No entanto, percebeu-se que as biografias são importantes, mas não eram suficientes para explicar nem o ex-voto, nem a sala em foco.

Em um segundo momento, percebemos que os objetos passam, com maior ou menor velocidade, pela sala das promessas. **E todos passam**. Ainda que demorem dias, meses ou até anos para saírem desse contexto, o ex-voto abandonará a sala das promessas em algum momento de sua trajetória. Sendo assim, pensou-se a princípio em reorganizar os objetos dentro da sala por características dicotômicas. Isso porque a própria sala é um local permeado de dicotomias, tais como, o sagrado e o profano, a miniatura e o gigantismo, anônimos e famosos, descartes e permanências. Essas foram algumas dicotomias escolhidas para melhor caracterizar a sala das promessas.

Entretanto, não esgotaram a compreensão da sala das promessas e de seus objetos votivos. Não eram suficientes para esclarecer a sala como um lugar de negociação constante de valores do documento e dos objetos. Ainda que não seja adotada aqui a ideia trabalhada por Arjun Appadurai (2006), o objeto não deixa de ter a característica de mercadoria durante todo o tempo de sua existência. Mas dentro da sala das promessas, a compreensão dos objetos apenas como mercadoria implicaria reduzi-los em seus significados e polissemias. O objeto votivo é documento, sagrado, profano, é único e é parte de um todo maior, assumindo diversas perspectivas de análise do ponto de vista da cultura material.

Por conseguinte, o terceiro momento é quando deixa a sala das promessas e então aquilo que foi doado assume nova trajetória, e são quatro linhas principais: o retorno à condição de mercadoria, a reinserção no mercado de circulação; a musealização; a supressão e/ou descarte, destruição do objeto; e o pecúnio. Dentro desse quadro tornava-se provável a descoberta de outros caminhos, por ventura, estabelecidos para tais objetos. Todavia, o relevante é reconhecer que todo ex-voto somente passa, deixando a sala das promessas em algum momento, pois ela não é arquivo, não é museu, não é lugar de permanência, apenas de **ancoramento** intencional. Os objetos viriam a ser constituir enquanto documento no interior da sala, mas porque isso era permitido pelo próprio espaço, que ancora, segura alguns ex-votos para documentar a fé das pessoas. O espaço da sala, então, é que permite a atribuição do valor do documento e, por conseguinte, se fazia necessária uma compreensão acerca desse espaço sagrado, na primeira parte dessa tese, para que se possa mapear o que é o SNA e suas dependências e adjacências, local que atribui e destitui, ao mesmo tempo, o valor de documentos aos objetos que ali chegam.

O espaço do Santuário Nacional de Aparecida foi construído em torno de uma pequenina representação em terracota de Nossa Senhora da Conceição; no número de visitantes, na casa dos milhões, em uma cidade que não chega a ter 40.000 habitantes, (IBGE[45], senso de 2010), nos números gigantescos que se fazem presente em todo o Santuário, espaço que pretende ser e se auto-identifica como sendo a casa da mãe Aparecida. No sentido mais intimista e mais acolhedor, tal espaço é próprio para se sentir mais próximo e estabelecer um contato mais com Maria.

Em suma, o Santuário revela algumas contradições e dicotomias que foram percebidas e observadas durante a pesquisa de campo. Para melhor expor essa realidade, segue-se um item referente à abordagem do local. Isto é, trazemos à discussão tanto os dados do diário de campo quanto aqueles de cunho etnográfico, ambos realizados ao longo de toda a investigação (desde 2007, quando fiz a primeira visita ao Santuário, com o objetivo de pesquisá-lo). Na sequência, versaremos sobre a abordagem metodológica de cunho etnográfico.

A metodologia de análise aproxima-se do pensamento estruturalista e da semiótica, trabalhando significados e sentidos dos objetos dentro daquela realidade para as pessoas que a eles se ligam. Para tanto, lançamos mão dos trabalhos de Susan Pearce (1990; 1993; 1998; 2005a e b), pois a autora entende o objeto de coleção na sua polissemia. Portanto, buscar-se-á compreender o objeto dentro das muitos significados que ele possa abarcar. Juntamente com as funções e significados cotidianos de um objeto e/ou artefato, procuramos outros tantos que lhe são atribuídos em outras situações e para obedecer outras intenções.

Nesse sentido, a análise da sala das promessas, dos ex-votos ali recebidos e das pessoas que os doam e observam em visitação vai além da mera compreensão do espaço como um lugar de acúmulo de objetos ou se um espaço de exposição dos mesmos. Aparententemente, a estrutura desse ambiente pode se assemelhar a essa interpretação, de que se trata apenas de um espaço cumulativo e de visitação; no entanto, quando analisada em maior profundidade, a estrutura da sala revela outras funcionalidades, relações, redes, intenções e interpretações que fazem dela um espaço também catequético, um espaço de trânsito, ao mesmo tempo que é um lugar de ancoramento de alguns poucos objetos –

[45] Dados do senso populacional do IBGE são encontrados no sítio eletrônico: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1, acesso em 23 de dezembro de 2011.

quantidade pequena se comparada com o volume de objetos que não permanecem na respectiva sala.

Fazendo uso das ideias do objeto, dentro da perspectiva de Giorgio Agamben (2009) sobre dispositivo, pensamos o objeto como tudo aquilo que gera ação, omissão, que promove gestos e atitudes, que interfere de tal maneira na ação e comportamento dos indivíduos, que é capaz de fazer deles sujeitos, pois se munem de posturas e ações perante tais dispositivos.

Os objetos votivos são dispositivos dentro dessa perspectiva, não são inertes, agenciam pessoas e corroboram na formação de redes e relações. Constituem biografias, isto é, por onde passam e pelas múltiplas funções e significados que assumem ao longo de suas existências junto aos seres viventes. Os objetos estabelecem narrativas e construções discursivas que os munem de valores e sentidos, de forma que não podem mais ser meramente interpretados como formas materiais ou utensílios a serviço dos seres humanos.

Por fim, a análise prioriza uma visão ampla do objeto, buscando-o compreender em sua amplitude, em suas relações, em suas funções e significados, de modo que assim possam contribuir para a interpretação do espaço da sala das promessas como um espaço ritualístico, que transforma o objeto de alguma maneira, fazendo dele mais do que objeto, e sim documento de fé para os observadores e para os doadores desses milhões de ex-votos presentes ou passantes pelo Santuário Nacional de Aparecida.

1.1– Universo da pesquisa

O primeiro contato com o Santuário Nacional, como potencial universo de pesquisa, se deu em 2007, antes de iniciar o doutorado. Naquela época, por conta de outra pesquisa que estava em curso (SOUZA, 2009), foi necessário entrar em contato com o SNA, para que se pudesse conhecer como essa instituição religiosa tratava da questão dos milagres e da fé popular. Esse primeiro contato proporcionou conhecer o museu do SNA e o seu diretor, Michel Oliveira. Todavia, essa visita era apenas para mapear o museu, a fim de produzir um artigo acadêmico que falasse brevemente do vale do rio Paraíba e de sua relação com a fé (o qual fez parte da publicação organizada por Castilho e Reis [2008]).

Durante três dias, em setembro de 2007, observei o espaço da casa de frei Galvão, ficando ali meio período, observando a visitação dos devotos e conversando com eles. Logo a seguir, visitei o SNA, a sala das promessas, bem como conversei com o diretor do museu do

Santuário, Michel Oliveira e com o então diretor do SNA, o padre Elcio Tosta, mas sem realizar entrevistas e/ou coleta de dados. Apesar de muito sucinta, foi durante a visita de 2007 que surgiu o interesse pela discussão dos ex-votos do Santuário Nacional.

A segunda visita ocorreu durante o mês de fevereiro, em 2008. Permaneci ali por mais 5 dias. Além desse município, conheci também a comunidade Canção Nova, localizada há trinta quilômetros das demais, também município pertencente ao vale do Paraíba paulista. O objetivo dessa visita, novamente, não era para realização de pesquisa para o doutorado em Ciência da Informação, pois ainda estava em andamento outro projeto de pesquisa (SOUZA, 2009).

O que me ocorreu naquele momento é que tanto o SNA, como a casa de frei Galvão, em Guaratinguetá, eram muito diferente em suas propostas em face da proposta do grupo Canção Nova, em Cachoeira Paulista.

O SNA, portanto, a partir dessa segunda visita passou a ser compreendido dentro de um espaço muito mais amplo – que não é explorado nessa tese como objetivo do trabalho – que é o circuito religioso do estado de São Paulo. Foi na visita à comunidade Canção Nova e na conversa com o funcionário do local que se tornou mais clara a relevância do circuito religioso no local. Tratava-se de um polo de interesse para investimentos tanto para o governo estadual quanto para o federal.

Nessas duas visitas, anteriores ao início do doutorado em Ciência da Informação no PPGCI, o principal dado observado foi o contexto no qual se insere o SNA, o qual é mais amplo que o município de Aparecida. E ainda que fora do projeto da pesquisa de doutorado aqui desenvolvida, ambas visitas foram fundamentais, pois foram elas que despertaram o interesse e trouxeram o contato com o universo de pesquisa do SNA e da sala das promessas. Trataram-se ambas de oportunidades de familiarização com o espaço, com o movimento das pessoas e coisas, com o funcionamento das basílicas e espaços adjacentes.

Em abril de 2008, iniciei o doutorado em Ciência da Informação na FFC e, com o universo de pesquisa previamente mapeado, tornava-se mais clara a ideia de estudar os objetos votivos do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. A primeira visita para conhecimento do local aconteceu em dezembro de 2009.

Vale ressaltar que uma das entrevistas trabalhadas nessa tese foi fruto dessa visitação em 2008. Eram dias logo após o carnaval e a visitação era pouca. O diretor do santuário na época, padre Elcio Tosta, contatou a professora Zilda Ribeiro, solicitando a ela que me

cedesse uma entrevista. A entrevista teve 2 horas de duração. A professora Zilda Ribeiro, como pesquisadora do SNA, tem vários livros publicados, e contou, especialmente, da pescaria milagrosa de 1717 e de sua relação com os pescadores. Falou da sala das promessas, muito brevemente, pois não há registro mantido de como os ex-votos eram deixados em Aparecida.

Narrou também acerca da formação da coleção do museu de Nossa Senhora Aparecida, apesar de essa passagem não ser trabalhada aqui. Ao longo dessas horas, a professora Zilda Ribeiro ia falando do seu trabalho e aproveitei para conduzir perguntas e dúvidas sobre o tema. Da mesma maneira, foi nessa visita que o diretor do museu, Michel Oliveira, cedeu-me uma entrevista. Ele explicou principalmente os critérios de seleção dos objetos que são direcionados para o museu, isto é, que são recolhidos na sala da promessas, mas que depois se dirigem para o acervo museológico. E também explicou que boa parte do acervo nem mesmo se compõe de ex-votos; eles recebem muitas doações de numismática, filatelia, artigos religiosos de todo tipo, até mesmo armas da revolução de 1932 e da 2ª Guerra Mundial estão no acervo, esperando uma destinação.

A conversa com o diretor do museu, Michel Oliveira, foi conduzida conforme as dúvidas que vinham à tona sobre os objetos expostos. Dessa maneira, ele solicitou nessa visita que um funcionário – que não foi identificado – fizesse uma visita guiada com a pesquisadora por todo o museu, explicando a exposição e contando a trajetória e/ou biografia de algum objeto da coleção. Essa visita durou 40 minutos e, de estante em estante, o funcionário foi narrando a organização dada à coleção. Novamente, não se optou por trabalhar o museu nessa tese, porém mister sublinhar que tal material compõe, ao longo de toda a tese, a interpretação e a compreensão do museu e do SNA como um todo.

O universo então que promovera o interesse e despertara o estranhamento do ponto de vista antropológico, foi a sala das promessas. Nela definia-se o universo a ser pesquisado e compreendido com maior relevo e destaque. Fazendo parte de um todo muito maior, necessário também compreender esse Santuário e adjacências, mas a delimitação do objeto de análise, o documento de fé, estava dentro da sala das promessas e por ela todos passavam e necessariamente era nela que se processava a atribuição de novos valores.

1.1.1 Visita de 12 a 15 de dezembro de 2009

Essa visita durou quatro dias e ocorreu entre os dias 12 a 15 de dezembro. O mês de dezembro trata-se de uma época do ano bastante visitada, em especial, durante os finais de semana. O objetivo era tomar um maior contato com o SNA e conseguir visitar o espaço em um dia de grande movimento, superior a cem mil pessoas. Isso aconteceu no domingo, 14 de dezembro de 2009, quando 169 mil pessoas visitavam o SNA. Isso era desejado, pois até então o contato com o SNA havia se dado apenas em dias de baixa movimentação, com poucas pessoas e geralmente em dias de semana.

No sábado, 13 de dezembro, a visitação foi intensa, mas abaixo de cem mil pessoas. Passei quase que o dia todo dentro da sala das promessas observando a movimentação dos visitantes e dos funcionários. Não foram realizadas entrevistas com os funcionários: a ideia era apenas observá-los no atendimento e tratativa entre funcionários e devotos. Também nessa data, foram percorridos outros espaços, dentro do complexo da Basílica Nova, para apreender como os visitantes transitam pela mesma, isto é, refeitórios e lojas, a igreja durante as celebrações eucarísticas, sala das confissões, banheiros e áreas abertas e de circulação, bem como a torre Brasília, o mirante e o museu do segundo andar.

Durante a visita em questão, foi possível conhecer o Santuário para além da Basílica Nova. Nessa oportunidade, visitei o porto de Itaguaçu, lugar da pescaria conhecida como milagrosa, em 1717, a Basílica Velha e a região central do município. Nele também o movimento é constante, pois ali se construiu uma capela para celebrar a pescaria milagrosa, bem como nos arredores há lojas, restaurantes para atendimento dos romeiros.

Nesses quatro dias de observação, foi possível apreender as missas que acontecem no SNA e observar a movimentação dos visitantes – a qual se dá prioritariamente das oito horas da manhã às dezessete horas. Depois desse horário, o Santuário fecha, somente permanecendo aberta a Basílica Nova e a passagem pela imagem. Foi uma visita de exercício principalmente do olhar sobre o espaço. As celebrações tem horários determinados, seja durante a semana ou nos finais de semana. Há uma pastoral para auxiliar nas celebrações e voluntários que colaboram na recepção das romarias. São sempre mencionadas pelo celebrantes as romarias que estão naquela data visitando o Santuário; são feitas menções dos nomes dos chefes das romarias, celebrações de bodas de casamento também.

Em especial nessa visita, o que mais chamou a atenção foi o comércio existente em torno da Basílica Nova. No domingo, 14 de dezembro, havia montada uma feira livre nos arredores da Basílica. Todos os finais de semana a feira é montada e nela são vendidos artigos religiosos, roupas, calçados, alimentação, toda uma gama de produtos à disposição dos visitantes. De frente para a entrada principal do SNA começava a feira, em um domingo de muito calor na cidade.

Era praticamente impossível locomover-se entre as barracas. A Basílica Nova é muito próxima da rodoviária municipal, distante não mais do que um quilômetro. Para conseguir cruzar a feira e chegar ao final dela, próximo da rodoviária, foi preciso uma hora e quarenta minutos. As barracas estavam completamente abarrotadas. Era necessário esperar, muitas vezes, uma fila de pessoas passarem, para conseguir locomover-se no espaço da feira. São tendas armadas, com lona azul, no meio da rua, que fica interditada durante o período em que a feira funciona.

A sensação, ao andar em um dia de grande movimento, é de estar diante de um formigueiro humano: tudo fica muito lotado, é praticamente impossível andar com agilidade pelo centro da cidade. Os restaurantes ficam tomados de pessoas, os estacionamentos ficam lotados de veículos, especialmente ônibus de romarias. A grande massa de visitantes traz nova característica para o espaço: Aparecida se assemelha a um local de turismo massivo, promovendo uma reflexão sobre o que é popular e massa.



Figura 39 Vista do rio Paraíba e da cidade, de cima da torre da Basílica Nova. As faixas em azul são os toldos da feira livre. SNA, dez. 2010.

Os demais dias da minha estada (dois) foram muito tranquilos se comparados ao final de semana dos dias 13 e 14 de dezembro. Durante a semana (12 e 15, sexta-feira e segunda-feira, respectivamente), o movimento caiu consideravelmente e o baixo fluxo de visitantes permitia não só transitar no Santuário com facilidade, como participar das celebrações eucarísticas, fazer compras no CAR, bem como visitar outros lugares dentro do município. É possível perceber, então, como é diferente a dinâmica em dias de semana e aos finais de semana e feriados. Em dias de pico de movimentação, o atendimento em lojas, restaurantes, nos entornos da Basílica Nova e dentro dela mesma torna-se dificultoso, tamanha a quantidade de visitantes. O que fica é que o espaço, apesar de ter proporções gigantescas, já não é suficiente, em certos momentos, para recepcionar bem os romeiros.

1.1.2 Visita de 11 a 18 de dezembro de 2010

A visita de dezembro de 2010 durou oito dias (11 a 18 de dezembro) e foi durante ela que se procedeu a coleta das entrevistas com os visitantes do SNA. Para tanto, foi necessário que eu apresentasse uma carta da direção do PPGCI, solicitando meu acesso à sala das promessas para, assim, poder abordar os visitantes. Meu intuito era entrevistá-los para que eles me contassem sobre seus ex-votos.

O pedido de visitação à direção do SNA foi feito com dois meses de antecedência. O então diretor, padre Darci Nicioli, já havia me conhecido em 2009, durante a visita, apesar de não ter me concedido entrevista. Por fim, foi dada a anuência para o início dos trabalhos de entrevista. Para tanto, contudo, foi necessário que eu utilizasse uma identificação como membro da imprensa. Assim, circularia como liberdade pelos diversos espaços do SNA.

No sábado e domingo, 11 e 12 de dezembro, no entanto, foi possível perceber o quão difícil ficava a abordagem dos visitantes para falarem de seus ex-votos. A sala das promessas estava abarrotada de visitantes, era difícil abordá-los, bem como pegar o gravador e câmera para proceder a coleta de material. Durante o final de semana, então, foi feita a observação do espaço, conversando informalmente com visitantes e funcionários. Fez-se mister estabelecer outro critério para a abordagem dos visitantes e essa teria que ser durante os dias de semana – de segunda a sábado – pois especialmente aos domingos tornava-se impossível locomover-me dentro da sala, nas proximidades do balcão.

Na segunda-feira, 13 de dezembro, revisitei outros espaços ligados ao SNA, em especial a Basílica Velha e o centro da cidade, a parte alta. A Basílica Velha é bastante procurada e merecia uma atenção, pois foi ao redor da mesma que se desenvolveu a circulação de objetos votivos, que eram deixados em suas entradas e na fachada. Atualmente, as pessoas não deixam ex-votos nesse local, o que não impedia fazer a observação desse lugar sagrado.

Nos dias da semana, foi possível entrevistar as pessoas, dentro da sala das promessas da Basílica Nova, e isso aconteceu entre os dias 14 (terça-feira) a 18 (sábado) de dezembro de 2010. Eu permanecera dentro da sala das promessas no período das oito horas e trinta minutos até a hora do almoço. Após uma pausa de uma hora, retornava a sala até às dezesseis horas e quarenta e cinco minutos, selecionando visitantes para me falarem dos ex-votos e observando como os mesmos se comportam dentro desse espaço.

No total, foram mais de 100 entrevistas breves[46] – entre 1 minuto a 5 minutos, geralmente - feitas com visitantes do local. A maioria das pessoas autorizava a gravação de voz (84 gravadas e fotografadas) e a fotografia de si ou apenas do objeto doado. O restante não autorizava gravação nem fotografia, apenas relatavam os casos, que foram anotados (no

[46] Todas elas, na íntegra, estarão presentes no volume final da tese, em anexo, que será depositado na biblioteca da FFC. Assim também, todas as outras entrevistas que foram trabalhadas ao longo da tese.

total de 30). O tempo de gravação de depoimentos somou um pouco mais que 2 horas e trinta minutos.

A abordagem era feita da seguinte maneira: a pesquisadora permanecia ao lado do balcão onde os devotos deixam os objetos votivos. A preocupação era ver o que era deixado como ex-voto. Então, selecionava as pessoas para serem entrevistadas segundo os objetos que traziam em mãos. O intuito era mapear a variedade de ex-votos, evitando colher depoimentos repetidos que tratassem sempre de uma mesma categoria de ex-votos. No entanto, como a maioria dos visitantes trazem fotografias e objetos de cera, era muito comum ver tais objetos chegando à sala. Isso exigia uma seleção, para que a pesquisa não se restringisse a tais mercadorias.

Algumas vezes, aconteceu de a pesquisadora, no entanto, ser abordada pelos visitantes. Como estava identificada pelo crachá da imprensa e, vendo outros indivíduos falarem de seus objetos e milagres, alguns abordavam a entrevistadora perguntando se podiam contar suas narrativas. De todas as pessoas que vieram abordar, todas tiveram seus depoimentos colhidos, gravados portanto, e fotografados.

O material foi organizado pelo dia (de 14 a 18) e, juntamente, quando possível, acompanhado de uma fotografia do objeto votivo. Para o devoto perguntava-se por que razão trazia tal objeto e, geralmente, dessa pergunta desdobrava-se a motivação do voto. Em seguida, se era sabido o destino do ex-voto. Não foi adotado um questionário extenso, tampouco fechado, para desenhar as entrevistas. O intuito era colher, espontaneamente, as falas e deixar relativamente livre o devoto para contar sobre a trajetória do objeto e sobre o milagre que gerara a entrega. Além disso, eram selecionados por gênero, idade e localidade de procedência.

O dia mais expressivo de entrevistas foi o dia 18 de dezembro, sábado. Foi muito difícil a locomoção dentro da sala. Eu permaneci, o tempo todo, muito próxima do balcão de entrega dos ex-votos, justamente para poder ver o que era deixado pelas pessoas. Na tentativa de observar ex-votos diferentes, tinha que permanecer na proximidade do balcão e, na sequência da entrega do objeto votivo, abordar o visitante e solicitar que o mesmo contasse-me por que razão entregara, qual a motivação a origem.

Todos os dias da visita em questão, contei muitas vezes, com o auxílio dos próprios funcionários da sala das promessas. Em alguns momentos, acontecia de chegarem dezenas de

pessoas na sala. Enquanto eu entrevistava uma delas, outros funcionários viam, por exemplo, coisas diferentes sendo entregues e acabavam por me chamar a atenção para os mesmos.

A única proibição, no entanto, durante essa visita era o acesso à parte posterior da sala, que fica separada da parte do balcão. Na parte de trás, no entanto, os ex-votos são reunidos, ficam alguns contêineres nos quais são postos os objetos de cera, bem como há uma pequena cozinha à disposição dos funcionários da sala. Um responsável pela sala permitiu que eu visse a mesma, mas não fui autorizada, no entanto, a fotografar essa ala separada da sala das promessas. Ela é a ala, por assim dizer, da triagem: ali, alguns funcionários ficam durante o dia separando o que chega, redirecionando aqueles que já possuem um destino conhecido e procurando novos trajetos para aqueles objetos que chegam e que não se sabe para onde enviar.

Nesse período, pude perceber que alguns objetos votivos tidos como de caráter artístico são separados do todo e deixados para que sejam avaliados pelo diretor do museu, Michel Oliveira. Isso acontece, por exemplo, com pequenas estátuas de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a sala das promessas recebe muitas réplicas, algumas inovadoras, feitas por artistas e artesãos famosos, ou esculpidas em material com algum valor artístico agregado. O responsável da sala, então, avisa ao Michel Oliveira para que venha avaliar um objeto recebido. Caso o Michel Oliveira entenda que este tenha valor artístico seja, portanto, merecedor de compor a coleção do museu, a peça sobe para o museu que fica na torre da Basílica Nova. Dois andares da torre abrigam o acervo não exposto do museu e, durante 2010, Michel Oliveira estava compondo uma coleção de imagens da Aparecida que eram recebidas como ex-votos, mas que mereciam, segundo a visão dele, ser parte de uma coleção de estatuários marianos.

Nesse ínterim, também foi possível perceber como os objetos são redirecionados após serem deixados na sala e como proceder conforme o recebimento de cada um deles. Os funcionários sempre agradecem ao devoto pelo objeto deixado. No geral, os funcionários são pacientes com os visitantes, muitas vezes, quando possível, parando e ouvindo as histórias que as pessoas têm para contar. Quando não, sugerem que escrevam esses relatos em um caderno de memórias que fica no balcão da sala. Os funcionários são pessoas previamente treinadas para estarem ali: orientam as pessoas quanto às prováveis dúvidas, agradecem os objetos e auxiliam na coleta dos mesmos. Geralmente, permanecem quatro ou cinco

funcionários por turno; porém, nos finais de semana, esse número aumenta (entre oito e dez) para dar conta da quantidade de objetos que chegam à sala.

Durante essa visita em 2010, foi possível tomar contato com alguns padres que trabalham no SNA. Um deles foi o padre Júlio Brustoloni, que fora prefeito de igreja e publicou um livro sobre o SNA (BRUSTOLONI, 2004). A obra conta desde o surgimento do Santuário até as suas atuais características. Tal livro é vendido dentro do próprio SNA, bem como em lojas da redondeza ou até fora de Aparecida. Utilizou-se da documentação que o SNA mantém, pesquisou também em jornais, publicações de outras pessoas, a fim de concretizar uma obra de memória e de referência sobre Nossa Senhora Aparecida e o SNA. A entrevista com o padre Júlio não contou com estrutura de perguntas. O intuito era apreender o que ele compreende acerca da sala, contar-me sua trajetória dentro desse espaço. A conversa fluiu e, nesse ínterim, encaixava perguntas pertinentes, que ele respondeu brevemente, pois havia pouco tempo para a conversa, visto que ele estava na sala das confissões, em atendimento. Não durou mais que 30 minutos.

Outro clérigo de destaque foi o padre Maciel Pinheiro, que estava visitando o Santuário[47] e que me contou, brevemente, sobre a sala. Padre Maciel também foi responsável pela sala das promessas durante os anos de 2006 e 2007. Foi o padre que veio a mim, e não o contrário. Também sem me pautar por um questionário semi-estruturado, pedi que contasse acerca da sua experiência dentro da sala, como a conduzia, sua visão da mesma. Por 50 minutos, padre Maciel Pinheiro explicou sua relação com o espaço e seu ponto de visto como religioso.

Em 14 de dezembro, entrevistei o padre Rodrigo Arnoso, então responsável pela sala das promessas. Em uma entrevista detalhada, foi de estante em estante buscando reconstruir sua interpretação do espaço. Contou-me, sobretudo, como a sala fora organizada para funcionar também como um espaço sagrado e de cunho catequético.

Essa entrevista teve duração de 1 hora e 50 minutos. O padre foi de gôndola em gôndola explicando os objetos expostos e a maneira como estavam dispostos. Também tratou, assim como os outros clérigos, da história da sala, e de como são selecionados os objetos. Explicou a memória de objetos famosos que estão em exposição, e tratou brevemente de assinalar as mudanças pelas quais a sala passaria, a partir de 2011.

[47] Em 17 de dezembro de 2010.

A última visita ao SNA ocorreu em 1º e 2 de julho de 2011, com duração de apenas dois dias, circunscritos exclusivamente à sala das promessas. A ideia era verificar algumas transformações pelas quais a sala está passando. Desde a qualificação, optamos por não trabalhar aqui as mudanças que a sala assumiria. A pesquisa estava alicerçada em cima de uma exposição observada, fotografada e que tinha, por si mesma, muito o que nos dizer. As transformações seriam objeto para um novo trabalho, quiçá em outro momento oportuno, mas que não caberia abraçar dentro dessa tese.

Foi nessa oportunidade também que se aprofundou a observação participante e descrição do Centro de Apoio ao Romeiro – CAR. Nenhum dos comerciantes locais aceitou entrevista formal. Dessa maneira, em anotações foram colhidos dados para entender o que é esse espaço e como ele se encaixa dentro do SNA.



Figura 40 Gôndola nova. Ao fundo, à esquerda, há uma gôndola antiga. SNA, jul. 2011

Nos dias 1º e 2 de julho, visitei a sala e pude perceber que, até então, as modificações eram estruturais, com a troca da gôndolas que ficam afixadas nas colunas de sustentação da sala. As estantes novas eram de um material mais moderno e rodeadas por vidros; as anteriores eram circundadas por um material plástico e composta de três andares. As novas mantiveram os três andares originais, mas receberam uma nova iluminação e outra disposição

dos objetos. Além disso, na parte de baixo das gôndolas, havia uma barra de metal afixada nos pilares.

1.2 A abordagem metodológica

Ingressando no PPGCI como doutoranda, por conseguinte, havia uma preocupação, já no projeto inicial da pesquisa, que era compreender o ex-voto visto no santuário mariano de Aparecida. Em princípio, houve por bem reforçar as leituras que pudessem alicerçar a análise desse universo de pesquisa. Foi então que adveio a preparação teórica, com o cumprimento dos créditos necessários para atender aos requisitos da pós-graduação. Leituras acerca da memória foram, inicialmente, importantes para refletir sobre como a mesma, materializada nos objetos da sala, não explicava apenas o espaço como um memorial. A sala das promessas também não se reduzia à interpretação de Jacques Le Goff (1996) de um monumento. Ela é sim um pouco de tudo isso: um lugar de memória, como Pierre Nora (1993) interpreta, é monumento e até mesmo há um caráter nela de museu, do ponto de vista de sua organização e pelas coleções expostas.

Da mesma maneira, a circulação dos ex-votos pela sala e pelo SNA remetia a algumas características do sistema de dádivas, analisando primariamente por Marcel Mauss (2001). Na análise do *Potlatch*, prática de trocas entre índios do Noroeste norte-americano, Mauss (2001) trata da dádiva, conceituada por ele como um complexo sistema de trocas, que não separa indivíduos dos objetos (os objetos são animados, carregam consigo traços de quem os gerou), e implicam em três obrigações: dar, receber e retribuir, são três ações necessárias dentro do *Potlatch*. Tão importante quanto o circuito de trocas que o *Potlatch* gera, é o reconhecimento deste como sendo um fato social total.

O *Potlatch* engloba, na visão desse antropólogo francês, uma série de relações sociais e neste circuito objeto e sujeito não são distintos, são partes de um todo. Ele reconhece o caráter social da troca, bem como chama a atenção para o peso que a cultura material tem dentro de uma sociedade. Trata-se de uma relação específica de circulação de bens, pois implica em relações de retribuição e deveres entre as partes, é uma relação agonística, como o autor identifica. No entanto, como qualquer outro circuito de bens, o *Potlatch*, sob a perspectiva do autor, revela quão importante a circulação de objetos é, pois nesses circuitos e caminhos traçados os objetos se apresentam como agentes sociais promotores e reveladores

de relações entre os indivíduos, grupos e sociedades. Ou seja, tais como os próprios indivíduos, são capazes de motivarem novas ações, reações, dádivas, contradádivas, sem mesmo contarem com a participação de um ser humano.

Ver no objeto da dádiva a presença do *mana* (uma espécie de alma que segue o objeto por onde ele passa, na visão dos grupos que fazem as trocas de dádivas [MAUSS, 2001]), nada mais é, sem que o autor assim coloque, entretanto, a manutenção de uma característica dos objetos, ou seja, como agentes sociais que são, estabelecem múltiplas relações, firmam ações, encerram, conectam e desconectam grupos e pessoas, seja por quais motivos e ensejos possíveis. A relação da dádiva não conteria em si a realidade observada, mas foi essa perspectiva que fez reforçar, primeiramente, uma preocupação com o fluxo desses objetos pelo espaço de transição, aqui delimitado na sala das promessas.

Outra discussão que contribuiu para a compreensão do universo selecionado, foi a disciplina do professor Oswaldo Almeida Júnior, no primeiro semestre de 2009, acerca da mediação, documento e informação. A mediação é característica intrínseca do documento. Assim como interpreta Jesús Martín-Barbero (2006) a mediação não é a simples equação reduzida a um emissor, uma mensagem enviada e um receptor que recebe, passivamente.

A mediação é permeada por significados e interpretações complexas e para além dessa relação descrita. Ela também não encerraria a compreensão a respeito do trânsito dos objetos pela sala; há os que permanecem na mesma, mas boa parte abandona-a rapidamente, em questão de dia ou horas até. A efemeridade da passagem pela sala e havendo descoberto, então, que todo objeto por ela passa, não estabiliza-se ali, trazia ao lugar um valor maior e ao objeto a característica de mediador, porém valor esse deslocado quando o ex-voto deixa a sala das promessas.

A participação em uma disciplina com o professor Eduardo Murguia, no segundo semestre de 2008, voltada para o estudo de coleções e do colecionismo, fortemente marcada pelas leituras de Susan Pearce (1990; 1993; 1998; 2005a; 2005b), promoveu a familiarização com a discussão de coleções e o interesse em realização de um estágio de doutorando na Universidade de Leicester/UK, no Departamento de Estudo sobre Museus, onde a autora supracitada era decana.

O estágio de doutorando no exterior aconteceu em 2010, e tinha como foco fortalecer leituras, para melhor compreensão do universo selecionado. Em princípio, seria importante identificar no relato dos devotos de N. Sra. Aparecida o que os motivava a deixar o objeto

nesse local e, por conseguinte, utilizar os relatos dos doadores como subsídio para a compreensão do universo de pesquisa selecionado. Dessa maneira, os estudos sobre colecionismo poderiam trazer contributos para a análise.

Durante março a setembro de 2010, desenvolveu-se um estágio com intensas leituras, selecionadas e indicadas pela professora e antropóloga Sandra Dudley, co-orientadora da pesquisa durante o período em questão. E foi durante o contato com essas leituras e começou a surgir o fato de que a discussão de coleção não seria plenamente capaz de encerrar o que acontece na sala das promessas. Foi importante, principalmente, no que tange ao processo de musealização, especialmente de objetos votivos que vão parar no acervo do museu do SNA. Contudo, a maior parte desses objetos não vai para o museu, e aí a coleção deixava escapar uma leitura que auxiliasse a compreensão desse universo.

A leitura do SNA trouxe um direcionamento para uma leitura etnográfica, pautada e baseada na observação participante e na interpretação da totalidade em questão, qual seja, a sala das promessas. Assim como as lições preliminares da Antropologia sugerem, o texto de Sandra Dudley (2010) veio a ser um reforço de que, no estudo de uma realidade selecionada, a etnografia era um dos métodos possíveis de análise e compreensão, fortalecendo um olhar direcionado para a compreensão do objeto votivo e do espaço no qual está inserido e que é o responsável pela sua atribuição do caráter documental.

E ainda em 2010, no mês de novembro, foi possível participar de uma disciplina ministrada pelo professor Eduardo Murguia, na qual a discussão de dispositivo veio agregar elementos para a melhor interpretação do ex-voto. E, por fim, no primeiro semestre de 2011, a disciplina ministrada pelo professor José Augusto Chaves Guimarães promoveu a reflexão, somada à leituras feitas durante os anos de doutoramente, que refletia uma luz focada no lugar, no contexto de produção do documento. Mais uma vez, o reforço da sala como um lugar de atribuição de valores pôde ser pensada e avaliado para a finalização da tese.

1.2.1 O método etnográfico

A etnografia é um método de abordagem e, ao mesmo tempo, técnica de pesquisa, pautada na observação e descrição da realidade vista pelo etnógrafo. Compreendida como orientação para a interpretação do SNA, em todas as visitas realizadas durante a pesquisa, foram feitas cuidadosas observações do espaço. O exercício etnográfico nos ensina,

entretanto, a dedicar um olhar mais acurado para a realidade, atento às práticas que ocorrem. José Guilherme Magnani (2002), em um artigo no qual recapitula a tradição da Antropologia Urbana no Brasil, salienta que a etnografia pode favorecer a apreensão de como os atores e suas práticas são incorporados na dinâmica da cidade. Ainda segundo o autor, dentro de uma leitura política, há uma gama de práticas que não são visíveis e é justamente nesse ponto que a etnografia encontra seu campo específico para se exercitar, colaborando num trabalho de resgate dessas práticas.

Em um texto mais recente, Magnani (2009) reforça o papel da etnografia, como uma forma de operar, em que o pesquisador toma contato com o dia-a-dia do pesquisado, além de acabar por partilhar com esse seu horizonte de análise, estabelecendo uma relação de troca, ao passo que aproveita para comparar teorias.

Como o autor entende, isso seria um *insight*, isto é, uma maneira de se aproximar de uma abordagem etnográfica, produzindo um conhecimento diverso do obtido por outros métodos. "Trata-se de um empreendimento que supõe um determinado tipo de investimento, um trabalho paciente e contínuo ao cabo do qual e em algum momento, como mostrou Lévi-Strauss, os fragmentos se ordenam, perfazendo um significado até mesmo inesperado", complementa o autor (MAGNANI, 2009, p. 135).

Para o antropólogo em questão, prática e experiência etnográficas são coisas distintas. A prática implicaria em algo organizado e planejado, enquanto que a experiência é descontínua e imprevista. Uma depende da outra e a experiência introduz a prática. Além disso, o antropólogo entende que a etnografia é um método próprio de análise dentro da Antropologia, amplo e não restrito, englobando estratégias de inserção no campo de contato, avaliando as condições de manter essa prática constante que levará, ao final, ao trabalho descritivo. Por fim, a etnografia pretende a compreensão da totalidade, pressuposto fundamental da pesquisa etnográfica.

A totalidade, para Magnani (2009, p. 138), é aquela que é percebida pelo pesquisador e que possa ser descrita em termos categoriais: "se para aqueles [pesquisados] constitui o contexto da experiência diária, para o segundo [pesquisador] pode também se transformar em chave e condição de inteligibilidade". Não podendo, por conseguinte, contar com uma totalidade que está dada, o papel do etnógrafo é o de postular uma, que não é fixa e que é construída a partir da experiência desses atores e com o auxílio de hipóteses de trabalho, bem

como de escolhas teóricas, condição essa necessária para que se possa afirmar mais que generalidade e platitudes que digam respeito ao objeto pesquisado.

O trabalho do antropólogo não se constrói sozinho: ele depende das pessoas, dos grupos, das culturas observadas e vivenciadas, para que se chegue à construção de uma análise interpretativa. Dessa maneira, as lições que a Antropologia e a etnografia nos oferecem dizem respeito à possibilidade de trabalhar, ou melhor, exercitar o olhar do pesquisador, na tentativa de, durante o exercício de uma observação participante – vivenciar o lócus e a realidade de análise, vivendo-a conjuntamente com as pessoas que dela fazem parte – podermos apreender um pouco melhor o que é o contexto do Santuário Nacional.

Por fim, como ensina Carlos Fausto e Marcela Souza (2004), em um artigo no qual revisitam a obra de Claude Lévi-Strauss sobre os índios brasileiros, eles demonstram que o professor francês não aprendeu Antropologia apenas na academia, mas sim na vivência com ameríndios. No desenvolvimento de suas etnografias, Lévi-Strauss demonstrou como dicotomias de análise de povos ameríndios são construções históricas. Ele mesmo se questiona quanto a isso, criticando um modelo de análise que fosse aplicado em qualquer contexto. Por exemplo, analisar a floresta como se analisa a savana, olhar as terras baixas como se olha as terras altas. Para Lévi-Strauss, categorias dualistas são construções históricas que ele mesmo já criticara em seus trabalhos etnográficos.

O texto de Fausto e Souza (2004) é importante, por fim, para dar subsídio a esta proposta de investigação. Neste trabalho o exercício etnográfico se volta para a melhor compreensão da realidade observada e analisada. As dicotomias, por ventura aqui trabalhada, são aleatórias, escolhas dos pesquisadores, e como tal, definem a totalidade do universo analisado segundo o ponto de vista e a interpretação pontual que tais pesquisadores atribuem ao objeto de pesquisa. Longe de desenvolver um trabalho de grande monta como os etnógrafos, nessa tese a etnografia será, como ensinou Magnani (2009), mais utilizada pela experiência que nos oferece do que pela prática sistemática de seu uso, isto é, far-se-á um exercício etnográfico o tempo todo na busca de melhor compreender a totalidade observada e aqui reconstruída, dentro de uma perspectiva de análise própria.

O observador que estuda a biografia de um objeto é quem se move com a função de conhecer as trajetórias que a constituem. Investigar a biografia de objetos é interpretá-los, o que faz do estudo um campo vasto, já que há muitas perspectivas de análise perante um objeto biografado.

Tome-se como exemplo estudos antropológicos desenvolvidos por Bronislaw Malinowski (1978) nas ilhas Trobriand, no início do século XX. Observando o *kula*[48], Malinowski não vê esse tipo de troca como sendo uma versão desatualizada ou passada do nosso comércio moderno. Apesar de não mencionar a ideia do estudo biográfico, o que ele faz é identificar trajetórias e espacialidades pelas quais o objeto vai passando e como as alinhava em uma teia de relações que constitui a biografia dos objetos que ele menciona.

> O estudo de objetos trobriandeses, sem reduzi-los a uma dimensão histórica, permite a Malinowski não só descobrir o significado complexo dos objetos trocados nãos ilhas Salomão, como também localizar objetos equivalentes em sua própria sociedade. Se o valor das joias da coroa estavam implícitos (ou eram inconscientemente percebidos), sua comparação com o material trobriandês fez como que eles aparecessem com toda clareza, tornando segura a interpretação sociológica dos objetos da Melanésia. Em outras palavras, o exemplo revela que uma sociedade dominada pela mudança e pelo eixo do tempo tem dimensões (ou domínios) marcadas pela eternidade ou por valores que pretendem estar fora da temporalidade. O valor das joias da coroa e das relíquias religiosas é precisamente esse: são objetos como que arrancados para fora da temporalidade e marcados pela vida daqueles que, sendo imortais, os usaram (DAMATTA, 2010, p. 124-125).

Ao analisar a relação de outros povos com a cultura material, Malinowski (1978) consegue refletir sobre a sua própria sociedade e apreender como são importantes esses fluxos e movimentos que os objetos estabelecem e, como através deles, podemos perceber agenciamentos e a construção de relações sociais.

O etnógrafo Malinowski fez esse exercício na observação do *kula* e, vendo porque alguns desses objetos não eram circulantes, e sim estáticos, é que acaba por contribuir com a cultura material no ponto em que analisa como o objeto biográfico é dialético: parado, separado do movimento das trocas, o objeto torna-se polissêmico, rico em significados (PEARCE, 2005a, p. 26). Todavia, circulando e traçando relações entre os indivíduos, ele também é validado pelo seu valor de mercadoria e, como tal, revela fluxos e transitoriedades necessárias para que os objetos circulem de mãos em mãos e, com isso, estabelecem relações comerciais, comprometimentos, pertencimentos e identidades.

Malinowski (1978) identifica no estudo da cultura material, dos usos e funções que o aparato material atende, a própria função da cultura. Dentro de uma perspectiva funcionalista

[48] Trata-se de um circuito de troca e comércio de colares e braceletes (*vaygu'a* – objetos de valor), entre várias ilhas, que compõem a Melanésia. Os homens saem para jornadas em visitas a parceiros comerciais já conhecidos e exercitam um complicado jogo de conquista e de convencimento do outro parceiro no negócio. São bem valiosos e lucra mais que consegue as melhores trocas. Há uma divisão entre as conchas que são trocadas e as que não são, que constituem tesouros de certos grupos e famílias.

de análise da cultura, o autor entende que os seres humanos precisam suprir suas necessidades e essas são as geradoras da cultura, cuja tarefa é criar e ampliar um aparato material que supra as necessidades dos seres humanos. Além do papel histórico, o objeto dá subsídios para identificar como um grupo cria e recria sua própria cultura, suas instituições, suas tecnologias, seus artefatos e organizar o conhecimento que produz (KUPER, 1973). Ainda que delimitada a análise à compreensão da cultura apenas como uma forma de suprir necessidades primárias dos seres humanos, o etnógrafo reforça seu interesse por ver, no circuito dos *vaygu'a*, a própria constituição de relações sociais.

1.2.2 Classificação, cultura material e documento

Émile Durkheim e Marcel Mauss (1999) reiteram que a cultura material é antes uma forma de identificação do indivíduo com sua sociedade e grupo de pertencimento. Os objetos constituem um aparato de formação e reprodução de identidades sociais.

> Com efeito, as coisas mais essenciais ao indivíduo não são as mais próximas dele; aquelas que se referem mais estreitamente à sua personalidade individual. A essência do homem é a humanidade. A essência do australiano está antes em seu totem do que em seu subtotem, e mesmo, melhor ainda, *no conjunto das coisas que caracterizam sua fratria*[49]. (DURKHEIM; MAUSS, 1999, p.145).

Segue-se que poderíamos interpretar que a essência do sujeito enquanto na posição de devoto não está em si mesmo, mas no ex-voto que deposita na sala das promessas. A essência do objeto é documentar.

Organizar e classificar são características da cultura material, assim também são elementos que a constituem. A cultura material implica em diferentes maneiras de classificar o mundo material e essa atividade reforça a diversidade entre grupos e sociedades e torna-se fator que reforça as identidades sociais. Neste texto clássico da Antropologia francesa, os autores demonstram como seus estudos apontam para uma necessidade de toda cultura em classificar, isto é, em organizar o mundo a sua volta.

Novamente, organizar e classificar são características da cultura. Tudo, dentro dessa perspectiva, precisa ser classificável para ser apreendido e essa atividade reforça a diversidade entre grupos e sociedades e torna-se fator que reforça as identidades sociais.

[49] Grifo meu.

Os estudos sobre cultura material, no entanto, nem sempre fizeram parte da ciência ocidental. Pearce (2005b) nos mostra que a prática do colecionismo e o consequente interesse em estudá-la são fenômenos modernos. Também Buchli (2002) explica que, especialmente na Inglaterra do século XIX (mencionando a Grande Exposição, ocorrida em Londres em 1851), começou a surgir um interesse em identificar como a materialidade é capaz de demonstrar o desenvolvimento de sociedades e, dentro de uma perspectiva evolucionista, essa análise colocou as sociedades europeias no topo da escala evolutiva: quanto mais tecnológica, mais desenvolvida era a sociedade: tanto mais se classificava, mais sofisticada e evoluída era uma cultura.

Como uma maneira de interpretar a sociedade, a cultura material, conforme explica Odo (2000), todavia, só se torna objeto de estudo a partir dos anos de 1920-1930. Ao refletir sobre os usos da fotografia, o autor explica que até este período havia uma maior preocupação e direcionamento para fotografar e registrar os seres humanos, especialmente os que eram estudados pelos etnólogos em colônias e ex-colônias europeias. A partir dessa há uma quebra do paradigma, pois especialmente dentro da Antropologia passa a acontecer um maior interesse em não só conhecer tipos humanos e étnicos, mas também a cultura material, os objetos.

Desde as décadas de 1920/1930 e com o distanciamento da ciência de uma proposta evolutivo-positivista, a cultura material passa a ser objeto de estudo e de reflexão dentro da Antropologia, da História e perante os estudos culturais, sendo um campo para a compreensão das sociedades, ditas primitivas ou não.

A partir dessa interpretação da realidade, a pesquisa sobre um objeto auxiliaria na compreensão de como o grupo classifica o mundo à sua volta. Por exemplo, o uso de vestes de gala pode representar que uma mulher está se arrumando para uma festa ou celebração. No caso do estudo de Sandra Dudley (2010a), sobre a experiência de refugiados Karenni na Tailândia revela, entretanto, que quando uma mulher se utiliza de tecidos e vestes de gala é uma forma de manter a identidade, tendo em vista que estão fora de seu território e distante de suas origens, sendo obrigadas a viver em campos de refugiados.

Essas vestes são uma forma de materializar o exílio, a casa que elas abandonaram, são a única referência de uma cultura material que fora abandonada pelos refugiados, compelidos a mudar suas vidas por força das circunstâncias. É como se, distante de sua cultura material, de sua terra, e do mundo no qual viviam, estivessem ameaçados de ver ruir as estruturas que

fundam a cultura dos Karenni. O apego à vestimenta, todavia, é interpretado como um elo, como um sustentáculo que mantém relação com o passado desse grupo, com as identidades de homens e mulheres Karenni.

Simbolicamente pensando, os objetos auxiliam na compreensão de como as sociedades criam os significados. Desvendá-los implicaria em interpretar a história social, as biografias, os trajetos e caminhos sociais que o objeto desenvolve ao longo de sua trajetória. No entanto, os objetos não são humanos, são inanimados, estanques, dentro do pensamento moderno ocidental. Quem os classifica e organiza, tanto o mundo material, como a natureza, é o homem. E o método etnográfico, pelo seu caráter descritivo, portanto, torna-se um aliado para a interpretação da totalidade aqui pensada dentro da sala das promessas, abraçando seus objetos votivos e a biografias desses.

Classificar, portanto, é tentar compreender o mundo à volta. Michel Foucault (2007) ressalta que a classificação de seres vivos, que começa a ser proposta no século XVIII, se volta para uma possibilidade de colocar a natureza dentro de uma taxinomia, é uma maneira de conhecer e apreender a realidade, levando-nos a entender que tudo aquilo que é classificado dentro de uma cultura é por ela conhecido e identificado, em detrimento daquilo que não é conhecido e que não pode ser identificado, portanto, não existindo.

Foucault (2007, p. 175) nos coloca o exemplo da História Natural para entender esse dado. No século XVIII, iniciam-se os estudos da história dessa ciência, sem levar em conta, todavia, que antes dessa data não existia tal repartição do saber. A História Natural e, depois, a Biologia como ciência para estudar a vida, até então, eram desconhecidas, e isso se dava porque o próprio objeto de estudo dessa ciência última não era conhecido, a vida; "Existiam apenas seres vivos e que apareciam através de um crivo do saber constituído pela história natural".

Especialmente com a ciência moderna, se inicia um interesse por conhecer o mundo vivido. Esse mundo é apreendido e sabido, e a história se presta a atribuir um sentido diferente: pela primeira vez, pousa-se um olhar minucioso sobre as coisas, os animais, os seres vivos, para então transcrever o observado com palavras neutras e fieis.

> E é nesse tempo classificado, nesse devir quadriculado e especializado que os historiadores do século XIX se empenharão em escrever uma história enfim "verdadeira" – isto é, liberada da racionalidade clássica, de sua ordenação e de sua teodicéia, uma história restituída à violência irruptiva do tempo (FOUCAULT, 2007, p. 180-181).

E mais, para dar força a essa ideia acerca da visão das coisas, Eduardo Murguia (2010) reitera a ideia foucaultiana. Como dito, é no século XVIII que a visão das coisas da natureza adquire razão de ser. Vale retomar o mesmo trecho citado pelo autor, no qual Michel Foucault em "A arqueologia do saber", coloca que:

> O documento dessa história não são outras palavras textos, ou arquivos, mas espaços claros onde coisas se justapõem: herbários, coleções, jardins [...]. Diz-se frequentemente que a constituição dos jardins botânicos e das coleções zoológicas traduzia uma nova curiosidade para com as plantas e os animais exóticos. De fato, já desde muito eles haviam suscitado interesse. O que mudou foi o espaço em que podem ser vistos e donde podem ser descritos. No Renascimento, a estranheza animal era um espetáculo; figurava nas festas, nos torneios, nos combates fictícios ou reais, nas reconstituições lendárias, onde quer que o bestiário desdobrasse suas fábulas sem idade. O gabinete de história natural e o jardim, tal como são organizados na idade clássica, substituem o desfile circular do mostruário pela substituição das coisas em quadro. O que se esgueirou entre esses teatros e esse catálogo não foi o desejo de saber, mas um novo modo de vincular as coisas ao mesmo tempo ao olhar e ao discurso (FOUCAULT apud MURGUIA, 2010, p. 133).

Dessa citação, Murguia (2010) depreende uma análise relevante aqui. Esse quadro ao qual Foucault se refere implica em classificação, isto é, em uma disposição relacional, fazendo com que os objetos adquiram significação pelos vínculos que criam entre si. O que se quer colocar é que não apenas textos são a única maneira de conhecer; os objetos e as coisas também o permitem. E o autor reforça: "Um animal, uma planta, uma pedra não existem para serem observados, aliás, eles simplesmente existem. O que já não acontece com as coisas, com os objetos, com os artefatos; eles existem para algo: permitir nossa existência" (MURGUIA, 2010, p. 133). Porém, ambos, na visão do autor, podem vir a ser documentos.

E no tocante ao documento, ele retoma Suzanne Briet (1951). O antílope e a rocha serão documentos, respectivamente, no zoológico e no museu, enquanto que a estrela lá no céu não seria para a autora, mas a fotografia sim. O documento medeia relação entre nós e a estrela, dentro dessa perspectiva. Há uma estabilização relacional dos objetos e coisas, que necessariamente, tem que acontecer como explica Murguia (2010), assim tornando possível apreendê-lo. Por isso, apesar de Briet (1951) descaracterizar a estrela como documento, Foucault (2007) a entenderia como tal. "Estabilidade, no caso, é o oferecimento de possibilidade que permitam a observação (em determinadas condições) e as ações às quais dá lugar" (MURGUIA, 2010, p. 134).

A ciência moderna trabalha com o tempo classificado, com o espaço ordenado, dando lugar, classificação e hierarquia a tudo que é conhecido pela humanidade. Classifica, ciências,

homens, culturas, sociedades, saberes. A racionalidade à serviço da ciência, na modernidade, sacraliza a capacidade do homem de utilizar sua razão e conhecer o mundo e, conhecendo-o, tateando-o, colocá-lo em posições definidas, criando ordem àquilo que, na natureza, é caótico.

A natureza é oposta à cultura na modernidade: a cultura e a ciência são os alicerces que diferenciam os homens dos demais animais e estes entre si: quanto mais se classifica, quanto mais tecnologia, quanto mais produção de riqueza, quanto mais complexa a sociedade, tanto mais está é considerada organizada. O pensamento evolucionista, que se inspira no pensamento darwiniano do século XIX, se apropria dessa interpretação que ainda é própria da ciência no século XXI: a elaboração de classificações e de ordenação do mundo aprimora a capacidade do homem conhecer e identificar o mundo no qual vive.

No século XVIII, Michel Foucault (2007, p. 189) prossegue, é que surgem os jardins botânicos e os gabinetes de história natural. E a importância desses espaços não é pelo que permitem ver, mas sim pelo que escondem: "disfarçam a anatomia e o funcionamento, ocultam o organismo, para suscitar, ante os olhos que esperam sua verdade, o visível relevo das formas", são o "livro ordenado das estruturas, o espaço onde se combinam caracteres e onde se desdobram as classificações".

Para organizar, a Biologia atribui caráter às plantas. Esse é o elemento que cria a identidade entre elas, excluindo qualquer outro elemento que não seja definidor do caráter. A ciência moderna, por fim, trabalha para identificar e classificar os semelhantes por um suposto distanciamento existente entre as coisas, reaproximando-as em taxinomias, tabelas, grupos, etc, de forma a trazer ordem a um universo desordenado.

Bruno Latour (2009) questiona o estatuto da modernidade e da ciência moderna. Para proceder nesse sentido, relembra que o mundo moderno traz algumas garantias constitucionais, sem as quais ele não se funda. A primeira delas é que a natureza existe independente dos homens, e se faz e existe por si só. O papel do homem é apenas o de descobri-la. A segunda garantia é a de que a sociedade é uma criação unicamente humana, e que os homens são os responsáveis pelas decisões a respeito de seu destino. O questionamento do autor anula ambas as garantias, ao afirmar que a natureza, quando entendida dessa forma, se torna estranha e estrangeira ao homem, e a sociedade, criada artificialmente como a garantia do Leviatã de Hobbes apregoa, não se sustentaria sozinha pela sua artificialidade.

O que Bruno Latour (2009, p. 36) pretende afirmar é que as garantias se prestam como contrapeso, uma para a outra, só tendo razão de ser quando associadas. Elas, nesse sentido, não podem ser analisadas separadamente, pois se sustentam mutuamente. Na verdade, são "dois ramos do mesmo governo", como ele próprio afirma. O homem constrói a natureza e a sociedade; a primeira não se sustenta sem os objetos e as coisas que são criadas pela força social.

Uma terceira garantia se embasa pela necessidade de manter natureza e sociedade absolutamente distintas uma da outra; o trabalho de purificação e o trabalho dos híbridos são distintos, ou seja, as duas garantias iniciais são contraditórias por força dessa terceira, que as mantém afastadas. Crendo que natureza e sociedade são sempre distintas e se contrapõem, a terceira garantia faz a manutenção perene dessa certeza.

Por fim, o autor afirma existir uma quarta garantia na Constituição moderna: Deus é suprimido dessa realidade, ao passo que a natureza se esvazia da presença dele, e a sociedade não tem origem divina. Somadas essas garantias, afirma que a modernidade não está relacionada ao humanismo, tampouco à irrupção das ciências, ou à laicização da sociedade, nem à mecanização do mundo. Ela é fruto da transcendência e imanência que tais garantias geram: ou tudo é criado pelos homens, ou nada é criado por eles, ou há um terceiro que cria tudo. O papel da Constituição moderna é tornar invisível os híbridos dessa mediação. Os híbridos são as misturas entre a natureza, a sociedade e a esfera divina da vida. A modernidade permite que esses se proliferem, mas nega-os. Tenta fazer com que essas três esferas pareçam estanques: a natureza é mobilizada, a sociedade é coisificada e Deus não interfere em nada disso.

A discussão desse autor aponta para o fato de que a modernidade só se constitui pelo dualismo sociedade/natureza; assim, crê manter os objetos e sujeitos dissociados, ao passo que os mistura ainda mais. A ciência moderna crê-se pura, mas na realidade é intimamente ligada à construção do social. Enfim, como "A Constituição moderna acelera ou facilita o desdobramento dos coletivos, mas não permite que sejam pensados (LATOUR, 2009, p. 47)".

Bruno Latour (2009) propõe a constituição não-moderna, ou seja, a fuga dessas dissociações que só multiplicam os quase-humanos e os quase-objetos. Não nega, todavia, a modernidade por completo, mas dela retira o caráter de separação entre sociedade e natureza, entendendo que temos não culturas, mas naturezas-culturas, todas com um ponto de vista sobre tais esferas. Dessa forma, não dá para separar os homens de suas máquinas, de seus

objetos, da natureza. Os objetos, por exemplo, “foram quase-sujeitos circulando no coletivo que traçavam. Ele [homem] é feito destes objetos, tanto quanto estes são feitos dele. Foi multiplicando as coisas que ele [homem] definiu a si mesmo” (LATOUR, 2009, P. 136).

Em outro trabalho, o mesmo autor (LATOUR, 2007) afirma a importância de estudar e compreender as redes. Relaciona-se com o que antes havia dito, isto é, para compreender a sociedade, não se pode retirar-lhe o diálogo com a natureza e nem com os objetos. Por isso mesmo, quando fala do objeto de estudo da Sociologia se refere aos coletivos e não a sociedade em si. Sua proposta é redefinir o que é o social, o que levaria a uma redefinição da Sociologia, como sendo não uma ciência do social, mas um traçado de associações.

O social, então, passa a significar um tipo de conexão entre coisas que não são, elas mesmas, sociais; implicando em um movimento de re-associar e de reunir. Dessa maneira, torna-se possível entender o social como sendo algo muito mais amplo do que uma associação de seres humanos. Para o autor, as associações são possíveis e levarão à formação de coletivos: de sujeitos, de objetos, de plantas, de quaisquer coisas que tracem associações entre si.

Dessa forma, os objetos votivos que são dados no SNA são entendidos como parte de um conjunto de um coletivo de indivíduos que ali se faz representar por esses objetos e que são os atribuidores de valor e de simbolismo para os mesmos. Da mesma maneira, esses indivíduos que não podem estar ali representados por si mesmos, o fazem pelos objetos. Um depende do outro e é decorrência da associação que mantém com a outra parte. Trata-se de uma relação simétrica, pois objetos e sujeitos, a partir dessa perspectiva de análise, são elementos compatíveis de formarem associações que estabilizam tais controvérsias anteriores, qual fosse, de que é possível pensar em associações sem restringi-las ao domínio do social (LATOUR, 2007).

Como entender, então, que os objetos possam agir? A ação é limitada aos atores, pois é dotada de intencionalidade, de significado, tornando difícil de entender como um martelo, uma cesta, um gato, uma lista possam agir (LATOUR, 2007). Objetos existem, ou deveriam existir, apenas no domínio das relações materiais causais, e não no domínio reflexivo-simbólico de relações sociais.

Ao contrário, Bruno Latour (2007) apregoa que, para a teoria ator-rede (ANT – actor-network-theory), os objetos servem mais do que de cenário para a ação humana, eles podem autorizar, permitir, reforçar, encorajar, sugerir, influenciar, bloquear, tornar possível, proibir e

por aí adiante. Para a teoria ator-rede não se trata de uma demanda vazia de que os objetos fazem coisas no lugar de atores humanos; significa dizer que fora de uma ciência do social é possível pensar **quem** e **o quê** participa na ação não é primariamente no todo explorado, o que implicaria no emprego de elementos que podem ser chamados de não-humanos.

A novidade que Bruno Latour (2007) aponta, portanto, joga luz sobre os objetos como sendo atores nessas redes. Uma Sociologia do coletivo é viável e só terá razão de ser se analisar os sujeitos e os objetos, a paisagem, as dicotomias em conjunto. Nessa intrincada rede de associações que são próprias da realidade vivida e observada é que vem à tona a compreensão de como esses sujeitos organizam o mundo, classificam os objetos e, classificando-os, que sentidos e significados querem a eles atribuir. Acompanhando a trajetória dos objetos, não apenas dos indivíduos, é possível apreender que os objetos, tal como os sujeitos e atores sociais, formam biografia. A palavra remete a uma ideia de uma escrita de uma vida.

Seres humanos fazem suas autobiografias ou as têm escrito por terceiros. O objeto não é dotado da capacidade de auto-construir sua trajetória, mas constitui biografia e essa nos é dada quando analisamos a realidade vivida e, assim, nos é permitido reconstituir a biografia de objetos. Essa biografia implica em uma série de associações entre sujeitos, objetos, intenções, ações, desvios, trajetórias, finalidades, grupos, crenças, etc. Não pode ser isolada dos sujeitos, ao passo que esses também não formam suas biografias desapegados da materialidade que os rodeia.

Por esse prisma, os capítulos seguintes tentam seguir os passos colocados por Bruno Latour (2007; 2009), isto é, fazer um estudo das associações e das redes que são construídas e reproduzidas dentro da sala das promessas do SNA. Esses coletivos são aparentemente formados por objetos ali expostos ou apenas recebidos, porém, na verdade, são híbridos quase-objetos, quase-humanos e quase-sagrados, que remetem e se ligam necessariamente aos indivíduos, a um contexto material e a uma prática religiosa. O objeto votivo é mercadoria e documento, porque assim a sala das promessas o permite ser. Não são menos e nem mais importantes que os indivíduos; são simplesmente indispensáveis, assim como as pessoas, para a apreensão da realidade observada. A etnografia como método, então, não se limitará a observar os indivíduos e suas práticas, mas o espaço e os objetos que permitem que esses indivíduos percebam aquela totalidade.

A ideia é tentar romper com a fatídica assimetria aponta por Bruno Latour (2009), em sua crítica da Antropologia moderna. Não dá para fazer outra ciência que não seja a moderna, mas que ela, então, reconheça-se como uma escrita da realidade, produto de um contexto e de uma observação permeada de conhecimento, dominada por objetos que não são inertes, ao contrário, agenciam e que, quando estabilizados, promovem a percepção das disposições relacionais. A dicotomia da ciência moderna separa para sempre cultura e natureza; o autor afirma que cultura é uma invenção, para separar nós e os outros, modernos e pré-modernos. Como pode o homem separar-se do objeto? Ele o fez para que também possa existir.

Um exame desses híbridos é a proposta de Bruno Latour (2009) e que aqui é aproveitada como uma possibilidade para o reforço da análise descritiva dos objetos e do método etnográfico como processo de reprodução dessa diferenciação do homem e sua realidade. Todavia, como dito, essa dicotomia é inventada; um relativismo, como o autor propõe, nos fará perceber que qualquer objeto na sala das promessas torna-se documento. O documento trata sobre a fé; o milagre não é documentado. O que se documenta ali é a fé. E ainda que o documento faça prova de algo que não existe perante os cânones científicos – o milagre – ele o faz porque o espaço lhe permite isso.

Encerrando, o exercício é estudar a cultura, como explica Roy Wagner (2010), e isso só é possível se a Antropologia mesma fizer cultura. O antropólogo, quando estuda, faz cultura, faz sua visão objetiva da cultura do outro. A escolha é não a de fazer uma "imposição de nossas próprias preconcepções a outros povos", mas sim de realizar uma experiência aberta e de criatividade mútua (entre observador e observados), "na qual a cultura é criada por meio das 'culturas' que criamos com o uso desse conceito" (WAGNER, 2010, p. 46).

1.3 A abordagem técnica

1.3.1Categorias construídas e descritas

As categorizações são marcantes dentro do SNA e são uma reprodução de divisões que são próprias do pensamento ocidental moderno.

> Modern Western thought places a low value on the material world and its products, paralleling traditional Christian morality: both are at odds with modern Western capitalism, which places an inordinately high value upon the possession of material. This is one of the fundamental paradoxes of Western life, and museum collections are part of the heart of it. Here we are

> concerned with the role Western philosophy has allotted to material culture, a role which objects are seen as merely the outcome or the product – or even the detritus – of primary thinking, feeling and acting which is carried out elsewhere (PEARCE, 1993, p. 17)[50].

Ao retomar a divisão de Platão sobre a dualidade inerente à tradição ocidental, Pearce comenta que essa dualidade (ou seja, separar o que é imaterial do que é material, ideal versus real), composta de duas colunas (a da esquerda que concentra a superioridade essencial do que não é material, enquanto que a coluna da esquerda concentraria o que é material, além de termos a isso associados, tais como mau, impuro, etc) define a maneira de pensar do mundo ocidental, sempre pautado por essa dualidade que define a vida em sociedade e a forma como os homens organizam sua visão de mundo. O que é material está sempre associado ao mundo físico, enquanto que o que for metafísico associa-se ao não-material. Material, explica Pearce (1993) se origina da palavra "mãe", associando assim essa palavra ao que é feminino, enquanto que o não-material fica associado ao masculino.

Figura 41 Quadro de dicotomias que marcam o pensamento ocidental.

Homem	Mulher
Coletivo	Unidade
Imaterial	Material
Bom	Mau
Mundo divino	Mundo físico
Ideal	Real
Gigante	Miniatura
Perene	Efêmero
História social	Biografia
Trajeto (legislação)	Desvio
Mercadoria	Fetiche
Sagrado	Profano

Essa visão dualística, que está atrelada a uma visão cosmológica, que vê o material como sendo passivo, acaba por influenciar também a visão que Descartes terá da razão

[50] O pensamento moderno ocidental coloca um baixo valor sobre o mundo material e seus produtos, paralelamente à moralidade tradicional cristã: ambos são discordantes com o capitalismo ocidental moderno, o qual atribui um valor excessivamente alto sobre a posse do material. Isto é um paradoxo fundamental da vida ocidental e coleções de museus são parte central disso. Aqui nós estamos preocupados que regra a filosofia ocidental tem atribuído para a cultura material, uma norma na qual os objetos são vistos como meramente o resultado ou o produto – ou mesmo o detrito – de um pensar primário, sentir e agir, o qual é posto em prática em qualquer lugar (Tradução livre).

humana. A visão cartesiana novamente classifica o mundo material, dividindo entre corpo e mente, gerando uma crença na razão humana, atribuindo-lhe um papel superior ao que representa a materialidade. Mas o que se dá é que a ideia não sobrevive sem o material, os objetos são "inscrições intencionais sobre o mundo físico o qual incorpora significado social; [...]. Ideia e expressão não são duas partes separáveis, mas a mesma construção social" [51] (PEARCE, 1993, p. 21).

As dicotomias são categorias que podem ser infinitamente contrapostas. Nessa passagem, Pearce evoca que o ato de conhecer o mundo - essa abstração gigantesca que nos envolve, que nos contém – só se torna perceptível se tivermos o objeto material, a unidade que nos ponha em contato com o mundo e que nos aproxime da realidade para melhor percebê-la e conhecê-la. A materialidade dos objetos, portanto, é recurso imprescindível para se perceber o mundo. O caráter físico dos objetos implica que eles possam ser possuídos: eu não posso possuir a lua, mas posso ter uma réplica sua em minha casa. Assim a ideia com relação à Nossa Senhora Aparecida: não é permitido tocar ou retirar a estátua do século XVIII de seu nicho no SNA, mas é possível comprar réplicas, miniaturas, ex-votos, toda sorte de objetos que torne mais íntima a relação do devoto com esse universo em torno de Nossa Senhora Aparecida.

Objetos podem ser possuídos, estocados, manipulados, manuseados por qualquer pessoa. Possuem valor, os quais são atribuídos a eles pelos indivíduos. A forma física deles permite que contatemos essa esfera abstrata, divina, ideal que não podemos tatear, pois está além da materialidade mundana. Sem o material, o imaterial não se constitui. Sem o gigantesco, a miniatura não se constrói, sem o descartável, o que é perene não tem razão de ser. Na composição desse cenário, é que se propõe alicerçar a análise desses objetos em dicotomias selecionadas, que nos auxiliarão a bem conhecer, interpretar e perceber o que são os ex-votos do SNA e como estes medeiam relações sociais e concretizam em si mesmos o caráter documental.

Feita essa análise, cabe destacar que as categorizações tornam-se instrumento de classificação e para a interpretação do material coletado.

Todas as entrevistas foram transcritas e seus trechos selecionados conforme tais categorias previamente pensadas: alguns objetos trazem contribuições sobre uma reflexão

[51] "...intentional inscriptions on the physical world which embody social meaning;[…]. Idea and expression are not two separable parts, but the same social construct" (Tradução livre).

própria, sobre o que é sagrado e o que é profano, sobre o que é masculino e o que é feminino, o gigante e a miniatura, o vendido e o doado, o efêmero e o permanente, anônimo e identificado. Para se proceder essas categorizações a observação participante, técnica etnográfica, foi um exercício primordial para perceber essa construção de valores dentro da sala das promessas.

Tais categorias, especialmente mencionadas, foram em princípio um norte para pensarmos como interpretar e classificar esse universo observado. Vale destacar que, ao final, percebeu-se que elas não dariam conta de explicar e demonstrar com maior veracidade a realidade da sala das promessas. Seria um tanto reducionista pensar a sala apenas por categorias dicotomizantes; elas não definem o espaço e foram insuficientes para a análise. Todavia, elas foram sobremodo úteis para se pensar outras relações que se dão no interior da sala e entre essa esfera com outras pertencentes ao SNA.

O principal instrumento de trabalho do etnógrafo é seu olhar. Seus olhos captam aquilo que o profissional descreverá em um segundo momento, como sendo a realidade observada e totalizada em seus diários de campo. Desde 2007 foram feitos diários e anotações, coleta de material como folhetos explicativos, fontes secundários de jornais e revistas, todo material impresso que informasse sobre o SNA.

Outro instrumento importante na construção da observação etnográfica foi o uso de fotografias. Novamente, desde as primeiras visitas de familiarização em 2007 e 2008, fotografei o espaço da sala, do Santuário, de outros locais adjacentes, do circuito religioso que abriga outras cidades. A câmera fotográfica, por produzir documento e fazer prova da realidade a favor daquilo que a descrição etnográfica apresenta, é também uma maneira de memorizar o observado: no acervo feito pela pesquisadora constam 607 fotografias, sem levar em conta fotografias retiradas de outras fontes[52].

Por fim, para melhor caracterizar a observação do espaço, optou-se por trabalhar com entrevistas breves e sem estruturação na abordagem dos devotos. Entrevistas, ou melhor, falas curtas e objetivas, que respondessem à questão central: por que você, devoto ou devota, trouxe esse objeto até a sala das promessas?

Primeiramente, não haveria necessidade de longas entrevistas, sendo que a questão principal a ser respondida pelo visitante era: por que trazer aquele objeto até a sala das

[52] Há fotografias utilizadas que fazem parte do acervo fotográfico disponível no portal A12.com e em outros sítios eletrônicos. Também fotografias retiradas de revistas foram devidamente colocadas e mencionadas suas fontes originais.

promessas? Dessa forma, as respostas foram as mais variadas possíveis; boa parte delas, retornando à biografia do objeto em questão. Assim, os entrevistados narravam os milagres motivadores da doação do objeto. Alguns, quando solicitados pela pesquisadora, explicavam a origem e/ou procedência do objeto. Em especial, essa questão era feita quando se deparava com objetos especialmente feitos para serem ex-votos.

Noutro polo, as questões tangenciavam a fé das pessoas em Nossa Senhora Aparecida, e reforçavam que a vinda até o SNA, com o objeto votivo em mãos, era manifestação de agradecimento e de fé. Poucas vezes se consultou os entrevistados sobre o destino dos objetos. Isso porque, ao contrário do que se achava inicialmente, os indivíduos tinham sim uma pré-concepção de que o objeto que estavam doando não permaneceria na sala, com exceção das fotografias, que os próprios funcionários do balcão se encarregam de revelar que, cedo ou tarde, serão coladas no teto da sala. Quando indagados, respondiam que sabiam que o destino era para fora da sala; mesmo que não conhecendo ao certo, estava implícito em suas falas que a sala era um lugar de entrada, como porta de chegada, para então outro destino ser dado ao ex-voto.

Havendo essa percepção, compreendeu-se que tornara-se irrelevante tal questionamento, mas ainda assim a algumas pessoas foi feito para se mapear o conhecimento do fato. Isso porque uma das conclusões observadas e retiradas das falas dos devotos foi que não importa o que ocorra com o objeto depois; vale a experiência de tê-lo deixado na sala, encerrando a relação de agradecimento e de manifestação de fé para com Nossa Senhora Aparecida. Trata-se de uma experiência relacional, encerrada no momento de deixar o objeto sobre o balcão.

Tais entrevistas, como já dito, aconteceram entre os dias 14 e 18 de dezembro de 2010 e somam 84 entrevistas gravadas e fotografadas. Outras 30 sem fotografia e sem registro oral, pois as pessoas não quiseram gravar. Dessa maneira, são especialmente citados os relatos gravados, mesmo que sem fotografia em poucos casos, mas que tenha na fala escrita o documento da entrevista. As demais entrevistas e abordagens, sem registro de áudio ou fotografado, serviram para reforçar análises e descrições da sala e do comportamento dos romeiros.

Outro tipo de entrevista, de longa duração, foi feita com os representantes da igreja, que foram: padres Júlio Brustoloni, Rodrigo Arnoso, Maciel Pinheiro; a professora Zilda Ribeiro; o diretor do museu, Michel Oliveira. Com o padre Elcio Tosta e com o padre Darci

Nicioli, os respectivos diretores do SNA durante os anos da pesquisa, nenhum deles concedeu entrevista para a pesquisa. Contudo, ambos conversaram informalmente, revelando dados e elementos importantes para a compreensão do SNA e da sala onde a pesquisa era desenvolvida.

Já essas entrevistas tinham o que se chama de roteiro semi-estruturado. Não por perguntas, mas por temas, essas entrevistas traziam à tona o tema sobre o qual estávamos interessados em conhecer melhor. Geralmente, todos falaram sobre a sala e os ex-votos, temáticas recorrentes e centrais no estudo. Também, pedia-se minimamente um esclarecimento quanto à posição da pessoa do Santuário, sua atuação, o que redundava também em saber um pouco mais acerca da estrutura do lugar e sua hierarquia. Em especial com esses dois membros do clero, a observação participante, na tentativa de captar o relato, a fala e os elementos que permeavam a mesma, foi feita, tendo em vista que não quiseram dar entrevista formal.

Ambos os diretores receberam-me em particular e colocaram-se à disposição para auxiliar na pesquisa. Sempre questionando o cunho da mesma, perguntavam como seria a coleta de dados e que para procedê-la, que utilizasse a identificação do crachá da imprensa. Em breves conversas – não superiores a 15 minutos cada uma delas – os padres Darci Nicioli e Elcio Tosta – apresentaram brevemente suas posições e colocaram-se disponíveis para encaminhar-me onde fosse necessário e nos contatos internos com outros responsáveis.

Finalmente, os comerciantes do CAR foram abordados e solicitei entrevistas. Creio que em virtude da identificação no pescoço escrita “Imprensa” e na abordagem feita, os comerciantes repeliam o contato. Indaguei-os primeiramente sobre como era a relação com o SNA. De pronto, demonstraram repulsa em responder. Quando perguntava dos romeiros, aí sim falavam com maior liberdade, mas todos, sem exceção, limitavam à resposta da primeira questão ao fato de manterem relações cordiais com a direção do SNA.

Não era o objetivo da pesquisa, todavia, compreender essa relação. O intuito era melhor compreender o todo. O silêncio, dessa maneira, revelava um assunto sensível, ao menos do ponto de vista dos comerciantes. Mas como ensina José Guilherme Magnani (2002) acerca da etnografia, ela pode se valer de várias técnicas; ele, o método etnográfico, é um modo de acercamento e de apreensão, e não uma reunião aleatória de fragmentos. Todavia, reforça o autor, não é a preocupação com fragmentos que o caracteriza, mas a forma como se olha para esses fragmentos. Nesse sentido, para detalhar tanto o CAR, como outros espaços

do Santuário Nacional de Aparecida, foram esses fragmentos que, arranjados dentro de um todo, passavam a fazer sentido na compreensão daquela realidade.

Da observação do lugar e dos sujeitos envolvidos desdobraram-se as técnicas utilizadas: entrevistas, fotografia, diários de campo e documentos secundários. Para formar o trabalho, o antropólogo, para encerrar o trabalho etnográfico, descreve, inscreve, transcreve a realidade observada, buscando dar conta de sua totalidade.

Conforme explica Roberto Malighetti (2004, p. 111), a etnografia é mais que simples passagem do oral para o escrito. Ela é também "movimento de contínua reelaboração do escrito, de transcrição de documento a documento, produzindo um texto compósito que reúne várias formas de fontes escritas". Por fim, o autor menciona que na Antropologia, a construção interpretativa de um objeto é sempre artificial; esta se produz na integração dos diversos níveis e das diferentes temporalidades que se misturam e fundam o processo de saber. A escritura, portanto, é um filtro dessas negociações. A experiência etnográfica só tem razão de ser na escritura etnográfica, com seus diverso procedimentos para esquematizar, para ordenar eventos e ações (MALIGHETTI, 2004).

Em resumo, o autor descreve o trabalho do etnógrafo como sendo o de um tradutor. A técnica, ou melhor, as técnicas empregadas são instrumentos para melhor desvendar o que é desconhecido e intangível caso o etnógrafo não revele.

> O ato de tradução, implícito em todas as interpretações culturais, vê o etnógrafo como mediador entre um conjunto distinto de categorias e conceitos culturais em interação. Tal como a interpretação, a tradução se caracteriza por uma entropia que nasce do hiato entre dois universos discursivos. O etnógrafo deve dar sentido ao que é estrangeiro. Como o tradutor, aponta à solução do problema da estranheidade, cabendo-lhe comunicar a estranheidade que suas interpretações hão de negar, tornando familiar o estranho e ao mesmo tempo preservando sua estranheidade. O escopo da etnografia está em nos fazer encontrar, em nosso próprio horizonte, em nossas práticas lingüísticas, em nossa própria experiência, os recursos que nos permitam confrontar-nos com o que é estranho. Esta compreensão requer uma relação dialética entre nossas pré-compreensões e as formas de vida que estamos tratando de compreender, colhendo a "sua" visão com o "nosso" vocabulário, a nossa linguagem, a nossa escritura (MALIGHETTI, 2004, p. 114).

CAPÍTULO 2 – PARA CHEGAR (ANTES) E ESTAR (DURANTE) NA SALA DAS PROMESSAS: BIOGRAFIA E ANCORAMENTO DE OBJETOS

Esse capítulo discute o objeto, desde o momento anterior de ser destinado como ex-voto, o antes, e o estar na sala das promessas, onde assume valor documental. A sala em questão é um divisor na trajetória do objeto: dali ele estabelecerá novas relações, assumirá novas funções, porém essas somente serão definidas após sua entrada na mesma.

O primeiro subitem retrata os objetos pela biografia como constroem. É sabido, todo objeto constitui biografia. No entanto, não poderiam todos eles serem organizados aqui dentro dessa perspectiva. Então, os relatos foram selecionados, porque melhor retratavam os passos estabelecidos pelo objeto antes de sua entrada no SNA. Nesse sentido, objetos que vieram em peregrinação e aqueles entendidos com uma biografia reforça nos mesmos o valor documental, são citados e descritos para promover a reflexão acerca das biografias.

No segundo subitem, são apresentados os relatos que tratam dos objetos que permanecem ancorados na sala. Há que se pensar a sala como um lugar de transição; no entanto, ela ancora, isto é, ela segura temporariamente alguns objetos – e todas as fotografias – para que revele deles o valor documental, expondo-os como prova de um milagre e da fé de alguém. São os documentos da fé. Independentes de serem mercadorias, dentro da sala, os objetos votivos são documentos, informando sobre um milagre e sobre a fé. Ele faz prova de algo que, perante cânones científicos, não existe, que seria o milagre.

O milagre é extraordinário, transcende a esfera racional. O ex-voto é documento de fé de uma realidade inexistente materialmente, que somente é relevada no objeto. O ex-voto faz isso porque o espaço lhe permite ser: a sala das promessas é um lugar de negociação de valores e permite que os objetos votivos sejam documentos informadores da fé em Nossa Senhora Aparecida.

Tem-se que a religião atende a um critério semelhante ao do mercado capitalista. Na visão de Pierre Bourdieu (2003), há um público de consumidores dos bens de salvação e um grupo de trabalhadores das religiões, que são os responsáveis por vender esses bens e fomentar o crescimento de sua religião. Não só de abstração, obviamente, se constitui uma religião, ela se define muito mais, como o autor ensina, por uma preocupação com os grupos

sociais que consomem esse bem de salvação e pela maneira como cada religião é capaz de conduzir seu mercado de bens simbólicos religiosos dentro de uma sociedade.

Também para Max Weber (1974), as religiões não são necessariamente compostas para atender um bem etéreo; muitas vezes, elas são antes mesmo um modo de satisfação de necessidades bastante terrenas e concretas. E especialmente pensando em religiões universais, como dentre elas, o Cristianismo, toda religião se forma de uma hierocracia, isto é, um grupo centralizador responsável pela administração dos valores religiosos, bem como toda religião é também um tanto burocrática.

Como diz Bourdieu (2003), o principal bem simbólico a ser vendido e negociado pelas religiões é a ideia de salvação. O que ele coloca é que a religião assume uma tarefa concreta de dar uma resposta a um anseio humano de que participando de uma fé se tem a possibilidade de alcançar um bem maior, que estaria além da compreensão terrena. Todavia, é na vida concreta e terrena que se construiria o caminho para alcançar esse bem simbólico salvífico.

Os lugares sagrados, portanto, são os espaços onde o ser humano poderia tomar contato com a experiência do sagrado. Um espaço consagrado é organizado e como tal "reitera-se a obra exemplar dos Deuses" (ELIADE, 2001, p. 35). O espaço sagrado assume, por conseguinte, o papel de lugar santo. Geralmente, como Mircea Eliade (2001) aponta, o lugar sagrado é entendido como sendo o "centro do mundo", tornando inteligível o comportamento religioso em face desse local. O homem religioso gostaria, então, de viver próximo desses lugares, pois eles estariam mais próximos dos deuses, do céu, do centro do mundo. "No fim das contas", completa Eliade (2001, p. 55), " *é graças ao Templo que o Mundo é re-santificado, na sua totalidade*. Seja qual for o seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários". O desejo do ser humano seria o de "*viver num Cosmos puro e santo, tal qual era no começo, quando saía das mãos do Criador*" (ELIADE, 2001, p. 60)[53].

O Santuário Nacional de Aparecida assume esse papel de lugar sagrado, que aproximaria o ser humano de sua fé, de seu deus criador, dos entes sagrados em que crê e devociona. Existem disputas ideológicas e questões político-hegemônicas que são disfarçadas no contexto do espaço, mas que não podem ser negligenciadas dentro de uma análise científico-racional (WEBER, 1974).

[53] Grifos do autor.

Tal qual o SNA se propõe a ser um espaço sagrado, de aproximação do devoto com Maria, mesmo com a proposta de salvação e de elevação da alma, desapegando-se do mundo terreno para alcançar a salvação etérea, o SNA, como espaço sagrado e institucional que é, implica também em uma profanidade. O SNA é um lugar consagrado à Nossa Senhora Aparecida, mas é também um espaço de visitação turística, de comércio, de circulação de bens e mercadorias, de trânsito de pessoas e de objetos.

No Centro de Apoio ao Romeiro – CAR – especialmente na praça de alimentação (que funciona diariamente, para atender aos visitantes) há restaurantes e lanchonetes que vendem bebidas alcoólicas. A praça de alimentação é mantida pelo SNA; os restaurantes são responsabilidade de seus proprietários. Ainda em julho de 2011, quando da última visita para essa pesquisa, não era difícil encontrar cartazes afixados nos restaurantes, anunciando o preço de cervejas à venda para consumo local. Em contraposição a uma postura mais ascética – que tanto é assinalada na fala dos padres, como nos preceitos da própria Igreja Católica e até mesmo nas narrativas de seus visitantes – o SNA convive com duas realidades opostas dentro do mesmo ambiente: a busca de alguns por abandonar os vícios do corpo, enquanto outros consomem bebidas alcoólicas dentro do espaço do próprio Santuário.



Figura 42 Quiosque anunciando o preço de venda de latas de cerveja. SNA, jul. 2011.

Essas constatações encaminham a compreensão do SNA como muito mais que um espaço sagrado: é um espaço de diversão, de lazer, de turismo e de profanidade. A venda de bebidas alcoólicas e cigarros, por exemplo, nas lanchonetes e quiosques do CAR revelam um público que busca no espaço uma continuidade com a vida cotidiana: dentro da Basílica,

comportam-se como em um espaço sagrado; fora dela, porém ainda dentro do Santuário, a atitude mundana convive com uma atitude de fé e de devoção. Sagrado e profano, portanto, não se anulam e se fazem sentir dentro do SNA conjuntamente: o profano está ali para complementar o sagrado, a fim de definir o que é um e outro, da mesma sorte que a convivência conjunta revela os limites que definem um e outro.



Figura 43 Latas de refrigerante, suco e cerveja à venda em lanchonete do CAR. SNA, jul. 2011.

A vida humana, como aponta Eliade (2001) constitui-se desse plano duplo: há uma existência humana, mundana, ao mesmo tempo em que isso implica em uma vida trans-humana, cósmica, divina. Sagrado e profano, portanto, são uma dicotomia presente e constituinte do Santuário Nacional de Aparecida. Estão presentes em todo o espaço, que não é no seu todo sagrado e não é apenas profano, material mundano; é isso que permite, por exemplo, encontrar bebidas alcoólicas dentro das lanchonetes, como também conviver hamoniosamente com lojas que vendem produtos religiosos, artigos católicos, com lojas de roupas e brinquedos, até grandes franquias de alimentos, como o *Bob's* e o *McDonald's*.



Figura 44 Fachada da loja do McDonald's na praça de alimentação. SNA, jul. 2011.

As dicotomias são presentes no SNA e se constroem mutuamente: o espaço sagrado em contraposição ao profano, o consumo em oposição à contemplação, o silêncio em oposição ao burburinho das lojas e da praça de alimentação, o abstrato sentido da fé contrapondo-se à materialidade da mesma, nos objetos dados como ex-votos na sala das promessas.



Figura 45 Fachada da lanchonete Bob's na praça de alimentação. SNA, jul. 2011.

O texto de Brian McVeigh (2007) inicia explicando como a boneca Hello Kitty tornou-se um ícone de consumo. Explica que a gatinha de face meiga, porém sem feições humanas e inexpressiva, revela muito mais uma relação existente entre a ação dirigida para a acumulação de capital de uma empresa e uma estética cotidiana de delicadeza (cuteness) e artificialidade (campiness). Para melhor compreender essa realidade, o autor cria um conceito que denomina como consumutopia: fundindo a ideia de consumo à de utopia, Mcveigh (2007)

explica que a consumutopia é um esforço conjunto entre produtores capitalistas e consumidores do produto para estabelecerem lugares, práticas ou espaços de consumo perfeito. Tais lugares, práticas ou espaços são idealizados ou fantasiados, de modo que fazem a consumutopia um estado/lugar no qual indivíduos alegremente consomem e um nicho feliz entre oferta constante e demanda desejada acontece[54].

Nesse espaço, não é a Hello Kitty que impera como um dos objetos mais vendidos; no entanto, a quantidade de artigos religiosos ou com motivos religiosos e sagrados é volumosa. Camisetas, terços, estátuas e imagens de todos os tamanhos e desenhos, livros e artigos religiosos de editoras confessionais, como a Paulus, Vozes, Editora Santuário, calendários com motivos católicos, medalhas, fitas, objetos de cera, réplicas da estátua de Nossa Senhora Aparecida, são certamente os principais tipos de mercadorias encontrados dentre as quatro alas, preenchidas de lojas, que formam o CAR. Mas há uma consumutopia que pode ser vislumbrada, tendo-se em vista a quantidade de objetos com motivos religiosos que são vendidos. As pessoas, quando indagadas informalmente, mencionavam uma diferença de comprarem algo ali, pois estavam em um lugar sagrado, o que diferenciaria o objeto dos demais, adquiridos fora do Santuário.

Todas as vezes que visitei o Santuário estive presente nas lojas e na praça de alimentação. Para alcançar o CAR caminha-se sobre uma passarela, de mais de duzentos metros, coberta por toldos, passarela que separa a saída da Basílica Nova do centro de compras. Ao caminhar por essa passarela é possível perceber as pessoas indo e voltando, o dia todo, da igreja para as lojas e vice-versa. Nas laterais dessa passarela, ficam os estacionamentos e vários ambulantes, oferecendo artigos religiosos a preços menores do que nas lojas do CAR. Toda a área pertence ao Santuário Nacional de Aparecida. As lojas, próprias ou não, são geralmente alugadas e o aluguel é pago ao SNA.

Em todas as visitas, tentei abordar vendedores e proprietários, com o intuito de saber mais como se estabelece a relação contratual entre eles e o SNA, como é essa relação, quais as características. Contudo, estes sempre se esquivavam de perguntas, limitando-se a responder que ali trabalhavam e que a relação com os padres redentoristas era boa. Há lojas nas quatro alas (Norte, Sul, Leste e Oeste) e, em dias de grande movimento, fica difícil caminhar pelos

[54] We can describe 'consumutopia' as a joint endeavour between capitalist producers and product consumers to establish sites, practices, or spaces of 'perfect consumption'. These sites, practices, or spaces are idealized and fantasized, thereby making consumutopia a state/place in which individuals cheerfully consume and happy fit between steadfast supply and desirous demand occurs (MCVEIGH, 2007, p. 232).

corredores. Esse comércio, durante as celebrações eucarísticas, é mencionado e sugere-se ao visitante que o conheça, que visite. E não raro, os celebrantes pedem aos romeiros para que tenham cuidado com os ambulantes e não comprem suas mercadorias, pois não são pessoas autorizadas para o comércio dentro do SNA. Portanto, não podem se responsabilizar por esse tipo de comércio. O mesmo é sugerido com relação à feira do final de semana que toma conta da rua de saída do Santuário.



Figura 46 Vista de uma das quatro alas de lojas que compõem o CAR. SNA, dez. 2010.

O shopping dos romeiros é repleto de objetos, assim como a sala das promessas. No entanto, a sala é diferente, ela em si representa um lugar de passagem, no qual aconteceria uma ritualização (VAN GENNEP, 1960): um terço, por exemplo, não é mais mercadoria. Na sala das promessas ele cruza uma fronteira de um mundo profano, como mercadoria, para o mundo sagrado, dos ex-votos. A materialidade da sala é inextrincável. Todavia, não pode incorrer nas mesmas semelhanças que uma loja ou um local de consumo; por isso, na sala se processa uma ritualização, trazendo aos objetos ali deixados um caráter de sacralidade, tornam-se eles extensão daquele espaço sagrado e da própria Nossa Senhora Aparecida.

O que constitui basicamente a sala das promessas é a materialidade. Sem os objetos, esta perde sua característica de espaço reprodutor de um discurso de fé, de documentação de graças e milagres recebidos. Todavia, não somente da materialidade os objetos se constituem; precisam da linguagem para descrevê-lo, mesmo quando essa tem dificuldades de fazer esse exercício. Susan Pearce (1993) demonstra que a vida social dos objetos é tão importante quanto a linguagem, sobretudo quando se pretende conhecer uma sociedade. A autora

identifica nos objetos - uma vida que é vivida paralelamente com a dos seres humanos – e, portanto, fazem parte da vida em sociedade tal como os indivíduos que criam esses objetos e deles se utilizam. Dentro de uma análise da Semiótica, os objetos incorporam relações como signos e como símbolos. Em relação aos signos, estes estão dentro do contexto que os gera e pela relação metonímica com o seu tempo, o seu contexto. Já como símbolo, as relações se fazem pelas interpretações que possam promover, no presente e no futuro. A disposição dos objetos constitui um enunciado.

> Objects, we have noted, have lives which, though finite, can be very much longer than our own. They alone have the power, in some sense, to carry the past into the present by virtue of their 'real' relationship to past events, and this is just as true for casts, copies and fakes as it is for more orthodox material, for all such copies bear their own 'real' relationship to the impulse which created them, and have their own place in the history of perception and taste (PEARCE, 1993, p. 24)[55].

A própria natureza dos objetos é sua materialidade, ao mesmo tempo em que os faz serem possuídos e usados pelos seres humanos. A "fisicalidade" – em uma tradução literal do termo utilizado pela autora, *physicality* – é o que traz vida ao objeto, o que gera o desejo de possuí-lo, e o que o torna capaz de ser acumulado, colecionado, percebido pelos seres humanos. Mais do que isso: os objetos são imprescindíveis para a organização da vida social, bem como estão intimamente ligados à constituição de identidades sociais.

Além da autora subrecitada, dois autores também discutem o caráter da materialidade do objeto. De acordo com Edwards e Hart (2005, p. 3-4):

> Materiality can be said here to have a positivistic character, in that it is concerned with real physical objects in a world that is physically apprehendable not only through vision but through embodied relations of smell, taste, touch and hearing. However, as the chapters demonstrate, we are dealing not with a reductive fetishism, but with a complex and fluid relationship between people, images and things. […].
> Materiality is closely to social biography. This view, which has emerged from the material turn in anthropology over recent years, argues that an object cannot be fully understood at any single point in its existence but should be understood as belonging in a continuing process of production, exchange, usage and meaning. As such, objects are enmeshed in, and active in, social relations, not merely passive entities in these processes[56].

[55] Objetos, nós temos notado, tem vidas as quais, embora finitas, podem ser mais longas que as nossas. Eles sozinhos têm o poder, de certa forma, de trazer o passado para o presente pela virtude de suas reais relações para com os eventos do passado, e isso é tão verdade para modelos, cópias e falsificações como é para o mais ortodoxo material, pois cada uma dessas cópias pode suportar sua própria relação com o impulso que os criou, e ter seu próprio lugar na história da percepção e do gosto (Tradução livre).

[56] Materialidade pode ser dita aqui como tendo um caráter positivista, visto que ela é concernente aos objetos físicos reais, em um mundo que é fisicamente apreensível não somente através da visão, mas através de relações corporificadas de cheiro, gosto, toque e audição. Entretanto, como os capítulos demonstram, nós não

Como signos e símbolos, os objetos podem interpretar, incita ações, gestos, informam, ocupam espaços, geram inferências sobre o passado e o presente. Tomemos a mercadoria como exemplo. Arjun Appadurai (2006) explica que "seguir as coisas", os objetos, as transações humanas que são feitas com esses e que lhes atribuem valor, esse exercício é que realmente pode reconhecer o significado do objeto, pois o valor não está no uso e na forma, mas na trajetória do objeto. O autor faz esse percurso ao analisar as transações que a mercadoria estabelece, dentro do mercado de trocas e os valores que lhe são atribuídos.

Encerrando tais ideias, quando Pearce (1993) remete à sobrevivência do objeto, faz alusão ao fato de que este tem a possibilidade de permanecer, compondo assim uma biografia cultural, o objeto estabelece trajetórias e essas destacam as maneiras de sua sobrevivência ao longo do tempo. Appadurai (2006) também chama a atenção para o fato de que o valor do objeto não está na substância da qual ele é feito, tampouco na materialidade ou fisicalidade e, sim, nos trajetos que o objeto traça em sua vida social. Dentro da sociedade ocidental capitalista, pautada por um pensamento dualista que identifica o valor de um objeto pelo valor-de-troca que ele representa, uma das melhores formas de perceber como os indivíduos se relacionam com os objetos é através da mercadoria.

Para reforçar a compreensão do que são os objetos biográficos, Janet Hoskins (1998) analisa que:

> "At the temporal level, the biographical object grows old, and may become worn and tattered along the life span of its owner, while the public commodity is eternally youthful and not used up but replaced. At the spatial level, the biographical object limits the concrete space of its owner and sinks its roots deeply into the soil. It anchors the owner to a particular time and place. The public commodity, on the other hand, is everywhere and nowhere, marking not a personal experience but a purchasing opportunity." (HOSKINS, 1998, p. 8) [57].

---

concordamos com um fetichismo reducionista, mas com uma complexa e fluida relação entre pessoas, imagens e coisas. [...].

Materialidade é muito próxima à biografia social. Esta visão, a qual emergiu do curso material na Antropologia nos últimos anos, argumenta que um objeto não pode ser totalmente entendido como um mero ponto em sua existência mas deveria ser entendido como pertencente a um contínuo processo de produção, troca, uso e significado. Como tal, objetos são enredados por, e estão em atividade por conta de relações sociais, não são meras entidades passivas nesses processos (Tradução livre).

[57] Em âmbito temporal, o objeto biográfico torna-se velho e pode tornar-se usado e esfarrapado ao longo da vida de seu proprietário, enquanto que a mercadoria pública é eternamente jovem e não consumida, mas renovada. No âmbito espacial, o objeto biográfico limita-se ao espaço concreto de seu possuidor e finca suas raízes profundamente no solo. Ele ancora o possuidor em um tempo e espaço particulares. A mercadoria pública, entretanto, está em todo lugar e não está, marcando não uma experiências pessoal, mas uma oportunidade adquirida (Tradução livre).

A partir do que conceitua como regimes de valor, Appadurai (2006) volta seu estudo para as mercadorias, papel esse assumido pelos objetos em uma determinada fase de suas carreiras. Sua análise também é focada para a compreensão do que ele denomina ser a história social dos objetos, o que não inclui apenas seu viés biográfico.

O autor diferencia o que chama de *biografia cultural de um objeto* (que seria específica para alguns tipos de objetos, tais como as relíquias, os ex-votos), que se move de mão em mão, acumulando biografias. Porém, destaca que quando se olha para as coisas é necessário olhar para além dessas biografias, pois a história social que compreende todo tipo de objeto e não apenas alguns tipos que são biográficos.



Figura 47 Quiosque informativo de viagens de cruzeiros temáticos, voltados para o público devoto de Nossa Senhora. SNA, dez. 2010.

Para que se conheçam as biografias dos objetos é necessário saber sua trajetória como mercadoria, inserida dentro de um contexto de mercado. O exercício, identificar e conhecer a história social da mercadoria é denominado por Appadurai (2006, p. 57) como política:

> *Politics* (...) is what links value and exchange in the social life of commodities. In the mundane, day-to-day, small-scale exchanges of things

> in ordinary life, this fact is not visible, for exchange has the routine and conventionalized look of all customary behavior. But these many ordinary dealings would not be possible were it not for a broad set of agreements concerning what is desirable, what a reasonable "exchange of sacrifices" comprises, and who is permitted to exercise what kind of effective demand in what circumstances[58].

Políticas de valor são inerentes à condição da mercadoria, pois a partir delas é que se pode identificar como são as estruturas que conformam o mercado da troca das mercadorias, bem como é possível compreender as tensões estabelecidas entre as partes de uma troca. Política, portanto, é a negociação entre as estruturas existentes de controlar o fluxo de mercadorias e a tendências que essas têm de romper tais estruturas, deixando de ser mercadoria. As mercadorias têm a tendência de romper tais estruturas, saindo assim do contexto ordinário das trocas para adquirirem um novo status social.

Por este prisma, portanto, há possibilidades de o objeto deixar de ser mercadoria e sair do circuito das trocas. A posição de mercadoria, por fim, é um status que tanto pode ser atribuído a pessoas como aos objetos (KOPYTOFF, 2006). "Commodity-slave", ou mercadoria-escrava, é a denominação que Igor Kopytoff utiliza para dizer que em um momento um objeto é trocável, em outro ele pode deixar de sê-lo, e nem por isso perde seu valor-de-troca.

Para Kopytoff cada vez mais, há a homogeneização das mercadorias; e as coisas podem ser trocadas. Há o que ele denomina de "commoditization" ("mercadorização"): em oposição à cultura, que priva por uma distinção, o processo de "mercadorização" homogeneíza valores, os homens e grupos criam esquemas de valoração, ao passo que a singularização de um objeto também é definida por tais grupos e indivíduos e o desejo de singularizar certos objetos é a própria marca que define a biografia de alguns deles. Em sociedade complexas, portanto, havendo mais incertezas quanto às identidades, as coisas constituem suas biografias como sendo a história de várias singularizações: incertezas na valoração e na identidade do objeto fazem com que ele se singularize sempre que se quer individualizá-lo, torná-lo diferente em face de outras mercadorias.

[58] Política é o que liga valor e troca na vida social das mercadorias. No mundano, no dia-dia, trocas de pequena escala de mercadorias da vida comum, este fato não é visível, pois a troca tem rotina e um olhar convencionalizado de todo comportamento habitual. Mas alguns desses acordos ordinários não seriam possíveis não fosse por um grande conjunto de concordâncias concernentes ao que é desejável, o que é uma compreensão razoável sobre "troca de sacrifícios", e quem está permitindo exercitar que tipo de demanda efetiva e em quê circunstâncias (Tradução livre).

Nesse sentido, a constituição da história social dos objetos se mostra como uma estrutura pautada por jogos de forças que, ora querem "mercadorizar" um objeto, ora querem individualizá-lo.

> There are no perfect commodities. On the other hand, the exchange function of every economy to have a built-in force that drives the exchange system toward the greatest degree of commoditization that the exchange technology permits. The counterforces are culture and the individual, with their drive to discriminate, classify, compare, and sacralize. This means a two-front battle for culture as for the individual – one against commoditization as a homogenizer of exchange values, the other against the utter singularization of things as they are in nature (KOPITOFF, 2006, p. 87)[59].

Kopytoff (2006), Appadurai (2006) e Pearce (1993), nos mostram que para melhor conhecer a cultura material é imprescindível desvendar os movimentos traçados pelos objetos, quais estágios e níveis sociais esses perpassaram, como se constitui a história social e as biografias associadas. As posições que geram a singularização do objeto em determinados momentos de sua história é que são as capazes de constituir biografias.

A biografia pode ser pensada como uma narrativa construída dentro de um momento peculiar na história social do objeto. Atendendo a um processo que o individualiza, retirando-o do circuito das mercadorias, e encerrando-o sob o domínio de grupos, pessoas ou instituições, seu caráter biográfico é a sintetização mais clara de como um artefato pode tornar-se um agente social dentro de uma cultura material.

Tome-se como exemplo um sino. R. Callahan (1999) faz uma análise sobre como se constituiu, em torno de um sino, a biografia desse objeto. Utilizado desde 1776 pelos norte-americanos como o símbolo maior da independência dos Estados Unidos. O autor mostra como uma série de fatores reunidos contribuíram para fazer desse objeto o símbolo mais importante daquele novo país independente no final do século XVIII. Contos míticos, jornais, o rompimento da independência, as pessoas, a associação desse objeto aos grupos anti-escravocratas daquele período, enfim, esses e outros fatos produziram um objeto famoso e sagrado para a história dos Estados Unidos.

Já Patrick Geary (2006) estuda o exemplo das mercadorias sagradas e do mercado de relíquias medievais na Europa. O autor destaca que havia três formas de promover a

[59] Não há mercadorias perfeitas. De um lado, a função da troca de toda economia para ter uma força intrínseca que dirige o sistema de trocas na direção do maior grau de mercadorização que a tecnologia de trocas permite. As forças contrárias são a cultura e o indivíduo, com suas direções para discriminar, classificar, comparar e sacralizar. Isto significa uma batalha de dois frontes, tanto pelo cultura como pelo indivíduo – um contra a mercadorização como um homogeneizador dos valores-de-troca, e outro contra a absoluta singularização das coisas como elas são in natura.

circulação desses objetos: pelo comércio, pela dádiva e pelo roubo. Nesse sentido, demonstra como o corpo humano - de pessoas tidas como santas para o mundo europeu cristão-católico durante a Idade Média - tornavam-se mercadoria; ou seja, opostamente à história de um artefato produzido pelo homem, as relíquias deixavam de ser singulares (quando pensadas na relação delas com a pessoa que ali existiu, havendo o que ele identifica uma confusão entre sujeito e objeto) para serem comuns, mercadorias, com valores-de-troca e promotoras de uma rede complexa de trocas e de valores. Neste caso, diversamente do sino que era mercadoria e torna-se um objeto singular, o corpo humano perde sua singularidade para tornar-se mercadoria, voltando a ser singularizado quando isolado do mercado desses bens religiosos.

Geary (2006) segue a análise de Kopytoff (2006) ao estudar tais relíquias e suas biografias as quais iniciam como sendo objetos individuais, partes do corpo humano, tornando-se então bens sagrados, para voltarem a ser restos ordinários no mercado das relíquias. É sob determinadas circunstâncias que o objeto se mostra ora como mercadoria e ora como objetos singulares.

Tal qual o status de relíquia constitui biografias, o status como ex-voto, quando um objeto também é singularizado, cria tais biografias. Isso é bastante nítido quando se vê especialmente partes do corpo humano ou objetos de uso pessoal que se tornam ex-votos. De uma situação subjetiva primária, quando esse objeto é usado ou ainda é parte do ser humano, sem entrar, contudo, em um circuito de trocas, esse objeto passa a ser ex-voto, é objetivado intencionalmente pelo doador a fim de caracterizar uma relação muito específica existente entre o devoto e um santo ou santa de devoção. Logo abaixo, vemos um exemplo que esclarece esse ponto.

Na análise e interpretação da biografia dos objetos votivos encontra-se uma complexa teia de relações que revelam a transição dos objetos do mundo profano para o mundo sagrado e vice-versa, implicam em relações de consumo e comércio, como também simbolizam fé e devoção, são sinônimos, para os devotos e crentes em Nossa Senhora Aparecida, de graças e curas alcançadas pelas pessoas, também implica em uma maneira de tomar um contato mais íntimo e próximo com a santa de devoção.

Nesse sentido, então, não se pode compreender nem o SNA e nem a sala das promessas como espaços meramente sagrados, pois suas realidades são muito mais amplas e complexas do que isso: em especial, a sala das promessas, é um contraponto da fé materializada dentro do SNA, é um lugar de passagem, pelo qual o objeto assume uma aura

de objeto sagrado. É para ela que se direcionam os objetos com o fim de obter novos significados e posições sociais e, no que nela se ancora. Tem-se a cristalização de uma documentação de fé, a qual valida o discurso de santidade de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, cristaliza relações de fé e devoção, ancora objetos-documento os quais alçados à posição de testemunhos de fé, pois são documentos entendidos no sentido de prova e de testemunho de outras pessoas de que a santa é milagrosa.

O ex-voto, portanto, resume em si esse universo tão complexo e amplo que é o Santuário Nacional de Aparecida. Poder-se-á ver, na próxima seção desse trabalho, como eles representam as trajetórias traçadas pelos atores sociais do lugar; será possível verificar também, na variedade dos objetos, que o caráter de objeto votivo deve-se ao devoto e não ao Santuário. Por fim, o ex-voto se mostrará como uma estabilização de relações sociais, as quais compreendidas dentro do seu contexto de produção/reprodução, revelam vários atores, relações, sentimentos, disputas, forças políticas e religiosas que formam esse espaço profano dedicado à Maria, espaço sagrado de consumo e de lazer.

2.1 O antes: biografia do objeto

Esse capítulo pretende verificar como são constituídas as biografias de objetos votivos, previamente selecionados e analisados em pesquisa de campo feita no Santuário Nacional, em Aparecida/SP. Esse exercício é feito, pois objetiva-se compreender o que ensejou a construção da biografia do ex-voto. Nesse capítulo, portanto, o que importa é o que é revelado sobre o objeto antes mesmo de ele achegar-se ao balcão da sala. Isso acontece, porque o objeto doado constitui biografia.

A biografia de um objeto é o processo que o individualiza perante outros ou dentro de um contexto próprio. Tendo como ponto de partida sua produção, criação ou elaboração pelo homem e pela sociedade – ou mesmo se tratando de um objeto natural, a contar do momento em que esse passa a ter utilidade como utensílio para o ser humano (uma pedra ou uma árvore, por exemplo) – o objeto começa a constituir uma vida social pelos usos e práticas que a ele se ligam, conforme a utilidade que esse atenda socialmente[60].

[60] Appadurai (2006), Geary (2006), Kopytoff (2006) e os textos de Pearce (1993;2005a) sãos os principais referenciais teóricos para tal discussão.

As biografias são constituídas por traços definidos. A biografia do objeto o define como símbolo[61], isto é, dentro de um contexto definido, atendendo a determinadas funções e sob dadas circunstâncias, o objeto simbólico atende a uma proposta dentro da cultura material, representando uma intencionalidade (por exemplo, a mercadoria que deixa de ser tal para se tornar objeto de museu, a fim de atender a um propósito de exposição).

Na biografia do objeto o que importa é a espacialidade, e não a marca do tempo: não importando em quê tempo da sua história é (são) definida(s) a(s) biografia(s), o que lhe personaliza é um valor, efêmero ou duradouro. Seu valor biográfico faz com que seja retirado de sua cotidianidade, do circuito de trânsito de mercadorias.

É o caso das relíquias medievais trabalhadas por Patrick Geary (2006): eram partes do corpo de alguém tido como santo ou mesmo pedaços de vestes e objetos cotidianos dessa pessoa que, pelo acúmulo de elementos que a elas se ligavam, faziam dessas peças objetos muito cobiçados, a ponto inclusive de gerarem um mercado clandestino de circulação/usurpação das mesmas. Um pedaço de um corpo humano era muito mais que isso: era algo santificado, constituindo biografia.

Renato Cymbalista (2006) demonstra como as relíquias de santos foram importantes na construção de territórios sagrados e na consolidação do território cristão além da Europa. No caso do Brasil, por exemplo, o autor menciona como milhares de relíquias eram trazidas e utilizadas, inclusive por populações indígenas, para definirem espaços de sacralidade, bem como para cristianizar cidades.

Já Philipp Blom (2003) menciona - em virtude de uma busca obcecada por relíquias de santos, imperadores, mártires católicos na Europa Medieval especialmente - que surgiu em paralelo um mercado de circulação desses restos humanos e objetos de contato (como pedaços do santo lenho, das vestes de Cristo, gotas do leite materno de Maria) com os santos e mártires: no exemplo de santa Úrsula e das onze mil virgens[62] que teriam com ela morrido, tanto esse autor como o anterior mencionam que a igreja onde jazem os restos mortais da santa e das virgens tornou-se exportadora desses restos, o que levou, no século XIV o papa

[61] A noção de símbolo é trazida de uma interpretação da Antropologia, na qual a cultura é compreendida como um conjunto de símbolos, ou seja, são os elementos que variam, indefinidamente, rearrajando-se e munindo-se de novos significados para atender aos anseios dessa cultura.

[62] Blom conta que santa Úrsula, que vivia na Colônia, teria sido filha de um imperador britânico e, vendo-se obrigada a casar com o rei bárbaro, consentiu desde que o marido se convertesse à sua religião e que o pai permitisse sua peregrinação a Roma. Conta a lenda que fora seguida de uma comitiva de virgens e, no seu retorno, em decorrência da invasão dos Hunos em sua região, todas foram degoladas. No entanto, o rei dos Hunos se encanta pela beleza de Úrsula. Ela recusou e teria morrido flechada. O dia dela e das virgens é 21 de outubro.

Bonifácio IX a "pôr fim aos excessos comerciais" (BLOM, 2003, p. 175), tamanha a quantidade de relíquias relativas à santa Úrsula e as virgens.

Apenas a título de ilustração, vale ressaltar que a colocação acerca das relíquias sagradas serve tanto para reforçar como tais objetos se tornavam enigmáticos no território no qual permaneciam e/ou passavam, bem como geravam toda uma série de relações sociais, institucionais e de construção da história da sociedade local atrelada à própria história das relíquias e às biografias dos exemplares em questão. As relíquias, nesse sentido, funcionavam como uma âncora a partir do qual se amarram os primeiros laços com a religião Católica no Brasil, ao passo que foi elemento desconhecido talvez, porém fundamental, na fundação de cidades brasileiras, bem como de catedrais e igrejas.

Isso aconteceu em Aparecida/SP - quando houve a sagração da Basílica Nova como Basílica Menor, em 1908, pelo papa Pio X, bem como quando da fundação da Basílica Nova, décadas depois (início da construção em 1946, conclusão em 1980). Ambas estão munidas de relíquias de santos.

Retornemos à biografia; essa assume adjetivações, por assim dizer, atribuídas a um objeto: enquanto que na perspectiva geral da vida cotidiana e como mercadoria, esses são suportes de uma materialidade, pelo prisma das biografias de um objeto ele passa a ser mais que materialidade, tornando-se uma obra-de-arte, ou um ex-voto, ou um objeto de coleção ou, simplesmente, passa a ter caráter biográfico pela sua exclusão do circuito de trocas.

Por exemplo, um objeto pode se tornar votivo porque uma promessa ou uma graça alcançada, na visão de um devoto, o transformou como tal. Uma cédula de dinheiro, um jogo de chá, uma maço de cigarros, roupas, órgãos humanos, tudo que pode ser compreendido (na visão do devoto e porque está delimitado ao espaço de um lugar sagrado, como é o caso da sala das promessas, do SNA) como objeto votivo está apto a receber esse valor biográfico.

Tal como as relíquias, o ex-voto é um objeto em especial dentre outros, assim como a relíquia de santos e mártires: não é qualquer corpo, nem qualquer pessoa que tem seu corpo transformado em relíquia: para ser santo, mártir, beato, a pessoa precisa ter uma biografia que a ligue a esse simbolismo da relíquia, como relatos de milagres, curas e graças alcançadas que começam a surgir durante a vida ou após a morte de um indivíduo.



Figura 48 As cédulas de papel dessa fotografia têm biografia. Serviram como anteparo que salvou a vida de uma pessoa, alvejada por um tiro. O dinheiro que estava no bolso, por motivação da tentativa de assalto, tornou-se, aos olhos do devoto, ex-voto e por isso, foi doado ao SNA. Dez. 2010.

O objeto que se torna um ex-voto pode ser qualquer coisa, desde que tenha uma biografia que o valide, o confirme enquanto tal. Ele precisa mais do que a materialidade para ser ex-voto, para estabilizar essa relação de fé e devoção com Nossa Senhora Aparecida: o objeto votivo precisa estar no espaço da sala das promessas ou, ao menos, do SNA, para ser visto como tal; e isso ocorre porque alguém o levou até lá por **algum motivo**. O ex-voto se destina a esse espaço, porque houve um fato, uma motivação por parte de alguém que viu nele, no objeto, a relação de fé entre ele e a imagem de Aparecida.



Figura 49 Peregrinos vindos de Minas Gerais a pé. SNA, dez. 2010.

Mulher e homem, de Espírito Santo do Dourado/MG

Bianca: Da onde veio essa bandeirinha?

Mulher: Essa bandeirinha veio daqui, o que está escrito, Espírito Santo do Dourado.

B.: Onde fica essa cidade?

Mulher: Sul de Minas Gerais, há 40km de Pouso Alegre. São praticamente, de onde a gente saiu, 200km de caminha à pé, nós temos que agradecer. Foram 5 dias de caminhada à pé, de sacrifício. Foi muito calor na estrada, não pegamos chuva, mas vencemos essa batalha...com chapéu, com protetor, e ainda queimou...porque eu passei mal uma dia. Esse sol muito quente, acho que caiu a glicose...passei mal... não enxerguei nem a pista. Encostamos, paramos, ele (o rapaz do apoio, que dirigia o veículo que os acompanhava) chegou com a comida... Ele disse "ela vai desmaiar", a estava com a boca roxinha, né, mas eu disse: "Vou vencer". Apesar da idade, a gente tem mais de 60 anos, uma caminhada de 200km...não é? Não é fácil não...

Graças a Deus, Nossa Senhora foi nossa guia, nossa proteção.

B.: São 9 pessoas? Todos da família da senhora?

Não, são primos...É o 5º ano deles,é uma promessa que eles fizeram, né...

B.: E o senhor teve problema na vista?(esposo)

Esposo: Estava pra ficar cego, o médico falou que ele ia ficar cego...então a gente conseguiu...Eu me apeguei à Nossa Senhora e consegui.

Esposo: Eu chegava em casa, tinha uma mulher que tomava conta dela...falava, cadê Teresa? Tá deitada, está chorando, estava no quarto, chorando, de dor...

Mulher: Eu curei, graças à Nossa Senhora...ultimamente, olha, faço tudo, faço café...Nossa Senhora me curou e ela vai me levar. Nós viemos com um pessoal muito bom...e nós viemos, fizemos liturgia diária...

Esposo: dois ou três terços, todos os dias...

B.: 200 km, né?Quantos dias?

Mulher: 5 dias...Mas teve dia que nós andamos 70km. No outro, 20, 25 km, dependendo da pousada, da dormida...Onde tinha...

Mulher: A gente tinha que arrumar...nós alugamos uma casa, um cara muito bom, muito gentil...ele falou: "pode dormir na minha casa...muito humilde, sabe, mas com tudo que precisava, sabe, colchão pra dormir, um chuveiro com um banho bom, um cafezinho quente, comer, nós "come" (sic) no restaurante..."

B.: Veio uma pessoa de carro acompanhando vocês?

Mulher: Veio, pra trazer as bolsas...é muito pesado.

Esposo: se não tiver com Nossa Senhora, não vem!

A biografia do objeto é marcada por essas memórias que ficam atreladas ao objeto, quando um indivíduo os observa. Essas pessoas se lembrarão da peregrinação e da bandeira, deixada como ex-voto. Aqui, não apenas a sala das promessas traz valor documental ao objeto, como também a trajetória reforça esse caráter.

A peregrinação marca uma forma de integração do grupo: eles vêm rezando, muitas vezes, como disse a senhora entrevistada. Nesse sentido, a peregrinação é uma forma de vivência comunitária da fé, de se desprender de apegos: assim como os entrevistados colocam, Bertrand (2009) também relata em seu texto, isto é, os peregrinos vão passando sem pouso ou parada muito bem determinada. O foco da peregrinação não é fazer dela uma viagem turística, mas sim um exercício de crer na providência divina, pois esperarão pelo auxílio e ajuda de outros que virão lhes oferecer pouso e/ou alimentação.



Figura 50 Mãe e filha entregando joelheiras após caminharem de joelhos. SNA, dez. 2010.

Mulher, São Paulo/SP, 42 anos

É minha mãe, com câncer de bexiga e...tá curada. Foi feita uma cirurgia: o médico tirou tudo, não tem nenhuma célula cancerosa. Nada, está curada.

B.: E essas joelheiras? Onde você comprou?

Eu comprei anteontem pra subir a passarela, porque na noite anterior da cirurgia eu pedi a Nossa Senhora Aparecida, que se desse tudo certo, pra salvar minha mãe, que eu vinha pagar a promessa. Demorei um pouco mais vim. Fiz toda a passarela de joelho.

A filha fez a passagem da passarela que liga a Basílica Nova à Velha, de joelhos, para pagar sua promessa. As joelheiras foram oferecidas como ex-votos para representarem essa superação de cura a qual as entrevistadas se referem, ao mesmo tempo em que lembram o sacrifício e a dor de se caminhar por vários metros de joelhos.

Tão relevante quanto à cura, na visão da entrevistada a graça recebida precisava ser paga de uma maneira que remetesse a um sacrifício e, de certa forma, a uma submissão à vontade divina: o estar de joelhos representa também um ato de resignação e de aceitação da dor. Tal qual as peregrinações, é muito comum as pessoas fazerem esse trajeto da passarela de joelhos, representando que o voto de se pagar uma promessa transcende à materialidade do objeto, nesse caso. Esse voto pode ser um sacrifício pessoal também, representando o agradecimento e o sofrimento vivido pelo devoto que paga a promessa. A passarela tem 392,20 metros, variando sua altura na cidade de 18,46m a 35,52m (SANTUÁRIO, s.d.).

O dia 12 de outubro também é o dia que se celebra o dia das crianças no Brasil. A data foi, no início do século XX, escolhida para ser o dia da criança no Brasil. No entanto, conforme explica um site de informação, essa data somente se tornou popular após uma campanha publicitária de empresas brasileiras, o que acabou por popularizar a festividade[63]. No mesmo dia, como já mencionado, celebra-se o dia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Antes do dia 12 de outubro, celebrava-se sua festividade em 8 de setembro; pela proximidade com o 7 de setembro e a festa da Pátria, o Concílio Plenário Brasileiro, realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1939, alterou a festividade para o 12 de outubro (BRUSTOLONI, 2004).

O portal eletrônico A12.com também esclarece a alteração da data para o dia 12 de outubro, destacando que essa data foi decretada feriado nacional por decreto do Presidente João Batista Figueiredo, em 1980[64]. Não há menção em nenhuma fonte da associação com o

[63] Vide http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_Mundial_da_Crian%C3%A7a. Nesse link, encontram-se os dias escolhidos por outros países para celebrar a festividade das crianças e nele é mencionado que a ONU – Organização das Nações Unidas – escolhera o 20 de novembro para tanto, tendo em vista que fora a data da promulgação da Declaração dos Direitos da Criança. Também o sítio eletrônido da UNICEF – Fundação das Nações Unidas para as Crianças, traz essa informação. Vide reforçhttp://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

[64] Vide informação no link http://www.a12.com/pedia/artigo.asp?ped=historia_do_dia_12_de_outubro.html.

dia das crianças. No entanto, há que se verificar que essa associação – isto é, de Nossa Senhora Aparecida como protetora de todos os fiéis, inclusive de crianças – possa ser verificada na quantidade de objetos e de ex-votos relativos as crianças e bebês.

Mulher, 67 anos, Curitiba/PR.

Mulher: O menino saiu atrás...quando saiu...que é estrada, né, que ele virou, que vinha um boi bravo, os boiadeiro vinha gritando assim: "sai da frente, que esse boi é muito bravo, sai da frente". Meu marido virou com a carroça. Ele olhou pra trás, o menino estava no meio da ponte...meu marido pulou da carroça, ajoelhou no chão. Eu vim gritando, com a mão na cabeça, gritando pra Nossa Senhora Aparecida, que ...não deixasse matar. O boi chegou, menina, ajoelhou, na frente do menino, questão de um metro...Ajoelhou, o boi ficou deitado. Meu marido pegou o menino, foi de encontro comigo. E eu estava com as pernas tremendo....o menino ficou três dias sem falar. Que susto, menina...

B.: Nossa, que história comovente.

Meu filho não teve um arranhãozinho. Depois que nós saiu (sic), que nós virou pra casa (sic) ...aí eles cutucaram, cutucaram o boi, que saiu andando, assim...um metro, não chegou no menino...

Por baixo da materialidade do objeto, escondem-se essas memórias que, juntas, formam uma biografia do objeto. Elas não estão à vista dos visitantes; pertencem aos doadores, conhecedores da motivação que os levou àquele lugar. A biografia, portanto, dá um valor diferenciado à mercadoria e, aqui, realça o ex-voto, encerrando sua relação com o doador na sala, onde ele adentra ao espaço sagrado do SNA.

Mulher, 52 anos, Caraguatatuba/SP

M1.: É o sobrinho dela, ela vai te falar o que aconteceu...

M2.:Aconteceu um acidente com a família dele, minha sobrinha, minha irmã, o marido da minha sobrinha e o bebê, um acidente muito terrível...Graças a Deus com o bebê não aconteceu nada. Foi um acidente muito feio... mas aconteceu com a minha sobrinha, com o marido dela, com a minha irmã. Mas deu tudo certo, graças a Nossa Senhora Aparecida, a promessa que minha mãe fez. Deu tudo certo e aí ela prometeu trazer a roupinha dele e pôr nos pés de Nossa Senhora em agradecimento pela vida. Eles viveram novamente.



Figura 51 Mulheres deixando camiseta de criança como ex-voto. SNA, dez. 2010.

Há uma parte do ensino de Teologia que é dedicado à compreensão de Maria; essa área se chama Mariologia. Maria tem várias associações à figura da maternidade e às crianças, por ter sido, dentro da tradição cristã, a mulher que concebeu e deu à vida ao filho de Deus. Como explica o estudioso de Mariologia, Monsenhor José Ferreira (2000), no Antigo Testamento, já aparece uma série de menções sobre a mulher que conceberia o filho de Deus. No Novo Testamento da Bíblia cristã, Maria é a escolhida de Deus para conceber o seu filho Jesus. As denominações atribuídas à Maria fazem menção à maternidade e à sua ligação com o seu filho divino. Explica o mesmo autor que os significados do nome de Maria, em hebraico, são vários e um deles (Harah) significaria "conceber e dar à luz o Filho de Deus" (FERREIRA, 2000, p. 22).

Tais explicações buscam compreender quem foi essa figura bíblica importante e apreender como Maria é compreendida pela história como *mulher* e *mãe*.

No Santuário de Aparecida é comum ver-se orações e manifestações que a tratam como Mãe Aparecida. Essa associação da maternidade à Maria é um dado que ajude, provavelmente, no reforço de seus devotos estabelecerem uma relação filial com Nossa Senhora. Isso é tão comum que ainda hoje é possível encontrar crianças que são batizadas na Igreja Católica e possuem Maria como madrinha de batismo[65].

Mulher, 27 anos, Pindamonhangaba/SP.

Eu era muito nervosa no dia do meu parto, né? Aí eu pedia muito: Prometi que a primeira roupinha que ele vestisse na maternidade eu traria aqui.

[65] Além disso, há um ato chamado de consagração, que é o ato de os pais ou padrinhos consagrarem um filho ou filha a um santo católico. Eu mesma, quando batizada, fui consagrada à Nossa Senhora.



Figura 52 Mulher entregando roupas de seu bebê. SNA, dez. 2010.

Dentre as várias denominações que recebe ao redor do mundo, Maria é também uma das devoções que se associam ao parto e à maternidade. Nossa Senhora do Bom Parto, por exemplo, conta a tradição católica, é uma das denominações, oriundas da França, dadas à Maria. Há, inclusive, paróquias que levam essa denominação; a estátua de Nossa Senhora do Bom Parto traz Maria em vestes brancas e manto azul, trazendo no colo o menino Jesus desnudo, como se tivesse acabado de nascer[66].

Mulher, Palmeiral/MG, 40 anos.

B.: Ela tem refluxo desde pequenininha?

É. Aí eu alcancei a graça, ela foi curada, porque o médico falou que ela tinha que tomar remédio, tinha que operar. Agora fiz exame e confirmou que ela não tem mais nada, tá normal.

B.: E ela está com quantos anos?

5 anos.

B.: É um raio X que você trouxe?

É sim.

[66] Para ver uma fotografia dessa devoção mariana acessar o link da Paróquia de Nossa Senhora do Bom Parto, em São Paulo/SP. Vide http://www.paroquiabomparto.org.br/.



Figura 53 Mãe, acompanhada da filha, deixando o raio X da menina como ex-voto. SNA, dez. 2010.

Mulher, Rolândia/PR, 33 anos.

Eu trouxe xarope, porque com sete dias de vida, minha filha estava quase morta. Eu procurei os médicos e não consegui achar. Aí nas estradas da vida eu encontrei um médico que falou: "a gente vai internar ela" (sic). Aí fizeram um monte de exame e deu que ela tinha bronquite. Ficou internada 30 dias e após sair do hospital, continuou ruim. Uma vizinha veio na Aparecida do Norte e comprou um mel daquele ali (mel de guapo), afirmando que ia fazer um xarope pra ela tomar. Bom, aí ela fez o xarope, a menina tomou e graças a Deus até hoje a menina está curada. A minha menina tem 11 anos.

B.: E o que é aquilo ali?

É mel com guapo. Aí ela fez colocou o mel, pode ver que tá bem grosso.

B.: Então ela veio, comprou o mel aqui e levou pra fazer o xarope?

É ela fez o xarope lá. É exatamente.



Figura 54 Conteúdo plástico com o xarope feito à base de mel. SNA, dez. 2010.

Essa mãe atribui a cura de sua filha, em parte, ao consumo desse xarope feito à base de mel. O mel foi comprado por uma terceira pessoa que lhe deu o mesmo. Com esse, a mãe preparou o xarope e ministrou à filha. Retornou ao SNA com um pouco desse xarope, dentro de um recipiente plástico, e o deu como ex-voto. O objeto em si é carregado de significado, para a devota, desde o momento em que foi comprado pela terceira pessoa. Não era qualquer mel, era um mel comprado em Aparecida, ou seja, na terra de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. É como se o objeto, no caso, esse alimento, trouxesse consigo uma aura de sagrado e de milagroso antes mesmo de ser transformado em xarope com guapo.

O sagrado é um adjetivo decorrente de qualquer ex-voto que chega à sala das promessas. Seja pela sua origem ou pelo seu fim, o objeto, quando adquire o caráter biográfico de ex-voto, assume concomitantemente o caráter de objeto sagrado. Nesse caso, o mel foi entendido como um objeto sagrado quando de sua compra em Aparecida. O lugar, também sagrado, é gerador de objetos sagrados, que carregam consigo essa característica que os associa a Nossa Senhora Aparecida e a cidade que abriga o Santuário Nacional dela.

No entanto, em vários casos, esses objetos são simples peças de uso, não necessariamente representantes de risco à saúde, e sim pelo caráter de serem perecíveis ou simplesmente porque não possuem utilidade alguma. Um exemplo de objeto sem utilidade, dado como ex-voto, que encerra sua existência no espaço da sala, é o caso da fitinha abaixo fotografada.



Figura 55 Fitinha dada como ex-voto pelo devoto chileno. SNA, dez. 2010.

Homem, chileno, vive na Austrália, 39 anos.

Eu sou chileno, trabalho no circo. Sofri um acidente, que marcou a minha vida. Me apeguei muito a Nossa Senhora Aparecida, porque me apego muito a Deus. Quando eu vim aqui, fiz uma promessa, e deu certo...

E tenho que vir mais...risos...tenho que pagar mais, porque é pouco o que eu fiz pra ela, e ela provou muito pra mim.

Choro

E o pouco tempo que eu to....sou o primeiro da família, dou a cara pela minha família...todo que eu peço pra ela, ela faz. Acho que me sinto brasileiro né?

Fé em Deus, fé nela. Hoje eu trabalho lá fora, já to há 6 anos, 4 anos na Europa, e 3 anos na Austrália, ela sempre comigo, levo ela aqui, a imagem...hoje eu arrebentei algo que tava aqui, muita inveja no meu trabalho, muito coisa acontecendo comigo...quebrava a respiração, coração, cabeça, tudo, tudo, os melhores médicos australianos e europeus...na França, nada, nada...não tinha nada.

Falei pra minha mãe: quando eu cheguei de avião, eu tinha que vir aqui. A namorada, primeiro lugar, minha família em primeiro lugar, depois fico dividido, né, entre a namorada, minha noiva, né, porque...eu trabalho em circo...e ela é da cidade de Londrina.

B.: Você vive na Europa?

Vivo.

B.: A família tá no Brasil?

Isso, todo ano eu tenho um mês de férias. Agora to deixando tudo de lado, pra em primeiro lugar, vir aqui.

B.: E onde você sofreu o acidente, na Europa?

Sim, com a moto, mas normal, quebrei o maxilar, foi indo, o tornozelo, foi indo...fora outros acidentes que eu sofri na minha carreira, né, agora mesmo, caí do pêndulo, um número que eu faço...eu agradeço, muito, muito, muito a ela...

B.: E a fitinha que você cortou ali?

A fita foi, durou um ano. Em banhos... trabalho, e sol, e o calor que faz, olha...bárbaro, não quis rebentar... e agora eu vou colorar uma nova...eu tinha medo que arrebentasse lá.

B.: E onde você comprou?

Aqui.

B.: Aqui, ah, ela é daqui mesmo?

Aqui. E durou muito e eu queria que arrebentasse aqui.

B.: E onde você está vivendo?

Na Austrália. Renovou o contrato agora. Estou com 39 anos.



Figura 56 Chileno cortando a fitinha. Fonte: Revista Unesp Ciência. Fotógrafo: Guilherme Gomes. SNA, dez. 2010.

Enquanto tentava cortar a fitinha de seu braço, o chileno chorava bastante. Nesse momento, a funcionária que estava a frente dele e eu, o repórter e o fotógrafo de uma revista universitária e outras poucas pessoas que estavam próximas, paramos para prestar alguns segundos atenção àquele homem que brigava com a tesoura e que, por força da emoção, não conseguia cortar a fita. Ele acabou por desistir, deu a tesoura à menina à sua frente e pediu a ela que cortasse a fita.

A biografia de um simples objeto como essa fitinha, mas uma vez, reforça a importância de conhecer os trajetos que o objeto vai percorrendo, pois eles trazem vários elementos que enriquecem a sua biografia, dizem sobre as relações sociais que alinhavou, falam dos indivíduos que os utilizaram e das motivações, dos valores a eles agregados.

2.2 O durante: o ex-voto como documento

Dentro toda tipologia identificada na sala das promessas, há um tipo de objeto que permanece ancorado na sala das promessas: as fotografias. Atualmente, estas são os objetos votivos mais comuns no espaço. Ainda que depois deixem a sala como qualquer outro ex-voto, as fotografias são selecionadas e compõem a decoração do teto e paredes da sala durante um período de tempo, geralmente não superior a um ano.

Vêm de uma tradição que não é recente: a dos ex-votos pintados, trabalhados por Julita Scarano (2004). Nesse trabalho, a autora nos mostra seus estudos acerca dos ex-votos, representações pintadas nas quais o devoto registrava especialmente o santo para o qual o ex-voto era feito, bem como a si mesmo e, na maioria dos casos, em cenas que associam a pessoa ao motivo do ex-voto, por exemplo, o devoto convalescente por uma doença. Tratavam-se de pequenas representações pictóricas, com cenas bastantes específicas, que registravam sempre, alguns elementos comuns, como o santo de devoção, a motivação do ex-voto e o próprio devoto.

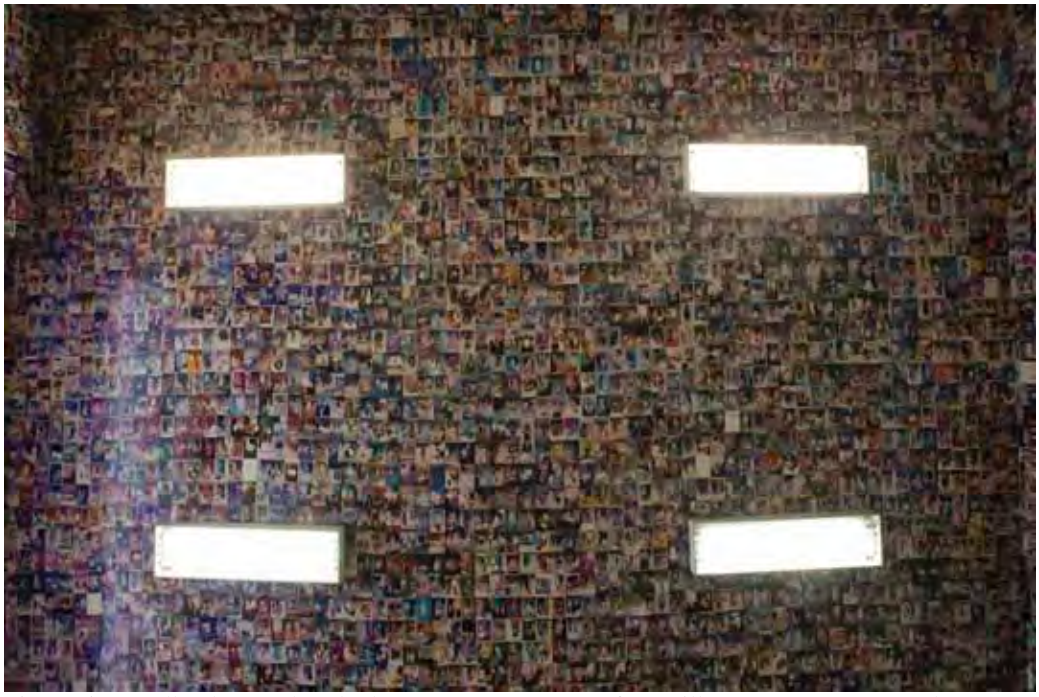


Figura 57 Detalhe do teto da sala das promessas. Fotógrafo: Guilherme Gomes. SNA, dez. 2010.

A fotografia atualiza essa possibilidade do devoto se fazer representar. No entanto, não segue um padrão; fotos de tamanho 3cm x 4cm são bastante comuns, mas as cenas que compõem variam conforme o fiel. As pessoas sabem que - mais cedo ou mais tarde - a sua fotografia ou de alguém por quem estão deixando a mesma – acabará compondo o teto ou as paredes da sala das promessas. Todas as fotos são guardadas pela equipe responsável da sala e acumulam-se até que seja necessária a troca das mais antigas, que são descartadas e queimadas. Mas até que saiam da sala, todas ficam fixadas como ex-votos e se tornam um todo maior, quando estão coladas lado a lado.

São organizadas por temas: crianças, animais, veículos, homens, mulheres, doentes, etc. Os funcionários da sala comentam ser de praxe tentar colocá-las dentro de uma mesma categoria, por facilitar a sua localização: tarefa dificílima diante da imensa quantidade de fotografias: essas se encontram coladas e, atualmente compõem o número de setenta mil (70 mil) unidades. No entanto, há quem se encontre ou localize algum conhecido nas mesmas. Além disso, é comum vermos as pessoas perguntando se a foto que estão deixando na sala poderia ser posta na parede: os devotos manifestam a vontade de ser parte dessa coleção de fotografias.

Outro fator importante quanto a esse ex-voto é que a fotografia é um documento por excelência, ou uma das melhores formas de representar a si mesmo e aos outros. Por esse

motivo, boa parte das pessoas veem na fotografia a melhor maneira de representarem uma graça alcançada, pois como documento, a fotografia eterniza a pessoa agraciada. Dentro dessa perspectiva, a fotografia se aproxima de uma visão dela como um sendo um referente da realidade: ao olharmos para ela, vemos o registro de alguém que realmente existe – e se fez documentar. Não bastasse isso, "doou a si" ao SNA, para que a suas foto seja documento de fé e devoção.

Por outro caminho, entretanto, o pesquisador John Tagg (2005) rompe com essa concepção de que a fotografia é a prova do real. O autor aproxima-a da idéia de símbolo. Além disso, o autor suplanta uma tradição que a compreende como a-histórica, para trazê-la para o debate em que a fotografia implica em ser, ela própria, a história. Dessa forma, reconhece-a como permeada por relações de poder. Na busca de realismo, a fotografia "es una práctica social de representación, una forma general de producción discursiva, una normalidad que permite una serie de variaciones estrictamente delimitada", reforça Tagg (2005, p. 129).[67]

Susan Sontag (2004, p. 84) também faz parte desse debate. No livro [*Sobre Fotografia*], a autora faz uma análise da imagem fotográfica como histórica, simbólica, e não apenas como comprovadora de fatos e isenta de questionamentos. Para a autora, as fotos são artefatos, que gozam de um status de "lascas fortuitas do mundo. Assim, tiram partido simultaneamente do prestígio da arte e da magia do real. São nuvens de fantasia e pílulas de informação".

Concordamos com as análises dos autores supracitados acerca da compreensão do que vem a ser a fotografia dentro da sociedade contemporânea. Por conseguinte,compreendemo-la como um símbolo bastante representativo de como as pessoas se veem a si mesmas e como querem ser vistas no momento em que deixam seu ex-voto no SNA. Uma fotografia pode ser um documento. Evidência promove inferências. Pode ser tida como um objeto-documento: um suporte documental. Gera informação, transmitindo-a. E expõe aos sujeitos que com ela dialogam. Porém, ao refletirmos sobre esse uso, a partir do momento em que ela é concebida como documento, podemos tomá-la como um referente ou, talvez, até um índice da realidade. Arlindo Machado (2001, p. 122) explica que quando a fotografia é encarada como índice, este pressupõe uma *iconicidade*, ou seja, está análoga a um objeto. Já quando é pensada como referente, pressupõe *indexicalidade*, isto é, está conectada ao objeto. Na seqüência o autor

[67] É uma prática social de representação, uma forma geral de produção discursiva, uma normalidade que permite uma série de variações estritamente delimitada (Tradução livre).

coloca a terceira posição quanto à fotografia, a visão que a identifica como símbolo. Nesse sentido, esta segue uma fundamentação que a encara como sendo uma tríade entre signo, o objeto fotografado e a interpretação físico-química e matemática da mesma. “Assim, ela pode ser “lida” como uma criação de algo novo, de um conceito puramente plástico a respeito do objeto e de seu traço (MACHADO, 2001, p. 129)”.

As fotografias expostas na sala das promessas assumem três papéis que Arlindo Machado (2001) menciona: 1) referentes, 2) representações daquele que foi fotografado e 3) é uma interpretação (ao menos do próprio indivíduo que viu nela um ex-voto) de uma relação de fé e devoção.



Figura 58 Fotografia dada por uma senhora, fazendo a intenção para a filha e filho. SNA, dez. 2010.

Mulher, 67 anos, Curitiba/PR.

Mulher: Donizete Leme

B.:Posso fotografar essa foto, da senhora?

Mulher: Pode, pode...

Homem: Como é o nome da moça?

Mulher: Cristiane de Fátima Leão. Pros dois, eu vim pedir emprego.

B.: A senhora fez a promessa, ou eles fizeram a promessa?

Mulher: Não, eu to fazendo pedido pra eles, porque tá muito difícil de eles conseguirem emprego. Então, eu vim sem poder, ruim dos dois joelhos, ruim, fiz pedido de eu pegar, comprar esses dois joelhos de cera, pra mim deixar aqui, pra eu agüentar vir. Por isso que eu estou aqui. Pra pedir a Nossa Senhora saúde pra mim, saúde pro meu marido, e um emprego pro meus filhos.

B.: Certo, a foto é dos seus filhos? A senhora trouxe de casa?

Mulher: Sim, é meus filhos.

B.: E a senhora resolveu deixar aqui pra fazer o pedido?

Sim.

B.: E a senhora pretende que esse objeto fique aqui? E os joelhos também?

Mulher: Sim, vai ficar aqui. Quando eu sarar dos dois joelhos eu venho...oia, nós veio na estrada [sic], tudo tapado, aquela nuvem escura, São Paulo tava debaixo d´água, olha, a gente veio de Curitiba.



Figura 59 Mulher entregando foto do irmão. SNA, dez. 2010.

Mulher, 19 anos, que veio trazer a foto do irmão.

Quem fez promessa foi pro meu irmão... aí ela [a mãe] pediu pra Nossa Senhora...ela não quis dizer o motivo da promessa, mas eu acho que foi cumprido, e ela falou que ia deixar o cabelo dele crescer, ó o tamanho...daí, ela mandou tirar a foto, e mandou trazer pra colocar aqui. Acho que a promessa foi cumprida.

A primeira senhora trazia uma fotografia, na qual tem seus filho e filha representados. A segunda mulher traz uma foto do irmão, para o qual a mãe havia feito a promessa. As promessas foram feitas por terceiros que não são as pessoas fotografadas. As imagens compõem um todo que é muito maior do que cada uma delas: unitariamente, não seriam capazes de formar essa apresentação presente na sala; porém, quando estão organizadas e coladas lado a lado, de maneira ordenada para comporem o todo, são parte de uma coleção fotográfica que diz muito mais pelo seu tamanho, pelas dimensões que ocupa nas paredes e teto da sala, do que pela peculiaridade de cada um dos exemplares.



Figura 60 Mulher entregando a fotografia da neta que namora um presidiário. SNA, 2010.

Mulher, Ramelândia/PR, 61 anos.

...Ela namora um cara que tá preso e eu não quero que ela fique com ele, então eu "truxe" [sic] pra Nossa Senhora Aparecida ajudar pra que ela deixe dele. É...porque ele matou um prefeito...por isso que eu não quero que ela fique com ele.



Figura 61 Mulher entregando foto da família da filha. SNA, dez. 2010.

Mulher, Ramelândia/PR, 69 anos.

Pra Nossa Senhora Aparecida abençoar meu genro, que ele tem um sítio lá, e trabalham demais. Ele e a família estão quase se matando de tanto trabalhar, mas estão vencendo a batalha na graça de Deus, né...

B: Esse é o genro da senhora?

É, ele e a família dele, e aí tá meu neto, que fez a primeira comunhão, ó o padre aí.

As duas senhoras trazem fotografias para representarem outras pessoas também. Fizeram promessas por essas pessoas e veem nessa representação uma maneira de pedir que Nossa Senhora Aparecida olhe e ore por esses entes. Nenhum veio pagar promessa: a fotografia inicia a relação com a Aparecida, é um referencial na visão delas para que Maria proceda para atender aos pedidos, em especial, os que são ligados às pessoas que estão fotografadas.

A segunda senhora, de 69 anos, em especial, destaca a importância da fotografia: é um registro do momento da primeira eucaristia do neto e na imagem o padre se faz presente. Esse detalhe é relevante para a devota e torna-se – em sua visão – uma representação para além da família, é também parte de sua religiosidade católica, que se deixa fotografar ao lado de um padre e em frente um altar de igreja.

Todavia, como ensina Boris Kossoy (2001), a fotografia tem essa capacidade a ela inerente; a de cristalizar uma imagem real, o que faz dela uma maneira de cristalizar uma memória. Acontece que tais imagens pouco informam de fato sobre aqueles que estão fotografados: por isso é que o autor encara a fotografia como sendo uma ilustração ao texto, isto é, ela informa sobre o mundo e a vida de indivíduos retratados, mas é meramente uma expressão e implica em uma estética própria, sem a qual não se pode compreender a fotografia.



Figura 62 Mulher segurando a fotografia do namorado alcoólatra. SNA, dez. 2010.

Mulher, 48 anos, Araucária/PR.

O meu caso é que eu quero que ele largue da bebida...

B.: Ele era alcoólatra?

É, não é muito, mas quando ele bebe, ele é violento, então quero que ele largue...ele não é meu marido, é...namorado.



Figura 63 Homem com fotografia dele, de sua esposa e sua mãe. SNA, dez. 2010.

Homem, 36 anos, Tocos de Moji/MG

É pela minha mãe, ela teve que fazer uma cirurgia, e eu fiz uma promessa pra Nossa Senhora e a cirurgia deu tudo certo, graças a Deus.

B.: E na promessa você prometeu trazer alguma coisa aqui?

É...eu prometi trazer a foto, é minha, da minha mãe e da minha esposa.

É a primeira pessoa que trazia uma fotografia na qual se via o próprio devoto representado– apesar de a intenção ser para sua mãe – e, em especial essa, o rapaz e as duas mulheres tiraram a fotografia em frente a fachada da Basílica Velha, em Aparecida. A fotografia é muito mais uma representação do devoto por meio do olhar do terceiro, do que uma maneira de se auto-representar. Geralmente, são avós que levam fotos de netas, mães com fotos de filhos, filhos com fotos da mãe. A fotografia, portanto, se nos mostra como um documento do devoto, mas que é permeada a sua seleção pelo olhar daquele que a leva até a sala das promessas. As pessoas não comentam quem escolheu a fotografia e por quê motivo cada uma delas viu na fotografia a melhor opção para simbolizar seu voto ou de outrem. O relevante nesse caso é que a fotografia medeia relações de parentesco e de fé entre as pessoas reunidas por essas relações.



Figura 64 Mulher com foto da sogra de sua tia, em uma cadeira de rodas. SNA, dez. 2010.

Mulher,54 anos, Riversul/SP

Ela não andou mais, né? Ela é sogra da minha tia...e ela ficou doente, e não andou mais. E já faz um ano e agora ela começou a andar de novo e ela mandou trazer a fotografia, né? E ela não está andando como nós, né? Ela começou agora a andar, por dentro da casa...

É relevante perceber por quantas mãos e pessoas, essas fotografias passam até que cheguem à sala das promessas. Das pessoas entrevistadas, nenhuma delas foi uma intenção direta da pessoa fotografada, pedindo algo para si mesmo. Sempre aparece uma série de trajetórias que foram traçadas até que o objeto votivo chegasse ao seu destino. No todo das paredes e do teto da sala, a fotografia perde seu caráter de unicidade, tornando-se parte da gigantesca composição fotográfica do espaço. Por outro lado, a imagem fotográfica traz consigo a biografia que é pensada por alguém e que atravessa caminhos até atingir a sala em questão.



Figura 65 Fotografia de uma menina vestida de Nossa Senhora Aparecida. SNA, dez. 2010.

Mulher com foto da filha

Foi uma promessa que eu fiz de ela coroar de Nossa Senhora, pra ela ter saúde...É bronquite, e melhorou.

E onde a senhora tirou a foto dela?

Em casa.

A imagem fotográfica anterior mostra-nos uma menina que está vestida com as roupas que vestem a estátua de Nossa Senhora Aparecida. A mãe foi quem fez a promessa, em intenção pela saúde da própria filha, prometendo vesti-la a caráter e fotografar e levar esse registro para o Santuário. O retrato, mais do que um documento fotográfico - no qual se vê a menina caracterizada e coroada com a imagem de Aparecida - é um registro de fé da mãe da menina. Não serviria, talvez, outra fotografia: na visão da mãe, coroar a filha como Nossa Senhora Aparecida e depois fotografá-la é a melhor representação da devoção e gratidão pela graça que recebera.



Figura 66 Fotografias deixadas na sala das promessas. SNA, dez. 2010.

Mulher com fotos e cabelo

A fotografia é a foto de uma amiga minha e a filha dela...Estavam muito mal. Aí como ela não pôde vir, eu vim cumprir a promessa pra ela, né? E um casal, que também pediram um voto também e pediram também pra trazer a foto.

"*Uma obra de arte, uma fotografia, um filme são na melhor das hipóteses: visões de mundo. Recortes da realidade e das percepções sobre ela produzida por indivíduos, situados em relações de amor, de perda, de vitória, de sociedade*" (GARBINATTO, 2002, p. 280). Não podendo se fazerem presentes no SNA, as pessoas que solicitaram a essa senhora que portava as fotos, se fizeram representar ali pelas imagens fotográficas. São percepções dos indivíduos de si mesmos, e no espaço da sala tratadas como frutos de uma relação de devoção com Nossa Senhora Aparecida. A título de complementação dessa citação, John Tagg (2005, p. 155) explica que:

> Por esta razão, não se pode "usar" a fotografia como uma "fonte" não problemática. A fotografia não transmite uma realidade preexistente e já significativa em si mesma. Como com qualquer outro sistema discursivo, a pergunta que se deve suscitar não é: "que revela este discurso com respeito a algo mais?", mas sim: "que faz; quais são suas condições de existência; como influencia em seu contexto mais do que refleti-lo; como anima um significado mais que descobri-lo; onde devemos colocar-nos para aceitá-la como real ou verdadeira; e que conseqüências se desprendem do fato de fazê-lo?"[68]

[68] No original em espanhol: *Por esta razón, no se puede "usar" la fotografía como una "fuente" no problemática. La fotografía no transmite una realidad preexistente y ya significativa en sí misma. Como con cualquier otro sistema discursivo, la pregunta que se debe plantear no es: "¿qué revela este discurso con respecto a algo más?" sino más bien: "¿qué hace; cuáles son sus condiciones de existencia; cómo influye en su contexto más que reflejarlo; cómo anima un significado más que descubrirlo; dónde debemos colocarnos para aceptarla como real o verdadera; y qué consecuencias se desprenden del hecho de hacerlo?"*.

A resposta para esses levantamentos do autor, como para satisfazer a provocação de Valeska Garbinatto (2002), seria que no estudo de fotografias o que importa, realmente, é em qual contexto foi produzida, qual o discurso que a fotografia enuncia, o que ela comunica e esconde, como se dá a prática mediática entre ela e o sujeito que a observa. E ela própria carrega uma história; as aqui apresentadas revelam isso. As pessoas levam suas fotografias ou pedem que terceiros as levem, geralmente, imagens fotográficas nas quais se pode bem identificar a pessoa para a qual a intenção foi feita. Fotografias de todos os tipos aparecem no Santuário e estão agrupadas no teto e nas paredes por temáticas: fotografias 3cm x 4cm, fotografias de crianças, de animais, de casais, etc.

Assim como uma grande coleção fotográfica, a equipe que dirige a sala estabelece grupos e elementos que criam relação entre essas tantas fotografias: conforme o cenário ou motivação da fotografia, estas são agrupadas em determinados nichos todas as vezes que é feita uma nova inserção nas paredes e teto.

As fotografias são objetos votivos que permanecem na sala das promessas, enquanto compõem a coleção exposta, geralmente, durante um ano. Conforme as informações da direção da sala, todas elas acabam por formar esse imenso objeto votivo que decora a sala das promessas.

São, na verdade, objetos individuais que compõem um todo maior e acabam por perder suas particularidades em detrimento de comporem esse cenário fotográfico que decora as paredes e teto do espaço. A permanência dessas fotografias no local remete à ideia de quantidade, de um número elevado de visitantes no espaço, além de nos sugerir grande volume de pessoas que foram agraciadas, ou que pediram por uma graça e, portanto, se fazem representar por essas imagens fotográficas.

CAPÍTULO 3 – O DEIXAR (DEPOIS) A SALA DAS PROMESSAS: RENEGOCIAÇÃO DE VALORES

A sala das promessas é um lugar que se encaixa dentro da perspectiva de Arjun Appadurai (2006) da constituição de uma política de valores. Sair da sala implica em destituir o valor documental que fora, dentro dela, atribuída ao mesmo. Assim como outros valores são efêmeros e constantemente negociados – o de mercadoria é o mais claro para elucidar essa afirmação – o valor documento é negociado e, fora da sala das promessas, o objeto deixa de ser documento de fé, para assumir outros valores.

Nesse capítulo, o objetivo é demonstrar os caminhos e trajetórias que o objeto pode estabelecer após deixar a sala. Nesse sentido, são quatro principais caminhos estabelecidos:

1. Reinserção do objeto no circuito mercadológico (pelo bazar, pelo circuito dos artefatos em cera e a doação);
2. Pecúnio;
3. Supressão e descarte; e
4. Musealização.

A fim de estabelecer uma descrição e uma análise dos objetos destituídos de valor documental, seguem-se quatro subitens, cada um deles tratando dos trajetos mencionados acima.

3.1 Reinserção do objeto

O Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida trabalha, constantemente, a relação dicotômica do que é gigantesco e do que é miniatura. A própria estatueta que motivou a construção de todo aparato é muito pequena, se comparada a outras representações que possam existir de Maria[69], ao passo que a Basílica Nova - que a abriga e toda a área da sua volta - formam o maior santuário mariano do mundo.

O SNA apresenta números vultosos: mais de dez milhões de visitantes, milhares de tijolos, telhas, banheiros, missas, tudo em grande quantidade. Embora se trate de um espaço que priva por medidas exageradas, grandes fluxos de visitação, o santuário tem uma imagem

[69] Como, por exemplo, a estátua de Nossa Senhora de Fátima, com mais de um metro de altura, conhecida como a imagem peregrina, hoje abrigada no Santuário dessa devoção, em Fátima/Portugal.

bem pequena em tamanho, que fica quase que escondida no nicho que a guarda, atrás do altar central da Basílica Nova.



Figura 67 Altar central da Basílica Nova; ao fundo a passarela de acesso para passar em frente da imagem, indicada pela seta branca. Fonte: Erasmo Ballot, disponível no portal www.a12.com

Olhando uma fotografia como a figura acima, é visível o contraste das proporções: arcadas enormes sustentam uma basílica, composta por quatro grandes alas, que ficam superlotadas de pessoas quando há celebrações eucarísticas. A imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida desaparece nesse cenário todo tomado pelas grandes paredes de tijolos à vista que decoram a igreja.

O gigantismo do espaço é até percebido antes mesmo de se chegar ao SNA: da rodovia Dutra, que corta o município e toda a região do vale do rio Paraíba, quando nos aproximamos de Aparecida o SNA se coloca ao lado direito da rodovia, sentido São Paulo, e domina a visão do observador: a grandiosidade das dimensões do Santuário, seus espaços, divisões, alturas, trazem uma sensação de grandiosidade que, associada a Maria, traduz a ideia de grandeza na fé e no poder, ambos investidos em Nossa Senhora Aparecida. O adjetivo gigantesco é traduzível na observação desse espaço, e traduz uma ideia, como explica Susan Stewart (2007), de infinitude, exterioridade, de público, excessivamente natural: mais do que isso, no caso do SNA também, o gigantismo do espaço traz a sensação de que é difícil dar conta de perceber o todo, além do que gigantesco como é, é o Santuário que nos contém e não o

contrário: ao passo que a miniatura promove a sensação de ser contida, o gigantesco é o que contém a tudo (STEWART, 2007).

Em continuidade a essa proposta, Stewart (2007) coloca que a leitura do gigantesco geralmente se associa a folclores, lendas e mitos, por questões de causalidade: utilizando o exemplo de Stonehenge[70], na Inglaterra, a autora explica que as pedras ali sobrepostas só poderiam ter ali chegado, conforme conta a lenda, com o auxílio ou por vontade de gigantes: transferindo essa questão para o SNA, o espaço reforça essa interpretação, pois somente por uma fé gigantesca, por uma vontade muito grande e somente pelo imenso poder que é atribuído à Maria é que se construiu esse Santuário brasileiro.

O gigantesco também se liga à ideia de natural, de forças naturais – a autora fala que se deseja ter a miniatura velha e o gigante novo: esse gigante implica em força de dominação ou consumo[71], em domínio e, no caso de exemplos como a figura dos ciclopes citados por James Joyce, em *Ulisses*, e de outros monstros da mitologia europeia, esse consumo é canibalesco: o gigante devora tudo que está à sua volta.

A novidade também se aproxima do gigantesco; o Novo Mundo (América do período da descoberta por espanhóis e portugueses) era o mundo selvagem, pagão e totalmente coberto de monstros e gigantes horrendos. A travessia do Oceano Atlântico era temida pelo risco de uma nau ser devorada por esses imensos monstros marinhos. Nesse sentido, ao dialogar e contrapor a miniatura e o gigante, Stewart nos mostra que são categorias indissociáveis e na construção da ideia de uma se faz presente o contraponto da outra: na oposição à pequena dimensão da estatueta de Aparecida, se contrapõe a imensidão do Santuário Nacional.

O SNA abarca todos os espaços, pessoas e objetos, em contraste com a estátua miniaturizada da representação de Nossa Senhora da Conceição, o SNA envolve toda essa realidade, não deixando nada lhe escapar.

A miniatura, diversamente do gigantesco, não é natural: é um produto cultural, produzida a partir do olhar performático de alguém sobre certas operações, que manipula o mundo físico: enquanto o gigantesco se associa a Deus, ao divino, a miniatura é criação humana (STEWART, 2007). Além disso, a miniatura é capaz de criar seu tempo paralelo, um

[70] Stonehenge é um monumento formado por um conjunto de pedras sobrepostas, formando um círculo, o qual é interpretado como tendo sido um templo religioso ou um lugar de sacrifício, localizado no sul da Inglaterra há mais de cinco mil anos.
[71] Consuming forces.

tipo de tempo transcendente que nega a mudança, tornando-se o fluxo da realidade vivida: a miniatura remete ao processo de construção de uma interioridade e ao processo de como o interior é construído.

São associações tangentes à miniatura, que em muito se encaixam na observação do SNA: enquanto a pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida é esse produto cultural, fruto da vontade humana, que remete à interioridade da relação com ela estabelecida, para que ela tenha destaque no cenário se contrapõe a ela o gigantesco Santuário que a abraça, exterior, gigantesco e que consegue abarcar tudo que a ela chegue, todos que a ele recorrem. Assim como o Santuário é esse território permeado pela grande proporção que é sua marca registrada, os espaços que o compõem também dialogam em duplicidades.

O gigantesco e a miniatura podem ser sentidos e percebidos no contexto da sala das promessas; as imensas quantidades de objetos que por ali passam diariamente estabelecem fluxos de entrada e saída, mas nesse processo, poucos objetos ficam nela ancorados, porque deixam de ser vistos como meros objetos votivos e passam a ser objetos de exposição, de museu, se tornam documentos e, por essa razão, estabelecem esse tempo em paralelo que corre com a história social dos objetos. Esse tempo compõe a biografia desses ex-votos, que são representações de fé, de devoção, objetos de mediação e de manifestação de uma vontade humana de agradecer ou pedir por algo à Nossa Senhora Aparecida.

Esse contraste quanto ao gigantismo e a miniaturização é uma duplicidade também presente na sala das promessas. A sala é imensa, indicando uma espacialidade muito grande e necessária para envolver a ideia de que Nossa Senhora Aparecida é milagrosa e que somente um espaço muito grande seria capaz de dar conta de uma quantidade tão grande de objetos como a que ali está e o volume diariamente recebido.

No portal A12.com consta que a sala das promessas é o segundo lugar mais visitado do SNA, só perdendo para a visitação da imagem de N. Sra. Aparecida. Recebe, em média, mensalmente dezenove mil objetos e, nos meses de outubro, esse número alcança trinta mil[72]. Conforme o portal, são setenta mil fotos que ornamentam a sala das promessas e, na entrevista feita com o padre Rodrigo Arnoso, responsável pela sala em 2010, essas eram trocadas, ao menos, uma vez no ano.

[72] Disponível em http://www.a12.com/santuario/pastoral/sala_das_promessas.asp, acesso em 27 de agosto de 2011.

A sala é ornamentada com fotografias e objetos de todo tipo, os quais estão arranjados nas paredes ou em vitrines que se localizam penduradas nos pilares de sustentação da construção. As fotografias compõem, atualmente, a maior parte dos objetos dados como votivos na sala das promessas.



Figura 68 Sala das promessas. Fonte: Revista Unesp Ciência. Fotógrafo: Guilherme Gomes.

3.1.1 O gigantismo dos artefatos de cera



Figura 69 Homem segurando garganta feita em cera. SNA, dez. 2010.

Homem, 49 anos, Jaru/RO.

Em 1969. Nós "era" de uma família muito pobre no interior, na roça, e a gente se alimentava muito mal e eu ali comendo ali uma canjica de milho e acho que um pedaço de pedra que tava dentro da canjica e perfurou a garganta e por 17 dias não saía. Daí por 17 dias...minha mãe, na época a gente não tinha rádio, mas a mulher do patrão tinha rádio aí minha mãe foi e o padre Vito dava a bênção da água através do rádio e minha mãe foi e levou a água pra ser abençoada em cima do rádio, e passou pra mim, mandou que eu bebesse. Naquele desespero, porque eu tinha ido ao médico e ele falou que eu precisava fazer cirurgia, mas meu pai não tinha condições de pagar. Ao tomar essa água, três minutos depois que eu bebi a água aquele objeto se soltou da garganta, e graças a Deus, porque eu só tava pele e osso, porque não podia se alimentar, mas como era de família péssima, nem assim caldo de vitamina não podia tomar, né, tomava caldo assim, né...isso foi 1969.

B.: O senhor tinha quanto anos?

Eu tinha 8 anos. De lá eu fui pro interior de Rondônia. Minha mãe já faleceu há 13 anos, mas antes de morrer ela falou: "você tem essa promessa, você tem que ir a Aparecida, eu to prestes a morrer, mas você vá". E aí, pela primeira vez hoje eu saí do estado de Rondônia, vim visitar uns parentes, mas aí eu falei, nessa saída minha Aparecida tá incluído.

Além das fotografias, o outro objeto que é muito recebido na sala das promessas são as peças confeccionadas em cera. São artefatos que imitam o formato de órgãos humanos. A

tradição do uso das peças feitas em cera como votivas é antiga. Assim como o senhor acima fotografado, os objetos de cera sempre vêm associados a males de saúde, com exceção de flores, casas e velas de cera. Todos os demais objetos feitos em cera que estão à venda no SNA assumem formas de órgãos humanos, partes do corpo humano, individualizados e classificados nas gôndolas das lojas por tipo, tamanho, etc.

Ludmilla Jordanova (1989, p.36) menciona os usos das peças de cera, explicando que desde o século XVII essa matéria-prima era utilizada para fazer réplicas de corpos e órgãos, a fim de servirem à educação de médicos, bem como foram importantes utensílios na educação sexual, além do uso como objetos votivos.

A autora segue adiante, exemplificando a discussão com os modelos de cera de Madame Tussaud: "In her mind, a moral Project was uppermost – exact likenesses of major figures involved in the French Revolution had a valuable lesson to teach their audiences"[73]. A cera serviu para reproduzir modelos inanimados de pessoas e, ainda hoje, é utilizada como matéria-prima para confeccionar objetos bem detalhados, como os ex-votos. O uso da cera constitui-se em uma prática recorrente ao longo da história seja para moldar corpos ou partes dele, pois tem essa característica de fácil adaptação a qualquer forma.

A cera é facilmente manipulada para se fazer qualquer forma, portanto; no santuário de Aparecida é possível encontrar uma grande variedade desses objetos em diferentes formatos, tais como coração, rins, fígado, pulmões, mãos, pés. Não apenas ali, mas outros santuários ou lugares sagrados no Brasil recebem tais objetos votivos também, como é o caso de um santuário de visitação no município de Maracaí/SP (FREITAS, 2006), dedicado à memória do menino Antonio Marcelino[74].

Artefatos confeccionados com cera estão presentes e são itens comuns nas lojas do SNA. E, geralmente, estão associados a graças e relatos de milagres relativos à recuperação de saúde ou cura de doenças.

[73] "Na mente dela [Madame Tussaud], um projeto moral era o principal – a exata semelhança com as maiores figuras envolvidas na Revolução Francesa era uma valiosa lição para educar suas audiências" (Tradução livre).
[74] Conta a tradição local que o menino teria nascido normal, no ano de 1900, porém o crescimento de seu corpo foi prejudicado e vivera em cima de uma tábua de lavar roupas. Conta-se que vivia apenas de água e leite e nunca vestira uma peça de roupa e que, mesmo no inverno, se desfazia delas misteriosamente. Faleceu em 1945, foi enterrado com a tábua sobre a qual vivera.



Figura 70 Artefatos de cera pendurados na sala das promessas. SNA, dez. 2010.

Há outros formatos para esses objetos, tais como mãos (direita e esquerda), pernas, todos os órgãos humanos internos, cabeças, olhos, etc. Há somente um único dentre esses que não é relativo ao corpo humano: há casas feitas com cera. Possivelmente, como os pedidos de cura, o desejo de adquirir uma casa seja bastante comum, fazendo com que esse tipo de representação em cera seja corriqueiro de ali ser encontrada. E também nesse caso o devoto representa especificamente o fulcro de seu pedido para a estatueta de Aparecida.

Os objetos feitos com cera são leves, facilmente manipulados pelas pessoas. Geralmente são de uma única cor, mantendo a aparência da substância (cera). Os formatos variam, pois representam órgãos e membros humanos, sendo assim muito próximos do real: o tamanho, as características físicas, e o molde (usado no fabrico da peça) ajudam a pôr o peregrino em contato direto com aquilo que é o ponto central de sua prece à Maria.



Figura 71 Objetos de cera à venda no SNA: é possível identificar nas etiquetas das prateleiras (de cima para baixo) cabeças de adultos e de crianças, úteros, seios, casinhas de cera e coxas. Fonte: Revista Unesp Ciência. Fotógrafo: Guilherme Gomes. Dez.2010.

Este tipo de oferta, representativa de órgãos humanos, é bastante recorrente em santuários católicos. Outros santuários, muitos deles na Europa, mantêm suas coleções de objetos votivos. Entretanto, é fácil encontrar nesse continente, especialmente, ex-votos feitos em prata, o que confere outras qualidades aos objetos[75]. A prata é mais cara que a cera, provavelmente isso influencie em não ser esse tipo de objeto encontrado em Aparecida ou inviabilize seu uso em virtude dos custos mais elevados. Além disso, a cera pode concretizar uma forma tridimensional, diferentemente da prata, que permite apenas uma forma bidimensional ao objeto votivo.

O ex-voto feito com prata demanda mais trabalho, habilidade para fazer e criar, fato que o torna mais caro também. Ele precisa de aptidão para ser esculpido ou moldado na forma

[75] Há vários santuários marianos na Europa; um deles, onde há uma coleção grande de ex-votos de prata fica em Barbanna/Itália, uma pequena ilha ao norte do país que mantém uma coleção relevante desses objetos.

desejada. Peças feitas em cera, no entanto, são mais fáceis de fazer, só dependem do molde e esse as confere o realismo que as caracteriza. Possivelmente, esse é o ponto que faz com que os devotos se sintam atraídos por eles: os visitantes não oferecem a si próprios, mas a peça de cera oferecida é um caminho que os faz presentes, em materialidade e em pensamento, naquele lugar sagrado, pondo-os próximos à imagem de Aparecida.



Figura 72 Gôndolas com objetos de cera, à venda em loja no interior do SNA. Dez. 2010.



Figura 73 Caixotes contendo objetos que cera, retirados da sala das promessas. Essa rampa dá acesso à sala. SNA, dez. 2009.

Como dissemos anteriormente, as quantidades de objetos recebidos e de artefatos de cera são consideráveis, haja vista a agilidade que os define como ex-votos. Diariamente, as pessoas os compram nas lojas dentro do SNA ou nas imediações; então os deixam na sala das promessas. Quando o volume de peças de cera é grande e não havendo ele dano em sua

estrutura, como rachaduras, partes quebradas, eles retornam automaticamente para o mercado local. Dessa forma, um objeto de cera pode ser mercadoria e ex-voto mais de uma vez em um mesmo dia.

Dessa maneira, o volume gigante de ex-votos de cera faz com que este se torne caracterizado pela coletividade dentro desse espaço: compõem um fluxo, passam em grandes quantidades pela sala das promessas e sua principal característica é a de ser, por um breve momento, ex-voto, retornando à condição de mercadoria ou de matéria-prima em questão de horas. No entanto, são efêmeros e rapidamente abandonam o espaço em questão. Isso leva à reflexão de que a sala das promessas abrange uma realidade permeada por contrastes: volumes imensos de objetos, em contraste com o pouco tempo que ali permanecem, em especial, os objetos votivos feitos em cera. Conforme afirma Arjun Appadurai (2006), o objeto não deixar de ser mercadoria momento algum. Esse valor não é perdido, por conta da negociação. Ainda que como ex-voto na sala, visto como documento de fé, o artefato de cera continua sendo mercadoria.

Seguem-se algumas fotografias e relatos de pessoas que doaram estes objetos como ex-votos:



Figura 74 Mulher doando cabeça de cera, a pedido da mãe, e flores. SNA, dez. 2010.

Mulher, 33 anos, São Paulo/SP.

A cabeça, na verdade, é minha mãe que pediu pra eu trazer, ela não pôde vir, e eu to pagando a promessa pra ela, né? E as flores, é uma promessa que eu fiz pra ela, inclusive, e enquanto eu viver, eu tenho que

trazer um ramalhete de flores pra Nossa Senhora Aparecida, eu não viro o ano sem trazer. Faz uns 3 anos, todo ano eu venho, mas a graça já foi alcançada.



Figura 75 Mulher entregando perna de cera, confeccionada fora do Santuário. SNA, dez. 2010.

Mulher, Águas Formosas/MG.

Uma menina que pediu pra eu trazer...Porque deu uma dor na perna...

A pequena perna de cera escura foi vista por uma menina como um ex-voto. A garota solicitou à senhora, que segura o objeto nas mãos, que a deixasse na sala das promessas. Como se vê é pequenina e confeccionada com um tipo de cera diferente do utilizado pelas fábricas que manufaturam esses artefatos. Na composição desse grande fluxo de artefatos de cera, surgem raramente, mas ainda estão representados, aqueles feitos pelo próprio devoto. Essa perna foi descartada. Sua efemeridade como ex-voto durou o período do dia: no final dele, quando os funcionários selecionam a destinação dos itens, essa pequena perna foi posta no lixo.



Figura 76 Pés de cera que a mulher deixou na sala em agradecimento ao restabelecimento do filho. SNA, dez. 2010.

Mulher, Ermelino Matarazzo/SP.

Ele teve um problema no dedo, meu filho, o primeiro médico disse que ele tinha que operar, e eu pedi pra Nossa Senhora pra não ter que operar, porque é muito novo pra operar, e aí não precisou, só usou uma palmilha.

Esses pés de cera foram levados à sala por essa mãe da entrevista, que estava acompanhada do filho que utilizou as palmilhas. Assim como em outros exemplos que surgirão ao longo do trabalho, é muito comum as mães fazerem promessas e pedirem aos filhos que paguem ou que prometem por um filho ou filha e, no momento de cumprir com a promessa feita à Maria, trazem o filho consigo, para estar ali presente, no momento de deixar o objeto votivo no balcão da sala das promessas.

Os ex-votos confeccionados com cera são o principal fluxo de ex-votos dentro da sala das promessas. Não permanecem nesse espaço. Para estes, a sala das promessas é apenas um lugar de passagem, no qual permanecem por um curto período, pois é sabido que retornarão ou ao comércio local, imediatamente à sua retirada da sala, ou à fábrica para comporem matéria-prima novamente, para a feitura de novas peças em cera.

No entanto, há uma forma na qual as peças de cera chegam como ex-votos e se extinguem como tal: a capela das velas em grandes tanques, nos quais as pessoas queimam esses objetos. Na capela das velas, diferentemente da sala das promessas, o objeto de cera entra e fica e é imediatamente consumido, gerando uma quantidade imensa de parafina todos os dias. Conforme informação do próprio SNA, em finais de semana de grande movimento, há acúmulo nesses balcões, de dez toneladas de cera derretida (SANTUÁRIO, s.d, p. 6).

A relação com o ex-voto, nesse sentido, é diferente, apesar de também aqui a ideia do gigantesco estar presente. O volume de velas queimadas é grande, associando novamente ao

que já se mencionara anteriormente nas reflexões de Susan Stewart (2007): o gigantesco implica em exterioridade, ao passo que cada vela que compõe esse todo disforme de cera derretida nos tanques do SNA encerra a relação de intimidade entre um devoto e Maria. O ato de queimar a vela - até que ela se acabe e componha esse todo de cera derretida – traz a ideia de finitude: tem-se uma promessa paga ou então se tem um pedido que é iniciado com a mesma. A labareda da vela, também, é associada à chama da fé do devoto: à devoção de cada um, e nos remete a ideia de que alguém tem uma relação com Maria, uma intenção em aberto, um fogo que queima para iluminar, extinguir com as coisas e renovar também outras.



Figura 77 Capela das velas. SNA, dez. 2010.

Simbolismos como esses estão o tempo todo presente no contexto da religião, e não são peculiaridades do Catolicismo ou mesmo da devoção mariana. O fogo é a representação

transformadora, por ação do Espírito Santo. O fogo purifica, transforma a pessoa do crente (CNBB, 1999). Em especial a vela, o fogo transforma essa unidade, em uma nova forma imensa, que é o volume de cera queimada que encontramos na capela das velas.

Assim como a miniatura encerra em si uma interioridade e unicidade, as velas são representações que cada um dos devotos que ali refletiu sobre uma intenção, representando essa pessoa em cada vela ali acesa. No entanto, a miniatura se contrapõe ao gigantesco pela necessidade de dialogar com o exterior. Assim também as velas formam esse todo maior, abraçado pela capela das velas, transcendendo as intenções pessoais para formar uma relação com o divino.



Figura 78 Capela das velas. SNA, dez. 2010.

3.1.2 A reinserção dos objetos do bazar

O bazar é o lugar a que destina os objetos que serão novamente vendidos, que reassumem imediatamente o valor mercadológico, minimizado no contexto da sala pelo valor documental. De roupas a artefatos domésticos, vestidos de noiva, calçados, livros, brinquedos, enfim, objetos que se encontram em bom estado de conservação e que poderão ser novamente utilizados, sem prejuízo de suas funções, são enviados para o bazar do subsolo. Mesmo casinhas feitas em madeira, miniaturas, são ali vendidas.

Ainda no que tange às miniaturas, há um tipo de objeto que é bastante comum dentre os ex-votos e que trazem essa relação com as pequenas representações da realidade: são as

réplicas de casas que os devotos conseguem adquirir e que levam em miniatura ao Santuário para simbolizar essa graça que pediram.



Figura 79 Casinha feita em madeira. SNA, dez. 2010.

Mulher, Jacareí/SP, 38 anos.

Eu vim aqui, em 2009, em janeiro e estava com interesse de comprar uma casa. Eu vim, fiz um pedido pra Nossa Senhora, e eu também tinha uma herança pra receber... e tava complicado, pra receber essa herança... Vim, e eu prometi a Nossa Senhora, se a gente conseguisse comprar nossa casa, que também é, resolver o problema da herança que era uma casa, pra vender...e hoje tá fazendo um ano que nós assinamos o contrato da casa, e aí eu vim trazer a casinha, e em março desse ano também, foi resolvido o problema da herança, então eu vim trazer a casinha hoje porque hoje é uma data muito especial pra gente.

B.: E me diz, de onde você trouxe a casinha, você quem fez?

Eu mandei fazer, lá na cidade onde eu moro, Jacareí.

B.: e você sabe se esse objeto fica aqui?O destino do objeto...

Ó... na verdade...eu fiz a promessa...a gente sabe que muita coisa aqui eles vendem de novo, eles revertem pra poder manter o Santuário...pra mim, mesmo que eu não trouxesse essa casinha, ela [Nossa Senhora] ia ficar muito contente só de vir agradecer. E a casinha tem um esquilinho...Esse esquilo, a moça que fez, ela disse que o esquilo é lutador, é batalhador, ele luta pela sobrevivência dele, pela moradia dele, então ela resolveu colocar o esquilo, né...foi uma surpresa pra mim assim né...eu só pedi pra ela um vasinho, tal, pintar uma cor neutra, que eu gosto muito de lilás, e ela nem enfeitou muito, né ...o maior significado é a fé, né?

A miniatura da casa representa a casa que essa mulher de Jacareí/SP adquirira um tempo antes. Pediu que a mesma fosse confeccionada – não comprou pronta – e acresceu os vasinhos e o esquilo que foi sugestão da pessoa que fez a miniatura. A pequena casa se assemelha a uma casa de bonecas: miniaturizada, a casa traz em si elementos que nos lembram a de bonecas e como essas são importantes representações do interior e exterior.

Susan Stewart (2007), em uma análise desse tipo de miniatura – as casas de bonecas – complementa que estas trazem à tona essa articulação entre o que está fora e o que está dentro, além de representarem dois tipos de interioridade: ocupa um espaço em um espaço fechado. É a analogia com o fechado, com o secreto: é um segredo materializado, remetendo a uma promessa de profunda interioridade. Por outro lado, a casa de bonecas revela também sobre a pessoa que a fez, o que revelaria, no entendimento da autora, uma desatenção com a exterioridade, visto que o foco da pessoa que a confecciona é evidenciar um movimento para dentro, e não o contrário.

Aproximando a análise dessa casinha dada com ex-voto à discussão feita pela autora supracitada, a devota que a deu não se preocupou, talvez, em fazer uma casa com parte interna e outra externa: no entanto, revela nos detalhes da casa uma tentativa de individualizar seu objeto votivo, seja pela escolha da cor lilás, seja pelos vasinho e esquilo que compõem a parte frontal da mesma.



Figura 80 Casal que deixou uma miniatura de casa como ex-voto. SNA, dez. 2010.

Mulher, Rio de Janeiro, 32 anos.

B.: *De onde veio essa casinha, onde você mandou fazer*?

Uma amiga minha, que trabalha com artesanato, minha casinha é amarela, então a gente decidiu fazer amarela pra ficar parecida.

O casal acima deixou uma casinha tridimensional, apesar de a mesma ser fechada, mas com detalhes em pintura, desvendando a porta da casa, janelas, pintada na cor amarela. Ambas as casinhas trazem consigo algum elemento que remeta à casa real, objeto do pedido das pessoas. Assim também, ao analisar as casas de bonecas, Stewart (2007) diz que essas trazem consigo representações de seus proprietários e que durante a Idade Média eram uma diversão de adultos, e não de crianças e que, muitas vezes, expunham aspectos que as assemelhavam ao momento do nascimento de Jesus Cristo, a manjedoura, os animais à volta, o celeiro, etc.

Também remetem, no entendimento da autora, a uma relação de riqueza e de nostalgia, bem como reforça sempre o caráter de que a casa de bonecas sempre mostra uma preocupação com uma particular forma de interioridade. Associando tal análise às casinhas votivas, têm-se nelas uma representação de um espaço interior que é a casa real e concreta que essas pessoas adquiriram. E, por mais simples que possam ser tais representações – se comparadas às casas de bonecas – ainda assim revelam aspectos que remetem ao gosto ou a intenção dos proprietários desses imóveis.



Figura 81 Mulher e filho trazendo miniatura do avião da companhia aérea Gol. SNA, dez. 2010.

Mulher, São Paulo/SP.

B.: *Você poderia me contar por que está trazendo esse aviãozinho*?

É uma história engraçada. Uma viagem, de casamento de um primo nosso...E meu filho sonhou com um acidente de avião! Sonhou que o avião ia cair! (risos) E aí, a gente pediu que se desse tudo certo, na volta, a

gente traria uma miniatura do avião da Gol aqui. O casamento era em Minas Gerais, e a gente ia sair de São Paulo. Era a primeira viagem de avião! Então a gente veio a Aparecida, trazer o aviãozinho, pra agradecer!

A miniatura se mostra, novamente, como uma relação de interioridade, remetendo às memórias e nostalgias das pessoas. Além do pedido para que a viagem corresse bem, essa é uma memória relevante para essa família, que faria, por motivo do casamento, sua primeira viagem de avião juntos. O avião, mais do que ex-voto, é uma versão de experiência vivida.



Figura 82 Carrinho de brinquedo dado como ex-voto. SNA, dez. 2010.

Mulher, Paranavaí/PR, 27 anos

Eu passei na auto-escola e eu queria passar, aí eu trouxe o carrinho.

O carrinho de brinquedo se assemelha ao debate sobre a miniatura também: para a devota, a melhor representação desse momento importante para sua vida era um carrinho em miniatura, que remetesse ao fato de ela ter conseguido passar no exame para aquisição de carteira de habilitação. Susan Stewart (2007) compreende que a miniatura sempre mantém uma relação com a infância: esse período da vida de uma pessoa condensa uma miniaturização também do que será o adulto, a criança vista como uma miniaturização do adulto. A infância remete à história do indivíduo, é um capítulo fictício de cada história de vida.

Uma parte representativa dos objetos dados como ex-votos se constitui de roupas, calçados, utensílios de uso doméstico, os quais, geralmente, estão em bom estado quando deixados no interior da sala das promessas. Dessa forma, os responsáveis pela sala, ao longo

dos anos, tomaram a iniciativa de redirecionar esses objetos, novamente dando a eles caráter de mercadoria, para que não fossem simplesmente descartados ou doados.

Dessa maneira, uma quantidade considerável de ex-votos é direcionada para o bazar do SNA, localizado no mesmo piso da sala das promessas. Nesse bazar, em especial vestimentas e calçados, utensílios de bebê, objetos de decoração, livros, etc. É-lhes atribuído um valor simbólico, são revendidos para os próprios romeiros que estão em visitação no espaço. No bazar, portanto, o objeto que entrou no Santuário como ex-voto, retorna à condição de mercadoria.

Em conversa com o responsável pela sala das promessas, no tempo da pesquisa, padre Rodrigo Arnoso, ele não mencionou como, no bazar, o valor do objeto é definido, apenas informou que, o dinheiro arrecadado é totalmente distribuído às obras assistenciais ou de caridade mantidas pelo SNA. No entanto, como defende Susan Pearce (1993), o valor do objeto pode ser constituído por certo número de fatores. A própria condição física (fisicalidade) do objeto é um desses fatores; também o contexto no qual o objeto se encontra, bem como a organização social ao seu redor; podem ser fatores determinantes no valor atribuído a esse objeto. Também quando o objeto é fruto de uma arte, de uma produção artística ou artesanal, isso pode trazer um valor diverso para o mesmo.

Mas, no interior do bazar, qual é o valor reconhecido nesses objetos? Em análise da situação, pode-se pensar que, primeiramente, está-se diante de objetos e artefatos já utilizados e dados, gratuitamente, ao SNA como ex-voto. Esse fator certamente influencia na formação de um novo valor atribuído ao objeto. Por exemplo, um vestido de noiva à venda no bazar, não se dissocia do fato de já ter sido usado anteriormente por alguma noiva, bem como não deixa de lado o fato de ter sido doado ao Santuário, para representar a relação dessa pessoa com Nossa Senhora Aparecida.

Um vestido de noiva, ainda que feito com riqueza de tecidos, pedrarias e bordados, não é revendido no bazar pelo mesmo preço que foi pago na sua confecção ou compra: é vendido abaixo do valor pecuniário de mercado para que, no entender de padre Rodrigo, outras noivas, especialmente as mais pobres (ou que não possam pagar muito por um vestido como esses), possam comprá-lo no bazar. Os vestidos de noiva custam, em média, R$300,00. Em dezembro de 2010, encontramos os que custavam em torno de R$ 150,00. Os mais caros, R$500,00.

Outro fator relevante na aquisição de um objeto no bazar diz respeito a aquisição do objeto, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Adquirir uma roupa de bebê ou um calçado, comprar um vestido de noiva ou de festa, implica em lembrar que essa aquisição foi feita em um lugar sagrado e que remete à memória de Maria. E, finalmente, pode ser um bom negócio; os objetos, em especial roupas e calçados, sempre possuem um preço bastante acessível, tornando chamariz para a venda pelo preço reduzido que lhes é imputado.

E, por fim, tem-se que os objetos que são redirecionados para o bazar para serem revendidos não abandonam, a condição de mercadoria. Assim como Pearce (1993) explica, os objetos se dividem, especialmente, em três grandes categorias: os **descartáveis** ("rubbish"), lixo comum, o que não terá reuso; os objetos **transitórios** ("transients"), os quais são próprios do sistema capitalista, que são vendidos e comprados, usados no dia-a-dia e os quais mantêm esse valor até que esse decline e, então, se tornam objetos de lojas como brechós, lojas que vendem utensílios usados, as "second-hand stores" e, por fim, os **duráveis** ("durables"), os quais têm consigo valores espirituais, científicos ou psicológicos, fazendo com que eles permaneçam acima do mercado, de modo que se tornam pedras de toque ou estandartes, contra os bens que são descartados ou esgotados.



Figura 83 Vestidos de noiva à venda no bazar do SNA. Dez. 2010. Fotógrafo: Guilherme Gomes.

Como já dissemos, os objetos do bazar perderam em parte o valor que detinham como mercadorias novas: são objetos usados e, por isso, não podem assumir o mesma cifra pecuniária de outrora. Precisam ter um valor menor, pois ainda são mercadoria, e é sabido por qualquer pessoa que vá ao bazar que se trata de um objeto doado por outra pessoa ou que não obtiveram renda ou lucro ao deixá-lo na sala das promessas. Se seu valor de mercadoria é

outro, menor, sua condição de mercadoria de segunda categoria faz com que ele permaneça no espaço do bazar até que alguém o readquira.



Figura 84 Vestimenta com agradecimento escrito à caneta. Dez. 2010. Fotógrafo: Guilherme Gomes.

Dentre, então, os objetos que são dirigidos ao bazar, os utensílios de crianças e bebês são bastante comuns. E, conforme padre Rodrigo Arnoso, o critério é que esteja em bom estado de uso novamente, para que possa ser adquirido e usado por outras pessoas novamente.



Figura 85 Sapatinho de bebê, acompanhado da foto da criança, vestindo-o, no dia de seu batizado. SNA, dez. 2010.

Mulher, 51 anos, Ermelino Matarazzo/SP.

Eu trouxe o sapatinho de bebê, da Gabriele, porque considero ela (sic) como verdadeiro milagre do Divino Pai Eterno. É netinha, a minha filha já estava com 35 anos. Casou, com a pressão super-alta. Então a gravidez dela já estava condenada, o médico disse assim se ela chegasse até o fim, ou ela morreria ou a criança. Então, eu fiz um pedido com muita fé. O Divino Pai Eterno e a mãezinha do céu, (choro)...Nossa Senhora Aparecida, que ela concedesse essa graça, e agora eu estou aqui agradecendo, de coração...a Gabriele está viva, ela é um milagre do Divino Pai Eterno, e minha filha também. E o sapatinho é do batizado dela.

Arjun Appadurai (2006), para entender um pouco mais a questão do mercado, cita um trabalho do antropólogo Clifford Geertz, no qual ele observou o mercado em Marrocos[76]. E na análise desse trabalho, Appadurai coloca que Geertz entende que o mercado marroquino é feito em cima da confiança, ou seja, há uma negociação que é feita até se chegar ao preço da mercadoria e essa discussão é feita na base de confiança. E vai além:

> Yet, as Geertz himself suggests the bazaar as an analytical category may well apply to the used-car market in contemporary industrial economies. We can put this point in a more general form: bazaar-style information searches are likely to characterize any exchange setting where the quality and the appropriate valuation of goods are non standardized, though the reason for the lack of standartization, for the volatility of prices, and for the unrealible quality of specific things of a certain type may vary enormously. Indeed, systems for the exchange of kula valuables, of used cars, and oriental rugs, though they occur in very different institucional and cultural settings, may all involve bazaar-style information economies (APPADURAI, 2006, p. 43)[77].

O autor sobrecitado complementa afirmando que a falta de padronização não atrapalha ou impede o fluxo das mercadorias e bens; ao contrário, novos ciclos de conhecimento, se sobrepõem , fazendo com que a mercadoria chegue ao consumidor da mesma maneira. Isto é, não é apenas pela estandartização que o mercado se constrói: novas e diferentes maneiras de transitar são postas às mercadorias, assim como os bazares.



Figura 86 Par de sandálias doados aos SNA. Dez. 2010.

[76] Uma noção desse trabalho, em português, pode ser visto em Geertz (2001), no qual brevemente ele trata de sua pesquisa feita no Marrocos e em outros países, e conta de sua experiência etnográfica à frente desses trabalhos.

[77] Contudo, como Geertz mesmo sugere o bazar como uma categoria analítica pode bem aplicar-se ao mercado de carros usados nas economias industrias contemporâneas. Nós podemos pôr este ponto de uma maneira mais geral: as busca de informação no estilo bazar (de mercado) são comumente para caracterizar qualquer conjunto de troca onde a qualidade e a valoração apropriada de bens não é padronizada, então a razão para a falta de padronização, para a volatilidade de preços e para a qualidade incerta de determinadas tipos de coisas pode variar enormemente. Certamente, sistemas para a troca de valores do kula, de carros usados e de tapetes orientais, portanto, ocorrem em um conjunto cultural e institucional diferentes, podendo envolver economias com informação do estilo bazar (de mercado). (Tradução livre).

Mulher, Franca/SP, 74 anos.

Do meu filho, todo ano a gente vem aqui nessa época. Ele trabalha com uma fabriqueta (sic) de sandália de mulher, entendeu como é que é? E todos os anos eu venho aqui e trago.

B.: É seu filho que faz a sandália?

É sim. É ele que faz.

Como dito, a apreciação do valor pecuniário dos objetos que vão para o bazar torna-se um critério aleatório, e isso é percebido, em qualquer tipo de circulação de mercadorias desse tipo, como Appadurai e Geertz mencionam. Por fim, Appadurai (2006) afirma que as mercadorias transitam e isso implica sempre em uma variedade de fluxos e de formas como elas podem fazer isso, sendo diferentes os trajetos mesmo dentro de uma economia industrial e capitalista como a brasileira. O bazar do SNA é um desses espaços, nos quais as mercadorias transitam e circulam sem obedecer ao circuito maior das mercadorias produzidas e direcionadas ao mercado pela primeira vez. Tudo ali é usado ou de segunda mão; seus valores precisam ser outros e são inferiores por conta desse fluxo paralelo que acontece nesse local.



Figura 87 Banca com roupas íntimas à venda. SNA, dez. 2010.

O capitalismo, mais do que um sistema econômico, se mostra, dentro da explicação de Appadurai (2006) como sendo uma formação complexa cultural. E historicamente, é nessa formação que as mercadorias e seus significados assumem uma função crítica: um exemplo que o autor se utiliza para exemplificar é o mercado de bens futuros norte-americano, no qual os riscos e a pura especulação são parte do fluxo dessas mercadorias, tal qual o autor associa o caráter agonístico em sistemas de troca como o kula trobriandês. Essa análise expõe que o circuito de trocas e a circulação de mercadorias, novamente, não se limitam àquilo que poderia ser entendido como o mercado dito formal: as mercadorias circulam ainda depois de

já terem sido vendidas uma, duas ou três vezes, após terem passado pelas mãos de vários proprietários e nessas circulações as relações sociais são reproduzidas, o sistema de troca se torna, na verdade, bastante complexo pelas relações sociais, culturais e pelos significados que possam surgir.

Conversa com mulher, 48 anos, no bazar

B.: Você tá olhando o vestido, não sei se você tá pensando em comprar alguma coisa. Mas você acha que tem um valor diferente, porque você comprou aqui?

Tá, o preço está um pouquinho puxado, porque isso aqui são doações, né? Então teria que ter um preço mais...(em conta, mais barato).

B.: Mas por exemplo, pelo fato de alguém ter doado isso aqui, você acha que traz valor diferente pra ele?

Não. Seria mais importante se fosse algo assim, se eles fizessem assim...mas coisa mais assim...não aqui, não, se estivesse na sala [das promessas].

B.: *E por ser doação, a senhora acha que tá salgado o preço?*

Está. Teria que ser um pouquinho mais barato, porque eu sou daqui mesmo, né, sempre compro aqui né...já trabalhei muito anos aqui...tá muito bonito, mas, não que não está combinando, esse preço, teria que ser mais em conta...

Na visão dessa visitante do espaço, o vestido de festas que ela olhava naquele momento estava muito caro, inclusive associando o preço aos das lojas que ficam no centro do município. E justamente pela ausência de padronização nesses preços, no bazar passam pessoas que apreciem as mercadorias pelo baixo preço, enquanto outras devam julgá-los caros ou inacessíveis, apesar de serem bens usados.



Figura 88 Vestido de noiva dado como ex-voto. SNA, dez. 2010.

Mulher, Passos/MG, 39 anos.

Casei dia 17 de novembro de 94.

B.: E aí você prometeu trazer o vestido?

Eu quero...o vestido está novinho eu trouxe pra que alguém o utilize, porque eu fui...Vim há muito tempo e tinha um bazar aqui. Mudou muito. Tinha uma sala pra vender, aí lembrei de levar o meu [vestido]. Vai servir pra, assim, qualquer tanto que vier pra igreja, que outros vão trazer...



Figura 89 Grinalda dada como ex-voto. SNA, dez. 2010.

Mulher com a grinalda

Casei em 1973...

B.: E a senhora guardou a grinalda todo esse tempo?

E eu falei assim "o dia que eu pudesse trazer pra ela, pra ela me ajudar no casamento", e ajudou, e como...Eu vim até aqui, o tempo não é nada...



Figura 90 Roupas acompanhadas de carta. SNA, dez. 2010.

Mulher, Jaboticabal/SP, 63 anos

A mãe dele pediu pra mim colocar (sic) aqui...Porque ele tem uns problemas, tem dificuldade...pra Nossa Senhora, ele vai criar compromisso...

B.: E essas roupinhas que a senhora está trazendo?

Essa roupa aqui é de uma senhora que sofreu aneurisma na cabeça e ela está na cama. A filha dela, na primeira cirurgia que ela [mãe] fez, a senhora vestia essa roupa, ela fez esse pedido aí eu vim pra cá. Como sou muito amiga dela, ela pediu pra eu trazer.

Os objetos que terminam sua trajetória dentro do SNA nas gôndolas e bancas do bazar mudam seu valor. Como explica Suzanne Keene (2005), estes eram transitórios (“transients”) quando vendidos e o preço estava atrelado à oferta e à procura daquela mercadoria. Com o passar do tempo, a mercadoria adquire o brilho da idade (“glow of age”) e pode se tornar descartável. Todavia, se o objeto se torna desejável novamente, seu valor ressurge. No bazar, os objetos readquirem esse brilho ao qual a autora se refere e retornam a possibilidade de serem consumidos.



Figura 91 Criança vestida de anjo com a mãe ao lado. SNA, dez. 2010.

Mulher de 41anos e filha de 7 anos, Itatiba/SP.

É minha filha, ela tinha bronquite e, graças a Deus, ela está curada. E eu prometi pra Nossa Senhora Aparecida que trazia ela de anjinho...é, nunca mais ela teve, né? E graças a Deus, curou.



Figura 92 Criança vestida de anjo. SNA, dez. 2010.

Mulher de 39 anos e filha de 5 anos, Cotia/SP.

Eu to trazendo ela vestida de anjo...choro...e ela está aqui!

No bazar há várias fantasias de anjos para crianças. Mães, pais ou parente prometem em determinadas situações que, alcançada a graça desejada, a criança (para a qual se volta à graça) irá ao Santuário vestindo tais vestes. As duas crianças acima mencionadas, foram ao SNA no mesmo dia (15/12/2010) e praticamente no mesmo momento estavam na sala vestidas de anjo. As mães lhes retiraram as vestimentas e doou-as à sala das promessas como agradecimento pelas graças recebidas. Novamente, trata-se de promessas que são feitas e as quais são pagas pelos filhos e filhas, que vão ao SNA cumprir o compromisso assumido pelos responsáveis ou parentes.

Há também aquelas pessoas que identificam em objetos pessoais e claramente relativos à vida da pessoa uma representação da graça. São objetos tornados ex-votos personalizados, por assim dizer. Uma pessoa, por exemplo, que consegue obter uma carteira de habilitação para dirigir não pode entregar a própria carteira para representar a graça; todavia pode fazer uma cópia dela e entregar ao SNA para representar a graça alcançada.



Figura 93 Mulher entregando capacete. SNA, dez. 2010.

Mulher, Flórida Paulista/SP, 39 anos.

B.: Você tinha medo de andar?

Aí eu fiz uma promessa pra Nossa Senhora tirar o medo. Eu comprei o capacete na minha cidade e usei e tudo...



Figura 94 Homem entregando cópia da carteira de habilitação e o livreto da auto-escola. SNA, dez. 2010.

Homem, 19 anos, Capela/MG

Eu comecei a tirar a carteira [de motorista], e pedi pra Nossa Senhora...e fui conseguindo. O exame de rua eu bombei (sic) três vezes. Aí a mulher falou: eu vou tirar você...aí eu consegui! Aí eu trouxe o livrinho, né?



Figura 95 Mulher entregando cópias da carteira de habilitação e de resultados de concursos públicos. SNA, dez. 2010.

Mulher, 28 anos, Belo Horizonte/MG.

Eu sou estudante...são comprovantes de aprovação de dois concursos que eu fiz e também a minha carteira de habilitação. Somente no 3º exame, que eu pedi com muita fé pra Nossa Senhora Aparecida, que consegui tirar minha carteira de habilitação.

Os relatos acima trazem biografias de objetos que são entendidos, na visão de seus proprietários, como objetos, reflexos e representações as mais fieis e próximas daquilo que possa representar a graça recebida. Para Silveira e Lima Filho (2005, p. 41-42) o objeto-documento se caracteriza da seguinte forma:

> Primeiro, por ele materializar concepções culturais das mais diversas que, a partir dele, possibilitam a compreensão de outros domínios que engendram a cultura, [...]. Da mesma forma, na arte, no parentesco ou na religião os objetos são referências e, ao mesmo tempo, conseqüências da construção cultural. Segundo, porque ao se tornar metonímia de um sistema cultural, o objeto torna-se um documento e, portanto, passível de uma hermenêutica ou, ainda, de um processo interpretativo capaz de remetê-lo a paisagens culturais específicas, seguindo historicidades particulares.



Figura 96 Homem entregando troféu de rodeio. SNA, dez. 2010.

Homem, Itapetininga, 23 anos.

B.: O que você prometeu?

Que o primeiro rodeio que eu ganhasse eu trazia o troféu aqui.

B.: Esse é o prêmio que você ganhou no primeiro rodeio que você participou? E você ganhou o rodeio?

Eu ganhei sim.

Os indivíduos ficam personalizados, de alguma maneira, na representação desses objetos. Além disso, esses objetos são dispositivos, os quais promovem ações, gestos, falas, posturas, omissões, exigindo de quem os vê e defronta que se posicione, se manifeste, aja. Os dispositivos, como o filósofo Giorgio Agamben (2009) compreende, trazem uma positividade, exige-a.

Dentro dessa perspectiva ampla, compreendendo os objetos como dispositivos foucaultianos, eles são entendidos como sendo qualquer coisa que tenha "capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes", conforme explica Agamben (2009, p. 40). Tais objetos são capazes de orientar essas atitudes e outras que podem ser pensadas. Esse caráter de dispositivo acaba por reforçá-los também como documento. O objeto votivo assume uma postura, isto é, ele é parte de um juízo e, dessa maneira, sua positividade caminha no sentido de reforçar a positividade frente ao mesmo.

Em suma, fica direcionada, de certa maneira, a compreensão dos objetos votivos como sendo provas de santidade e de milagres de Nossa Senhora Aparecida. Ainda que não seja o mérito de crer ou não crer, o universo material da sala, a disposição, a sala em si, o balcão, o espaço sagrados, os ex-votos dão subsídio para que se pense, realmente, estar diante de uma realidade que transcende o real, que é também etérea, sagrada, poderosa.



Figura 97 Mulher entregando sanfona. SNA, dez. 2010.

Mulher, Limeira/SP, 80 anos.

Eu prometi pra Nossa Senhora que eu trazia uma sanfoninha se eu aprendesse.

B.: E a senhora aprendeu?

To aprendendo, to na aula, mas graças a Deus tá indo...

O objeto imprime marca nos indivíduos, representa (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005) e personifica a relação de fé dos devotos. Nesse sentido, não havia, no entender da senhora de 80 anos de Limeira, melhor maneira de representar sua graça que o próprio objeto de seu desejo, a sanfona.



Figura 98 Faixa alusiva ao tricampeonato do Fluminense, em 2010. SNA, dez. 2010.

Homem, Taubaté/SP, 26 anos.

Eu deixei a faixa de campeão do Fluminense que eu prometi que ia deixar!



Figura 99 Farda de cadete da AMAN. SNA, dez. 2010.

Homem, 22 anos, Rio de Janeiro/RJ

Eu trouxe pra finalizar o agradecimento, que eu passei pelo período básico naval, que foi um ano difícil.

B.: Você está terminando AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras)?

Não, eu to começando. E esse foi o primeiro obstáculo que eu vi. O curso básico, que eu achava que fosse relativamente fácil, mas não foi. E em agradecimento a isso por ter pedido a Nossa Senhora força, coragem, e ter me mantido sempre até o fim, eu trouxe minha farda como forma de agradecer.

B.: A farda era sua?

Isso. Eu usava, quando eu não conseguia voltar pra casa...botava camisa...botava de vez em quando no dia-dia.

Consegui passar o obstáculo e rumo a novos desafios!

Essa farda compreende uma relação de trabalho. O homem que a deixou na sala das promessas está fazendo o curso para cadete na Academia Militar das Agulhar Negras – AMAN, localizada no vale do rio Paraíba, porém no estado do Rio de Janeiro. A AMAN é conhecida pelo rigor para se conseguir adentrar ao seu exame de admissão, pelo vestibular. E quando algum jovem é aprovado, a preparação para ser um militar, será árdua e exigente. O objeto, nesse sentido, representa uma intenção votiva, mas também, como revelado na fala do entrevistado, o resultado de um sacrifício. Para Bradley (1998, p. 37):

> Sacrifice *changes the nature* of the thing sacrificed; it makes it sacred. Sacrifice requires a living *victim*, which must pass into the 'religious

> domain'. Humans, animals and even vegetable matter meet this requirement, but since an artifact is inert, it cannot change its nature. That is why it can only be an *offering*[78].

Dentro da concepção de Bradley, a farda é uma oferta. No entanto, esta remete à trajetória do jovem, que entende o ato de entregá-la como um agradecimento e uma representação de um sacrifício (tanto para fazer o curso, como para cuidar do uniforme ao longo do ano, evitando que esse estrague).



Figura 100 Mulher segurando CD e DVD de seu genro. SNA, dez. 2010.

Mulher, ABC Paulista.

B.: Trouxe os objetos para agradecer?

Mulher: Pra agradecer. É meu genro, e eu sempre peço por ele, pelas viagens que faz, pelo Brasil, pra Nossa Senhora Aparecida proteger e, graças a Deus, nunca aconteceu nada com ele. Toda vez que ele sai, que ele chega, eu peço a bênção dela... Eu agradeço e todos os anos eu venho aqui, pessoalmente. E sempre trago o CD ou DVD mais novo que ele tem. E em agradecimento, eu deixo aqui. Às vezes eu até consigo vir duas vezes no ano... mas uma vez (por ano) é certeza.

Mas eu sou muito devota dela do dia que eu nasci, toda a família, ele [genro] também...

B.: A senhora trouxe o objeto da sua casa?

Sim, eu trouxe.

B.: E a senhora sabe o destino que é dado a esse objeto depois?

Eu não sei.

[78] Sacrifício muda a natureza da coisa sacrificada; ele faz dela sagrada. Sacrifício requer uma vítima viva, a qual deve passar por um domínio religioso. Humanos, animais e até substância vegetal encontram seu pré-requisito, mas desde que um artefato é inerte, ele não pode mudar sua natureza. É por isso que ele só pode ser uma oferenda (tradução livre).

B.: Tá, mas senhora gostaria que ele ficasse aqui, na sala?

Sim, a gente traz e quer que fique aqui, na sala...Eu sempre trago com minha família...gente, olha, há muitos anos eu venho...e desde que ele [genro] entrou pra minha família, eu venho agradecer, eu sei, é pouco, né, pra Nossa Senhora, ...ah....tanto que ela faz pela gente...tanto, hoje, era difícil, eu moro... no ABC Paulista. Ele falou: "Olha eu só tenho hoje pra ir, então eu vou largar tudo e nós vamos hoje!"

O genro dessa senhora é cantor. Havia gravado um CD e um DVD e a sogra os levara até a sala das promessas. Assim como esse exemplo, há uma estante dentro da sala das promessas que traz vários objetos de pessoas famosas, muitos deles relacionados com a carreira da pessoa. São objetos de cantores sertanejos, atores, atrizes, outras celebridades brasileiras que, em algum momento de suas carreiras, resolveu deixar no SNA alguma coisa que representasse uma graça alcançada ou, simplesmente, em agradecimento à Nossa Senhora Aparecida.



Figura 101 Homem entregando cópia de seu trabalho de conclusão de curso de graduação. SNA, dez. 2010.

Homem, 34 anos, Avaré/SP.

Então, esse é o trabalho de conclusão de curso da faculdade, fiz farmácia. E assim desde a época de primário que a gente tem a crença pela santa; pede pra ajudar. Acredito que esse seja um dos últimos estudos que eu faço e mais uma vez ela ajudou. Daí, como a gente tem intenção de vir todo ano, de que desse tudo certo, como deu né, eu aproveitei pra estar trazendo e deixando aqui.

3.1.3 A doação

Em outro pólo, no entanto, diversamente das vestimentas e calçados, estão os objetos que são doados, e não vendidos, pelo Santuário. O SNA costuma receber muitos objetos e aparelhos ortopédicos, cadeiras de rodas e muletas. Especialmente o que é material hospitalar ou que possa implicar em qualquer risco de contaminação, entra na categoria dos

descartáveis[79]. Mas as cadeiras de rodas e as muletas permanecem na sala e são doadas para aqueles que lá recorrem e solicitam esse tipo de objeto. Doa-se aquele tipo de mercadoria que, importante para a saúde e reabilitação de alguém, é cedido para as pessoas que acorrem ao Santuário: especialmente cadeiras de rodas, muletas e bengalas são os objetos que compõem essa categorização.

O SNA direciona diversamente, então, o que é revendido e o que não o pode ser, encaminhando objetos para destruição ou doação. Dessa maneira, constrói uma relação de atenção para com seus fieis e visitantes, revelando uma despretensão de perceber lucratividade com esses objetos de auxílio e mobilidade. Por outro lado, as roupas não são vistas como artigos para ser doados, como se houvesse diferença na trajetória dessas mercadorias.

A muleta não é vendida porque ela implicaria, possivelmente, em uma cura? A cadeira de rodas, por que não é vendida? Talvez pelo fato de serem objetos ligados diretamente à cura e restabelecimento de alguém, o Santuário tenha decidido que não devem ser considerados pelo valor pecuniário que trazem, mas sim reinseridos no mercado de trocas pela justificativa de dar continuidade a ajuda ao próximo.



Figura 102 Par de muletas retiradas por uma mulher na sala das promessas. SNA, dez. 2010.

Mulher, Aparecida/SP, veio buscar a muleta para o marido.

Meu marido sofreu um acidente de moto. O carro virou na frente dele, e ele bateu a moto no carro. Ele quebrou o fêmur e perdeu um pedaço do osso da perna. E agora ele estava na cadeira de roda, a gente emprestou a cadeira de rodas, a cadeira de banho dele, e agora precisamos da muleta, porque o médico liberou ele (sic) para andar de muletas.

B.: Da onde você é?

[79] Discussão anteriormente feita, diferenciando os tipos de objetos.

Daqui mesmo.

B.: E você sabia que eles emprestavam aqui?

Eles emprestam pra gente e aí quando a pessoa curou, traz de volta.

Os objetos de auxílio para mobilidade, como cadeiras de rodas, cadeiras de banho, muletas, em especial, são diferentes diante do contexto dos demais objetos. Não são vendidos, são doados. No entanto, a doação é feita mediante um aviso ou aconselhamento de que, cessando o uso do objeto, a pessoa o devolva à sala das promessas, para que outro paciente ou pessoa com dificuldades possa utilizá-lo. A sala recebe constantemente esse tipo de objeto: são várias as cadeiras e muletas. A organização da sala julgou conveniente recolocá-los em uso, pois são utensílios importantes para recuperação de adoentados e acamados.

No caso dessa moça, no momento em que vinha retirar as muletas, trazia consigo a cadeira de rodas que o marido utilizara. Trouxe, entregou-a à balconista e solicitou as muletas. A atendente preencheu um papel, colocando a data da saída das muletas e pediu à mulher que, cessando o uso, que as devolvesse ao SNA, pois constantemente há pessoas solicitando esses objetos.

Ela retirou as muletas e foi embora. No mesmo momento, indaguei a atendente, a respeito desse dado. A funcionária explicou que, nem sempre os objetos retornam. Certas vezes, as pessoas que os solicitam são realmente necessitadas e não residem próximas ao município. Então levam consigo esses objetos e nãos os devolvem, pela dificuldade imposta pela distância.

A relação desses objetos com o espaço, em especial, remete à discussão feita por Marcel Mauss (2001) a respeito da dádiva e a contradádiva. O autor explica como essa relação de troca se pauta por obrigações claramente definidas, dar, receber e retribuir alguma coisa. O circuito das dádivas se caracteriza de maneira agonística, implicando em formas e maneiras de retribuição de uma dádiva recebida dentro desse circuito, e só se encerra quando cumpridas as atribuições de cada sujeito.

Sobre a mesma questão, o texto de Jacques Godbout (1999) relembra que tal relação ainda permanece existente dentro da vida cotidiana das sociedades industriais e modernas. Por exemplo, o pesquisador trata da doação de sangue e da esmola como exemplos para explicar essa realidade. Para tanto, demonstra que o homem que vive em uma sociedade complexa como a contemporânea ainda se percebe em situações agonísticas, na qual se vê quase

compelido, certas vezes, a doar, seja porque se sinta beneficiado anteriormente ou porque pretende uma obrigatoriedade frente à sociedade.

As obrigações de dar, receber e retribuir são ligadas à temática da dádiva moderna, como chama Jacques Godbout (1999). No entanto, essa atenção em doar é própria de um *ethos* do católico: há uma predisposição[80] para doar o que se tem em grande quantidade, existe uma motivação da própria moral católica em educar o fiel católico a doar o que ele possui materialmente, ainda mais quando se tem em grande quantidade. O doar, nesse sentido, é interpretado diante de uma moral cristã-católica como sendo um gesto de construção de alguma coisa, mas não na Terra e, sim, no reino dos céus: doando no presente da vida terrena, se constrói uma vida melhor diante dos olhos de Deus. Além disso, essa ação pode ser interpretada pelos visitantes, que acabam por incorrer na interpretação de que o SNA é caridoso e generoso: saber receber e saber doar também.

Em suma, a ação de doar os objetos citados implica em um duplo movimento: na afirmação de uma moral católica e também como fator de propaganda positiva para o SNA. Especialmente quando se está no contexto da sala das promessas, o visitante pode perceber a enorme gama de objetos ganhados. Quando se coloca, dentro do mesmo espaço do recebimento o ato de doar também se faz com que ambas as ações (receber ex-votos e doar cadeiras de rodas, muletas, etc) sejam realizadas no mesmo contexto e publicamente, frente aos visitantes de um dado momento, na observância de que o SNA e seus representantes religiosos estariam atentos, também, para as necessidades dos visitantes, atendendo àqueles que precisam de auxílio.

[80] Compreensão essa próxima do entendimento da religião, assim como Geertz (1989) coloca em seu texto, isto é, um sistema simbólico movido também por um *ethos* que gera motivações e predisposições voltadas para a ação dos indivíduos.



Figura 103 Objetos ortopédicos e muletas expostos nas sala das promessas. SNA, fev. 2008.

3.2 A supressão e o descarte dos ex-votos

A chegada de objetos votivos é diária e compõe-se de quase tudo que se possa imaginar: de coisas úteis e passíveis de serem mantidas até de restos humanos, lixo hospitalar, objetos que não podem permanecer dentro da sala em questão. Diante de uma quantidade grande de objetos, boa parte desses acaba por ser retirado do contexto da sala das promessas e ainda uma parcela significativa desses objetos se encaixa dentre aqueles que serão descartados, virarão lixo, ou mesmo serão destinados a uma coleta específica devido a riscos de contaminação e/ou doenças que possam trazer consigo.

Tratam-se dos objetos descartáveis. Estes podem ser: órgãos e pedaços do corpo humano, tecidos e objetos utilizados por pessoas em momentos difíceis (como acidentes de veículos, roupas que as pessoas vestiam quando foram submetidas a cirurgias), objetos hospitalares, como sondas e drenos, cabelo, objetos utilizados pelos devotos, mas que possam implicar em qualquer risco de contaminação (pinos, plaquetas, peças ortopédicas), alimentos, bebidas alcoólicas, medicamentos de toda espécie, flores.

É comum deparar com esses objetos e isso é parte da rotina da sala das promessas. Sendo assim, houve por bem separá-los, pois podem representar risco à saúde de funcionários e visitantes. Por serem perecíveis, precisam ser devidamente coletados e rapidamente retirados da sala: assim, evita-se a putrefação, mau cheiro, contaminação. Há um caixote especialmente preparado para esse tipo de objeto.

Diariamente, os sacos são postos nos latões, onde os devotos colocam tais objetos descartáveis. A orientação da direção da sala é que o funcionário nem mesmo os toque: há relatos de funcionários que receberam cabelos com piolhos e, no contato com esses, uma funcionária contraiu-os. Ou mesmo, roupas com sangue, pois há o risco de contágio de doenças. Os trabalhadores da sala não tocam essas peças de vestuário, e pedem aos devotos que se dirijam ao caixote, depositando-as. As razões desse procedimento de seguranças do SNA são explicadas para as pessoas.



Figura 104 Espaço preparado para receber roupas de acidentes. SNA, dez. 2009.

A sala das promessas, para esses objetos, é um fim na trajetória deles enquanto objetos. A partir daí, serão direcionados a locais de coleta de lixo – seja esse hospitalar ou lixo comum – mas deixam de existir para a história social dos objetos. Extinguem-se e consigo exaurem uma relação que mediaram, não voltarão a representar algo na vida cotidiana: quando se encerram, nesses casos, suas trajetórias como ex-votos no SNA, os objetos descartáveis acabam uma relação e finalizam uma relação de fé e agradecimento. Enquanto permanecem na sala, são ex-votos, porém não documentam essa relação. O lixo, nesse caso, é o que é indesejado, sujo, perigoso e precisa ser afastado das pessoas, pois implica em risco de poluição para elas e para os funcionários que atendem no espaço (DOUGLAS, s.d)[81].

[81] Mary Douglas (*Pureza e perigo*, s.d) trabalha a construção da noção de pureza e perigo em seu livro e demonstra que todo padrão cultural adota padrões daquilo que é sujo e perigoso, pois esses padrões precisam ser afastados do contato das pessoas, pois mais do que representarem ameaças, desestabilizam uma ordem e uma organização social.



Figura 105 Recipiente para lixo hospitalar e restos humanos. SNA, dez. 2009.

Bilhetes e cartas, pedidos escritos também são comuns e podem mesmo ser produzidos no interior da sala, que conta com um balcão com canetas e papel e de urnas para se depositar pedidos e agradecimentos. Todo esse material também vai para descarte.

Dentro da sala das promessas, mais do que deixar os ex-votos e vislumbrá-los, o visitante pode orar. Na visão do seu diretor em 2010, o padre Rodrigo Arnoso, é também um espaço de oração e reflexão; dessa maneira, é dada às pessoas a possibilidade de exporem ali seus agradecimentos, pedidos, milagres recebidos. E desde o ano de 2010 essas intenções de graça e pedidos podem ser feitos com o auxílio da tecnologia pelos telefones celulares, é possível enviar - via mensagem de texto - frases e pedidos. Há um painel - no qual essas frases são veiculadas: este, hora em hora, atualiza as informações. Ou seja, o visitante envia o chamado SMS e esse será retransmitido no painel localizado no interior da sala das promessas.



Figura 106 Painel de reprodução de mensagens de texto, enviadas via telefones celular. SNA, dez. 2010.

Tão efêmeros quanto os objetos descartáveis, são as mensagens eletrônicas. São reproduzidas apenas no dia em que o fiel as enviou e podem ser vistas por todos os visitantes da sala das promessas. São diversas as motivações: agradecimentos, pedidos de graça, cura, milagres, elogios ao Santuário, ações de graça a Nossa Senhora. Todas são manifestações da fé dos visitantes e revelam uma intenção votiva que, muitas vezes, não está manifesta em um objeto material, mas sim na frase visualizada em uma tela de computador.


Figura 107 Flores deixadas como ex-votos. SNA, dez. 2010.

Mulher, São Lourenço/MG, 61 anos.

É promessa dela, da senhora...e nós trouxemos essas flores de Minas.

Flores são constantemente levadas como ex-votos ao SNA. Já mencionada anteriormente, também havia uma mulher que levara flores, juntamente com a cabeça de cera para pagar uma promessa da mãe dela. No entanto, as flores eram promessa da mulher fotografada, a qual disse na fala levar anualmente as flores à sala das promessas.



Figura 108 Mulher segurando seu buquê de casamento. SNA, dez. 2010.

Mulher, Rio de Janeiro/RJ.

Eu pedi pra Nossa Senhora ser minha madrinha de casamento, e eu prometi que traria meu buquê de noiva!

O pedido da moça acima fotografada era o de se casar e pede ela que Nossa Senhora Aparecida seja sua madrinha de casamento. Essa relação de pessoalidade com santos e santas católicos é trabalhada por Luiz Mott (2007), que mostra como é próprio da religiosidade portuguesa do tempo do Brasil-colônia, reproduzir relações de pessoalidade, intimidade e afetividade com os santos.

Todavia, são bastante corriqueiros que cheguem ao balcão da sala das promessas os pedaços humanos. São tumores, restos do corpo, órgãos, o próprio corpo é objetivado pelo devoto e dado como objeto votivo.



Figura 109 Homem deixando partes do osso perfurado por um tiro que o alvejara. SNA, dez. 2010.

Homem, Inconfidência/MG.

B.: *Que tem nesse vidrinho?*

Eu tomei um tiro na perna. Foi feita uma cirurgia, na primeira vez, peguei, quebrou a perna, o osso da perna, engessou minha perna, o doutor. E ele foi deixando, falando que não tinha problema nenhum, que podia deixar, daí infeccionou minha perna. Aí eu fui em outro doutor falou assim: "...se não tirar isso logo, tem que amputar". Daí foi, eu pedi muito pra Nossa Senhora Aparecida, fiz promessa, operou minha perna, tirou tudo que está aí, chumbo, pedaço de osso...o doutor disse que ia sarar desse jeito.

Eu vim a pé, de Inconfidência, Minas Gerais, são 203 km de viagem, 23 pessoas, amigos, vizinhos...

Além de trazer restos do seu próprio corpo, o homem veio caminhando até o SNA, acompanhado de outros romeiros. Para ele, nada mais simbólico de sua superação ao tiro do que a própria cápsula da bala, retirada de seu osso, acompanhada dos restos que estavam imersos no líquido do vidro que ele trazia nas mãos.



Figura 110 Senhor, acompanhado da família, traz como ex-voto pinos utilizados em cirurgia ortopédica. SNA, dez. 2010.

Homem, 59 anos, São Paulo/SP

Isso aqui foi na hora do acidente...isso aqui foi na perna, né, no fêmur...Eu sofri um acidente, gravíssimo, né? E alcançou a graça...e foi tão grave lá no hospital que deram até óbito pra mim. Eu fiquei entubado, muito tempo, depois de uma semana, eu fiz todo mundo chorar lá, porque eu voltei, né?

E...quando eu cheguei aqui....eu falei, nós só vamos assim pra algum lugar de lazer, assim, depois que eu pagar a promessa...choro.

Ela (a esposa) sofreu mais que eu...e a melhor palavra que tem é essa, as lágrimas né?

B.: E o que era isso?

Isso era uma peça que ficava na perna, né...quebrou tudo, quebrou em 8 lugares aqui, né? Aí quebrou o fêmur, o braço, deu trombose, derrame no pulmão. Ih...E graças a Deus, eu to aqui, um ano e quatro meses depois que aconteceu isso, né?

Mas eu tenho pino, placa, barra...eu tive grandes profissionais, porque se fosse...sabe? Tenho dois aniversários, todo mundo fala, né? (Risos)



Figura 111 Pai segurando braço do filho. no cotovelo, vê-se a cicatriz da cirurgia ortopédica. SNA, dez. 2010.

Homem, Alpinópolis/MG, 55 anos.

B.: É filho do senhor?

É sim, ele fez uma cirurgia no cotovelo esquerdo, fratura exposta. Cinco horas de cirurgia, o doutor colocou 4 pinos, aí eu pedi pra Nossa Senhora que ele tivesse uma recuperação por completo, tudo certinho, aí eu traria os pinos da cirurgia, foi tão bom que teve que fazer outra cirurgia pra tirar os pinos. Tirou três...

B.: Mas esses pinos é os que estavam no filho do senhor?

É sim e inclusive eram quatro e eu nem consegui recuperar todos, aqui tem só três. O enfermeiro era muito religioso e ficou com um.

B.: E qual a idade do filho do senhor?

6 anos.

Na cicatriz do braço esquerdo do garoto, ficava o pino que o pai deixou no SNA, como ex-voto. Esse foi posto no cesto com outros objetos descartáveis. Cabelos são comuns de serem deixados como ex-votos.



Figura 112 Mulher e esposo segurando trança de fios de cabelo dela. SNA, dez. 2010.

Mulher, 54 anos, Jaru/RO

Ele ficou muito doente, né, meu esposo...três anos atrás. Aí na hora eu recorri a Nossa Senhora e ao Senhor Jesus Cristo. Que se Deus desse saúde, aí eu iria cortar meu cabelo e vir a Aparecida do Norte cumprir minha promessa.

B.: E quando a senhora cortou o cabelo?

Cortei agora mesmo! Hoje mesmo! Essa trança aí.



Figura 113 Mulher cortando o cabelo de outra, dentro da sala das promessas. SNA, dez. 2010.



Figura 114 Mulher com a mecha de seu próprio cabelo, cortado e dado como ex-voto. SNA, dez. 2010.

Mulher, 21 anos, Águas Formosas/MG.

Foi um milagre que eu recebi que se eu recebesse meu milagre, eu cortaria meu cabelo aqui. Consegui, hoje estou aqui, pagando minha promessa.

Ela não revelou a motivação do corte do cabelo, mas além de querer representar sua gratidão por meio da mecha de seu cabelo, o ato de cortá-lo, dentro da sala das promessas, era necessário para concretizar e validar seu agradecimento. O público presente, que observou o gesto, torna-se testemunha ocular da fé e devoção de outrem: vê, diante dos olhos, a moça tendo o cabelo cortado, ao passo que para ela esse gesto se valida também porque é em público. Ela não quer omitir o fato: quer que seja visto e observado por todos, para que registrem o acontecimento. O cabelo foi posto no cesto, juntamente com outros objetos descartáveis.



Figura 115 Gesso, dado por uma avó, pela cura de sua neta. SNA, dez. 2010.

Mulher, São José do Barreiro/SP

É umbigo de nenê, é meu sobrinho. Minha cunhada fez promessa.



Figura 116 Umbigo dado como ex-voto. SNA, dez. 2010.

Mulher, Limeira/SP

Teve uma paralisia parcial, devido a uma má formação congênita. Ela sempre usou a botinha desde pequena, ela nunca andou. Tem 7 anos (em dezembro de 2010), faz 7 meses que ela está andando. Desde pequenininha eu sempre achei que ela ia andar com 7 anos. E na época eu fiz o pedido, só que ela era bebê.

B.: E essas são as botinhas que ela foi usando?

Sim, são.



Figura 117 Mulher entregando botas ortopédicas que a filha calçou. SNA, dez. 2010.

As mães acima se socorreram da fé que tinham em Nossa Senhora Aparecida, acreditando que ela procederia de maneira a atender seus pedidos. Todos eles, pedidos para os filhos e filhas que, por algum motivo de saúde ou no momento do nascimento, não podendo a mãe real agir de maneira a ajudar a criança, pede ou promete à Maria que alcançada a graça, cumpririam suas promessas. Há uma relação de confiança entre essas mulheres e a fé que possuem em Maria como mãe. Elas, de alguma maneira, confiam o socorro e o auxílio de seus filhos a essa mãe que creem ser capaz de socorrê-las nos momentos em que não puderam alcançar alguma solução real para as crianças que geraram.

Mulher, Amparo/SP.

Pedra de vesícula, não é minha, é da minha mãe é que ela operou. Minha mãe tem 52 anos.



Figura 118 Recipiente contendo pedras de vesícula. SNA, dez. 2010.

3.2.1 Santas quebradas e objetos bentos

As estátuas quebradas não assumem o papel de objetos votivos. Não compõem uma trajetória como representação de promessas ou graças alcançadas. Por uma tradição do Catolicismo, os devotos como esse homem, não descartam esse tipo de objeto em qualquer lugar: por estar benta a imagem ou por ser uma representação religiosa, não pode, simplesmente, ser jogada fora como objeto descartável. As imagens de santos assumem uma relação íntima com o universo do sagrado e, como algo sagrado que são, na visão dos fiéis, não cabe descartá-las: essas imagens em barro, terracota, quando quebradas, precisam de um lugar específico onde terminam sua biografia.



Figura 119 Homem deixando estátua quebrada no balcão da sala das promessas. SNA, dez. 2010.

Homem, 43 anos, Marília/SP.

Essa imagem quebrada a gente não tem o que fazer com ela. Não pode jogar fora, nem nada. Então a gente traz aqui, pra ficar guardada, como agradecimento por tudo que ela tem feito em nossas vidas.

É comum, por exemplo, pessoas que enterram tais imagens, pois ao serem consagradas e bentas, ensina a prática da religião que não se jogue esses objetos sagrados no lixo; há também aqueles que entendem que nem mesmo representações em papel – como santinhos e orações – possam ser descartadas, precisam ser queimadas para acabarem.



Figura 120 Estátua de N. Sra. Aparecida quebrada. SNA, dez. 2010.

Mulher, originária da Ilha da Madeira, residente em Mogi das Cruzes desde 1973, santa quebrada.

Mulher: Não fui eu que quebrei, foi minha filha.E ela escondeu, porque se eu visse, ia brigar com ela. Eu trouxe porque estava quebrada. E é pra não jogar no lixo, porque a Nossa Senhora tá benta. A gente traz pra benzer que é pra ter dentro de casa. Eu trouxe da minha casa.

B.: *E a senhora sabe o destino que é dado para a santa quebrada?*

Mulher: Não, eu não sei. Antes tinha um caixote, onde a gente colocava. E a minha prima também veio, uma vez, trazer dois santinhos dela. E aqui eu sabia que aceitava, e por isso eu sabia que ela traria naquele dia, e também agora, quando quebra em casa, eu também trago.

O objeto bento assume quase que uma personalidade diante de um devoto e, quando quebrado, não pode ser descartado, merece um destino final próprio, sendo enterrado ou então incinerado. Segundo informações obtidas na sala das promessas, essas estátuas quebradas são geralmente enterradas em um terreno de propriedade do SNA, que faz parte de uma área rural. E a explicação é que por estarem bentas são objetos de proteção, portanto, não merecendo qualquer destino final.

Para Luiz Mott (2007) era comum em fazendas coloniais encontrarem-se altares domésticos para os santos. Muitas vezes, essas estátuas ficavam nos quartos das casas, bastante próximo das pessoas. Além disso, Mott aponta uma relação de pessoalidade e de intimidade entre a pessoa e a estátua. Daí, por exemplo, serem recorrentes a narração de fatos como torturar o santo para alcançar uma graça, retirar o menino Jesus dos braços de santo Antonio até que a graça pedida seja alcançada, alfinetar e mesmo afogar as estátuas.

Tais práticas demonstram claramente uma relação de intimidade das pessoas com esses objetos sagrados, além de revelarem um reconhecimento de uma personalidade atribuída

a tais estatuetas: como são bentas, são mais que um simples objeto inanimado, como se o ato de benzê-los atribuísse a eles vida e/ou humanidade.



Figura 121 Imagem de N. Sra Aparecida envolta em um terço. SNA, dez. 2010.



Figura 122 Rosário quebrado. SNA, dez. 2010.

Mulher com imagem de N. Sra Aparecida e um terço

Imagem...é da minha irmã a imagem.

B.: E sua irmã alcançou a graça?

Ah, com certeza...

Meu rosário que quebrou to trazendo aqui, porque eu não jogo...

Além das estatuetas, terços e rosários, também são deixados na sala das promessas. Para a devota, o rosário acima (figura 51), não pode ser descartado e deve terminar sua trajetória como objeto sagrado dentro do espaço do Santuário Nacional de Aparecida. O fato

de terem uma bênção, faz com que os mesmos não possam ser vistos, após perderem sua utilidade, como objetos descartáveis: uma vez sagrados, não perdem essa característica nem mesmo quando perdem utilidade, não voltam a ser profanos.

Essas estatuetas e terços são objetos fetichizados. O fetiche, como entende Bruno Latour (2002) é uma característica agregada ao objeto pelo próprio indivíduo. O ser humano acrescenta alguma coisa ao objeto e o fetiche acaba por transformar o valor da ação e do trabalho humano, fazendo com que o objeto assuma uma voz e uma força que nada mais é do que uma característica que o próprio ser humano, ilusoriamente, atribui ao objeto.

Tal discussão também é feita por Susan Stewart (2007). Refletindo acerca do suvenir, a autora coloca que esse tipo de objeto se liga a um desejo: o suvenir fala de um contexto de origem por meio de uma linguagem do desejo. Não é o tipo de objeto que surge de uma necessidade ou de um valor de uso. Ao contrário, ele se origina de uma demanda necessariamente insaciável de nostalgia e perda.

O objeto-suvenir gera uma narrativa que alcança somente para trás, isto é, remete a uma espiral em um contínuo movimento interno em vez de apontar para um movimento externo e futuro. Para Susan Stewart (2007), essa discussão passa pela descrição de Freud sobre a gênese do fetiche: "uma parte do corpo é substituída pelo todo, ou um objeto é substituído por uma parte, até que finalmente e inversamente, o corpo todo possa tornar-se objeto, substituindo o todo" (STEWART, 2007, p. 135)[82].

Ludmilla Jordanova (1989) também discute o objeto fetichizado. Para a autora, esse objeto originalmente inanimado, fora reverenciado por grupos primitivos pelos supostos poderes mágicos atribuídos a ele, objeto, inerentes, ou então porque era compreendido como sendo um artefato habitado por um espírito. Particularmente associado aos objetos africanos etnografados, especialmente nos anos de 1920, a autora mostra que o fetiche descrevia o caminho no qual os artefatos exóticos eram consumidos por europeus aficionados por tais objetos.

No entanto, já em 1920 a discussão acaba por abraçar o conceito central do marxismo e da psicanálise e compreende que tanto Marx quanto Freud trilharam no caminho de identificar propriedades quase mágicas concernentes ao objeto-fetiche. Um aspecto do fetiche, portanto, remete à supremacia e ao controle sobre objetos e sobre as pessoas: o objeto

[82]No original em ingles: "Here we find the structure of Freud's description of the Genesis of the fetish: a part of the body is substituted for the whole, or an object is substituted for the part, until finally, and inversely, the whole body can become object, substituting for the whole".

fetichizado liga-se ao mundo material e tem a habilidade de estagnar relações sociais. Por outro lado, o fetiche é visto também pelo seu lado mágico das coisas e está intimamente relacionado com o desenvolvimento psíquico dos indivíduos. Jeanne Cannizzo (1997, p. 163) comenta acerca da origem dos objetos-fetiche:

> In the African context these were objects generally used for manipulating supernatural powers or attempting to mitigate their negative effects, such as the outbreak of disease or the eruption of natural disasters. But for most missionaries these artefacts were just the harmful products of 'heathen' practices[83].

Ao analisar os santos quebrados que são deixados na sala das promessas, a questão do fetichismo nos auxilia na compreensão de que, após serem bentos, esses objetos se tornam sagrados e dotados de poderes sobrenaturais, tornam-se mágicos no sentido trabalhado pelos autores citados. Portanto, são uma representação de algo mais do que um mero objeto, do que uma simples materialização de um santo ou santa. Os objetos-fetiche são dotados de uma aura que os faz transcender a mera condição de objeto de consumo, estes tornam-se objetos de desejo e de devoção e de respeito por parte dos indivíduos.

O principal objeto-fetiche é a própria estátua de Nossa Senhora Aparecida, encontrado no rio Paraíba no século XVIII. Como objeto sagrado, encarna essa aura - e adquire uma transcendência, que vai muito além de sua materialidade: é a concretização de uma manifestação sagrada, no caso, de Maria. A estátua não pode ser tocada - tampouco, levada para casa pelos seus fiéis. Permanece a alguns metros de altura, encerrada em um nicho protegida por vidros a prova de bala, que evitam qualquer tentativa de agressão. Porém, não podendo levá-la para casa, o devoto compra uma réplica, benze-a e pode, então, devocioná-la no interior de seu lar. No Santuário de Aparecida, a relação com a estátua de Nossa Senhora Aparecida é um relação de um olhar táctil como explica Stephen Pattison (2007): toca-se com o olhar aquilo que não se pode tocar com as mãos.

Mas ao adquirir uma réplica, é possível trazer a ela uma aura e um poder sagrado: o ato de benzer um objeto embute nesse uma capacidade de assumir poderes mágicos. O objeto adquire o caráter de objeto fetichizado: objeto de desejo intocável que é a estatueta de Nossa Senhora Aparecida, o fiel compra uma imitação, benze-a e tem nela as mesmas características de objeto sagrado e poderoso que a imagem real possui.

[83] No contexto africano estes eram objetos geralmente usados para manipular poderes sobrenaturais ou de maneira a mitigar seus efeitos negativos, tal como o surgimento de doenças ou a erupção de desastres naturais. Mas para muitos missionários esses artefatos eram somente produtos perigosos de práticas pagãs (tradução livre).

3.2.2 Pecado e os vícios mundanos

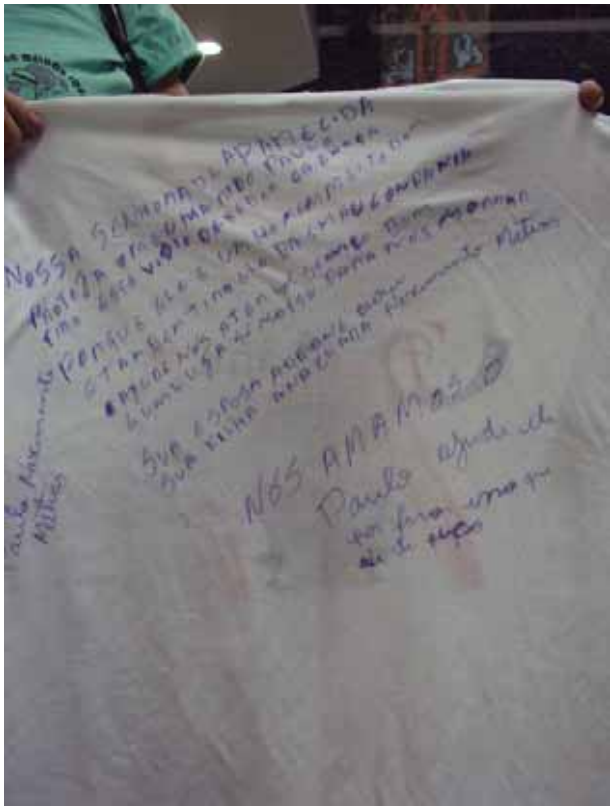


Figura 123 Camiseta com pedido escrito, mãe pede por um filho que é alcoólatra. SNA, dez. 2010.

Mulher, 62 anos, Matelândia/PR

B.: É filho da senhora?

É...mas ele bebe muito. Não, muito, ele trabalha em firma, mas bebe. E a gente não quer que beba...é esse voto que eu quero.

B.: Essa camiseta é dele?

É dele, e trouxe também uma foto com tudo pedido atrás dele também.

B.: E a senhora sabe pra onde a camiseta depois?

Ah....vocês é que sabem pra onde vai depois, né?

A mãe trouxe uma camiseta usada de seu filho, na qual fez um pedido escrito a caneta, pedindo que Nossa Senhora Aparecida interceda para fazer o filho dela parar de beber. Diversamente do âmbito do sagrado que se liga à Aparecida e objetos bentos deixados na sala das promessas, outros objetos remetem aos vícios mundanos ou são eles mesmos vistos como objetos profanos, não-sacralizados, e que são objetos de pedido à Maria para que as pessoas consigam se afastar de tais práticas profanas.

Alcoolismo, tabagismo, vícios por drogas e remédios, vícios de jogos são alguns exemplos de pedidos das pessoas para que elas mesmas ou algum ente conhecido se veja liberto dessas práticas. São também uma violação do corpo, do ponto de vista do Catolicismo. Nesse sentido, "o pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a consciência reta; é uma falta ao amor verdadeiro para com Deus e para com o próximo, por causa de um apego perverso a certos bens" (CNBB, 1990, p. 495). O pecado é encarado, pelos cânones católicos, como sendo uma violação, uma violência, incredulidade, ódio, negação. São "obras da carne" (CNBB, 1990, p. 496), e dentre essas bebedeiras, orgias, vícios mundanos são encarados como pecado.

Não há como, segundo os ensinamentos católicos, um ser humano não pecar, mesmo que seja de "pequena gravidade" (CNBB, 1990). O homem está fadado ao erro e a cometer violências, então tem-se a confissão sacramental, que é uma maneira dos indivíduos se reconciliarem com Deus; incentivado pelo Concílio, o sacramento do perdão é visto como um aconselhamento espiritual também, importante e necessário para qualquer cristão (GOZZI, 2008). Dessa perspectiva confessional, o pecado afasta o ser humano de Deus, destitui-lhe a humanidade, tornando a pessoa cativa de sua condição pecaminosa (MELO, 2008).

O pecado, por conseguinte, despurifica o corpo, tornando-o profanado, afastando o católico de seu ente criador. Para que haja a reconciliação, alternativas são dadas: confissão, fé, mudança de comportamento. E, rompendo com o pecado, rompe-se com a condição de cativeiro e de desumanidade (MELO, 2008).



Figura 124 Recipiente de vidro contendo conhaque. SNA, dez. 2010.

Ana, 24 anos, Riversul/SP.

Essa foto é um compadre meu que bebe muito, e quando ele bebe, ele fica muito violento, briga com a mulher, com as crianças, quebra as coisas...e aí eu fiz essa intenção e aí eu resolvi trazer o vidrinho, né?

B.: E o que tem no vidrinho?

Conhaque. Ele bebe muito. E eu trouxe de Riversul.

Mircea Eliade (2001) ao analisar a questão do sagrado e do profano explica que o homem religioso sempre está apto a manter seu mundo aberto aos deuses e que o seu próprio corpo é uma maneira de se comunicar com sua religiosidade. Sua habitação é um microcosmo e é seu próprio corpo também. No entanto, na contemporaneidade, o autor entende que o homem ocidental especialmente se afastou dessa cosmologia que tangenciava a vida do homem medieval, por exemplo, e que hoje as práticas dessacralizadas alteram a sensibilidade do homem perante a religião. Os pecados são uma forma, primeiramente, de dessacralizar o corpo humano – principalmente dentro de uma visão cristã-católica, que é a que nos interessa aqui – e, secundariamente, são práticas sociais profanas, pois degradam a natureza do corpo humano. E tudo que se encontra no mundo profano, conforme Mircea Eliade (2001), é uma secularização radical da morte.



Figura 125 Homem entregando maço de cigarros. SNA, dez. 2010.

Homem, 60 anos, Mundo Novo/MS

B.: O senhor quer deixar de fumar?

Quero.

B.: Quanto tempo o senhor fuma?

54 anos...

B.: E o senhor fumou hoje e pretende não fumar mais?

Pretendo...

Os devotos que pedem pela libertação de vícios mundanos e pecados, aspiram mais do que a extinção de um vício, mas que a vida – que é sagrada para os valores cristãos – torne-se o centro de tudo e não a morte. Quando se pede pelo abandono de um vício, se anseia também, dentro da visão de Mircea Eliade (2001), por um segundo nascimento, liberto de práticas profanas, reiniciando um ciclo de vida e de religiosidade na vida do indivíduo moderno.



Figura 126 Lata de cerveja e maço de cigarros. SNA, dez. 2010.

Homem, Botucatu/SP.

B.: O que o senhor tem nessa sacola?

Uma lata de cerveja. Eu fiz uma promessa pra minha mulher parar de beber.

B.: E o cigarro também?

É, ela parou também de fumar. A minha esposa tem 42 anos.

O que se bebe e o que se fuma, geralmente, aquilo que o ser humano consome vem impregnado de possibilidades de poluir a pessoa, retirando-lhe a pureza e, por conseguinte, a sacralidade do corpo. Mary Douglas (s/d) explica que os alimentos e outros objetos que uma pessoa consome, dentro de uma cultura, podem incorporar formas de tornar impura essa pessoa: os vícios também são uma forma de retirar a pureza e a sacralidade do corpo das pessoas. Afastando o vício, afasta-se o aspecto mundano da vida de alguém, aproximando-lhe de uma vida sacralizada e pura, livre de perigos e ameaças.



Figura 127 Garrafa de aguardente. SNA, dez. 2010.

Mulher, Guaxupé/MG

É promessa...pro meu esposo parar de beber.

3.3 O pecúnio

O pecúnio se insere em um conjunto de objetos que serão revertidos em patrimônio ao SNA. São joias e dinheiro, principalmente; mas há casos em que, por vontade do doador, seja o objeto revertido em benefício da instituição. São objetos de valor pecuniário, portanto, não deixando de ser mercadoria e de ter valor monetário quando adentram ao Santuário.



Figura 128 Nedi Pinheiro Braga no momento da entrega da bicicleta. SNA, dez. 2010.

Eu vim de Itaperuna, interior do Rio de Janeiro...530 km, saí de lá no sábado (11/12/2010), 5 horas da manhã toquei até Leopoldina, onde cheguei às 7 hs da noite. Rodei 130km. Saí no domingo de Leopoldina, às 6 hs da manhã, toquei até Paraíba do Sul. Rodei 150 km. Dormi em Paraíba do Sul, saí de lá na segunda, 7 horas da manhã, e vim dormir em Porto Real, mais 140 km, e ontem, na terça-feira. Saí de Porto Real às 7hs horas da manhã e cheguei aqui, em Aparecida, exatamente, aqui na basílica, às 5 horas da tarde - eu já estava em frente da imagem de Nossa Senhora Aparecida.

E por que você fez esse trajeto, essa promessa?

Eu sou devoto de Nossa Senhora Aparecida, tá, e ela têm me ajudado muito. Um período atrás, agora recente, eu passei por uma situação um pouco complicada. Pedi a colaboração dela, a ajuda dela, e, com certeza, ela me abençoou, e ela me deu essa graça. E eu agradeço muito por isso. Aí fiz essa promessa, que se conseguisse resolver minha situação, readquirir minhas coisas...Estava em dificuldade, eu ia fazer uma caminhada de fé, em agradecimento as bênçãos e as graças alcançadas por ela.

E por que de bicicleta?

Eu que optei. Essa bicicleta é minha, que eu comprei pra pedalar, eu gosto de pedalar. Isso ocorreu tem 2 anos. Eu tenho muito cuidado com ela, sempre muito bem guardada, e por ser um objeto que me apegava, que eu gostava, é esse objeto que eu vou oferecer...entendeu? Aí eu fiz...não um sacrifício, uma caminhada, propondo em troca dos benefícios...um pouquinho de dificuldade. É muita dor na perna, dor no pé, mas foi muito gratificante. Tenho o maior prazer de estar aqui fazendo essa entrega...

Ela (bicicleta) está toda equipada, de acordo com meu uso, conforme eu usava, pra fazer minhas pedaladas, tá, tá com a bomba, com a tranca, com as duas chaves normais tá, com o velocímetro, com a garrafa d'água. Tudo ok, tudo certinho. Quem adquirir, é só pegar e pedalar. Meu objetivo é entregar aqui pra que seja revertida em recurso para o próprio santuário, pra qualquer instituição dentro do santuário.

Nedi Pinheiro Braga chegou a Aparecida no dia 15 de dezembro de 2010, depois de quatro dias de pedalada, sozinho. Ao chegar ao município, foi para o hotel que havia reservado. Tomou um banho e logo em seguida veio à sala das promessas entregar sua bicicleta. Na sala quis saber se havia a possibilidade de alguém fotografar seu ato, pois ele gostaria de guardar para si o registro deste momento. Fotografei-o. E, gentilmente, o fiel cedeu-me uma entrevista, contando-me sobre a sua jornada até o Santuário.

Para Nedi, a visita ao SNA é tão relevante quanto o objeto doado. Segundo ele, é preciso fazer um "pouco de sacrifício". Ao pedalar, diariamente, mais de cem quilômetros (100 km), fez de sua paga da promessa uma peregrinação até o seu destino final. Assim como Nedi, outros tantos se aventuram até Aparecida, vindos a pé,de bicicleta, correndo, a cavalo, de motocicleta. As romarias e peregrinações são comuns na região e não é difícil, ao trafegar pela rodovia Dutra, encontrarmos nos acostamentos pessoas caminhando até essa região do vale do rio Paraíba, seja para alcançar Aparecida ou Guaratinguetá/SP, cidade natal de frei Galvão, para onde muitos romeiros e peregrinos também acorrem.

A peregrinação, nesse sentido, assume um papel relevante, pois é um momento de preparação até o destino final, ou mesmo uma possibilidade de se fazer sacrifícios humanos, expurgar males e dores emocionais, em troca de sentir dores e incômodos físicos. Segundo Carlos Brandão (2010, p. 52), a diferença entre a procissão e as romarias, está no fato de na procissão, o santo acompanhar os participantes, geralmente em cima de andores, enquanto nas romarias, "a massa de devotos partem em busca do lugar santo; os homens é que vão a Deus ou aos santos, que os esperam no final de uma viagem, mais vezes longa e penosa".

A peregrinação é também uma forma de expurgar os pecados e os males da alma. São comuns os relatos de pessoas que vão à Europa e fazem os vários caminhos de são Tiago de Compostela, para reviverem as dores e pecados, assim livrando-se deles durante a peregrinação. Inclusive o pesquisador Jean-René Bertrand (2009) demonstrou os números exponenciais de crescimento no fluxo de peregrinos até Compostela, o que alterou a configuração da região e do turismo local. Para o Catolicismo, a peregrinação é entendida como tempo de renovação da oração. E o tempo da Quaresma, em especial durante a sexta-feira santa é um dia indicado para fazer tal exercício, em sinal de penitência (CNBB, 1999).

Vale destacar, portanto, que a peregrinação diferencia-se da romaria também. A peregrinação se vale muito mais do processo, do caminhar, e não do ponto final: o que realmente a constitui como um exercício de fé e reflexão é o trajeto até o destino final,

implicando inclusive uma forma de purificação, preparação, entronização para chegar espiritualmente mais elevado ao lugar de destino. Enquanto que a romaria caracteriza-se também por um trajeto até o lugar sagrado, mas vale muito mais pelo grupo que a compõe. A romaria tem um destino para alcançar e seu principal elemento é o fator coletivo, o grupo que a compõe, enquanto que a peregrinação prezaria por uma introspecção.

Retomando o final da peregrinação de Nedi, o fiel havia solicitado que a bicicleta fosse revertida em dinheiro para o próprio Santuário. Nesse dia (15 de dezembro de 2010) acontecia a festa de final de ano dos funcionários do SNA. Conforme as informações dos funcionários, a bicicleta foi rifada e o dinheiro obtido da rifa, revertido em doação. As peregrinações são constantes e com elas vêm camisetas e bandeiras ou flâmulas, as quais identificam o grupo de romeiros e são um estandarte que vai marcando o rumo da caminhada.



Figura 129 Anel de ouro dado como ex-voto. SNA, dez. 2010.

Mulher, Piracaia/SP, 68 anos.

É, fiz uma cirurgia, de bexiga...aí eu pedi pra ela.

B.: É um anel de ouro?

É, depois eu mandei limpar e trouxe.

Para essa senhora, o anel de ouro seria a melhor maneira de não só agradecer, mas também pagar pela graça recebida. A joias, assim como o dinheiro que é ofertado ao SNA, são revertidas em patrimônio do Santuário. No ato de entrega desse tipo de bem, em geral, o funcionário oferece ao doador um recibo da entrega, pois se trata de um objeto com valor pecuniário. Nem todas as pessoas fazem questão do recibo para si, mas são praxe e orientação na sala das promessas que os funcionários ofereçam. Esse ato é também uma forma de o próprio Santuário ser garantir frente a essa doação, evitando o risco de qualquer confusão ou

arrependimento do devoto que doou. Por fim, um objeto que aponta a personificação de seu doador no objeto foi um carro, doado por um colecionador no ano de 2010.



Figura 130 Carro dado como ex-voto em exposição no SNA. Dez. 2010.

O carro fora doado por um colecionador que, ao receber a graça, achou por bem representá-la nesse objeto. Foi levado ao SNA e os padres, conforme o relato de padre Rodrigo Arnoso, optaram por não vendê-lo e, sim, rifá-lo durante as festas de final de ano. Pelo preço de R$2,00 o visitante adquiria um número que concorreria ao sorteio do veículo. Todo dinheiro da rifa seria convertido para as obras de construção e melhorias do Santuário.

Tal qual a jóia, o automóvel traz em si um valor em dinheiro representativo. Este não perde, ao longo de sua trajetória, o valor-de-troca - no máximo - é afetado pela deterioração e pelo acúmulo de tempo que se encerra no objeto. Ainda assim, um automóvel é um bem de consumo que não se esgota ou se consome momentaneamente: pode retornar à condição de mercadoria quantas vezes forem possíveis. E esse carro, em especial, foi documento de uma graça recebida e publicamente exposta e partilhada com milhares de pessoas que passaram naqueles dias pelo SNA. O carro trazia em si a marca de um requinte de um colecionador que abriu mão de um objeto de coleção para fazer dele um ex-voto.

3.4 A musealização



Figura 131 Camiseta da seleção brasileira assinada pelo jogador de futebol Ronaldo Nazário. SNA, fev. 2008.

Alguns dos objetos doados como ex-votos permanecem temporariamente na sala das promessas. São objetos que ficam ancorados, o que não quer dizer que ali ficarão como se fosse em um museu, como parte de um acervo. A ideia de musealização foi aqui apropriada no sentido de representar uma estabilidade que permeia tais objetos: a sala das promessas não é museu, mas possui uma coleção, organizada e que tem algo a dizer aos devotos. E quando se trata de expor objetos que pertenceram a artistas e personalidades famosas, profissionais de alto gabarito, torna-se evidente que tais documentos revelam que também as celebridades nacionais se voltam para a fé, para a religiosidade e para a devoção à Maria em momentos difíceis e diante de infortúnios.

É o caso de uma camiseta da seleção brasileira, deixada por Ronaldo Fenônemo, após a recuperação de uma cirurgia. Ele foi pessoalmente levar a camisa. Segundo o relato do padre Helcio Tosta (então dirigente do SNA), em 2008, foi um dia muito complicado, pois foi necessário todo um aparato de segurança para poder recebê-lo. Ronaldo foi de helicóptero até o Santuário. Lá chegando, visitou a imagem, a sala das promessas e deixou a camisa assinada, em sinal de sua recuperação e por ter podido voltar a jogar futebol.

Assim como Ronaldo, outras pessoas o fizeram: jogadores de futebol são bastante comuns e as camisetas contendo assinaturas dos jogadores estão em quantidade boa expostas nessa estante.



Figura 132 Camisetas de times de futebol com assinaturas de jogadores. SNA, fev. 2008.

No entanto, são comuns uniformes profissionais, assim como o do jovem cadete da AMAN. Dentre eles, no ano de 2010, constava um uniforme de um membro do exército brasileiro que participou em missão de paz da ONU (Organização das Nações Unidas). O uniforme está exposto ao lado de outras fardas e roupas profissionais, com uma carta do soldado agradecendo por ter ido e voltado com vida do fronte.



Figura 133 Uniforme de soldado brasileiro participante de missão de paz da ONU. SNA, dez. 2010. Fotógrafo: Guilherme Gomes.

A exposição das fardas remete aos ofícios exercidos por seus doadores. Há também objetos, tais como estetoscópios de médicos, capacetes de trabalho, vestimentas e utensílios de trabalho e ligados a certas profissões. Essa categoria de objetos – ligada às profissões – é uma das temáticas de uma das estantes expostas na sala. Na organização que a caracterizou como ela se encontrava, ao tempo da pesquisa, houve a preocupação em relacionar o mundo do trabalho com a exposição pela quantidade volumosa de agradecimentos ligados a isso, ou então porque são representativos do fim de um esforço e de um sacrifício humanos dos devotos.

Os trabalhos acadêmicos são em grande quantidade deixados na sala das promessas. Estes são encaminhados para o bazar e lá vendidos a preços simbólicos. Dentre esses, se encontram os trabalhos de conclusão de cursos de graduação até teses de doutorado e livros, como o abaixo representado na fotografia, escrito pelo jornalista Marcelo Rezende.

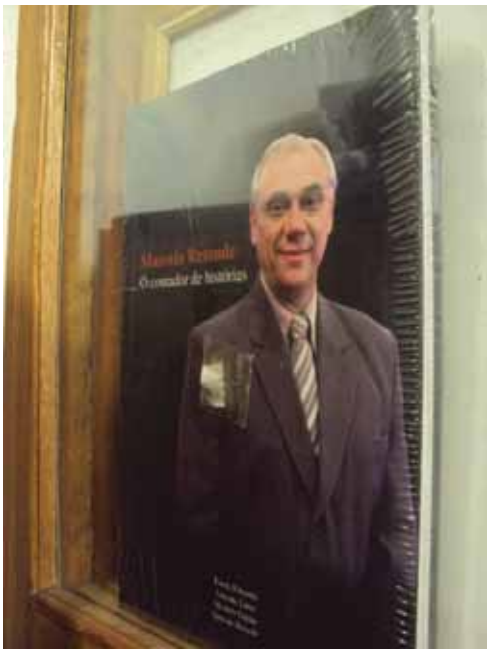


Figura 134 Exemplar do livro de Marcelo Rezende. SNA, dez. 2010.

Todo o tempo, essa gôndola é objeto da curiosidade dos visitantes da sala. As pessoas mantêm uma postura de admiração frente a tais objetos e, geralmente, se deixam fotografar ao lado da estante. Estão diante de ex-votos de pessoas conhecidas e famosas do grande público e observam essa relação de fé e de manifestação de uma religiosidade por parte de seus ídolos.



Figura 135 Carta, terço e bottom utilizados por Marcos Pontes, astronauta brasileiro, quando em viagem para a Estação Espacial Internacional, em 2006. SNA, dez. 2010.

Nessa carta, Marcos Pontes conta que somente poderia trazer consigo na missão dois objetos: um deles, foi um pequeno terço e o outro um bottom[84] de Nossa Senhora Aparecida.

O trabalho, no espaço da sala das promessas, é entendido como um sacrifício em determinadas circunstâncias. Em outra, a conquista de um status profissional ou a consecução de uma etapa na carreira da pessoa já representam, por si só, a motivação necessária para entender essa realidade como milagrosa ou dotada de graça e para findar um ciclo, deixam-se na sala das promessas objetos utilizados na profissão ou que representem a pessoa no contexto de seu exercício laboral.

Por fim, tem-se que esses objetos são poderosos pelos reforços de identidades e pertencimentos que possam promover, muitas vezes, corroborando identidade nacionais. O caso do astronauta Marcos Pontes encaixa-se nessa discussão: expostos dentro dessa estante os objetos, ao lado da miniatura da bandeira nacional, com fotografias que mostram o astronauta envolto pela imagem da bandeira nacional, tem-se o que Davis (1999) salienta, isto é, tais objetos e dadas circunstância criam e recriam identidades nacionais.

Outras formas de análise podem ser pensadas e reinventadas dentro da sala das promessas. Elas vão surgindo da observação, da classificação dos objetos, da exposição dos mesmos, da maneira como as pessoas se comportam e reagem diante deles, na maneira como são coletados e guardados e/ou descartados. Podem ser divididos pelos indivíduos, por gênero, por idade, por profissão, por origem étnica, por classes sociais, por gostos culturais.

[84] Espécie de broche, afixado em roupas.

Elas não cessam, pois não cessa a quantidade de objetos que chegam ao espaço todos os dias. Dessa maneira, é um universo aberto a possibilidades que pode ser compreendido, como foi aqui, dentro de dicotomias, mas que deve ser pensado e apreendido como um todo.



Figura 136 Objetos organizados na nova estante, montada em 2011. Panelas de pressão, facas e capacetes usados em acidentes. SNA, jul, 2011.

No todo, a sala das promessas é um monumento-documento, assim como Le Goff (1996) define, o monumento que se torna documento e que pretende ser uma referência, um marco, um espaço onde se tem imortalizada a memória e a história. A sala das promessas é uma extensão da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Não é um lugar escuro e fúnebre, é claro e bem organizado; não é um museu, mas tem suas coleções e organização próprias. E não é propriamente local de oração, mas é sacralizada, pois os objetos e o espaço em si são ramificações materiais dessa devoção mariana. O que permanece na sala das promessas ancora-se, porque assume significados múltiplos; porém são intencionalmente selecionados esses objetos, para que possam promover inferências sobre Maria, sobre a devoção mariana e sobre os milagres atribuídos à Maria. Os objetos remanescentes na sala das promessas cristalizam relações de fé e de devoção e se prestam a documentar essa relação tão abstrata

que é a fé. Uma camiseta ali transcende sua função de vestimenta, para assumir uma papel documental no qual convalida um discurso, naturalizando a crença e a devoção à Nossa Senhora Aparecida.

Os documentos carregam consigo uma positividade que os faz assumirem o papel de suportes de informação e, de alguma maneira, se tornam verdadeiros, quando alinhavados e arregimentados dentro de uma instituição. No todo, constituem um discurso catequético-educacional, promovendo um discurso eclesial de que Nossa Senhora Aparecida é milagrosa, atenciosa para com seus devotos, protetora de todos que dela se socorrem e ainda é salvaguarda de uma nação. Esse discurso religioso se concretiza com o auxílio dos objetos-documentos, os ex-votos, que são âncoras para a produção de um saber acerca da mãe de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que leva alguém a deixar um ex-voto no Santuário Nacional de Aparecida? Essa questão resume basicamente o ideal de cada um dos visitantes: milagres recebidos, graças a serem pedidas, demonstrações de fé. Independente de como se possa definir tal atitude, a prática de colocar nos pés de Maria um objeto, prova de uma relação de fé e devoção, registra uma relação de agradecimento.

Como foi possível ver nos capítulos da segunda parte, as pessoas entendem que suas curas, conquistas, bênçãos recebidas, são milagres, graças, dons divinos. Isso faz refletir a respeito, especialmente, de que tipo de milagre e de graças o ex-voto materializa dentro daquele espaço. Um milagre não é algo sobrenatural, extraordinário, excepcional: ele implica em relações muito concretas, reais e naturais, explicáveis de diversas formas, mas que para o devoto passa necessariamente pela relação de fé também. Ao mesmo tempo, ele é extraordinário, aos olhos da ciência. Para essa, o milagre simplesmente não existe. O ex-voto não faria prova de nada, portanto. Todavia, essa interpretação seria descabida depois de toda uma escrita para demonstrar como tais objetos formam uma documentação de fé.

Em suma, o milagre é extra-humano, ainda que feito por alguém ou concretizado por ação de outrem; o milagre se sucedeu porque algo fora do normal, na visão do devoto, também aconteceu, promovendo o recebimento de uma graça. O ex-voto, portanto, faz prova do milagre, de algo que não existe, que não é palpável, mas está documentado na sala das promessas.

A conclusão é que, em verdade, a prova é da fé, e não do milagre, quando analisada do ponto de vista científico. O milagre não cabe à ciência explicar, e sim à fé e à religiosidade. A fé, porém, essa relação de crer em algo que não se vê essa, sim, é provada e documentada materialmente no universo observado da sala das promessas.

O antes, o durante e o depois não alteram a substância do objeto, apenas lhe agregam em biografia. Sem se alterar fisicamente, o objeto votivo torna-se prova da existência de uma fé. Isso acontece porque a biografia o leva ao SNA e, daí em diante, a sala das promessas permite que o objeto seja documento, é ela quem lhe atribui o valor documental.

O milagre, portanto, não está para além da compreensão humana: é uma conquista de uma casa, a cura de uma doença grave, o fato de sobreviver a uma tragédia, até mesmo a conquista de um diploma, de um bem material, da vitória de um time de futebol. O milagre é

representado pelos objetos que são dados como votivos. Porém, por trás desses objetos, tem-se histórias e narrativas concretas e cotidianas, o que revela uma relação muito mais terrena entre a fé e o homem do que uma relação extraterrena e etérea.

Há uma possibilidade suplementar para pensar o espaço em questão e essa passa por uma reflexão sociológica. Dentro de uma perspectiva durkheimniana, entende-se a religião como sendo algo eminentemente social, pois são representações coletivas que exprimem realidades coletivas. Tal análise encaixa no que foi analisado da sala das promessas: nela, não se tem o milagre, o etéreo, o intangível como ponto central, ao contrário, sua materialidade reflete a sociedade da qual o Santuário é parte; dentro da sala das promessas é possível verificar a própria realidade das coletividades de devotos que frequentam o espaço.

Outrossim, vale retomar que a sala das promessas remete à proposta weberiana de desencantamento do mundo. Há um esforço da racionalidade em desencantar o mundo e isso é próprio do mundo ocidental. A sala das promessas, no entanto, é um espaço para se pensar o lugar da religião dentro da vida de homens e mulheres. As relações que acontecem no interior do SNA não precisam de uma racionalidade para acontecerem e se justificarem; há experiências cognitivas que são marcadas por esse experiência mágica, anteriormente rechaçada pelo pensamento ocidental moderno.

As religiões implicariam em serem entendidas como coisas sociais, produtos do pensamento e da ação coletivos. Não há religião que não se faça por meio de uma coletividade que a produz e reproduz. O Santuário Nacional de Aparecida é resultado desse processo de construção por meio de associações, das quais vários atores e sujeitos sociais fizeram e fazem parte (padres e leigos, autoridades, visitantes, personalidades, dirigentes, municipalidade, etc). Tais associações, assim como nos colocaram os autores trabalhados e analisados nesta tese[85], são complexas, remetem a uma série de práticas, ações, associações e formação de redes sociais que formam e promovem a manutenção desse espaço institucional.

Por isso mesmo, não seria possível dizer que a sala das promessas é um produto meramente desejado pelos padres redendoristas e que viria apenas a atender a disposição que eles entendem do espaço; seria reduzir demais as dimensões desse território sagrado. A sala das promessas inicia-se juntamente com o Santuário, tornou-se um espaço de reflexão sobre os devotos de Nossa Senhora Aparecida, é uma maneira de conhecê-la melhor, de ver como

[85] Bruno Latour (2007;2009) , Manuel Delanda (2009).

os padres conduzem as manifestações de fé e gratidão, como se utilizam desse instrumento a serviço de um trabalho catequético.

Essa consideração, entretanto, não implica em se ter comprado uma versão interpretativa do SNA em detrimento de outras. Os padres redentoristas têm suas posturas e posicionamentos, que não refletem o entendimento desse trabalho. Há disputas e tensões que são próprias do campo social, religioso e cultural; o trabalho expôs essas forças mencionando uma reflexão sobre religiosidades popular e tradicional, por exemplo, o que reflete o fato de que a instituição religiosa tem seu discurso construído e esse é constantemente confrontado com modelos de religiosidade diversos e até evitados por parte da instituição religiosa.

A agora então capela das promessas é um espaço sagrado e profano; reflete uma ordem dada ao caótico mundo dos objetos cotidianos, ao passo que mantém na acumulação diária dos objetos a característica do caos, próprio do mundo cotidiano. Não é possível também somente pensá-la como sendo um espaço de visitação, como um museu, pois não daria conta de explicá-la também. A sala transcende a ideia de um museu e de um arquivo, pois mantém suas coleções e documentos. Sua finalidade não é a preservação e exposição de acervos específicos: seu foco é expor tudo aquilo que, de alguma maneira, sirva para dialogar com o visitante e ajudá-lo a compreender melhor o que é devoção mariana, fé, graça, milagre.

Essa transformação da sala em capela – que pouco foi tratada nessa tese – merece destaque nas considerações finais, pois a proposta é tornar o espaço mais contemplativo. De uma grande vitrine de ex-votos e de um espaço com exposição temporária, ambíguo quanto à sua definição entre sagrado e profano, a capela das promessas propõe uma religiosidade mais introspectiva, em detrimento de um movimento variado, heterogêneo, por assim dizer, indo de manifestações de fé a relações de consumo. Popular e tradicional se fazem presente nessa local e não se anulam e a propositura dessa tese era, justamente, reforçar tais diferenças e não anulá-las, apresentando-nos como há uma multiplicidade no exercício da fé.

A sala das promessas, portanto, assume o papel de um espaço de transição. Na verdade, ela não é o destino final da grande maioria dos objetos, mas, sim, o local pelo qual eles entram no SNA e dali são redirecionados, conforme as características. Ao se analisar a estrutura dos ritos esclarece-se que estes, minimamente, representam uma passagem para uma nova etapa, uma nova fase, o fim de um período para o desenrolar de um novo processo. Assim é o batismo, o casamento, o vestibular, a formatura da faculdade. São momentos rituais que celebram uma etapa nova em face de uma etapa que se finda. Ritos, portanto, são cíclicos

também: fecham e iniciam períodos e processos, sempre representando a continuidade de uma sociedade, de um grupo, de uma coletividade.

Objetos sagrados e rituais preenchem a sala: eles marcam o fim de um processo, de uma luta contra um câncer, o final de uma faculdade, um casamento concretizado, o nascimento de uma criança ali representado em suas vestes de batismo ou no cordão umbilical, representam a libertação de medos e superação de vícios na garrafas de bebida alcoólica e nas caixas de remédios. O que fica e permanece nas estantes da sala das promessas são ancorados para representam esses ritos de superação e de mudança na vida das pessoas. Para elas e para quem os olham, os ex-votos representam como a fé ajuda e auxilia no dia-a-dia, no enfrentamento das dificuldades humanas e naturais que são presentes na vida de qualquer ser humano.

O ancoramento dos objetos na sala – uma parcela muito pequena diante daquilo que realmente chega ali todos os diais – promove estabilizações, cristalizações, documentam a fé e os milagres recebidos pelos indivíduos. O ancoramento de um objeto no espaço da sala das promessas aponta no sentido de que esse objeto é intencionalmente selecionado da acumulação diária porque traz consigo elementos caracterizadores da sociedade, do grupo que os observa e os traz todos os anos. Eles são representantes dos próprios indivíduos e por isso mesmo as pessoas se identificam com eles e neles veem a materialização de milagres e graças.

Os objetos votivos promovem inferências, são interpretados pelas pessoas que visitam o espaço da sala. Tornam-se documentos de fé, pelo fato de cristalizarem relações, ações e práticas sociais. Por isso, uma panela de pressão estourada e exposta na sala não é sucata; ela é documento de que alguém sobreviveu ao estouro e, provavelmente, promoveu associação de fé e devoção entre o fato e a crença em Nossa Senhora Aparecida. A panela de pressão cristaliza toda essa narrativa, sua trajetória revela sentimentos, identidades, pertencimentos.

Eis que o objeto votivo – dentro de uma perspectiva trabalhada pela escola francesa documentalista – amplia o entendimento do documento: esse é suporte para inscrição da informação e o pode ser dentro da perspectiva que se quer interpretá-lo e segundo o contexto no qual ele é produzido.

Quando selecionada para ser exposta na sala das promessas, a panela de pressão torna-se objeto de observação, representando que alguém sobreviveu ao ocorrido, e que nesse momento, viu a oportunidade de ser sido socorrido em suas orações e preces. Marcou esse momento, ritualmente, deixando a panela de pressão na sala das promessas. Para o devoto, ao

menos, a panela encerra uma situação e nada melhor que ela mesma para representar o que houve e ser transformado em documento material, concreto, agenciador para informar e dizer o que é um milagre, uma graça, uma promessa pedida e cumprida e que contara, para o devoto, com a ação e benevolência de Nossa Senhora Aparecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Jonas. *Canção Nova*: uma obra de Deus. São Paulo, Ed. Loyola; Ed Canção Nova, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó/SC, Argos, 2009.

APPADURAI, Arjun. Introduction: commodities and the politics of value. In _____. *The social life of things*: commodities in cultural perspective. Cambridge/Inglaterra, Cambridge University Press, 2006, pp. 3-63.

ARGAN, Giulio Carlo. *Guia de história da arte*. Lisboa/Portugal, Estampa, 1994.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, Papirus, 2010.

AZEVEDO, Manuel Q. de. *O culto à Maria no Brasil*: história e teologia. Aparecida, Ed. Santuário; Academia Marial, 2001.

BASSETTI, José Eduardo P. *Basílica de Aparecida*: Santuário do Brasil. Florianópolis, Aventura Brasileira, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo, Perspectiva, 2006.

BELOTO, Heloísa L. Documento de arquivo e sociedade. *Ciências & Letras*. Porto Alegre, FAPA, nº 31, jan/jun. 2002, p. 167-175.

BENJAMIN, WALTER. *Magia técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1996.

BERTRAND, Jean-René. Santiago religioso. Del contexto al pretexto. In CARBALLO, Cristina T. (coord.). *Cultura, territorios y prácticas religiosas*. Buenos Aires/Argentina, Prometeo Libros, 2009, pp. 57-78.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo, Cia das letras, 1993.

BLOM, Philipp. *Ter e manter*: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro, Record, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2003.

BRADLEY, Richard. *The passage of arms*: an archeological analysis of prehistoric hoard and votive deposits. Oxford, Oxbow Books, 1998.

BRANDÃO, Carlos R. *Prece e folia, festa e romaria*. Aparecida/SP, Ideias & Letras, 2010.

BRIET, Suzanne. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris/França, Éditions Documentaires Industrielles et Técniques, 1951.

BRUSTOLONI, Júlio J. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*: a imagem, o santuário e as romarias. Aparecida, Ed. Santuário, 2004.

BUCHLI, V. Introduction, In _____ (ed), *The material culture reader*. Oxford, Berg, 2002, p. 1-22.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. *Journal of the American Society form Information Science*, v. 42, nº 5, ABI/INFOMR Global, 1991, pp. 351-360.

_____. What is a "Document"? *Journal of the American society for Information Science.* 48 (9): 804-809, 1997.

CALLAHAN, R. The Liberty Bell: from commodity to sacred object. *Journal of Material Culture*, 4(1), 1999, p. 57-78.

CANCLINI, Néstor G. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo, Edusp, 2006.

CANNIZZO, Jeanne. Gathering souls and objects: missionary collections. In BARRINGER, J.; FLYNN, T. (eds). *Colonialism and the object*. Londres/Inglaterra, Routledge, 1997, p.153-166.

CASTILHO, Edson D.; REIS, Fábio José G. dos (Org.). *Vale do Paraíba*: pessoas, instituições e movimentos: contribuições relevantes nos séculos XIX e XX. Campinas, Alínea, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis/RJ, Ed Vozes, 2007.

CORNISH, Paul; SAUNDERS, Nicholas J. Material culture and 20th Century War. *History on focus:* war. Institute of Historical Research, dec. 2002. Disponível em http://www.history.ac.uk/ihr/Focus/War/articles/intro.html, acesso em 08 mai. 2010.

CIDADES DA FÉ. Nº 1. Guaratinguetá, Expedições Editora, nov. 2007.

CYMBALISTA, Renato. Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna. *Anais do Museu Paulista*. Nº vol. 4, n. 2, São Paulo, Universidade de São Paulo, jul-dez. 2006, p. 11-50.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo, Estação Liberdade/Ed. Unesp, 2001.

CNBB - CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo, Loyola, 1999.

_____. *Urgências na ação evangelizadora*. 1.ago.2011. Disponível em http://www.cnbb.org.br/diretrizes/dgae/urgencias-das-dgae.html, acesso em 11 jan. 2012.

CONGREGATIO SANCTISSIMI REDEMPTORIS. *Constituições e estatutos da Congregação do Santíssimo Redentor*. Aparecida, 2004. Disponível em http://www.a12.com/redentoristas/media/arq/constituicoes_e_estatutos_cssr.pdf, acesso em 5 jan. 2012.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando*: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro, Rocco, 2010.

DAVIS, P. Place exploration: museums, identity, community, in Davis, P. *Ecomuseums: A Sense of Place*, London: Cassel, 1999, p. 24-44.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo, Ed. Planeta do Brasil, 2010.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo* (1931-1994). eBooksBrasil, disponível em http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf, acesso em 20 jan. 2011.

DELANDA, Manuel. *A new philosophy of society*: assemblage theory and social complexity. Londres, Continuum, 2009.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa/Portugal, Ed. 70, s/d.

DRAIBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses*: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil 1930-1960. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

DUDLEY, Sandra H. Materialising exile: material culture and embodied experience among Karenni refugees in Thailand. Oxford/Inglaterra, Berghahn Books, 2010(a).

_____.(ed.). *Museum materialities*: objects, engagements, interpretations. Londres/Inglaterra, Routledge Press, 2010 (b).

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Os Pensadores, vol. XXXIII, São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1973.

_____ ; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas. In MAUSS, Marcel. *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1999.

EDWARDS, Elizabeth; HART, Janice. Introduction: photographs as objects, In, _____. *Photographs, objects, histories*, London, NY, Routledge, 2005, p. 1-15.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. Lisboa/Portugal, Livros do Brasil, 2001.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2002.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*: formação do patronato político brasileiro. São Paulo, Globo, 2008, p. 741-760.

FAUSTO, Carlos; SOUZA, Marcela C. de. Reconquistando o campo perdido: o que Lévi-Strauss deve aos ameríndios. *Revista de Antropologia*, v. 47, nº 1, São Paulo, USP, 2004, p. 87-131.

_____. Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. *Revista Mana*, 14 (2), 2008, p. 329-366.

FERREIRA, Mons. José Lélio M. *Maria*: breve introdução à mariologia. Aparecida/SP, Ed. Santuário, 2000.

FREITAS, Eliane T. M. *Memória, ritos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro/Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2006.

FLORES, Fabián C.; PENELAS, Clara. Sacralizar el espacio. El santuario de Cromañón. In CARBALLO, Cristina T. (coord.). *Cultura, territorios y prácticas religiosas*. Buenos Aires/Argentina, Prometeo Libros, 2009, pp. 57-78.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso do Collège de France (1975-1976). São Paulo, Martins Fontes, 2005.

_____. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo, Martins Fontes, 2007, p. 171-225.

FREITAS, Lídia Silva de. O *inter-dito fundador do campo informacional*: efeito-documento e efeito-informação na construção discursiva do fato (e do sujeito). PPGCI/Univ. Fed. da Paraíba, X ENANCIB, 4 nov. 2009. Disponível em http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/handle/123456789/536, acesso em 14 nov. 2010.

FROHMANN, Bernd. *Deflating information*: from science to documentation. Toronto/Canadá, University Press, 2004.

_____. O caráter social, material e público da informação. *Anais do VII ENANCIB*. PPGCI/UNESP, Marília, 2006, p. 19-34.

_____. Documentary, ontology, and politics. *Archival Science*, v.8, n.3, 2008, p.165-180.

_____. Revisiting "what is a document?" *Journal of Documentation*, vol.65, nº2, 2009, pp. 291-303. Disponível em www.emeraldinsight.com/0022-0418.htm. Acesso em 24 nov. 2009.

FUNDAÇÃO JOÃO PAULO II. *Material informativo*. Cachoeira Paulista/SP, s.d.

GAETA, Maria Aparecida J. V. "Santos" que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 57-76, 1999.

GARBINATTO, Valeska. O historiador e as imagens. *Revista Ciências & Letras*. Nº 31. Porto Alegre: Fac. Porto-alegrense de Educ.,Ciências e Letras. Jan/jun. 2002. pp. 273-283

GEARY, Patrick. Sacred commodities: the circulation of medieval relics. In APPADURAI, Arjun (ed). *The social life of things:* commodities in cultural perspective. Cambridge/UK, University Press, 2006, pp. 169-191.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC ED., 1989.

_____. *O saber local*: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Ed. Vozes, 2001.

GODBOUT, Jacques T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GODELIER, Maurice. *O enigma da dádiva*. Lisboa/Portugal, Edições 70, 2000.

GOSDEN, Chris. What do objects want? *Journal of Archaeological Method and Theory*, vol. 12, n. 3, set. 2005, p. 193-211.

GOZZI, Paulo Homero. *Quando o coração celebra a vida*. São Paulo, Ed. Palavra e Prece, 2008.

GRIGOLETO, Maira C. *A documentação patrimo*nial: gênese e fluxo dos processos de tombamento do museu "Prudente de Moraes". Dissertação de mestrado. UNESP: FFC/DPGCI, 2009.

HALL, Stuart. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HAZAN, Susan. The virtual aura – is there space for enchantment in a technological world? *Museums and the web 2001*. Seattle, Washington/EUA, 17 March 2001. Archives and Museum Informatics. Disponível em www.archimuse.com, acesso em 10 mai. 2010.

HJORLAND, Birger. Documents, memory and information science. *Journal of Documentation*, v. 56, nº 1, The association for Information Management, jan. 2000, pp.27-41.

HOSKINS,, Janet. *Biographical objects*: how things tell the stories of people's lives. Londres/Inglaterra, Routledge, 1998, p. 1-24.

JARDIM, José M. A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-1995). *Ciência Informação*, Vol. 27, nº 3. Brasília, set/out. 1998.

JORDANOVA, Ludmilla. Objects of knowledge: a historical perspective on Museums, In Vergo, Peter (ed). *The New Museology*. London/UK, Reaktion Books Ltd, p. 22-40, 1989.

JORGE, Fred. *Aparição e Milagres – Nossa Senhora Aparecida*. São Paulo, s. ed., 1954.

KEENE, Suzanne. *Fragments of the world*: uses of museum collections. Oxford/UK, Elvesier Butterworth-Heinemann, 2005.

KÖPTCKE, Luciana S. Museu de artes e ofícios, Belo Horizonte: afinal, como nascem os museus? *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, vol. 12, supl 0, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo. Acesso em 6 jul. 2005.

KOPYTOFF, Igor. The cultural biography of things: commoditization as process. In APPADURAI, Arjun (ed). *The social life of things:* commodities in cultural perspective. Cambridge/UK, University Press, 2006, pp. 64-91.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória. In _____. *Fotografia e história*. São Paulo, Ateliê Ed., 2001.

KUPER, Adam. *Antropología y antropólogos*: la escuela británica: 1922-1972. Barcelona/Espanha, Editorial Anagrama, 1973.

LATOUR, Bruno. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru/SP, EDUSC, 2002.

_____. *Reassembling the social*: an introduction to actor-network-theory. Oxford, Oxford University Press, 2007.

_____. *Jamais fomos modernos*: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2009.

LEIA o texto do papa na missa de canonização de frei Galvão. *Folha Online*, São Paulo, 11 mai. 2007, 10h 59min. Disponível em http://www.folha.com.br, Acesso em 14 fev. 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4ª Ed, Campinas/SP, Editora da Unicamp, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

LOUREIRO, José Mauro M. Museu da ciência, divulgação científica e hegemonia. *Ciência Informação,* vol 32, nº 1, Brasília, jan/abr. 2003. Disponível em www.scielo.br/scielo. Acesso em 28 dez. 2004.

LOUREIRO, Ma. Lucia de N.M. Arte e imagem: musealização e virtualização. *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação*, v. 5, n. 6, dez. 2004, artigo 3. Disponível em http://dgz.org.br/dez04/F_I_art.htm. Acesso em 12 jul. 2010.

_____. Fragmentos, modelos, imagens: processos de musealização nos domínios da ciência. *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação*, v.8, n.2, abr. 2007, artigo 1. Disponível em http://dgz.org.br/abr07/F_I_art.htm. Acesso em 12 jul. 2010.

MACHADO, Arlindo. *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos, 2001.

MAGNANI, José Guilherme C. De dentro e de perto: notas para uma etnografia urbana. *Rev. Bras. de Ciências Sociais*, vol 17, nº 49, ANPOCS, fev. 2002, p. 11-29. Disponível em www.anpocs.org.br, acesso em 15 out. 2011.

_____. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, nº 32, jul/dez. 2009, p. 129-156.

MAIA, Thereza. O *vale paulista do rio Paraíba*: história, geografia, fauna, flora, folclore, cidades: guia cultural. Rio de Janeiro, Documenta Histórica, 2005.

_____. *Uma casa paulista*. São Paulo, Noovha América, 2007.

MALIGHETTI, Roberto. Etnografia e trabalho de campo: autor, autoridade e autorização de discursos. In *Caderno Pós Ciências Sociais*. V.1, n.1, São Luís/MA, jan/jul. 2004, p. 109-122.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*: um relato do empreendimentoe da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

MALRAUX, André. *O museu imaginário*. Lisboa/Portugal, Edições 70, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2006.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa/Portugal, Edições 70, 2001.

MCVEIGH, Brian J. How Hello Kitty commodifies the cute, cool and camp. In KNELL, Simon (ed.). *Museums in the material world*. Londres, Routledge, 2007. P. 230-245.

MEGALE, Nilza Ma. Botelho. *Maria na religiosidade popular*. São Paulo, Ed. Ave-Maria, 2007.

MELO, Fábio de. *Quem me roubou de mim?* Sequestro da subjetividade e o desafio de ser pessoa. São Paulo, Ed. Canção Nova, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. História e cultura material. *Anais do Museu Paulista*, vol. 2, São Paulo, Universidade de São Paulo, jan./dez. 1994.

_____. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, n. 21, 1998, p. 89-103. Disponível em http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2067/1206. Acesso em 18 out. 2010.

_____. Para que serve um museu histórico? MUSEU PAULISTA/USP. *Como explorar um museu histórico.* São Paulo, s.n.t, 2000.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros*: reencontros com o tempo. São Paulo, EDUSP, Cia das Letras, 1997.

MONTES, Maria L. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*, vol. 4, São Paulo, Cia das Letras, 1998.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 1. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 115-220.

MUÑOZ, Florentino Muñoz. *Significado teológico del santuario mariano*. Cáceres, 16 dez. 2000, http://www.mariologia.org/lugarespiadososmarianossantuarios05.htm, acesso em 23 abr. 2008.

MURGUIA, Eduardo I. *O colecionismo bibliográfico:* uma reflexão sobre o livro para além da informação. VIII ENANCIB, UFBA, Salvador/BA, 2007.

_____. Documento e instituição: produção, diversidade e verdade. In FREITAS, Lídia S.; MARCONDES, Carlos H.; RODRIGUES, Ana Célia (orgs.). *Documento*: gênese e contextos de uso. Vol 1. Niterói/RJ, EdUFF, 2010, p.123-140.

NELLE, Anja B. Mapping museality in world heritage towns: a tool to analyse conflicts between the presentation and utilisation of heritage. In Schröder-Esch, Sebastian (ed), *Practical aspects of cultural heritage*: *presentation, revaluation, development*, Hermes Project, v.1, Weimar, p. 85-94, jul.2006. Disponível em http://www.swkk.de/hermes/research/Buchbeitraege/HERMES-Band_1/HERMES_vol1_entire-volume.pdf. Acesso em 12 jul. 2010.

NOGUEIRA, Pablo. Documento de fé. *Unesp Ciência*, ano 2, n. 16, fev. 2011, p. 36-41.

NORA, Pierre. Entre memória e historia: a problemática dos lugares. *Projeto História,* nº 10, São Paulo, Prog. Pós-Graduação em História da PUC/SP, dez.1993, pp. 7-28.

ODO, D. Anthropological boundaries and photographic frontiers: J H Green's visual language of salvage. In DELL, Elizabeth (ed). *Burma Frontier Photographs 1918-1935*, London, Merrell, 2000, p. 41-49.

OLAVE, Daniela O. *El museo como espacio sagrado.* Creación y gestión de museos. (Curso de extensão *on line*). Instituto Latino-Americano de Museus – ILAM. Disponível em www.ilam.org/talleres. Acesso em out. 2007.

OLIVEIRA, Cecília Helena de S. Museu Paulista: espaço celebrativo e memória da independência. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento:* indagações sobre uma questão sensível. Campinas, Unicamp/Fapesp/Cnpq, 2001.

OTLET, Paul. *Documentos e documentação: introdução aos trabalhos do Congresso Mundial da Documentação Universal*. Paris, 1937. Disponível em www.conexaorio.com/biti/>. Acesso em jan. 2008.

PATTISON, Stephen. *Seeing things*: deepening relations with visual artefacts. Londres/Inglaterra, SCM Press, 2007.

PEARCE, Susan. Objects meaning; or narrating the past. In _____ (ed.). *Objects of knowledge*, London, The Athlone Press, 1990, p. 125-140.

_____. *Museums, objects, and collections*: a cultural study. Washington, Smithsonian Institution Press, 1993.

_____. *Collecting in contemporary pratice*. London/UK, Nova Delhi/Índia, SAGE Publications, Altamira Press, 1998.

_____ (ed.). *Interpreting object and collections*. Londres/UK, Routledge, 2005(a).

_____. *On collecting*: an investigation in European tradition. London/UK, Routledge, 2005(b), pp. 39-155.

PERIN, Conceição Solange B. A explicação de São Boaventura de Bagnoregio sobre a importância da compreensão das ciências pela via teológica. Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html. Acesso em 6 abr. 2012.

_____; OLIVEIRA, Terezinha. São Boaventura de Bagnoregio e sua análise sobre a importância da leitura para o desenvolvimento do intelecto. **Seminário de Pesquisa do PPE**, UEM, abril 2010. Disponível em http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/032.pdf, acesso em 6 abr. 2012.

PINHO, Fábio. *Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina*: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras. Tese de doutorado. Unesp: FFC/DPGCI, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, vol 5, nº 10, pp. 200-212.

POMIAN, K. Colecção. *Enciclopédia Einaudi,* Vol. 1, Memória-História, Portugal, Casa da Moeda, 1985. pp. 51-86.

PONTIFÍCIO Consejo para la pastoral de los emigrantes e itinerantes. *El Santuario*: memoria, presencia y profecía del Dios vivo. Vaticano, 8 mai. 1999, disponível em http://www.mariologia.org/lugarespiadososmarianossantuarios03.htm, acesso em 23 abr. 2008.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo, Editora Unesp, 1998.

RABELLO, Rodrigo; GUIMARÃES, José Augusto C. *A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto da Organização do Conhecimento*: elementos para uma reflexão. VII ENANCIB Unesp/FFC, Marília, 2006.

RABELLO, Rodrigo. *A face oculta do documento*: tradição e inovação no limiar da Ciência da Informação. Tese de doutorado. Unesp: FFC/DPGCI, 2009.

RIBEIRO, Zilda A. *Centenário da coroação da sempre rainha Nossa Senhora Aparecida*: história e acontecimentos. Aparecida, Ed. Santuário, 2004.

_____. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e de seus escolhidos*. Aparecida, Ed. Santuário, 2007.

RUIZ, Francisco F. Archivística, archivo, documento de archivo...necesidad de clarificar los conceptos. *Anales de documentación*, nº 2, 1999, pp. 103-120.

SABINO, Mário. Bento XVI: a verdade, nada mais que a verdade. *Veja*, São Paulo, Ed. 2008, 16 mai. 2007a, p. 70-81.

SANTUÁRIO Nacional de Aparecida. *Press Kit – Imprensa*. Marketing Institucional, Assessoria de Imprensa, s.d. Disponível em http://www.a12.com/santuario/media/arq/Presskit_Geral_Santuario_Nacional%20atualizado.pdf, acesso em 13 jan. 2011.

SAUNDERS, Nicholas J. Bodies of metal, shells of memory: "Trench Art" and the Great War Recycled. In, BUCHLI, V. *The material culture reader*. Oxford, NY, Berg, 2002, p. 181-206.

SCARANO, Julita. *Ex-votos pintados em madeira:* séculos XVIII e XIX. São Paulo, EDUSP, 2004.

SEGALLA, Vinícius. Igreja faz hotel para romeiros em Aparecida com dinheiro do BNDES para a Copa. *Portal UOL*, Notícias, São Paulo, 11 ago. 2011. Disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/08/11, acesso em 27 ago. 2011.

SEIXAS, Jacy A. de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento:* indagações sobre uma questão sensível. Campinas, Unicamp/Fapesp/Cnpq, 2001.

SILVA, Andréia C. L. Frazão da (coord.). *Banco de dados das hagiografias ibéricas* (séculos XI a XIII). Rio de Janeiro, PEM – Programa de Estudos Medievais, UFRJ, 2009. Disponível em http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hh1.pdf, acesso em 11 mar. 2011.

_____. *Hagiografia*. s.d. Disponível em http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm, acesso em 11 mar. 2011.

SILVEIRA, Emerson J. Sena da. Turismo religioso popular? Entre a ambigüidade conceitual e as oportunidades de mercado. *Revista de Antropología Experimental*, nº 4. Espanha, Universidade de Jaén, 2004. Disponível em www.ujaen.es/huesped/rae, acesso em 7 mai. 2008.

SILVEIRA, Flávio L.A. da; LIMA FILHO, Manuel F. Por uma antropologia do objeto documental: entre a "alma das coisas" e a coisificação do objeto. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, jan/jun 2005, p. 37-50.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Bianca G. de. *O santo é brasileiro*: história, memória, fé e mediação no estudo de santo Antonio de Sant'Anna Galvão. Tese de doutoramento. São Paulo, PUC/Progr. de Pós-Graduação em História Social, 2009.

STEWART, Susan. *On longing:* narratives of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection. Estados Unidos, Duke University Press, 2007.

SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

TABORSKY, Edwina. The discursive object. PEARCE, Susan (ed). *Objects of knowledge.* Londres/ Inglaterra, New Research Museum Studies, Athlone Press Ltd., 1990.

TAGG, John. *El peso de la representación*. Barcelona/Espanha, Ed. G. Gilli, 2005.

TEMPLER, Sara; RADFORD, Katy. *Hearing the voices*: sharing perspectives in the victim/survivor sector. Belfast/Irlanda, The Community Relations Council, 2007/08.

THALER, Henri L. Holocaust lists and the Memorial Museum. *Museum and society*, 6(3), nov. 2008, p. 196-215.

TURNER, Victor. *The ritual process*: structure and anti-structure. New Brunswick/USA; Londres/UK, A Division of Transaction Publishers, 2009.

URRY, John. *O olhar do turista*: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo, SESC, Studio Nobel, 1996.

VAN GENNEP, Arnold. *The rites of passage.* Londres/UK, Routledge and Kegan Paul, 1960.

VITOR, Manuel. *História da devoção à Padroeira do Brasil Nossa Senhora Aparecida*. São Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1985.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

WEBER, Max. Ensaios de sociologia. Capítulo XIII. *Os Pensadores*. Vol. Weber. São Paulo, Abril Cultural, 1974.

WILLIAMS, Paul. *Memorial museums*: the global rush to comemorate atrocities. Oxford/Inglaterra, Berg, 2007.

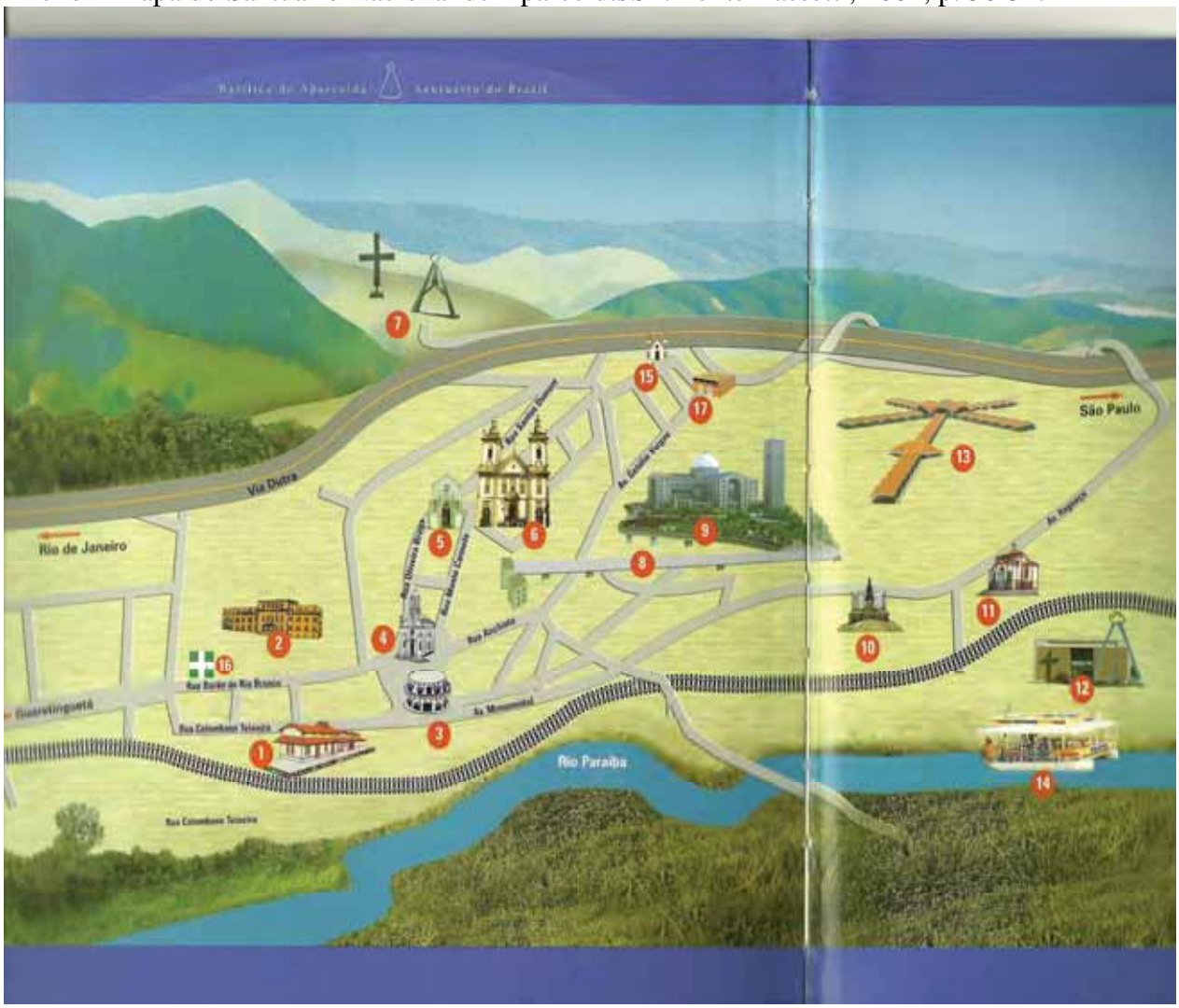
Portais eletrônicos:

CANÇÃO NOVA. www.cancaonova.com.br.

SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA. www.a12.com.br.

ANEXOS

Anexo 1 Mapa do Santuário Nacional de Aparecida/SP. Fonte Bassetti, 2004, p. 50-51.



Informações:

1. Estação Ferroviária
2. Seminário Bom Jesus
3. Estação Rodoviária
4. Igreja de São Benedito
5. Memorial Padre Vítor
6. Basílica Velha
7. Morro do Cruzeiro
8. Passarela da Fé
9. Basílica Nacional
10. Mirante de Pedras
11. Igreja de São Geraldo
12. Porto Iguaçu
13. Centro de Apoio aos Romeiros
14. Barco Itaguaçu
15. Igreja Santa Rita
16. Pronto-Socorro
17. Porto Central

Anexo 2 Estádio em construção atrás do CAR (Centro de Apoio ao Romeiro). Dez. 2010.





Anexo 3 – entrevista com os devotos no Santuário Nacional de Aparecida

14 de dezembro de 2010.

Mulher, 67 anos, Curitiba/PR.

Mulher: Donizete Leme
B.:Posso fotografar essa foto, da senhora?
Mulher: Pode, pode...
Homem: Como é o nome da moça?
Mulher: Cristiane de Fátima Leão. Pros dois, eu vim pedir emprego.
B.: A senhora fez a promessa, ou eles fizeram a promessa?
Mulher: Não, eu to fazendo pedido pra eles, porque tá muito difícil de eles conseguirem emprego. Então, eu vim sem poder, ruim dos dois joelhos, ruim, fiz pedido de eu pegar, comprar esses dois joelhos de cera, pra mim deixar aqui, pra eu agüentar vir. Por isso que eu estou aqui. Pra pedir a Nossa Senhora saúde pra mim, saúde pro meu marido, e um emprego pro meus filhos.
B.: Certo, a foto é dos seus filhos? A senhora trouxe de casa?
Mulher: Sim, é meus filhos.
B.: E a senhora resolveu deixar aqui pra fazer o pedido?
Sim.
B.: E a senhora pretende que esse objeto fique aqui? E os joelhos também?
Mulher: Sim, vai ficar aqui. Quando eu sarar dos dois joelhos eu venho...oia, nós veio na estrada, tudo tapado, aquela nuvem escura, São Paulo tava debaixo d´água, olha, a gente veio de Curitiba.
B.: Nossa, veio de longe.
Mulher: Aí... eu pedi ...pra Nossa Senhora,me ajuda, nós chegá lá e dar um tempo bom, pra mim pode andar, a gente vem de ano em ano, minha Nossa Senhora, me ajuda, quando chega lá, vou comprar uma vela e vou ponha lá pra queimar, antes de entrar na igreja. Fui lá, comprei, pus lá pra queimar, chegamos aqui no hotel, já tava sol.
Pausa
Mulher: O menino saiu atrás...quando saiu assim...que é estrada assim, né, que ele virou assim, que vinha um boi bravo, os boiadeiro vinha gritando assim: "sai da frente, que esse boi é muito bravo, sai da frente". Meu marido virou assim, com a carroça, ele olhou assim pra trás, o menino tava no meio da ponte...meu marido pulou da carroça, ajoelhou no chão, e eu vim gritando, ca mão na cabeça, gritando pra Nossa Senhora Aparecida, que ...não deixasse matar. O boi chegou, menina, ajoelhou, na frente do menino, questão de um metro...ajoelhou, o boi ficou deitado. Meu marido pegou o menino, foi de encontro comigo, e eu tava com as pernas tremendo....o menino ficou três dias sem falar. Que susto, menina...
B.: Nossa, que história comovente.
Meu filho não teve um arranhãozinho. Depois que nós saiu, que nós virou pra casa, assim ...aí eles cutucaram, cutucaram assim o boi, o boi saiu andando, assim...um metro, não chegou no menino...

Mulher, ABC Paulista.
B.: Pra agradecer?
Mulher: Pra agradecer. É meu genro, e eu sempre peço por ele, pelas viagens que faz, pelo Brasil, pra Nossa Senhora Aparecida proteger e, graças a Deus, nunca aconteceu nada com ele. Toda vez que ele sai, que ele chega, eu peço a bênção dela... eu agradeço, né, e todos os anos eu venho aqui... agradeço pessoalmente, e sempre trago o CD ou DVD mais novo que ele tem, em agradecimento, eu deixo aqui, como agradecimento. Às vezes eu até consigo vir duas vez no ano... mas uma vez é certeza.
Mas eu sou muito devota dela do dia que eu nasci, toda a família, ele [genro] também...
B.: A senhora trouxe o objeto da sua casa?
Sim, eu trouxe.
B.: E a senhora sabe o destino que é dado a esse objeto depois?
Eu não sei.
B.: Tá, mas senhora gostaria que ele ficasse aqui, na sala?
Sim, a gente trás e quer que fique aqui né, na sala...eu sempre trago com esse...gente, olha, há muitos anos eu venho...e desde que ele [genro] entrou pra minha família, eu venho agradecer, eu sei, é pouco, né, pra Nossa Senhora, ...ah....tanto que ela faz pela gente...tanto, hoje, era difícil, eu moro... no ABC Paulista, né, ele falou, olha eu só tenho hoje pra ir, então eu vou largar tudo e nós vamos hoje!

Mulher, Jacareí/SP, 38 anos.
Eu aqui, em 2009, em janeiro de 2009, aqui, e tava com interesse de comprar uma casa. Eu vim, fiz um pedido pra Nossa Senhora, e eu também tinha uma herança pra receber... e tava complicado, pra receber essa herança... e aí eu vim, e eu prometi a Nossa Senhora, se a gente conseguisse comprar nossa casa, que também é, resolver o problema da herança que era uma casa, pra vender...e hoje tá fazendo um ano que nós assinamos o contrato da casa, e aí eu vim trazer a casinha, e em março desse ano também, foi resolvido o problema da herança, então eu vim trazer a casinha hoje porque hoje é uma data muito especial pra gente.
B.: E me diz, de onde você trouxe a casinha, você quem fez?
Eu mandei fazer, lá na cidade onde eu moro, eu moro em Jacareí.
B.: e você sabe se esse objeto fica aqui?O destino do objeto...
Ó... na verdade...eu fiz a promessa...a gente sabe que muita coisa aqui eles vendem de novo, eles revertem pra poder manter o Santuário...pra mim, mesmo que eu não trouxesse essa casinha, ela ia ficar muito contente só de vir agradecer. E a casinha tem um esquilinho...Esse esquilo, a moça que fez, ela disse que o esquilo é lutador, é batalhador, ele luta pela sobrevivência dele, pela moradia dele, então ela resolveu colocar o esquilo, né...foi uma surpresa pra mim assim né...eu só pedi pra ela um vasinho, tal, pintar um cor neutro, que eu gosto muito de lilás, e ela nem enfeitou muito, né ...o maior significado é a fé, né?

Mulher, 65 anos.
Eu pedi... pra Nossa Senhora tirar aquilo de mim, né, porque eu não nasci com a depressão, né...
E ela já fez muito milagre na minha vida....teve uma vez um filho, tomou um tiro, eu ajoelhei, pedi a ela...e ela me valeu, e todo ano eu tenho que vir aqui.
B.: E a senhora comprou essa cabeça aqui?
Foi.
B.: E a senhora sabe pra onde vai?
Eu não sei...o importante é que ela vai ficar aqui, né, e a promessa tá cumprida, né....e a foto, eu fiz a promessa pra minha comadre, né...eu faço pra mim, faço pros outros...
B.: Fala pra mim da promessa da comadre...
Da minha comadre, ela fez uma cirurgia de tiróide, né. E ficou um papo, né? E o médico falou que ia ter que operar de novo. E aí eu falei, se apega com a Nossa Senhora Aparecida, eu vou fazer uma promessa pra você, e ela não operou...e ela tá perfeita!
Comadre Lídia...

Mulher, 19 anos, que veio trazer a foto do irmão.
Quem fez promessa foi pro meu irmão... aí ela [a mãe] pediu pra Nossa Senhora...ela não quis dizer o motivo da promessa, mas eu acho que foi cumprido, e ela falou que ia deixar o cabelo dele crescer, ó o tamanho...daí, ela mandou tirar a foto, e mandou trazer pra colocar aqui. Acho que a promessa foi cumprida.

Conversa com mulher, 48 anos, no bazar
B.: Você tá olhando o vestido, não sei se você tá pensando em comprar alguma coisa. Mas você acha que tem um valor diferente, porque você comprou aqui?
Tá, né, o preço tá um pouquinho puxado, né, porque isso aqui são doações, né? Então teria que ter um preço mais...
B.: Mas pro exemplo, pelo fato de alguém ter doado isso aqui, você acha que traz valor diferente pra ele?
Não, seria mais importante se fosse algo assim, se eles fizessem assim...mas coisa mais assim...não aqui, não, se estivesse na sala [das promessas].
B.: E por ser doação, a senhora acha que tá salgado o preço?
Tá...é teria que ser um pouquinho mais barato, porque eu sou daqui mesmo, né, sempre compro aqui né...já trabalhei muito anos aqui...tá muito bonito, mas, não que não tá combinando, esse preço, teria que ser mais em conta...

Chileno e a fitinha vermelha.
Eu sou chileno, trabalho no circo. Sofri um acidente, marcou a minha vida. Me apeguei muito a Nossa Senhora Aparecida, porque me apego muito a Deus. Quando eu vim aqui, fiz uma promessa, e deu certo...
E tenho que vir mais...risos...tenho que pagar mais, porque é pouco o que eu fiz pra ela, e ela provou muito pra mim.

Choro
E o pouco tempo que eu to....sou o primeiro da família, dou a cara pela minha família...todo que eu peço pra ela, ela faz. Acho que me sinto brasileiro né?
Fé em Deus, fé nela. Hoje eu trabalho lá fora, já to há 6 anos, 4 anos na Europa, e 3 anos na Austrália, ela sempre comigo, levo ela aqui, a imagem...hoje eu arrebentei algo que tava aqui, muita inveja no meu trabalho, muito coisa acontecendo comigo...quebrava a respiração, coração cabeça, tudo, tudo, os melhores médicos australianos e europeus...na França, nada, nada...não tinha nada.
Falei pra minha mãe: quando eu cheguei de avião, eu tinha que vir aqui. A namorada, primeiro lugar, minha família em primeiro lugar, depois fico dividido, né, entre a namorada, minha noiva, né, porque...eu trabalho em circo...e ela é da cidade de Londrina.
B.: Você vive na Europa?
Vivo.
B.: A família tá no Brasil?
Isso, todo ano eu tenho um mês de férias. Agora to deixando tudo de lado, pra em primeiro lugar, vir aqui.
B.: E onde você sofreu o acidente, na Europa?
Sim, com a moto, mas normal, quebrei o maxilar, foi indo, o tornozelo, foi indo...fora outros acidentes que eu sofri na minha carreira, né, agora mesmo, caí do pêndulo, um número que eu faço...eu agradeço, muito, muito, muito a ela...
B.: E a fitinha que você cortou ali?
A fita foi, durou um ano. Em banhos... trabalho, e sol, e o calor que faz, olha...bárbaro, não quis rebentar... e agora eu vou colorar uma nova...eu tinha medo que arrebentasse lá.
B.: E onde você comprou?
Aqui.
B.: Aqui, ah, ela é daqui mesmo?
Aqui. E durou muito e eu queria que arrebentasse aqui.
B.: E onde você está vivendo?
Na Austrália. Renovou o contrato agora. Estou com 39 anos.
Pausa
Primeira vez que venho, sempre que venho tá fechado [a sala das promessas]....chego tarde, pago táxi, pago ônibus, tenho medo que me assalte [em Aparecida]...mas nunca me aconteceu nada...
B.: Aqui é tranquilo.
É...e já to bem, graças a Deus, só de estar aqui, é um alívio, é um começo da minha saúde....quero passar isso pra minha família e pro meus filhos, que não tenho ainda, mas se tiver que ter...se não é pra ter, tá nas mãos de Deus.

15 de Dezembro de 2010.

...Ela namora um cara que tá preso e eu não quero que ela fique com ele, então eu "truxe" pra Nossa Senhora Aparecida ajudar pra que ela deixe dele. É...porque ele matou um prefeito...por isso que eu não quero que ela fique com ele.
Bianca: E a roupinha do bebê que a senhora trouxe?
Porque ela era muito doente, daí a mãe dela fez uma promessa, que é minha neta também, e daí agora ela mandou eu trazer e agradecer a Nossa Senhora, e agora ela sarou e agora ela tem uma baita duma meninona, ela tá tem gorda, ela era bem magrinha...

Mulher, Ramelândia/PR, 55 anos (sem foto)
Dava acesso nele, ficava mal, e quase uma meia hora pra voltar, né, aí eu fiz pedido pra Nossa Senhora Aparecida pra ver se parava de dar, quando viesse eu trazia uma roupa dele, né, aí eu deixei uma camisinha aí, né?

Mulher, Ramelândia/PR, 69 anos.
Pra Nossa Senhora Aparecida abençoar meu genro, que ele tem um sítio lá, e trabalham demais, ele e a família, tão quase se matando de tanto trabalhar, mas tão vencendo a batalha na graça de Deus, né...
B: Esse é o genro da senhora?
É, ele e a família dele, e aí tá meu neto, que fez a primeira comunhão, ó o padre aí.

Homem, Andradina/SP, 71 anos (sem foto)
B.: Mão atrofiada?
É...

B.: E o senhor fez a promessa?
Fiz...Deu umas pontada nela, né, caí por cima dela...
B.: E agora tá tudo bem?
Ainda não tá não, né, mas também nós tá procurando, né, o meu fisioterapeuta também, né.

Homem, Ramelândia/PR, 68 anos
A fé de uma filha, e uma nora e um neto e uma neta minha que sofreram um "pobrema" sério, sabe, e a ajuda de Deus, conseguiram melhorar, e mandaram essas orações pra mim entregar aqui, né.
B.: Nossa, isso tudo é oração?
É...fizeram 1000.
B.: 1000?
É...e mandaram entregar, eu vou entregar, é lá de perto de Foz do Iguaçu, dá 18 horas de ônibus.
O menino tinha leucemia...e a menina tinha ...comprida, e não se alimentava, e oração, e ajuda do padre, e hoje tá uma mocinha...Ela pediu pra levar, eu levo de bom gosto, né?

Mulher, Ramelândia/PR, 67 anos.
Era minha vontade construir uma casa, minha mesmo própria, e não tinha como...e aí eu ganhei, foi Nossa Senhora que me deu. Aí eu tinha vontade de vim aqui na Aparecida e não tinha como, aí eu tinha ganhado dinheiro pra "mor" de vim, aí, a gente ia mudar, meu marido pegou e comprou a casa com o dinheiro da Aparecida, aí eu fiquei nervosa...Ele disse, "não Maria, tu ganha outra", quando foi com 15 dias eu ganhei outra passagem, e ele pegou e vendeu minha casa. Aí eu falei, se Nossa Senhora me desse outra casa, eu trazia uma casinha pra Nossa Senhora, risos...

Mulher, 48 anos, Araucária/PR.
O meu caso é que eu quero que ele largue da bebida...
B.: Ele era alcoólatra?
É, não é muito, mas quando ele bebe, ele é violento, então quero que ele largue...ele não é meu marido, é...namorado.

Homem, 36 anos, Tocos de Moji/MG
É pela minha mãe, ela teve que fazer uma cirurgia, e eu fiz uma promessa pra Nossa Senhora e a cirurgia deu tudo certo, graças a Deus.
B.: E na promessa você prometeu trazer alguma coisa aqui?
É...eu prometi trazer a foto, é minha, da minha mãe e da minha esposa.

Mulher,54 anos, Riversul/SP
Ela não andou mais, né? Ela é sogra da minha tia...e ela ficou doente, né, e não andou mais. E já faz um ano e agora ela começou a andar de novo e ela mandou trazer a fotografia, né? E ela não tá andando como nós anos, né? Ela começou agora a andar, por dentro da casa...

Mulher, 62 anos, Matelândia/PR
B.: É filho da senhora?
É...mas ele bebe muito. Não, muito, ele trabalha em firma, mas bebe, e a gente não quer que beba...é esse voto que eu quero.
B.: Essa camiseta é dele?
É dele, e trouxe também uma foto com tudo pedido atrás dele também.
B.: E a senhora sabe pra onde a camiseta depois?
Ah....vocês é que sabem pra onde vai depois, né?

Mulher, Ramelândia/PR.
É, os netos e filhos. Uma neta foi fazer a primeira comunhão, e pediu: "Vó, tá no tempo da senhora ir pra Aparecida, vamos tirar uma foto juntos, pra senhora levar pra Nossa Senhora Aparecida rogar por nós, pra que meu pai sare logo". Que é meu filho, ele sofreu um acidente. Então, nós tiramos foto junto com ela...E esse é meu neto. Trabalhador, menina, trabalha a oficina lá e faz gosto...E essa aqui é minha neta, na primeira comunhão.

Ana, 24 anos, Riversul/SP.

Essa foto é um compadre meu que bebe muito, e quando ele bebe, ele fica muito violento, briga com a mulher, com as crianças, quebra as coisas...e aí eu fiz essa intenção e aí eu resolvi trazer o vidrinho, né?
B.: E o que tem no vidrinho?
Conhaque. Ele bebe muito. E eu trouxe de Riversul.

Mulher de 41anos e filha de 7 anos, Itatiba/SP.
É minha filha, ela tinha bronquite e, graças a Deus, ela tá curada. E eu prometi pra Nossa Senhora Aparecida que trazia ela de anjinho...é, nunca mais ela teve, né? E graças a Deus, curou.

Mulher de 39 anos e filha de 5 anos, Cotia/SP.
Eu to trazendo ela vestida de anjo...choro...e ela tá aqui!

Mulher, 21 anos, Águas Formosas/MG.
Foi um milagre que eu recebi que se eu recebesse meu milagre, eu cortaria meu cabelo aqui. Consegui, hoje estou aqui, pagando minha promessa.

Mulher, 28 anos, Belo Horizonte/MG.
Eu sou estudante...são comprovantes de aprovação de dois concursos que eu fiz e também a minha carteira de habilitação. Que eu fiz o exame e somente no 3º exame, que eu pedi com muita fé pra Nossa Senhora Aparecida, que eu consegui tirar minha carteira de habilitação.

Mulher, 50 anos, São Bernardo/SP
É um pacote de multas, né?
B.: E por que você trouxe essas multas?
Porque essas multas estão tudo errado. As multas não eram minhas, vendi a moto, vendi pra outra pessoa e as multas veio tudo pra mim. Aí eu fiz a promessa, recorri quatro vezes.
B.: E você ganhou os recursos?
Ganhei. E eu falei que o dia que eu ganhasse eu trazia todas elas aqui.

Mulher, Águas Formosas/MG.
Uma menina que pediu pra eu trazer...Porque deu uma dor na perna...

Mulher, 33 anos, São Paulo/SP.
A cabeça, na verdade, é minha mãe que pediu pra eu trazer, que ela não pôde vir, e eu to pagando a promessa pra ela, né? E as flores, é uma promessa que eu fiz pra ela, inclusive, e enquanto eu viver, eu tenho que trazer um ramalhete de flores pra Nossa Senhora Aparecida, eu não viro o ano sem trazer. Faz uns 3 anos, todo ano eu venho, mas a graça já foi alcançada.

Homem, 59 anos, São Paulo/SP
Isso aqui foi na hora do acidente...isso aqui foi na perna, né, no fêmur...Eu sofri um acidente, gravíssimo, né? E alcançou a graça...e foi tão grave lá no hospital que deram até óbito pra mim. Eu fiquei entubado, muito tempo, depois de uma semana, eu fiz todo mundo chorar lá, porque eu voltei, né?
E...quando eu cheguei aqui....eu falei, nós só vamos assim pra algum lugar de lazer, assim, depois que eu pagar a promessa...choro.
Ela sofreu mais que eu...e a melhor palavra que tem é essa, as lágrimas né?
B.: E o que era isso?
Isso era uma peça que ficava na perna, né...quebrou tudo, quebrou em 8 lugares aqui, né? Aí quebrou o fêmur, o braço, deu trombose, derrame no pulmão. Ih...E graças a Deus, eu to aqui, um ano e quatro meses depois que aconteceu isso, né?
Mas eu tenho pino, placa, barra...eu tive grandes profissionais, porque se fosse...sabe? Tenho dois aniversários, todo mundo fala, né? (Risos)

Homem, 19 anos, Capela/MG
Eu comecei a tirar a carteira, e eu pedi pra Nossa Senhora...e eu fui conseguindo e o exame de rua em bombei três vezes. Aí a mulher falou: eu vou tirar você, né...aí eu consegui! Aí eu trouxe o livrinho, né?

Mulher, 54 anos, Jaru/RO

Ele ficou muito doente, né, meu esposo...três anos atrás. Aí na hora eu recorri a Nossa Senhora e ao Senhor Jesus Cristo. Que se Deus dessa saúde, aí eu iria cortar meu cabelo e vir a Aparecida do Norte cumprir minha promessa.
B.: E quando a senhora cortou o cabelo?
Cortei agora mesmo! Hoje mesmo! Essa trança aí.

Mulher com fotos e cabelo
A fotografia é a foto de uma amiga minha e a filha dela...tavam muito mal. Aí como ela não pôde vir, eu vim cumprir a promessa pra ela, né? E um casal, que também pediram um voto também e pediram também pra trazer a foto, né?

Mulher, 52 anos, Caraguatatuba/SP
M1.: É o sobrinho dela, ela vai te falar o que aconteceu...
M2.:Aconteceu um acidente com a família dele, minha sobrinha, minha irmã, o marido da minha sobrinha e o bebê, um acidente muito terrível...graças a Deus com o bebê não aconteceu nada. Foi um acidente muito feio... mas aconteceu com a minha sobrinha, com o marido dela, com a minha irmã, mas deu tudo certo, graças a Nossa Senhora Aparecida, a promessa que minha mãe fez. Mas deu tudo certo e aí ela prometeu né trazer a roupinha dele e pôr nos pés de Nossa Senhora em agradecimento pela vida, né, viveram novamente.
B.: E onde foi o acidente?
M2.: Em Caraguatatuba.
M2.: Agora, o coração e a perna (de cera), minha mãe fez uma cirurgia do coração, colocou duas safenas, e pela cicatrização bem, e na perna, ela tem diabetes, e tava tendo um pequeno problema na cicatrização dela. Aí ela também pediu pra Nossa Senhora, né?
B.: E a senhora comprou essas peças aqui?
M2.: Comprei.

Homem, 60 anos, Mundo Novo/MS
B.: O senhor quer deixar de fumar?
Quero.
B.: Quanto tempo o senhor fuma?
54 anos...
B.: E o senhor fumou hoje e pretende não fumar mais?
Pretendo...

Mulher, 27 anos, Pindamonhangaba/SP.
Eu era muito nervosa assim no dia do meu parto, né? Aí eu pedia muito, né?Aí eu prometi né que a primeira roupinha que ele vestisse na maternidade eu traria aqui.

Homem, 49 anos, Jaru/RO.
Em 1969. Nós "era" de uma família muito pobre no interior, na roça, e a gente se alimentava muito mal e eu ali comendo ali uma canjica de milho e acho que um pedaço de pedra que tava dentro da canjica e perfurou a garganta e por 17 dias não saía. Daí por 17 dias...minha mãe, na época a gente não tinha rádio, mas a mulher do patrão tinha rádio aí minha mãe foi e o padre Vito dava a bênção da água através do rádio e minha mãe foi e levou a água pra ser abençoada em cima do rádio, e passou pra mim, mandou que eu bebesse. Naquele desespero, porque eu tinha ido ao medido e ele falou que eu precisava fazer cirurgia, mas meu pai não tinha condições de pagar. Ao tomar essa água, três minutos depois que eu bebi a água aquele objeto se soltou da garganta, e graças a Deus, porque eu só tava pele e osso, porque não podia se alimentar, mas como era de família péssima, nem assim caldo de vitamina não podia tomar, né, tomava caldo assim, né...isso foi 1969.
B.: O senhor tinha quanto anos?
Eu tinha 8 anos, aí de lá eu fui pro interior de Rondônia. Minha mãe já faleceu há 13 anos, mas antes de morrer ela falou: "você tem essa promessa, você tem que ir a Aparecida, eu to prestes a morrer, mas você vá". E aí, pela primeira vez hoje eu saí do estado de Rondônia, vim visitar uns parentes, mas aí eu falei, nessa saída minha Aparecida tá incluído.

Homem, 43 anos, Marília/SP.
Essa imagem quebrada a gente não tem o que fazer com ela, né...não pode jogar fora, nem nada, então a gente traz aqui, pra ficar guardada aqui, como agradecimento por tudo que ela tem feito em nossas vidas.

Mulher, Rio de Janeiro/RJ.
Eu pedi pra Nossa Senhora ser minha madrinha de casamento, e eu prometi que traria meu buquê de noiva!

Mulher, 60 anos, São VicenteSP.
Eu me chamo Susana Galvão, moro em São Vicente, e vim trazer um crucifixo de ouro e um brinco que eu fiz uma promessa que eu não tinha uma casa pra morar e um filhinho no colo...aí eu falei: "se Nossa Senhora fizesse que eu conseguisse uma casa, que eu daria minha única jóia, que era minha aliança", (choro) e que todo ano eu compraria uma jóia pra trazer pro Santuário ou pra doar para uma casa de caridade. Tanto que Deus e Nossa Senhora já me deu muitas casas, né, pra alugar por um precinho mais em conta, né? Porque eu sofri e eu sei quanto Nossa Senhora é maravilhosa pra mim e espero que todo mundo consiga ter seu teto pra morar, que eu acho que é muito digno. Que Deus também fica muito contente, e a gente mais ainda, quando alcança uma graça milagrosa dessa...tudo tá nas mãos de Deus e de Nossa Senhora Aparecida.

Mulher e homem, de Espírito Santo do Dourado/MG
Bianca: Da onde veio essa bandeirinha?
Mulher: Essa bandeirinha veio daqui, o que está escrito, Espírito Santo do Dourado.
B.: Onde fica essa cidade?
Mulher: Sul de Minas Gerais, há 40km de Pouso Alegre, então dá, praticamente, de onde a gente saiu, 200km de caminha à pé, nós temos que agradecer, foram 5 dias de caminhada à pé, de sacrifício, muito calor na estrada, muito sol, não pegamos chuva, mas vencemos essa batalha...com chapéu, com protetor, e ainda queimou...porque eu passei mal uma dia, esse sol muito quente, eu passei mal acho que caiu a glicose...passei mal... não enxerguei nem a pista...encostamos, paramos assim, ele chegou com a comida... ele disse "ela vai desmaiar", a boca roxinha, né, mas eu disse, mas eu vou vencer, né, apesar da idade, a gente tem mais de 60 anos, uma caminhada de 200km...não é? Não é fácil não...
Graças a Deus, Nossa Senhora foi nossa guia, nossa proteção.
B.: São 9 pessoas? Todos da família da senhora?
Não, são primos assim, né...é o 5º ano deles,é uma promessa que eles fizeram, né...
B.: E o senhor teve problema na vista?(esposo)
Esposo: Tava pra ficar cego, o médico falou que ele ia ficar cego...então a gente conseguiu...Eu me apeguei à Nossa Senhora e consegui.
Esposo: Eu chegava em casa, tinha uma mulher que tomava conta dela...falava, cadê Teresa? Tá deitada, tá chorando,tava no quarto, chorando, de dor...
Mulher: Eu curei, graças à Nossa Senhora...ultimamente, olha, faço tudo, faço café, olha...Nossa Senhora me curou e ela vai me levar. Nós viemos com um pessoal muito bom...e nós viemos, fizemos liturgia diária...
Esposo: dois ou três terços, todos os dias...
B.: 200 km, né?Quantos dias?
Mulher: 5 dias...Mas teve dia que nós andamos 70km, no outro, 20, 25 km, dependendo da pousada, da dormida...Onde tinha...
Mulher: A gente tinha que arrumar...nós alugamos uma casa, um cara muito bom, muito gentil...ele falou, pode dormir na minha casa...muito humilde, sabe, mas com tudo que precisava, sabe, colchão pra dormir, um chuveiro com um banho bom, um cafezinho quente, comer, nós "come" no restaurante...
B.: Veio uma pessoa de carro acompanhando vocês?
Mulher: Veio, pra trazer as bolsas...é muito pesado.
Esposo: se não tiver com Nossa Senhora, não vem!

Mulher, Pato de Minas/MG, 32 anos.
B.: Você fez o pedido por alguém?
Fiz, fiz sim. E trouxe as flores aqui.

Mulher, Palmeiral/MG, 40 anos.
B.: Ela tem refluxo desde pequenininha?
É. Aí eu alcancei a graça, que ela foi curada, porque o médico falou que ela tinha que tomar remédio, tinha que operar. Agora fiz exame e confirmou que ela não tem mais nada, tá normal.
B.: E ela tá com quanto anos?
5 anos.
B.: É um raio X que você trouxe?
É sim.

E essa aqui é o menino, ele tinha problema na vista, e o médico falou que ele nunca ia enxergar. E eu pedi a graça a Nossa Senhora e ela curou, hoje nem o óculos usa mais.

Mulher, Aparecida/SP, veio buscar a muleta para o marido.
Meu marido sofreu um acidente de moto. Daí o carro virou na frente dele, ele bateu a moto no carro, aí ele quebrou o fêmur e perdeu um pedaço do osso da perna no acidente. E agora ele tava na cadeira de roda, a gente emprestou a cadeira de rodas, a cadeira de banho dele, e agora precisamos da muleta, porque o médico liberou ele pra muleta.
B.: Da onde você é?
Daqui mesmo.
B.: E você sabia que eles emprestavam aqui?
Eles emprestam pra gente e aí quando a pessoa curou, traz de volta.

Nedi Pinheiro Braga, Itaperuna/RJ, 49 anos, 15 de dezembro de 2010.

Eu vim de Itaperuna, interior do Rio de Janeiro...530 km, saí de lá no sábado, 5 horas da manhã toquei até Leopoldina, cheguei às 7 em Leopoldina, rodei 130km, saí no domingo de Leopoldina, às 6 da manhã, toquei até Paraíba do Sul, rodei 150 km. Dormi em Paraíba do Sul, saí de lá na segunda, 7 horas da manhã, e vim dormir em Porto Real, mais 140 km, e ontem, na terça-feira, eu saí de Porto Real 7 horas da manhã e cheguei aqui, em Aparecida, exatamente, aqui na basílica, às 5 horas da tarde, eu estava em frente da imagem de Nossa Senhora Aparecida.
E por que você fez esse trajeto, essa promessa?
Eu sou devoto de Nossa Senhora Aparecida, tá, e ela tem me ajudado muito. Um período atrás aí, agora recente, eu passei por uma situação um pouco complicada, eu pedi a colaboração dela, a ajuda dela, e, com certeza, ela me abençoou, e ela me deu essa graça, e eu agradeço muito por isso, e aí eu fiz essa promessa, que seu eu conseguisse resolver minha situação, readquirir minhas coisas...tava em dificuldade, eu ia fazer uma caminhada de fé, em agradecimento as bençãos e as graças alcançadas por ela.
E por que de bicicleta?
Eu que optei, essa bicicleta é uma bicicleta minha, que eu comprei pra eu pedalar, eu gosto de pedalar, tá, tem 2 anos, eu tenho muito cuidado com ela, sempre muito bem guardada, e por ser um objeto que eu me apegava, que eu gostava, esse objeto aqui que eu vou oferecer...entendeu? Aí eu fiz...não um sacrifício, uma caminhada, propondo em troca dos benefícios...um pouquinho de dificuldade, po, muita dor na perna, dor no pé, mas pó, foi muito gratificante, tenho o maior prazer de estar aqui fazendo essa entrega...

Ela tá toda equipada, de acordo com meu uso, conforme eu usava, pra fazer minhas pedaladas, tá, tá com a bomba, com a tranca, com as duas chaves normais tá, com o velocímetro, com a garrafa d'água, tudo ok, tudo certinho, quem adquirir, é só pegar e pedalar.
Meu objetivo é entregar aqui pra que seja revertido em recurso para o próprio santuário, pra qualquer instituição dentro do santuário.

16 de Dezembro de 2010.

Mulher, originária da Ilha da Madeira, residente em Mogi das Cruzes desde 1973, santa quebrada.

Mulher: Não fui eu que quebrei, foi minha filha.E ela escondeu, porque se eu visse, eu ia brigar com ela. Eu trouxe porque tava quebrada. E é pra não jogar no lixo, porque a Nossa Senhora tá benta. A gente traz pra benzer que é pra ter dentro de casa. Eu trouxe da minha casa.
B.: *E a senhora sabe o destino que é dado para a santa quebrada?*
Mulher: Não, eu não sei. Antes tinha um caixote, onde a gente colocava. E a minha prima também veio, uma veze, trazer dois santinhos dela. E aqui eu sabia que aceitava, e por isso eu sabia que ela trouxe naquele dia, e também agora, quando quebra em casa, eu também trago.

Mulher, Toledo/PR. (depois me pediu para apagar a fotografia dela com a foto da neta).
Tava com pouco tempo que ela tava tentando, louca pra ter o neném, daí eu vim aqui, julho do ano passado, ia fazer 4 meses que ela tava tentando, daí eu peguei, nos pés da santa, e eu pedi pra ela. Minha filha faz aniversário 24 de julho, eu vim dia 12. Se ela mandasse um neném, de presente de aniversário pra minha filha,

no próximo ano que eu voltasse aqui, eu ia trazer uma foto dela, pra deixar aqui, da netinha, na sala dos milagres. E quando foi em agosto, ela engravidou.
B.: E ela queria menina?
Ela queria menina. Primeira filha dela, primeira netinha, e como eu só tenho ela, de filha mais velha, depois eu tenho um rapaz e depois ele, tudo homem, a gente pediu uma menininha. E eu nem percebi e no momento eu pedi pra Maria mandar uma menininha e depois eu pedi, perdoa Maria, se vier com saúde é bem-vinda. E realmente ela mandou uma menininha.

Mulher, 27 anos, estado de Minas Gerais.
É por causa que eu fiquei doente, aí eu pedi pra Nossa Senhora conceder a graça de eu me curar. E nessa cura eu prometi pra ela que eu estaria trazendo meus remédios para serem colocados aqui.
B.: *e você sabe o destino que eles dão para o remédio aqui?*
Não, eu não sei.
E eu também to trazendo de uma amiga minha, que o marido dela descobriu poucos dias que tá com câncer no ouvido, e ela pediu pra colocar uma fita no pescoço dele, que ele ainda não recebeu a graça, mas ela tem certeza que ele vai receber, tá recebendo. Eu trouxe por mim e pela minha amiga, pelo marido dela.

Homem, Inconfidência/MG.
B.: *Que tem nesse vidrinho?*
Eu tomei um tiro na perna. Foi feita uma cirurgia, na primeira vez, peguei, quebrou a perna, o osso da perna, engessou minha perna, o doutor. E ele foi deixando, falando que não tinha problema nenhum, que podia deixar, daí infeccionou minha perna. Aí eu fui em outro doutor falou assim: "...se não tirar isso logo, tem que amputar". Daí foi, eu pedi muito pra Nossa Senhora Aparecida, fiz promessa, operou minha perna, tirou tudo que ta aí, chumbo, pedaço de osso...o doutor disse que ia sarar desse jeito.
Eu vim a pé, de Inconfidência, Minas Gerais, são 203 km de viagem, 23 pessoas, amigos, vizinhos...

Mulher, Ermelino Matarazzo/SP.
Ele teve um problema no dedo, meu filho, o primeiro médico disse que ele tinha que operar, e eu pedi pra Nossa Senhora pra não ter que operar, porque é muito novo pra operar, e aí não precisou, só usou uma palmilha.

Mulher, 51 anos, Ermelino Matarazzo/SP.
Eu trouxe o sapatinho de bebê, da Gabriele, porque ela, eu considero ela como verdadeiro milagre do Divino Pai Eterno. É netinha, a minha filha já estava com 35 anos, casou, com a pressão super-alta, então a gravidez dela já estava condenada, o médico disse assim que, se ela chegasse até o fim, ou ela morreria ou a criança. Então, eu fiz um pedido com muita fé. O Divino Pai Eterno e a mãezinha do céu, (choro)...Nossa Senhora Aparecida, que ela concedesse essa graça, e agora eu to aqui agradecendo, de coração...a Gabriele tá viva, ela é um milagre do Divino Pai Eterno, e minha filha também. E o sapatinho é do batizado dela.

Mulher, São Miguel Paulista/SP.
É do neto da minha vizinha...eu tinha certeza que...eu fiz duas promessas: uma de ele rezar na santinha, e ele nem sabe rezar, e depois eu fiz a promessa que vinha aqui, comprar uma moto aqui mesmo, e doar aqui mesmo, e ajudar a igreja, e ter que pagar a promessa.
B.: *A senhora comprou aqui, no Santuário?*
Ah, eu comprei ali, lá nas lojinhas, lá embaixo.

Adriana, Londrina/PR.
Eu sofri um acidente, em 2002, desde lá eu fiz uma intenção, que se eu sobrevivesse que eu não cortaria mais meu cabelo, e quando caísse, guardar. Eu venho aqui, todo mês, sou de Londrina, Paraná, faço oração pras pessoas. Eu venho aqui desde 2003. E cada vez que eu venho eu trago um pouquinho do meu cabelo.
B.: *E até quando você pretende trazer o seu cabelo*?
Enquanto eu estiver viva, e eu tiver saúde, eu pretendo vir...

Homem, 34 anos, Avaré/SP.
Então, esse é o trabalho de conclusão de curso da faculdade, minha. Eu fiz farmácia, e assim desde a época de primário que a gente tem a crença pela santa, pede pra ajudar, acredito eu que esse seja um dos últimos estudos que eu faço e mais uma vez ela ajudou. Daí, como a gente tem intenção de vir todo ano, de que desse tudo certo, como deu né, eu aproveitei pra tá trazendo e deixando aqui.

Homem, Taubaté/SP, 26 anos.
Eu deixei a faixa de campeão do Fluminense que eu prometi que ia deixar!

Mulher, 66 anos, Guaianazes/SP, fita com pedrinha, inaudível.

Mulher, Rio de Janeiro, 32 anos.
B.: *De onde veio essa casinha, onde você mandou fazer*?
Uma amiga minha, que trabalha com artesanato, minha casinha é amarela, então a gente decidiu fazer amarela pra ficar parecida.

Mulher, São Paulo/SP.
B.: *Você poderia me contar por que está trazendo essa aviãozinho*?
É uma história engraçada. Uma viagem, de casamento de um primo nosso...E meu filho sonhou com um acidente de avião! Sonhou que o avião ia cair! (risos) E aí, a gente pediu que de desse tudo certo, na volta, a gente traria uma miniatura do avião da Gol aqui. O casamento era em Minas Gerais, e a gente ia sair de São Paulo. Era a primeira viagem de avião! Então a gente veio a Aparecida, trazer o aviãozinho, pra agradecer!

17 de dezembro de 2010.

Homem, Alpinópolis/MG, 55 anos.
B.: É filho do senhor?
É sim, ele fez uma cirurgia no cotovelo esquerdo, fratura exposta. Cinco horas de cirurgia, o doutor colocou 4 pinos, aí eu pedi pra Nossa Senhora que ele tivesse uma recuperação por completo, tudo certinho, aí eu traria os pinos da cirurgia, foi tão bom que teve que fazer outra cirurgia pra tirar os pinos. Tirou três...
B.: Mas esses pinos é os que estavam no filho do senhor?
É sim e inclusive eram quatro e eu nem consegui recuperar todos, aqui tem só três. O enfermeiro era muito religioso e ficou com um.
B.: E qual a idade do filho do senhor?
6 anos.

Mulher, São Paulo/SP, 42 anos
É minha mãe, com câncer de bexiga e...tá curada, foi feita uma cirurgia, o médico tirou tudo, não tem nenhuma célula cancerosa, nada, tá curada.
B.: E essas joelheiras? Onde você comprou?
Eu comprei anteontem pra subir a passarela, porque na noite anterior da cirurgia eu pedi a Nossa Senhora Aparecida, que se desse tudo certo, pra salvar minha mãe, que eu vinha pagar a promessa. Demorei um pouco mais eu vim, fiz toda a passarela de joelho.

Mulher, Franca/SP, 74 anos.
Do meu filho, todo ano a gente vem aqui nessa época, né, ele trabalha com uma fabriqueca de sandália de mulher, entendeu como é que é? E todos os anos eu venho aqui e trago.`
B.: É seu filho que faz a sandália?
É sim. É ele que faz.

Mulher, Pouso Alegre/MG
B.: É do seu filho?
Não, é meu sobrinho. Aí eu fiz a promessa de trazer ele aqui, passei a fitinha em volta do pescoço dele, assim...aí desceu duas bolas assim, graças a Deus e Nossa Senhora Aparecida, ele foi curado, né? O menino tem três anos.

Mulher, Lorena/SP.
B.: Perdeu a audição?
Perdeu. Daí minha mãe fez promessa e era pra trazer o aparelho dele aqui. Aí ele fez exame e os médicos disseram, "nossa, a audição dele tá normal". Pra quem tinha perdido 70% da audição, pra eles foi como milagre. Eles fizeram exame de novo e ele tá ouvindo. Ele tem 5 anos.

Homem, 22 anos, Rio de Janeiro/RJ
Eu trouxe pra finalizar o agradecimento, que eu passei pelo período básico naval, que foi um ano difícil.

B.: Você tá terminando AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras)?
Não, eu to começando. E esse foi o primeiro obstáculo que eu vi, esse curso básico, que eu achava que fosse relativamente fácil, mas não foi, e em agradecimento a isso por ter pedido a Nossa Senhora força, coragem, e ter mantido sempre até o fim, eu trouxe minha farda como forma de agradecer.
B.: A farda era sua?
Isso, eu usava, quando eu não conseguia voltar pra casa...eu botava camisa...botava de vez em quando no dia-dia...também botava ela, de vez em quando.
Consegui passar o obstáculo e rumo a novos desafios!

Mulher, Passos/MG, 39 anos.
Casei dia 17 de novembro de 94.
B.: E aí você prometeu trazer o vestido?
Eu quero...o vestido tá novinho eu trouxe pra que alguém utilize, porque eu fui...eu vim há muito tempo, tinha um bazar aqui, mudou muito, tinha uma sala pra vender, aí eu lembrei de levar o meu, vai servir pra, assim, qualquer tanto que vier pra igreja, que outros vão trazer...

18 de Dezembro de 2010.

Mulher, Rolândia/PR, 33 anos.
Eu trouxe xarope, porque com sete dias de vida, minha filha tava quase morta. Eu procurei os médicos e não consegui achar...aí nas estradas da vida eu encontrei um médico que ele pegou e ele falou, "a gente vai internar ela". A gente pode não ter o porquê, mas...aí fizeram um monte de exame e deu que ela tinha bronquite.Aí ficou internada 30 dias e após sair do hospital, continuou ruim. Aí, uma vizinha veio na Aparecida do Norte e comprou um mel daquele ali e que ia fazer um xarope pra ela tomar. Bom, aí ela fez o xarope, a menina tomou e graças a Deus até hoje a menina tá curada. A minha menina tem 11 anos.
B.: E o que é aquilo ali?
É mel com guapo. Aí ela fez colocou o mel, pode ver que tá bem grosso.
B.: Então ela veio, comprou o mel aqui e levou pra fazer o xarope?
É ela fez o xarope lá. É exatamente.

Mulher, Piracaia/SP, 68 anos.
É, fiz uma cirurgia, de bexiga...aí eu pedi pra ela.
B.: É um anel de ouro?
É, depois eu mandei limpar e trouxe.

Mulher, Igaratá/SP, 32 anos.
É minha filha ela caiu, se machucou, tá com ponto na cabeça e também é por causa que ela sempre me ajudou com muitas coisas, com a minha casinha, é por isso...
As flores vieram da minha cidade. Eu comprei feito.

Mulher, Flórida Paulista/SP, 39 anos.
B.: Você tinha medo de andar?
Aí eu fiz uma promessa pra Nossa Senhora tirar o medo. Eu comprei o capacete na minha cidade e usei e tudo...

Homem, Itapetininga, 23 anos.
B.: O que você prometeu?
Que o primeiro rodeio que eu ganhasse eu trazia o troféu aqui.
B.: Esse é o prêmio que você ganhou no primeiro rodeio que você participou? E você ganhou o rodeio?
Eu ganhei sim.

Mulher, natural do Estado da Paraíba.
Era meu vô e minha vó e vai que de repente eu passo dessa pra outra, vai ficar com quem? Será que meu neto vai querer, será que minhas filhas vão querer? Então pode jogar fora...Então antes de jogar fora eu trouxe na Nossa Senhora da Aparecida.

Mulher, Guariba/SP
Eu operei das varizes, então eu fiz assim um pedido pra trazer aqui. Essas meias eu mesma usei.

Homem, Botucatu/SP.
B.: O que o senhor tem nessa sacola?
Uma lata de cerveja. Eu fiz uma promessa pra minha mulher parar de beber.
B.: E o cigarro também?
É, ela parou também de fumar. A minha esposa tem 42 anos.

Homem, Morungaba/SP.
Fiz uma promessa, por causa de um carro que eu bati.
B.: O senhor teve um acidente?
Não, meu genro...bateram no carro duas vezes. Então eu trouxe a chave do carro.

Mulher com foto da filha
Foi uma promessa que eu fiz de ela coroar de Nossa Senhora, pra ela ter saúde...É bronquite, e melhorou.
E onde a senhora tirou a foto dela?
Em casa.

Mulher, Amparo/SP.
Pedra de vesícula, não é minha, é da minha mãe é que ela operou. Minha mãe tem 52 anos.

Homem, Carandaí/MG
Eu fiz cirurgia do coração.
B.: O senhor trouxe nas costas?
Nós viemos de ônibus. Eu mandei fazer a cruz. Quando eu tava no CTI... eu pedi.

Mulher, Marília/SP
É minha netinha, ela nasceu com o pezinho torto, ainda tá de pezinho torto, ela vai fazer cirurgia, vai fazer dia sete agora, tá usando um aparelho nos dois pezinhos. Ela tem três meses...e a gente já recebeu uma grande graça, né? Graças a Deus...agora ela vai ficar bem né?

Mulher, São José do Barreiro/SP
É umbigo de nenê, é meu sobrinho. Minha cunhada fez promessa.

Mulher com imagem de N. Sra Aparecida e um terço
Imagem...é da minha irmã a imagem.
B.: E sua irmã alcançou a graça?
Ah, com certeza...
Meu rosário que quebrou to trazendo aqui, porque eu não jogo...

Mulher, Paranavaí/PR, 27 anos
Eu passei na auto-escola e eu queria passar, aí eu trouxe o carrinho.

Mulher, Limeira/SP, 80 anos.
Eu prometi pra Nossa Senhora que eu trazia uma sanfoninha se eu aprendesse.
B.: E a senhora aprendeu?
To aprendendo, to na aula, mas graças a Deus tá indo...

Mulher, São Lourenço/MG, 61 anos.
É promessa dela, da senhora...e nós trouxemos essas flores de Minas.

Mulher, Rolândia/PR
B.: É de uma cachorrinha?
Tá com um ano e meio.
B.: E a senhora prometeu que se ela sarasse...
Eu trazia uma foto dela aqui.

Mulher, Guaxupé/MG
É promessa...pro meu esposo parar de beber.

Mulher com a grinalda
Casei em 73...
B.: E a senhora guardou a grinalda todo esse tempo?
E eu falei assim que o dia que eu pudesse trazer pra ela, pra ela me ajudar no casamento, né, e ajudou, e como...Eu vim até aqui, o tempo não é nada...

Mulher, Jaboticabal/SP, 63 anos
A mãe dele pediu pra mim colocar aqui, né...porque ele tem uns problemas, tem dificuldade...pra Nossa Senhora, ele vai criar compromisso...
B.: E essas roupinhas que a senhora está trazendo?
Essa roupa aqui é de uma senhora que sofreu aneurisma na cabeça e ela tá na cama e a filha dela, a primeira cirurgia que ela fez com a roupa, ela fez esse pedido aí eu vim pra cá e eu sou muito amiga dela e ela pediu pra eu trazer.

Mulher, Lajes/SC, 29 anos
É uma graça alcançada, né? Um pedido, ela atendeu...
B.: Aí você mandou fazer a plaquinha?
Sim, mandei cortar a madeirinha, né, daí pintou, eu mesma escrevi.

Mulher, Limeira/SP
Teve uma paralisia parcial, devido a uma má formação congênita e ela sempre usou a botinha desde pequena, ela nunca andou, ela tem 7 anos e faz 7 meses que ela está andando. Desde pequenininha eu sempre achei que ela ia andar com 7 anos. E na época eu fiz o pedido, só que ela era bebê.
B.: E essas são as botinhas que ela foi usando?
Sim, são.

Anexo 5 – Entrevista com o Padre Maciel Pinheiro em 17 de Dezembro de 2010.

Padre Maciel

Trabalha no SNA, foi responsável pela sala por dois anos, de 2006 a 2007.

Eu coordenava, eram mais ou menos, seis ou sete funcionários.

A sala não estava tão organizada como ela está hoje. Ela passou por um remanejamento, Quando eu cheguei, ela já estava mais organizada, mas nós tínhamos uma dificuldade quanto ao encaminhamento dos ex-votos. Quando ele vem trazer o ex-voto dele, e foram definidas algumas coisas...e nesse diálogo que a gente tinha com o devoto, tinha que deixar claro para ele que nós temos objetos que estão expostos, alguns que nunca sairão da decoração da sala. E temos outros que ficam por um tempo, e depois são substituídos, como as fotos. E outros ex-votos vão para incineração, por exemplo.

Temos objetos aqui que, depois de uma triagem, vão para o museu. E isso, desde o começo, é falado para o devoto. E é preciso também respeitar a intenção do devoto. Por exemplo, tem objeto que o devoto que quer que seja revertido em ajuda aos pobres, isso tem que ser atendido. Então, tinha que assumir algumas linhas para deixar isso muito claro para o devoto.

Isso não é uma sala, é uma capela das promessas. E todos os pedidos, bilhetes, etc, nós temos uma missa, toda semana, que esses pedidos são a intenção. E depois serão incinerados. E nós temos a bomba de incineração, e tem objeto que não pode ficar aqui; esse objeto é posto na bomba e dali ele vai para incineração.

O objeto vai para incineração e a intenção do devoto é que é celebrada na missa. Quando eu estava aqui, então, começou a ter essa organização e para deixar isso claro para ele, amarrar isso no imaginário religioso, que era nossa preocupação. Tivemos alguns diálogos com teólogos, psicóloga do Santuário, e fizemos um pouco esse trabalho para tentar ajudar aqui no atendimento da sala.

Também começou um trabalho de catalogação. Não dá pra catalogar tudo, mas num dia como hoje, é importante catalogar alguns desses objetos. Alguns devotos querem contar, outros não ligam muito para isso.

Eu me lembro que nós recebemos aqui uma enfermeira do vale, ela trouxe, tinha um grave problema de saúde, ela trouxe pedra de vesícula, colocou de formar artística em um quadro, e trouxe para o Santuário, que depois foi incinerado. Depois tivemos que fazer isso...

Cinzas, por exemplo isso tem recebido cada vez mais...e nós começamos a receber muito e aí as pessoas viam e nós não podíamos deixar muito tempo aqui dentro, né, senão todo mundo quer trazer dos parentes...então nós deixávamos uma semana e depois mandávamos incinerar.

Aqui, o espaço da sala, essa sala demanda muita atenção, de não tirar a característica, pode se sofisticar a sala, mas precisa de cuidado. Porque isso pode descaracterizar que se está numa capela, parecendo que se está em uma loja. O padre Darci, ele tomou muito esse cuidado, porque essa reforma retirou um pouco da mística, entende? Então a ideia é devolver à sala esse caráter místico.

Tá vendo aquela placa lá? Aqui também é um espaço de oração. E aqui vai passar por uma outra disposição....vai mudar.

Utilizar algo mais sóbrio, para resgatar essa mística que te falo. Então a preocupação de devolver mais essa mística, cultivar esse espaço como um espaço de silêncio.

E também o que nós fizemos, foi colocar uma imagem da Nossa Senhora dentro da capela. O devoto colocava seus ex-votos dentro da canoa ali, porque ele quer colocar nos pés de Nossa Senhora, por exemplo. Então, o que

nós fizemos? Colocamos a Nossa Senhora ali, para ele colocar ali, mesmo, nos pés de Nossa Senhora. A capela virá, novamente, a contemplar um pouco isso de novo.

Eu cheguei já tinha sido feita essa reforma atual. O que eu fiz foi colocar mais uma ordem nessas questões, por exemplo, um rapaz de 18 anos mandaram uma imagem imensa de Nossa Senhora, e ele morreu em um acidente, e a família mandou a imagem para a gente...a relação mesmo com a Nossa Senhora, sabe, o pessoal colocava foto, e uma preocupação também com os funcionários, né, por isso as bombas, agulhas, etc, algumas coisas para triagem.

Anexo 6 – Entrevista com o Padre Júlio Brustoloni, em 18 de Dezembro de 2010.

Aqui no Santuário, antes de vir para cá, quando tava lá no Itaguaçu, na capelinha, quando passou para cá eles chamavam quarto dos votos. E hoje mudaram ainda mais porque ficou capela das promessas. Comecei em 1953 aqui.

A corrente do escravo...agora a outra, que é mais intensa, que é a da pedra que o cavalo pisou, aquilo pra mim é lenda. Aquilo é de 1835, o padre Francisco Vasconcellos, escreveu a cena do escravo que ficou livre, ele descreve a cena do escravo que saiu livre.

Então temos aí, né, a expressão da religiosidade popular. Quer dizer, é um gesto de gratidão. Existem diversas maneiras de representar, o retrato, as peças de cera...até um tempo, 1854, Dom Joaquim, ele pediu que retirasse os objetos que não eram bons, porque eram umas coisas esquisitas que colocavam.

Mas é isso, é um lugar onde as pessoas visitam, né?

O que precisava ter aqui, como tem na França, em Lourdes, um escritório de médicos, para verificar o que foi um milagre. É preciso comprovar, mas nós não temos.

Então temos que deixar claro é sentido eminentemente popular, ou seja, eu trago o objeto como gratidão, como lembrança daquilo que recebi.

Anexo 7 – Entrevista com o Padre Rodrigo Arnoso, em 14 de Dezembro de 2010.

Está no SNA 5 anos, a sala das promessas é ligada à secretaria de pastoral do Santuário, que é o setor que eu sou responsável.
Por um tempo, tivemos um padre responsável pela sala. Depois transferimos isso para a pastoral.
Aqui, é muito antigo. A primeira sala era ao lado da Basílica Velha; aqui, ela foi para a torre. E depois foi repaginada, para dar a ela um ar decorativo. Aqui, fizemos ela um ambiente claro, as pessoas que visitam não devem se deparar com tristeza, e sim alegria. Pode ver que ela é clara, aberta, ventilada, é um espaço de luz.
No formato de hoje, ela tem uns 6, 7 anos. A sala das promessas é um grande museu também, e ele é organizado a partir de ex-votos. Na verdade, nós passamos por um projeto de reformulação das próprias vitrines, para ficar mais claro. A nossa ideia é que o peregrino possa circundar cada coluna, com segurança.
Aquilo que tem valor museólogo, de museu, a gente manda para o museu, o que tem valor histórico. Por exemplo, esse jogo de porcelana, não é uma porcelana qualquer, histórico, e custou muito caro. E depois, com o tempo, nós tiramos isso e catalogamos e mandamos para o museu.
Exemplo, roupas. Se ela está em bom estado, a gente doa, e depende da intenção da pessoa também, por exemplo, ele diz, "quero que isso seja doado para o asilo". Ou então, elas vão para o bazar, que é aqui do lado. Toda a verba do bazar é totalmente revertida para as obras sociais do Santuário.
Os objetos em cera, são reciclados, tá. Às vezes, por exemplo, temos as casinhas, elas vão para o bazar também e os de cera, se estiverem inteiros, voltam, mas não para a loja, para o bazar. É que o bazar e a loja são a mesma coisa, tá.
Eu sou prefeito de igreja, tá, chegou uma imagem, aí eu venho, analiso a imagem e aí analisamos o que devo ou não ser guardado.
Mas a gente tem o cuidado de deixar o ex-voto um tempo na sala, as flores, etc. E às vezes o devoto acha que vai ficar aqui pra sempre, mas não pode, né, e aquilo que é dentadura, material cirúrgico, gazes, as pessoas, elas mesmas depositam, colocam nas bombas e vai para incineração. A vigilância sanitária não permite que a gente mantenha essas coisas aqui.
São mais de 5 mil fotos por mês. De tempos em tempos elas são trocadas. Aí vai trocando, chega a dar umas duas trocas no ano. A maioria são fotos, objetos de cera, casinhas. Antes a gente tinha muito aparelhos ortopédicos, uniformes, diplomas também.
A própria imagem que o Renato Aragão deixou aqui...ele fez uma caminhada de 170km de SP para cá, e aí ele deixou a imagem de N. Sra que ele trouxe nas costas, e as pessoas vieram seguindo ele pela estrada.
O Norton Nascimento, ele deixou a roupa da novela aqui, e logo depois ele virou protestante, ele se converteu à igreja evangélica. Mas antes ele deixou aqui.
O Marcos Pontes, astronauta, ele podia levar dois objetos para o espaço: um é o bottom, com o nome dele, e mais um tercinho de N. Sra. Aparecida.
O Ayrton Sennna, foram feitas algumas réplicas do capacete que ele usava no dia do acidente que ele morreu, então foi dado ao Santuário a réplica grande e aí nós pusemos essa pequena aqui e a outra guardou. E quem deu foi um empresário que ganhou uma dessas réplicas e trouxe para a gente aqui. Eu acho que o empresário foi alguma forma de gratidão, parece que ele tinha uma empresa e estava mal, e era alguma empresa ligada à Fórmula 1.
O Ronaldinho, né, e a camiseta, quando a seleção foi campeão do penta, ele entregou a bola. A Juliana Barone, paquita. Então aqui no Santuário, nós temos vários objetos ligados à profissão a miss Brasil, Natália, ela entregou o vestido que ela usou no dia do miss Brasil para a gente. A miss desse ano também fez isso. A Natália pediu que a gente leiloasse o vestido e revertesse o dinheiro para o Santuário.Mas aí a gente foi ver e não valia a pena leiloar, então vai ter uma galeria com esse tipo de vestido.
O carro, ele foi doado, ele foi montado, na verdade, ele é de fibra. Era de um colecionador e doou para o Santuário e agora a gente tá rifando e o dinheiro vai para a UTI da Santa Casa da cidade que nós ajudamos a manter. Ele é um devoto, fez o pedido.
Nós recebemos um Peugeot, a moça acabou de tirar da concessionária e bateram. Destruíram o carro, e ela até corria risco de vida, e ela entregou o carro para o Santuário. O Santuário reformou o carro e usava no trabalho.
Cinzas de corpos, então, a gente tem até uma certa ressalva, e isso é levado para a nossa fazenda e enterramos. É tem gente que faz isso, que jogam as cinzas aqui.
Na época do desarmamento, o Santuário fez a campanha nas escolas da região para trocar armas de brinquedo por um livro. E as crianças fizeram desenhos e aí nós guardamos algumas delas. Hoje nós já não podemos mais receber armas, a polícia federal não permite. Há um mês atrás um senhor queria entregar, e a gente disse, o senhor leva na polícia federal, não podemos receber mais...

A caixinha com dinheiro picado. A pessoa foi assaltada e tava com esse dinheiro dentro do bolso, e uma das balas pegou no dinheiro, o dinheiro amorteceu a bala e a bala não entrou na pessoa.
As pedras de ametista, então um senhor ele trabalha com a extração desse tipo de pedra e são de grande valor e isso para surgir leva muitos anos.
Esse carro de boi, ele tem mais de 80 anos, pertencia a uma família de Campos Gerais. A família esteve aqui ano passado e o filho fez a promessa que se o pai melhorasse, ele veio com o pai em todo trajeto, o pai com a cura de um câncer, junto com uma junta de bois, veio até aqui trazer o carro de boi que era da família.
Essa cruz com a inscrição em árabe foi trazia há muitos anos por um rapaz, existia uma tradição muito grande de as pessoas virem pela Dutra de trazerem a cruz nas costas. Isso ainda é comum na Semana Santa. Não sei se ele era árabe, mas deve ter descendência árabe. E ele trouxe duas, né, o mesmo homem trouxe duas cruzes, veja a foto!
Essa cruz aqui foi trazida pela comunidade lituana, no centenário da morte dos mártires pelos comunistas. Essa cruz, ela ficou na entrada do Santuário; com a reformulação do espaço, tudo foi tirado. O que acontecia? As pessoas queriam trazer alguma coisa, então, ah pode por aqui, pode pôr essa placa ali...e aí nós fizemos um estudo do que era da história da Basílica e essa cruz veio.
Eu sempre costumo dizer que a sala das promessas é um grande mosaico, né, assim como o Brasil é um grande mosaico, né, aqui é a exteriorização da graça.
Tem gente que traz pedra, traz sangue, os nossos colaboradores ficam muito atento. Eles trazem seringas. E nós destruímos, a gente evita ter contato com isso, né. Elas jogam essas coisas aqui dentro...a pessoa colocou, aí vai aqui, vai puxar a bomba, por aqui, e ela vai direto para incineração, você já pega a tampa que tá embaixo. Vai para a BASF, e a BASF faz a incineração para a gente.
É, nós já tivemos esse caso. Nós temos um jovem que trabalha aqui na nossa TV. A mãe deixou ele, né, na coluna, e hoje ele é cinegrafista da nossa TV. Um casal, né, de ministros da eucaristia do Santuário pegou e criou, a mãe deixou ele na coluna. É porque isso tinha muito antigamente, né, as crianças deixadas nas rodas, né.
Nós já recebemos os times, né, o São Paulo já esteve aqui, o Corinthians, alguns times do Paraguai.
E começa a receber gente de fora, né, então precisa ter né, legendas em português, inglês e espanhol, inclusive preparar funcionários para receber esse público.
As gôndolas são temáticas, né. Bonecas, coisas de festa de peão, caubói, né. Tem bateria de carro ali, para que a loja de baterias tenha muitos clientes ! (risos)
Então microfone, né, utilizado no rádio, câmera fotográfica...ali são imagens, aqui são mantos e terços confeccionados pelos romeiros.
A própria organização da sala, ela já quer ser uma catequese, cada objeto desse é a exteriorização da graça, e ela é intercessora, essa é a ideia principal da sala. E no balcão, é sempre orientada, nós temos esse tipo de orientação, é um milagre, não é fábula, não é fantástico. E a pessoa pode relatar isso também. A sala quer ser um espaço catequético.
A reformulação, há um estudo junto com um arquiteto, de como ampliar esse espaço e não diminuir a circulação.
E a coisa mais nova da sala é a internet, né. De longe, as pessoas mandam mensagens e elas vão aparecendo aqui, né, na tela. O que vale é a intenção pra gente. Às vezes, a pessoa acha que só vai receber a graça se vier aqui, né. Não, uma vez que Deus deu a graça, Ele não vai tirar, o pessoal liga perguntando como faz, porque não pode vir pagar promessas. Mesmo longe, a pessoa quer mandar um agradecimento.
Então, todos os dias, a missa das 16 horas é feita sobre as intenções deixadas no Santuário.
A própria sala quer ser um espaço para erguer a pessoa, pode ver, ela é clara, a pessoa entra e pensa: aqui eu começo uma vida diferente, né, a sala quer ter essa ideia, estou entrando nesse espaço, porque eu quero ser diferente. A peregrinação tem que ter esse sentido de purificação, para que eu volte desse caminho e eu seja outra pessoa.
Então, alguns autores vão criticar, que a promessa é uma barganha, entre o homem e Deus, dizendo que isso é religiosidade popular. E a religiosidade popular não é infantilismo, você pode utilizar da religiosidade popular para despertar na pessoa o senso crítico da religião.
1200 funcionários diretos e mais uns 400 indiretos, e mais obras, esse é o complexo do Santuário. Nós temos as obras sociais, que empregam bastante, e a TV, né. É, nós ganhamos o prêmio que o Santuário ganhou, como uma das melhores instituições empresariais da região, nós temos um lado que é a organização desse espaço. Nós funcionamos como uma empresa, empresa que tem a formação religiosa por trás e a função dessa empresa é a evangelização, nossa razão de ser, como Santuário, é a devoção à N. Sra.
Vem crescendo o número de visitantes. Muitos dizem que o Santuário cresceu por conta da vinda do papa, mas quando ele entra na mídia. Desde 1904, temos o jornal do Santuário. Depois em 1955, a inauguração da rádio Aparecida, e em 2005, a TV Aparecida, e agora o lançamento do portal A12. E o Santuário torna-se mais conhecido. As pessoas também funcionam como divulgadoras do Santuário em suas cidades. Em 2007, deu sete milhões, em 2009, mais de nove milhões e esse ano fechamos na casa dos dez milhões. Isso foi uma das coisas

analisadas para ter uma parada do trem-bala aqui em Aparecida, né. Porque recebemos muito gente, especialmente nos finais de semana. O Santuário tem mais de 1500 sanitários, mas você vem em horário de pico, e vai ter o tempo todo ocupado.

Aquele ator, Eriberto Leão, que fez o filho do capeta, na novela Paraíso, ele um dia, no programa da Angélica, Estrelas, deu uma entrevista e disse que era devoto de Nossa Senhora. A Angélica perguntou se ele era uma pessoa de fé e ele falou, eu sou. E aí ele contou que falou para o porteiro do prédio dele que ele ia fazer o teste para a novela e o rapaz disse: "olha, esse final de semana eu vou para o Santuário de Aparecida, e vou rezar nos pés dela para você passar no teste". E ele passou, de fato, assim, o vigia veio no domingo e ele passou na segunda e foi aprovado. Aí, quando soubemos disso, ligamos para ele, pedindo a ele que viesse no dia da padroeira, ano passado (2009), ele vir fazer uma homenagem para Nossa Senhora. Esse ano foi o Murilo Rosa, por causa do filme. Ele mesmo veio e falou.

Anexo 8 Entrevista Profª Zilda, em Aparecida – fevereiro de 2008

Eu fico tão preocupada com isso...

Não pode pôr o meu, não ligo não (o nome).

Então ta bom... A senhora falou que não era aqui... Quando começou...

Existe uma diferente muito grande entre uma igreja convencional e um santuário. E o santuário surge espontaneamente. É o povo que elege um determinado lugar, como ponto de encontro com o sagrado, o divino, no qual esse povo deposita toda sua esperança, toda sua fé, toda sua dor, de modo que ta muito ligado à espontaneidade do povo. E daí a sala das promessas estar intimamente ligada ao surgimento do santuário, porque se o povo vai lá, leva sua dor, leva seu pedido, seu agradecimento, ele leva também o ex- voto, a forma que é a forma concreta, o ex-voto é a concretização de uma graça, de um pedido, de uma promessa. Então, a sala das promessas está intimamente ligada ao surgimento de todo e qualquer santuário. Por isso que eu estranho o santuário do Frei Galvão não ter ainda essa sala de promessas...

Então tem agora. Onde ela tinha uma lojinha ali, ela abriu, uma fonte, um jardim, e ela ta colocando agora fotos e relatos de graças concedidas, dentre elas os principais relativos à beatificação e a canonização.

Então né, porque é intrínseco. Então, lá no Itaguassu, eu to escrevendo, porque a definição de santuário escapa, é qualquer espaço onde o romeiro, onde o peregrino, vai e entra em contato com o sagrado. Não precisa ser uma igreja, pode ser uma gruta.Por exemplo, o santuário lá da Bahia, Bom Jesus da Lapa, é uma gruta, tem santuário no sul que é uma gruta, Nossa Senhora da Medianeira. Então não precisa ser uma igreja, e lá no Itaguassu, onde tudo começou, eles construíram uma capelinha à beira da estrada, de sapé e pau-a-pique. E ali o viajante que passar pela estrada, fazia sua promessa à Nossa Senhora e na volta ele trazia...

Esse Itaguassu que a senhora fala é o porto?

Isso. Ele trazia o seu agradecimento em forma de ex- voto, de forma que o viajantes escreveram sobre aquela capelinha, narrando: que na parede da capelinha havia os ex- votos, quadros, muletas... Sabe, então ta intrínseca. A sala das promessas surge com o santuário, é uma extensão do santuário.

Essa definição de santuário que a senhora me passou: é a igreja católica quem define o santuário?

É, o direito canônico é que definiu, santuário, eu tenho impressão que é o código do direito canônico, acho que 380... Ele define o santuário como um espaço, não como uma igreja. Depois, depois a hierarquia vem, primeiro o povo que elege aquele espaço, a hierarquia vem e aprovam aquele espaço como santuário.

Em Lourdes, por exemplo, é uma gruta.

É uma gruta. Não há necessidade de ser uma igreja.

A senhora me falou algo interessante: essas narrativas, do século XVIII, isso foi encontrado, alguém trabalhou isso?

Tem, o registro que tem é narrativa dos viajantes.

São tropeiros?

Não, os tropeiros não saberiam escrever. São viajantes. São cientistas, tem um que é francês, um que é italiano, eles passavam por aqui, eles passaram lá, viram, escreveram e depois é que foram... Quando Padre Vilela construiu a capelinha, lá em cima, no morro dos coqueiros, ele foram lá em cima, escreveram e escreveram novamente sobre os ex-votos. E lá na capelinha já havia, aqui, a capelinha do Pe. Vilela, em 1745, e aí havia já a sala das promessas, ele construiu a igreja, uma sala de reuniões e uma sala das promessas, já havia em 1745, uma sala construída para ser sala da promessa.

Essa do Pe. Vilela é a mesma do porto de Itaguassu?

Não, do Itaguassu, era uma capelinha dedicada a Nossa Senhora, a primeira...É uma coisa tão linda, que eu me emociono cada vez que eu falo... Ela, primeiro, foi colocada numa casa de pescadores. E ali ela começou a manifestar seu poder, seu carinho pelo povo, então ela faz ali seu primeiro milagre, naquela casa do Atanásio. E daí, a casa fica pequena, porque todo mundo vem e ela era cultuada na sala da choupana, era uma choupana, uma casa de pau-a-pique. Aí, o Atanásio – eu sou fã incondicional dele – o Atanásio pega essa imagem e constrói uma capelinha pra ela à margem da estrada. Ele cava...saía de São Paulo, ia pra Minas, o caminho do ouro, que eles chamam hoje. O Atanásio construiu essa capelinha, ali, ela foi visitada por muitos viajantes, tropeiros. E ali o culto à Nossa Senhora começa a se propagar. Então o vigário ficou sabendo, o vigário de Guaratinguetá. E ele não tinha conhecimento nenhum daí ele veio... e quando ele vê aquilo ele faz a proposta pro Atanásio – nossa eu fico arrepiada – de levar a Nossa Senhora, e construir uma capela oficial, né, uma capela decente, o temor é decente porque é decente a capela é autorizada pelo bispo. Foi construída a

capela...Pense, pense no dilema desse pescador. Ele tinha recebido a imagem como herança do pai. A imagem era dele, só dele, ele tinha só ali, o culto, mas era ele que recebia o povo, que fazia, organizava o culto, era ele, os ex- votos vinha, as esmolas, e ficavam pra ele, era dele...E ele cedeu a imagem de Nossa Senhora, esse homem, não é?

Nossa, sou fã do Atanásio.Vieram uns congressistas, pediram pro padre procurar canonizar os 3 pescadores, o Dom Damasceno disse, pra canonizar, que tem que fazer um processo, um levantamento de virtudes heróicas das pessoas e que a gente não tem informação nenhuma sobre a vida desse pessoal. E eu comigo, pensei, e o Atanásio não tem virtudes heróicas? Esse homem...Olha que virtude desse homem, que desprendimento!

Talvez se ele não tivesse dado, a imagem poderia ter se perdido, a história poderia ter morrido ali, mas também penso que muito corajoso, de repente, um pescador simples entregar aquela imagem, e pensar será que vai cuidar, será de vai tirar ela da gente, pra gente não rezar mais pra ela?

O mínimo que deve ter pensado. Ela ali perto, na estrada, aí todo mundo que passava ali, chegava, cortava, que é chegar, agora ela ia lá pro morro dos coqueiros, lá longe da estrada. Oh, eu tiro meu chapéu pro Atanásio, eu amo o Atanásio de paixão! (risos)

Mas valeria mesmo a pena, a canonização...

Aqui tem alguma coisa de relíquia?

Dentro do armário, tinha umas coisas de santos, Maria Gorete, tinha, sabe? Uma caixinha de vidro que tava ali, a relíquia...

Tinha relíquia de santo Antonio. Maria Gorete? Acho que tinha de Maria Gorete, mas a de santo Antonio eu me lembro bem...um pedacinho do osso.

Quando a nossa Basílica, lá em cima, recebeu um título de Basílica Menor, foi em...1908. Abril de 1908. O papa mandou um gonfalone, uma sobrinha, um guarda-chuva enorme.

Tá lá isso?

Não...o gonfalone da Basílica, presente do papa Pio X, levado pro museu da Conceição, a Conceição levou pra casa dele e dali levaram pra prefeitura e dali deram fim...deram fim no gonfalone. E aí o papa dava o gonfalone. Os padres redendoristas guardaram o maior e puseram o menor na basílica...e veio a lenda da sombrinha, da sombrinha que foi parar lá no teto (risos)...

Agora outra coisa: veio a relíquia, a igreja...em cima do altar, que chamahara, a ara, no Antigo Testamento, era, colocava-se o animal sacrificado em cima. Então, na Igreja, se conservou essa tradição de se ter sempre uma relíquia embaixo ou dentro de onde se celebra a missa. E aqui em Aparecida, o papa mandou a relíquia de um soldado romano, que por sinal tinha nome de Vicente. E o povo falava que era são Vicente,e criou-se lendas e mais lendas que esse soldado ficava embaixo do altar, o padre celebrava missa de costas para o povo,então naquele que o padre celebrava, o são Vicente, tá embaixo.

Aqui na Basílica Nova, a relíquia que está embaixo do altar, a relíquia foi concedida, são relíquias de mártires redendoristas. Estão ali embaixo, então esse relicário é sempre um presente para uma igreja e se coloca no altar central. E esse são Vicente criou lendas falavam que o padre fechava a igreja uma vez por semana ou uma vez por mês pra cortar a unha dele, fazer a barba (risos). Mas é a imagem deitada e ao lado tinha uma espécie de vidro com os ossos dele, isso era a relíquia de um soldado romano.